



Jorge Vinicius Vargas Machado

A Redenção do Rock
Perspectivas teológicas do Rock evangélico brasileiro

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2023



Jorge Vinicius Vargas Machado

A Redenção do Rock
Perspectivas teológicas do Rock evangélico brasileiro

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Abimar Oliveira de Moraes

Orientador
PUC-Rio

Luís Corrêa Lima

PUC-Rio

André Luiz Rodrigues da Silva

PUC-Rio

Tiago Valentim Garros

TeachBeyond Brasil

Marcos Porto Freitas da Rocha

UFRJ

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 2023

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Jorge Vinicius Vargas Machado

Graduou-se em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, com Convalidação pela Faculdade Unida de Vitória. Foi o pastor fundador da Missão Batista em Jardim América - RJ. Atuou como pastor de Jovens da Igreja Batista Fonte Carioca e como primeiro vice-presidente da Juventude Batista Meritiense. É mestre em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio (2017). Atua desde 2017 na coordenadoria de Capacitação da Juventude Batista Brasileira. Atualmente leciona Ética, Teologia Sistemática e Antropologia Cultural na Faculdade Internacional Cidade Viva, em João Pessoa - PB. Em julho de 2022 foi eleito conselheiro emérito da Juventude Batista Brasileira.

Ficha Catalográfica

Machado, Jorge Vinicius Vargas

A redenção do rock : perspectivas teológicas do rock evangélico brasileiro / Jorge Vinicius Vargas Machado ; orientador: Abimar Oliveira de Moraes. – 2023.
195 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2023.
Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Teologia da Cultura. 3. Rock and Roll. 4. Evangelização. 5. Movimento gospel. 6. Rock cristão. I. Moraes, Abimar Oliveira de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Ao meu inesquecível amigo Amnom Lopes

Agradecimentos

A Deus em primeiro lugar, por me conduzir até aqui, que é muito mais longe do que eu poderia ter sonhado um dia.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e à CAPES, pelo auxílio necessário para realização dessa pesquisa.

Ao Professor Dr. Abimar Oliveira de Moraes pela orientação, paciência e apoio, sem os quais essa pesquisa não seria possível.

À Juventude Batista Brasileira, por fazer parte indivisível da minha história.

Ao trio mais incrível do mundo inteiro: Izabela, Eduardo e Eliza, amores da minha vida.

Aos meus pais, irmãs, tios e primos, que sempre acreditaram mais em mim do que eu mesmo.

Aos meus irmãos Artur, Benildo, Davi, Denis, Fernando, Marco Antonio e Ronaldo que participaram comigo da louca aventura de ter uma banda de rock cristão.

Aos músicos e bandas que sempre levaram a mensagem do Evangelho através do Rock Brasil afora.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Resumo

Machado, Jorge Vinicius Vargas; Moraes, Abimar Oliveira de (Orientador). **A redenção do rock – perspectivas teológicas do Rock evangélico brasileiro**. Rio de Janeiro, 2023, 195 p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O protestantismo brasileiro conheceu ao longo dos tempos alguns movimentos artísticos que foram relevantes e que influenciaram sua forma de ser e de entender sua fé em contato direto com a cultura. Um dos movimentos mais interessantes, embora pouco pesquisado, foi a iniciativa de jovens cristãos que a partir da década de 1970 começaram a usar o *Rock and roll* como uma linguagem para expressar sua fé e para comunicar a mensagem querigmática do Evangelho. Ao longo dos anos, temas diversos como conflitos internos do protestantismo, política e questões sociais se tornaram pauta das bandas que dialogavam com as juventudes através do rock. Há no rock feito por jovens cristãos no Brasil o impulso à evangelização e ao protesto profético, sem deixar de lado um embasamento bíblico e teológico, que pode passar despercebido por aqueles que não estão habituados à linguagem das guitarras, baixos e baterias, mas que tem falado às mentes e aos corações de várias gerações de jovens que podem entender a mensagem cristã a partir da sua própria linguagem característica. Há na poesia e na melodia um capricho para que a mensagem tenha conteúdo e forma, qualidade técnica e a medida exata que combine letra e música para que sua mensagem seja adequadamente transmitida. Esta pesquisa pretende afirmar a obra das bandas de rock gospel como eficiente elemento de evangelização, sobretudo dos jovens, explorando as perspectivas teológica e artística das canções das bandas de rock gospel a partir da Teologia da Cultura.

Palavras-chave

Teologia da Cultura, Rock and Roll, Evangelização, Movimento gospel, Rock cristão.

Abstract

Machado, Jorge Vinicius Vargas; Moraes, Abimar Oliveira de (Advisor). **The redemption of Rock - Theological perspectives of Brazilian christian rock.** Rio de Janeiro, 2023, 195 p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Over time, Brazilian Protestantism has known some relevant artistic movements that have influenced its way of being and understanding its faith in direct contact with culture. One of the most interesting, though little-researched, movements was the initiative of young Christians who from the 1970s onwards began to use rock and roll as a language to express their faith and to communicate the kerygmatic message of the Gospel. Over the years, diverse themes such as internal conflicts of Protestantism, politics and social issues have become the agenda of bands that dialogue with youth through rock. There is in rock made by young Christians in Brazil the impulse to evangelization and prophetic protest, without leaving aside a biblical and theological basis, which can go unnoticed by those who are not used to the language of guitars, basses, and drums, but who have spoken to the minds and hearts of several generations of young people who can understand the Christian message in their own distinctive language. There is in poetry and melody a whim so that the message has content and form, technical quality and the exact measure that combines lyrics and music so that your message is properly transmitted. This research intends to affirm the work of gospel rock bands as an efficient element of evangelization, especially for young people, exploring the theological and artistic dimension of the songs of evangelical rock bands in the light of the Theology of Culture.

Keywords

Theology of Culture, Rock and Roll, Evangelization, Gospel Movement, Christian Rock.

Sumário

1	Introdução	11
2	O Rock evangélico brasileiro	18
2.1	Origens históricas	18
2.1.1	Uma nova sonoridade cristã surge nos Estados Unidos	21
2.1.2	Uma sonoridade nova no protestantismo brasileiro	26
2.1.3	Ousadia Censurada	29
2.1.4	O Rock entra na Igreja	30
2.1.5	O pioneirismo da banda Rebanhão	32
2.1.6	Um movimento rock na igreja brasileira	33
2.2	O movimento Gospel no Brasil	35
2.2.1	O que chamamos de “gospel”	35
2.2.2	As gravadoras descobrem o mercado gospel	38
2.2.3	A era dos grandes eventos	41
2.2.4	O mercado influencia o culto	42
2.2.5	O “desembarque” dos pioneiros do movimento gospel	44
2.3	O papel das bandas de Rock no movimento Gospel	49
2.3.1	As primeiras bandas do rock evangélico brasileiro	50
2.3.2	A qualidade técnica do rock evangélico brasileiro	52
2.3.3	Rock a serviço da evangelização	54
2.3.4	A autocrítica ao protestantismo brasileiro	56
2.4	O Cenário do Rock evangélico atual	58
3	Possibilidades de uma Teologia da Cultura	64
3.1	Possibilidades de relação entre Fé e Cultura	64
3.2	A Teologia da Cultura de Paul Tillich	68
3.2.1	A Teologia de fronteira	68
3.2.2	Religião em Paul Tillich	70
3.2.3	O método da correlação	73
3.2.4	A busca pela preocupação última	74
3.3	A contribuição reformada de Francis Schaeffer	76

3.3.1	A visão de Francis Schaeffer frente ao humanismo moderno	77
3.3.2	O papel da arte no protestantismo	81
3.4	Hans Rookmaaker e uma ideia de arte que não precisa ser justificada	88
3.5	Por uma Teologia da Cultura Brasileira	95
3.5.1	O caso do Coletivo Candiero	98
3.5.2	Por uma cultura roqueira e evangélica	101
4	Perspectivas teológicas do rock evangélico brasileiro	104
4.1	O anúncio querigmático através do rock	106
4.2	Perspectivas ontológicas e antropológicas	116
4.3	Perspectivas escatológicas	128
4.4	A crítica do rock evangélico a líderes religiosos	133
4.5	A crítica do rock evangélico a líderes políticos	145
4.6	Por uma Teologia em diálogos	152
5	Conclusão	167
6	Referências Bibliográficas	173
6.1	Livros	173
6.2	Artigos de Jornais e Revistas	175
6.3	Pesquisas e artigos acadêmicos	175
6.4	Faixas de Músicas	177
6.5	Sites da Internet Consultados	180
7	Anexos	186

A poesia que fala que as flores iam crescer
Estão amarrotadas, abandonadas no bolso dos poetas
Mas como já ensinava o velho profeta:
Se a tristeza tentar pegar o seu coração
Pegue a guitarra e cante um rock
Pra louvar Jesus, pra louvar Jesus!

(Salas de Jantar – Rebanhão)

1

Introdução

Essa pesquisa, assim como muitas outras revela uma paixão. Ela traz consigo uma trajetória que começa pelo encantamento inicial com o som, com a agressividade das guitarras distorcidas, com a surpresa ante letras inteligentes embaladas por melodias que davam (e ainda dão) a vontade de cantar junto. Aliás cantar junto é sempre o natural passo seguinte: horas na fila com os centavos contados em mãos para a compra dos ingressos, para em pouco mais de uma hora de apresentação, conseguir gritar, pular, cantar, emocionar-se, e grupos de amigos voltam para casa suados, cansados, doloridos, mas de alma leve.

A impulsividade adolescente fez querer reproduzir, imitar, fazer parecido com o que estava no LP. Todo adolescente que monta uma banda de rock quer mudar o mundo. A grande maioria dessas bandas não sai das suas próprias garagens, algumas conseguem espaço para apresentarem-se em pequenos eventos. Em particular, a banda 'Heaven's Praise' atingiu seu auge quando tocou em cima da carroceria de um caminhão, recebendo o invejável cachê de um lanche grátis na cantina da igreja para cada um dos oito integrantes. A realidade da vida encerrou as atividades dessa e de muitas outras bandas. Era preciso trabalhar, estudar e se tornar alguém útil na engrenagem da sociedade.

Quando não era mais possível juntar os amigos para tocar, ainda era possível ouvir os álbuns, agora já na fase do CD, e claro, dava ainda para continuar frequentando os shows. Escolher a profissão (ou ser escolhido por ela), dizer sim às vocações, casar-se, ter filhos, olhar para trás e perceber que muitos ciclos foram iniciados enquanto outros chegavam ao fim. Uma das poucas coisas que não havia mudado era a trilha sonora. Ainda eram as mesmas canções, e os novos lançamentos das mesmas bandas, que mudavam de formação, cresciam musicalmente, mas continuavam sendo a preferência nos fones de ouvidos (quando essa música saía dos fones e ganhava as caixas de som, em geral era necessário explicar-se para alguém).

No processo de formação teológica, inúmeras vezes a leitura de proposições de teólogos renomados encontrava eco em alguma canção barulhenta de rock gravada na memória. Não foi um processo rápido, mas um dia o entendimento se completou: aquela música, ouvida, gritada, tocada, curtida, suada e pulada ao longo de toda uma vida não era apenas uma válvula de escape para extravasar. Era um importante elemento constituinte da formação individual e teológica.

As conclusões foram encadeando-se: uma vez que aquela música, e em especial aquelas letras, formaram parte consistente de um pensamento teológico que ajuda a entender a própria individualidade, e ainda a comunidade de fé, o conjunto da sociedade e o mundo, não haveria nela uma Teologia, ou perspectivas teológicas a serem observadas e apreendidas? Certamente que sim. Aquilo que era paixão desde a pré-adolescência amadureceu e ganhou forma.

Faltava então encontrar uma pesquisa que desse conta dessas perspectivas e desses apontamentos teológicos provocados e presentes na obra das bandas. Teria o rock evangélico já saído dos palcos e dos aparelhos de reprodução de música para o espaço das discussões acadêmicas?

Uma análise sobre o estado da questão, revela que muitos trabalhos acadêmicos foram feitos sobre o movimento gospel, sobre a relação entre música popular e a Teologia, e sobre a relação entre Teologia e Literatura, algo que interessa também a essa pesquisa, mesmo que indiretamente. Já houve muita argumentação e pesquisa acadêmica sobre Teologia da Cultura aplicada à literatura e à música popular, casos da dissertação de Mestrado de Cleber Diniz Torres na UMESp, sob o título ‘A dimensão religiosa da cultura na poesia de Vinicius de Moraes’, da dissertação de mestrado de Tiago Daniel de Mello Cargnin, na EST, sobre a obra de Jayme Caetano Braun a partir da Teologia da Cultura de Paul Tillich; bem como teses de doutorado defendidas na PUC-Rio: a tese de Marcio Cappelli Aló Lopes, ‘Por uma teologia ficcional: A (des)construção teológica na reescritura bíblica de José Saramago’, a tese de Marcio Simão de Vasconcellos, ‘Mística cristã e literatura fantástica: a experiência mística em C.S Lewis e a literatura fantástica como caminho da mística cristã’. Algumas pesquisas acadêmicas deram origem a livros importantes como ‘Teologia e MPB’ de Carlos Eduardo Calvani e ‘Monteiro Lobato: O Reino de Deus para os pequenos’ de Alessandro Rocha.

Há outras pesquisas que tentam ainda entender o fenômeno do mercado Gospel no Brasil: pesquisas de cunho jornalístico, sociológico e antropológico já foram realizadas. Muito se pesquisou sobre o movimento gospel, sobretudo por suas

implicações sociológicas¹, políticas, de mercado² ou por sua relação com a Teologia da Prosperidade³.

Entre os pesquisadores que se debruçaram sobre a temática da música cristã no Brasil, merecem destaque as dissertações de mestrado de Laan Mendes de Barros, que fala sobre a musicalidade das igrejas cristãs na década de 1970⁴ e de Joêzer Mendonça, que aborda a música gospel no contexto da pós-modernidade⁵.

Alguns livros foram publicados por integrantes das bandas, mas sua ênfase tem sido um registro de suas memórias, como o caso de ‘Meus dias no Oficina G3’ de Luciano Manga, um dos precursores do movimento gospel como fundador e primeiro vocalista de uma das bandas de maior sucesso nesse segmento, o Oficina G3.

O levantamento do estado da questão não mostrou nenhuma pesquisa que trate especificamente das perspectivas teológicas das bandas de rock evangélicas brasileiras. Surge daí a motivação para a realização dessa pesquisa, o ineditismo em buscar apontar as perspectivas teológicas presentes na obra musical de bandas de rock evangélicas do Brasil, e que influencia gerações de jovens (frequentadores ou não de igrejas evangélicas), mais do que isso, essa pesquisa visa afirmar a música das bandas de rock gospel como eficiente elemento de evangelização e formação de pensamento crítico, sobretudo dos jovens. Para que esse objetivo fosse alcançado, esta pesquisa buscou explorar as dimensões teológica e artística das canções das bandas de rock gospel a partir da Teologia da Cultura.

Diante da complexidade que envolve o tema da Teologia da Cultura, esta pesquisa manterá seu foco naquilo que diz respeito à música. Os conceitos de Paul Tillich, Francis Schaeffer e Hans Rookmaaker que tratam especificamente da relação entre Teologia e Cultura serão fundamentais para orientar a presente investigação teológica sobre a música a ser analisada. Conquanto toda a obra desses grandes teólogos seja importante, e deva ter o devido aprofundamento, esta pesquisa não tratará dos pormenores da Teologia

¹ CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão Gospel**: Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2007

² DOLGHIE, Jacqueline Ziroldo. **A Renascer em Cristo e o mercado de música gospel no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2002

³ MENDONÇA, Joêzer de Souza. **O evangelho segundo o gospel**: mídia, música pop e neopentecostalismo. Revista do Conservatório de Música da UfPel. Pelotas, nº1, 2008.p.220- 249.

⁴ BARROS, Laan Mendes. **A canção de fé no início dos anos 70**: harmonias e dissonâncias Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, 1988

⁵ MENDONÇA, Joêzer de Souza, **O gospel é pop**: música e religião na cultura pós – moderna. Dissertação (Mestrado em música) Unesp, 2009.

desses autores, limitando-se propositalmente à discussão teórica e prática que está envolvida no tema geral da Teologia da Cultura e que pode ser aplicada à obra produzida pelas bandas sobre as quais essa pesquisa debruçou-se.

Metodologicamente foi realizada uma pesquisa exploratória, que se desenvolveu a partir de um material pronto: as letras das canções gravadas pelas bandas vistas sob a luz da Teologia da Cultura. Assim, algumas pesquisas acadêmicas e livros publicados sobre o cenário do gospel brasileiro, e em particular do rock, conversas e entrevistas com os compositores e membros das bandas foram importantes para uma análise mais objetiva do tema em questão. Foram utilizados ainda textos escritos pelos próprios músicos, por analistas do movimento, bem como documentários e depoimentos eventualmente lançados em mídia física ou disponibilizados na rede mundial de computadores. A experiência de ouvir as gravações, ler as letras e assistir ao vivo as apresentações das bandas que foram pesquisadas contribuíram para uma análise mais aproximada.

É preciso que se diga que essa pesquisa desenvolveu-se em meio à pandemia de COVID-19 que se abateu sobre o mundo, e que trouxe o distanciamento dos integrantes das bandas dos palcos e das entrevistas, muitos espaços públicos mantiveram-se fechados ou com limitações de visitantes, isso incluiu teatros, casas de shows, igrejas e bibliotecas. Essas contingências afetaram a pesquisa trazendo mais citações retiradas da rede mundial de computadores do que o desejado inicialmente.

A ênfase da pesquisa é teológico-pastoral, fazendo parte do Projeto de Pesquisa Questões Atuais de Teologia Pastoral, inserido na linha de pesquisa de Fé e Cultura do programa de pós-graduação em Teologia da PUC-Rio. O norte das discussões serão as perspectivas propostas por três teólogos que se ocuparam do tema da Teologia da Cultura: Paul Tillich, Hans Hookmaaker e Francis Schaeffer. Esses teólogos além de estudarem a Teologia da Cultura são lidos e respeitados por muitos dos músicos e compositores que formam a cena do rock evangélico brasileiro. Sendo uma influência para o pensamento teológico do rock evangélico brasileiro, especialmente do chamado ‘Novo Movimento’.

Devido à escassez de produção teológica sobre rock evangélico, muito material sobre a reflexão de terceiros e mesmo dos artistas sobre sua própria obra foi retirada de entrevistas para meios de comunicação segmentados. Não foi intenção dessa pesquisa dedicar-se a todo o rock cristão, apesar de ter conhecimento de inúmeras bandas de rock católicas que seguem respeitadas carreiras, nos limitamos ao universo formado por membros de igrejas protestantes, oriundos dos movimentos de protestantismo histórico

de missão (denominações tais como batistas, metodistas e presbiterianos), e dos movimentos que foram aglutinados posteriormente sobre a nomenclatura genérica de ‘evangélicos’, que inclui além dos protestantes históricos, grupos pentecostais e neopentecostais. Quando essa pesquisa fala de evangélicos, é a esse grupo maior a que se refere, que inclui denominações autônomas e independentes entre si, que seguem uma orientação teológica e eclesial diferente do universo católico, romano ou ortodoxo.

Por tratar de um tema inédito, com poucas publicações que nos auxiliem na discussão, esta pesquisa terá como fontes fundamentais as letras das músicas e o embasamento teórico de Tillich, Schaeffer e Rookmaaker. Por não pretender ser exaustiva, por não desejar ser repetitiva, mas com possibilidades de pesquisas posteriores que poderão aprofundar minúcias específicas, esta pesquisa se apresenta concisa ao mesmo tempo que aborda suficientemente a temática a que se propôs.

Esta pesquisa também não se debruçará sobre aquilo que povoaria o ambiente da especulação. Interessa a essa pesquisa o que foi feito e registrado, deixando de lado aquilo que poderia ter sido, ou criando possibilidades de diálogos com outros elementos que já não estejam postos. Esta pesquisa se desenvolve consciente de que os teólogos que dão suporte teórico a esta pesquisa encerraram suas carreiras e até onde se tem notícia, não há nada de novo em suas obras a ser publicado, a não ser desdobramentos de discussões feitos por teólogos contemporâneos. Diferente da obra das bandas de rock aqui estudadas, que continuam em atividade e eventualmente produzem novidades.

Uma vez que esta pesquisa é fruto de observação de muitos anos, as músicas serão sempre referenciadas a partir de suas gravações originais, sejam elas em LP, CD, DVD, ou mesmo em lançamentos virtuais sem mídia física, como tem sido a tendência dos últimos anos. O padrão de referências será o especificado no manual de Normas para apresentação de teses e dissertações da PUC-Rio.

Por entender a linguagem do rock como um meio para alcançar o público que em primeiro estágio não seria membro ou mesmo frequentador dos templos, esta pesquisa não se dedicará a discutir toda a música cristã, tampouco se aprofundará em questões de natureza litúrgica, uma vez que a música ora discutida foi feita, prioritariamente, para ser ouvida e cantada fora dos templos e das reuniões eclesiais formais.

O título dessa pesquisa, ‘A Redenção do Rock’, longe de dizer que o rock tenha sido redimido ao levar uma mensagem cristã, aponta para uma nova visão da Igreja, que a princípio o rejeitou julgando ser profano e dos circuitos acadêmicos, onde ainda não

havia sido convidado a entrar. Trata-se de uma redenção que o põe em seu devido lugar: reconhecido por estar na fronteira entre a Igreja e o mundo, transmitindo a mensagem aos de dentro e aos de fora, sendo um importante veículo de inculturação da fé e de evangelização. E por conter elementos que podem ser analisados teologicamente.

Esta pesquisa bem poderia se chamar ‘A redenção no Rock’ uma vez que o tema da redenção é revisitado ao longo do texto apontando que as pessoas podem, através do rock expressar sua fé. A escolha do tema ‘A redenção do Rock’ se deu por ser provocativo e estreitamente relacionado à origem dessa expressão, apresentando sua legitimidade como expressão cultural, como meio de expressão a fé e como um espaço legítimo para a evangelização.

A análise feita à luz da Teologia da Cultura segue pressupostos teológicos, sob o olhar do que comumente se chama no Brasil de cristão evangélico. Daí a recorrência de elementos que aludem ao apelo querigmático à salvação pessoal, uma vez que esse é o padrão soteriológico de boa parte das igrejas evangélicas brasileiras e é predominante na música em que está sendo analisada.

Além dos elementos pré e pós-textuais, esta pesquisa está dividida em três capítulos de conteúdo. O primeiro capítulo, intitulado ‘O Rock evangélico Brasileiro’ traz um breve histórico da origem das bandas, desde os movimentos que possibilitaram o surgimento de uma nova musicalidade nas igrejas protestantes brasileiras, passando pelo surgimento de bandas de rock evangélicas no Brasil, o processo de formação e consolidação da carreira dessas bandas antes do surgimento do movimento Gospel, durante o período de maior expansão do Gospel e após o processo de desligamento desse movimento que muitos artistas fizeram. O capítulo trata ainda das bandas surgidas no pós-gospel, que mantêm acesa a ideia de uma música cristã para ser ouvida fora da igreja, arte feita por cristãos que possa comunicar a todos suas perspectivas e sua cosmovisão. Nesse capítulo foi feita a opção por descrever o movimento e pontuar as bandas consideradas mais relevantes em seu alcance, influência e longevidade de sua obra, sem desmerecer bandas que tiveram alguma visibilidade efêmera, ou apenas regional.

Este primeiro capítulo mostra como as primeiras bandas se formaram, e como conseguiram se manter apesar das críticas e desconfiças. Percorre o trajeto feito por uma obra que no começo tinha um caráter apologético e evangelístico, mas que amadurece com o tempo, passa por uma comunicação artística apurada, mesmo quando não há letra, atravessa todo o Movimento Gospel e chega ao século 21 tendo uma estrada

já pavimentada. Novos artistas, especialmente as novas expressões musicais feitas por cristãos, caminham em trilhas abertas com muito esforço pelos pioneiros. Podem até distanciarem-se deles musicalmente, e na ênfase que dão em suas letras, mas são de alguma forma produto de sua iniciativa e ousadia.

O segundo capítulo, chamado ‘A Teologia da Cultura’, traz o arcabouço teológico com o qual iremos analisar a obra das bandas de rock evangélicas a fim de evidenciar suas linhas teológicas. A opção de não escolher um determinado autor, mas colher contribuições de três teólogos distintos se deu porque há conceitos na obra de cada um deles que se unem para apontar os pressupostos teológicos expressos na obra das bandas de rock, e muitos outros importantes conceitos que poderiam ser aprofundados em outras pesquisas, mas que não se aplicam à proposta desta pesquisa.

De Paul Tillich, conhecido por muitos como o teólogo da cultura, recolhemos sua definição de religião, sua teologia de fronteira, o uso de seu método da correlação e a busca pela preocupação ontológica. A partir da obra de Francis Schaeffer temos a contraposição cristã ante a cosmovisão de linha humanista, que tende a enxergar o mundo sob uma perspectiva que aliena a fé das discussões mais relevantes. Schaeffer defende uma cosmovisão cristã que aponte respostas para as questões que desafiam o mundo e a humanidade. Do holandês Hans Rookmaaker trazemos a ideia de arte feita com objetivo de ter qualidade por si mesma, sem que precise ter uma justificativa bíblica ou evangelizadora que dê validade à arte feita por cristãos. O capítulo se encerra com a proposta de uma teologia que dê conta da diversidade cultural brasileira, citando o exemplo de inovação que o Coletivo Candieiro traz ao protestantismo brasileiro.

O terceiro e último capítulo, ‘Perspectivas teológicas do rock evangélico brasileiro’, traz a análise das letras das bandas descritas no primeiro capítulo à luz dos pressupostos teológicos descritos no segundo. Nele são destacadas as perspectivas querigmática e pastoral do rock evangélico e seu uso na evangelização, suas preocupações ontológica e escatológica, sua dimensão política e social, envolvendo-se com questões próprias do interior do protestantismo, indo além e demonstrando sua preocupação com aspectos intraeclesiais e com envolvimento de lideranças evangélicas com projetos político-partidários. Trata ainda das múltiplas linhas de diálogo abertas pelo rock evangélico, com a cultura pop, com o universo musical não-cristão, com outros públicos, outras linguagens e no circuito das diversas denominações existentes no protestantismo brasileiro.

2

O Rock Evangélico brasileiro

Desde os anos 1960, com o movimento da Jovem Guarda, a sonoridade rebelde e contestadora do *rock and roll* havia chegado ao Brasil e estava sendo ouvida e tocada por jovens brasileiros, a exemplo do que acontecia em outras partes do mundo, especialmente na Europa e nos Estados Unidos.

Nos anos 1970, muitas bandas e cantores surgiram em solo brasileiro trazendo uma sonoridade rock, contestadora e barulhenta, mas foi na década de 1980 que o rock brasileiro teve uma verdadeira explosão em âmbito nacional lançando bandas cuja influência se estenderia por mais algumas décadas⁶.

É dentro de um contexto estabelecido de *rock and roll* no Brasil que começam a surgir as primeiras bandas de rock formadas por cristãos, que apesar de usar a mesma linguagem musical diferiam dos demais pela intencionalidade e por seu conteúdo, formando assim um nicho específico, que começou segregado e cercado de desconfianças, mas que acabou conquistando seu espaço e seu público até se estabelecer como parte integrante da cultura musical brasileira.

2.1

Origens históricas

Afinal de contas, o que é *rock and roll*, os óculos do John ou o olhar do Paul? Perguntariam os Engenheiros do Hawaii⁷. O rock é aquele estilo composto de guitarra, baixo e bateria, marcado essencialmente por letras contundentes e alguma rebeldia. Nasceu para ser mais que um estilo. Tornou-se um grito de liberdade e não conformismo com os padrões estabelecidos. *Rock and roll* é mais do que música⁸. É uma atitude que expressa aquilo que vai na alma dos inconformados, aquilo que muita gente queria dizer e não encontra a forma certa. Alguns encontram no rock um meio de pôr para fora suas angústias, sua revolta, sua indignação. O som pode ser pesado, ritmado e estridente, e pode ser também melódico e melancólico. São

⁶ GROPPPO, Luís Antonio. **Gênese do rock dos anos 80 no Brasil**: ensaios, fontes e o mercado juvenil. In: Música Popular em Revista, Campinas, ano 1, v. 2, p. 172-96, jan.-jun. 2013. p. 172

⁷ ENGENHEIROS DO HAWAII. O Papa é pop. Marcio Hilton Fragoso Borges, Humberto Gessinger, Otavio Augusto Pinto De Moura [compositores] In: **O Papa é pop**. BMG, p1990. 1 LP. (ca46:59). Faixa 1, Lado B (3min46s)

⁸ CHACON, P. **O que é rock?**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1970. p. 7

esses os canais de comunicação do Rock. Do outro lado, milhares de pessoas ouvem, se identificam, sentem-se participantes de toda aquela experiência. *Rock and roll* é uma atmosfera, uma linguagem que, apesar das diferenças idiomáticas das letras, alcançou adeptos em todo o mundo.

Esta pesquisa não quer estudar todo o movimento do *rock and roll*, uma vez que seria impossível tratar de todas as suas expressões ao longo das décadas nos muitos lugares onde essa forma de expressão esteve presente. Nos interessa uma faceta dele muito particular: bandas de rock surgidas no Brasil formadas por jovens cristãos de tradição evangélica, que usavam a linguagem do rock para transmitir também sua mensagem, que nada mais é que a mensagem cristã do Evangelho através de suas canções. O foco dessa pesquisa é justamente perceber as perspectivas teológicas dessas bandas, expressas em suas letras, em sua sonoridade e em sua atitude.

Esta pesquisa trata de rock feito por evangélicos, oriundos de uma ramificação bem específica do cristianismo, o protestantismo que chega ao Brasil trazido por missionários, em sua maioria vindos dos Estados Unidos com o intuito de divulgar a sua fé por aqui a partir do século XIX. Apesar de sua origem protestante, Magali Cunha nos lembra que “O termo “protestante” raramente foi e tem sido utilizado para identificar os não-católicos no Brasil; ele é mais usado por historiadores e estudiosos da teologia e da Religião.”⁹ O termo preferido pelos missionários era “crente em nosso Senhor Jesus Cristo”, ou simplesmente “crente”, uma expressão que estava diretamente relacionada ao processo de conversão, cerne da mensagem protestante. Crentes eram, portanto, os convertidos pela mensagem pregada pelos missionários. Estes mesmos missionários se auto identificavam por *evangelicals* ou evangélicos. Em resumos, eram “os adeptos do conservadorismo protestante, que desejavam afirmar a sua fidelidade ao Evangelho e não à Ciência ou à razão humana”.¹⁰ Já no início do século XX, muitas denominações protestantes se apresentavam como evangélicas, incorporando inclusive o termo ao nome de

⁹ CUNHA, Magali do Nascimento. **Vinho novo em odres velhos**: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese (Doutorado) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2004. p. 16

¹⁰ CUNHA, Magali do Nascimento. **Vinho novo em odres velhos**: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese (Doutorado) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2004. p. 16

suas igrejas. Foram dessas igrejas, chamadas e reconhecidas como evangélicas que surgiram as bandas objeto de pesquisa desta tese.

Para começar a falar do rock gospel brasileiro, sua origem, seus desdobramentos e especialmente naquilo que é o assunto dessa pesquisa, suas perspectivas teológicas, é preciso entender as condições que possibilitaram a formação de bandas de rock gospel em solo nacional, bem como sua popularização no meio das juventudes brasileiras.

Desde o surgimento daquela que foi a pioneira, e ao longo das décadas seguintes, muitas bandas surgiram, mas nem todas consolidaram-se. Algumas desenvolveram uma carreira sólida e arregimentaram multidões de fãs por onde passaram que mesmo depois de décadas na estrada ainda frequentam os shows, consomem sua música e têm sido influenciados por suas mensagens. Outras bandas tiveram seus ‘quinze minutos de fama’¹¹, chegaram a lançar álbuns e viram suas músicas tocarem nas emissoras de rádio, mas por um período bastante curto. A maioria dos que fizeram parte desse movimento, formavam bandas locais, que sequer tiveram a oportunidade de realizar um registro audiofônico de suas canções, não apareceram na grande mídia, mas foram participantes de alguma forma desse momento histórico do protestantismo brasileiro.

Essa pesquisa destacará as bandas que tiveram um alcance ampliado de sua imagem e de sua mensagem. A influência das bandas que mais se destacaram traz elementos que são significativos para que possamos perceber os aspectos constituintes do próprio fazer rock no contexto evangélico brasileiro. No caso dessa pesquisa, a intenção é perceber as principais perspectivas teológicas que perpassam todo o processo de formação e consolidação dessas bandas, a aglutinação dessas bandas em um movimento conhecido como Movimento Gospel, onde a maior parte das bandas esteve presente até o descolamento que tiveram do Movimento Gospel em dado momento da carreira.

Essa pesquisa dará maior atenção a bandas que iniciaram suas carreiras em fins dos anos 1970 e ao longo da década de 1980, antes portanto da explosão do Movimento Gospel no Brasil. Usamos aqui uma definição de Magali Cunha, que

¹¹ Cf: SILVA, L.A., **15 minutos de fama**: Andy Warhol e a hegemonia americana. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2007.

opta por utilizar o termo ‘explosão’ quando faz referência ao fenômeno gospel, por exprime “as irrupções nascidas dentro de um processo”.¹²

Historicamente, podemos dizer que essas bandas iniciaram sua trajetória num momento anterior ao gospel brasileiro, percorreram um caminho por dentro do Movimento Gospel, tendo sido fundamentais para a consolidação deste, até uma eventual separação entre essas mesmas bandas e o rótulo gospel.

2.1.1

Uma nova sonoridade cristã surge nos Estados Unidos

Antes, porém, é preciso traçar a trajetória conjuntural que possibilitou que jovens evangélicos brasileiros formassem bandas de rock a partir do final dos anos 1970. Essa trajetória remonta aos Estados Unidos, especialmente a uma das expressões socioculturais mais interessantes do século XX: O movimento *Hippie*, que nasceu no meio das juventudes nos anos 1960, herdeiros da cultura antimaterialista dos *beatniks*¹³.

O movimento *beatnik* foi um movimento de artistas, escritores e músicos surgido nos Estados Unidos na década de 1950. Esse movimento se estendeu pelos anos seguintes e influenciou grandes músicos da década de 1960 como o americano Bob Dylan¹⁴, e as bandas de rock inglesas Beatles e Pink Floyd¹⁵

As juventudes sempre buscaram maneiras novas de se expressar, de comunicar seus sentimentos e de disseminar suas ideias. Não foi diferente quando jovens nos Estados Unidos se uniram para celebrar um estilo de vida que se pretendia ‘contracultural’ e que se desenhou após a Segunda Guerra Mundial o termo “contracultura”

foi inventado pela imprensa norte-americana, nos anos 60, para designar um conjunto de manifestações culturais novas que floresceram, não só nos Estados Unidos, como em vários outros países, especialmente na Europa e, embora com menos intensidade e repercussão, na América Latina. Na verdade, é um termo

¹² CUNHA, Magali do Nascimento. **Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil**. Tese (Doutorado) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2004. p. 15

¹³ SULLIVAN, Justin. **Geração ‘beat’ de Kerouac influenciou movimento hippie**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/geracao-beat-de-kerouac-influenciou-movimento-hippie/> acesso em 05 de dezembro de 2022.

¹⁴ WILENTZ, Sean. **Bob Dylan, the Beat Generation, and Allen Ginsberg’s America**. Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/news-desk/bob-dylan-the-beat-generation-and-allen-ginsbergs-america>. acesso em 05 de dezembro de 2022.

¹⁵ A sonoridade dessas bandas inglesas será um fator importante de influência para as bandas de rock cristão brasileiras.

adequado porque uma das características básicas do fenômeno é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades do Ocidente.¹⁶

O movimento *Hippie* tinha uma forte motivação pacifista. Sua posição pacifista contrastava e se opunha à iniciativa do governo dos Estados Unidos em empreender um conflito armado no Vietnã¹⁷. Os *hippies* mantinham também uma posição bastante determinada contra o armamento nuclear das nações, questão que dava a tônica das relações entre as duas potências hegemônicas no período da Guerra Fria¹⁸. O movimento *Hippie* reuniu centenas de milhares de jovens e expandiu sua filosofia de vida pelo mundo¹⁹.

No meio cristão protestante, os ideais do pastor batista Martin Luther King Jr. se aproximavam em alguns pontos das ideias defendidas pelos *hippies*: ele se opôs à guerra no Vietnã em muitos dos seus discursos²⁰, incluindo aí marchas e manifestações na sede da ONU em Nova York. Eram movimentos distintos, mas que tinham alguns pontos de contato.

O trinômio “sexo, drogas e *rock and roll*” era a realidade em que muitos jovens estavam inseridos, e as consequências negativas do abuso das drogas já começavam a aparecer. Muitos jovens sofriam com os males da dependência química, especialmente as doenças (físicas e mentais) causadas pelo uso excessivo de substâncias psicoativas, e já havia muitos casos de morte por overdose, incluindo aí alguns artistas famosos, como a cantora Janis Joplin, morta em 1970 aos 27 anos²¹.

As drogas não traziam resultados positivos a médio e longo prazo. Muitos já estavam percebendo que o uso de determinadas substâncias não trazia a abertura de consciências pretendida. Apesar desse início de descontentamento com certos abusos aos limites do corpo, a filosofia de vida voltada à simplicidade, à rebeldia

¹⁶ MACIEL, L. C.. Revista Careta, Ano LIII, nº 2736, de 20/07/1981, p. 19 apud PEREIRA, C. A. M. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 13.

¹⁷ GONÇALVES, Denise Oliveira. **Avesso e direito: movimento hippie e mercado cultural da moda**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, 2007.

¹⁸ A expressão Guerra Fria foi usada pela primeira vez por George Orwell em artigo publicado no jornal *Tribune* em 19 de outubro de 1945 intitulado “*You and the Atomic Bomb*”, disponível em: https://www.orwell.ru/library/articles/ABomb/english/e_abomb, acesso em 27 de junho de 2021.

¹⁹ Britannica, The Editors of Encyclopaedia. **hippie**. *Encyclopedia Britannica*, 19 Oct. 2022, disponível em: <https://www.britannica.com/topic/hippie>. Acesso em 05 de dezembro de 2022.

²⁰ Cf: The Martin Luther King, Jr. Research and Education Institute. **Vietnam War**. Disponível em: <https://kinginstitute.stanford.edu/encyclopedia/vietnam-war>. Acesso em 05 de dezembro de 2022.

²¹ Cf.: <https://www.janisjoplin.net/life/autopsy/> acesso em 29 de maio de 2021.

contra os padrões da sociedade, o antimaterialismo e o apego ao pacifismo permaneciam em alta.

A saída de uma vida desregrada e de abuso aos limites no corpo, para muitos daqueles jovens, foi encontrada no apelo à conversão a Jesus Cristo. Quase que simultaneamente em que havia uma desilusão de alguns *hippies* com o movimento, estavam surgindo (a partir dos movimentos carismáticos, que incluíam cristãos católicos e protestantes) uma nova forma de expressar o cristianismo e que ficou conhecida como *Jesus Movement*. Esse movimento surgiu na costa oeste dos Estados Unidos e rapidamente se espalhou pelas Américas do Norte e Central, chegando até mesmo à Europa²².

Enquanto os *hippies* eram conhecidos como *Flower Children*²³ por conta de suas roupas de estampas floridas, os integrantes do *Jesus Movement* eram conhecidos como *Jesus People*²⁴ ou *Jesus Freak*. Muitos jovens aderiram ao movimento, que foi ganhando cada vez mais notoriedade. Entre as causas de tamanha expansão no meio das juventudes dos Estados Unidos a reportagem de capa da Revista Time de 21 de junho de 1971 explica que:

Parte do fascínio por Jesus entre os jovens pode simplesmente ser adoração heroica tardia de um companheiro rebelde, o primeiro grande mártir da causa da paz e da fraternidade.²⁵

O movimento passou a ser uma expressão cultural bastante forte, influenciando muitos aspectos, de modo a ser observado que as vidas dos envolvidos “...giram em torno da necessidade de uma intensa relação pessoal com esse Jesus, e a crença de que tal relação deve condicionar toda vida humana.”²⁶. Um

²² **The Alternative Jesus**: Psychedelic Christ. Time, jun. 21, 1971. Disponível em: <http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,905202,00.html>. Acesso em 28 de maio de 2021

²³ Gleason, Ralph J.. **The Flower Children**. *Encyclopedia Britannica*, 14 Jun. 2017, disponível em: <https://www.britannica.com/topic/The-Flower-Children-2101574>. Acesso em 05 de dezembro de 2022.

²⁴ A expressão Jesus People possivelmente é da autoria de Duane Pederson. Cf.: KINNEY, Kathryn, **Upon This Rock**: American Evangelical Spirituality and Jesus Music, 1969-1976 (2019). Tese (Doutorado em Música) Washington University in St. Louis. p. 7

²⁵ **The Alternative Jesus**: Psychedelic Christ. Time, jun. 21, 1971. Disponível em: <http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,905202,00.html>. Acesso em 28 de maio de 2021.

²⁶ **The Alternative Jesus**: Psychedelic Christ. Time, jun. 21, 1971. Disponível em: <http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,905202,00.html>. Acesso em 28 de maio de 2021

sinal de conversão no sentido protestante de mudança de vida pós-encontro pessoal com Jesus.

A ênfase do *Jesus Movement* era a evangelização. Seus líderes pretendiam mostrar aos jovens que a maneira cristã de viver era oposta à maneira como os demais jovens estavam vivendo. Se o movimento *Hippie* era a forma mais evidente de contestação aos valores estabelecidos na sociedade de então, o *Jesus Movement* era uma outra forma de se opor à cultura dominante, se apresentava como uma terceira alternativa, que, a exemplo dos *hippies*, não compactuava com os valores vigentes na sociedade, mas não se tratava de uma defesa a um mundo sem regras e sem limites.

A música era um elemento importante na estratégia de evangelização do *Jesus Movement*²⁷, e era basicamente o mesmo estilo de música que embalava a juventude estadunidense daquele período: o rock. A diferença era que a música dos *Jesus Freaks* trazia consigo a mensagem do Evangelho. Nessa questão, a revista *Time* pontua:

Os sons produzidos pelos grupos de rock nem sempre são bons nem as letras sempre eficazes, mas o melhor do rock de Jesus é que ele é profissional e teologicamente sólido.²⁸

Surgiu então no interior do *Jesus Movement* aquilo que ficou conhecido como a *Contemporary Christian Music (CCM)*. Grandes nomes desse movimento musical ganharam destaque nessa época como Larry Norman, considerado por muitos o ‘Pai do Rock Cristão’²⁹. Norman foi vocalista da banda *People!*. Ele já era um cristão. Os outros membros da banda, no entanto, se converteram à Cientologia, e exigiram que Norman se convertesse também³⁰. Essa discórdia foi determinante para a saída de Larry Norman da *People!* E foi o início de sua trajetória com a música cristã.

O surgimento de rock com conteúdo cristão gerou quase que automaticamente o questionamento sobre o uso na evangelização de um estilo musical considerado profano e visto por alguns até como diabólico, diretamente ligado a sexo, drogas e

²⁷ TOWNS, Elmer e WHALEY, Vernon. **Worship through the ages: how the great awakenings shape evangelical worship**. Nashville: B&H Academic, 2012. p. 323.

²⁸ **The Alternative Jesus: Psychedelic Christ**. *Time*, jun. 21, 1971. Disponível em: <http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,905202,00.html>. Acesso em 28 de maio de 2021

²⁹ KINNEY, Kathryn, **Upon This Rock: American Evangelical Spirituality and Jesus Music, 1969-1976** (2019). Tese (Doutorado em Música) Washington University in St. Louis. p. 3

³⁰ Split over Scientology, '60s band 'People' reunites for one night. Disponível em: <https://www.religionnewsblog.com/19712/people>. Acesso em 16 de novembro de 2021.

satanismo. Desde os primeiros acordes, os músicos cristãos tiveram que explicar e justificar sua opção de usar o rock como veículo de comunicação do Evangelho.

Larry Norman lançou em 1972 a canção ‘*Why Should the Devil Have All the Good Music?*’³¹ Em que afirma que seu talento, sua cultura musical e sua linguagem não poderiam ser associadas ao Diabo. Antes, ele defende de forma bastante espirituosa sua preferência pelo Rock and Roll ao afirmar: ‘*Jesus is the rock and he rolled my blues away*’.³²

Outro grande nome da CCM foi Keith Green, que além de grande músico, escreveu artigos para defender o uso da linguagem do rock como meio de evangelização. Um de seus artigos mais conhecidos é ‘*Can God Use Rock Music?*’ em que admite ter relutado em tocar no assunto, mas que o fez por julgar necessário que houvesse uma defesa mais fundamentada do uso do rock como uma linguagem para a transmissão do Evangelho³³. Green argumenta que não se poderia querer ensinar inglês aos mexicanos para que esses sejam evangelizados. O correto seria sempre que aquele que quer comunicar o Evangelho que fale a língua daqueles que almeja alcançar.

Keith Green fundou o *Last Days Ministries*, gravou 5 álbuns entre 1977 e 1982, um deles, ‘*So You Wanna Go Back to Egypt*’, teve a participação do grande amigo de Keith Green Bob Dylan tocando harmônica em *Pledge My Head to Heaven*. O álbum foi lançado em 1980 e foi o primeiro depois da decisão de Green de não mais cobrar por seus discos e apresentações, deixando a cargo dos espectadores a decisão de quanto queriam pagar. Os discos eram enviados pelo correio. Até maio de 1982 haviam sido enviados 200 mil unidades, sendo 61 mil delas de graça. Keith Green, e dois de seus filhos morreram num desastre aéreo em 28 de julho de 1982 quando Keith tinha apenas 28 anos³⁴.

No interior do *Jesus Movement* (ou influenciados por sua atmosfera) foram surgindo algumas organizações que tinham por objetivo a evangelização de jovens. Essas organizações rapidamente alcançaram muitas pessoas com a mensagem do

³¹ Em tradução livre: ‘Por que o diabo deve ter toda a boa música?’

³² Em tradução livre: Jesus é a Rocha e Ele rolou meu blues para longe.

³³ GREEN, Keith. **Can God use Rock Music?** Disponível em: https://lastdaysministries.com/Articles/1000008514/Last_Days_Ministries/LDM/Discipleship_Teachings/Keith_Green/Can_God_Use.aspx. Acesso em 28 de maio de 2021

³⁴ Cf.: **About Keith Green.** Disponível em: https://www.lastdaysministries.org/Groups/1000008700/Last_Days_Ministries/Keith_Green/Bio/Bio.aspx. Acesso em 19 de outubro de 2022.

Evangelho, nas Universidades e nas ruas, a maioria deles *hippies*. Dentre os mais significativos no que diz respeito à relação com o surgimento de bandas de rock no Brasil se incluem a *Campus Crusade for Christ*,³⁵, a Mocidade para Cristo³⁶, a Palavra da Vida³⁷ e o SEPAL³⁸.

2.1.2

Uma sonoridade nova no protestantismo brasileiro

Os diversos movimentos paraeclesiais ligados ao *Jesus Movement* chegaram ao Brasil vindos dos Estados Unidos. Magali Cunha aponta que:

Vários líderes formados pelos grupos estadunidenses ligados ao Movimento de Jesus transformaram-se em missionários e espalharam-se por diferentes países para proclamar a fé cristã e o novo jeito de se estabelecer em unidades. Muitos vieram para o Brasil e implementaram essa nova forma de evangelizar nas ruas, praças, praias, por meio da informalidade e facilidade de adaptação inspiradas no movimento *hippie*. Faziam uso de apresentações teatrais, musicais, abordagens pessoais, versões das músicas originais no inglês eram preparadas em português e a guitarra e a bateria – instrumentos base para os gêneros musicais que esses grupos privilegiavam (o rock e a balada romântica) – passaram a ser utilizadas. Esse modo jovem de cultivar, cantar e pregar passou a influenciar fortemente a juventude protestante brasileira e ampliou a presença dos movimentos paraeclesiais já existentes no País, reforçando-os e abrindo espaço para outros³⁹.

³⁵ A *Campus Crusade for Christ* foi fundada por Bill Bright em 1951 na Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA). Sua intenção era levar a mensagem do Evangelho aos jovens universitários. Em 1971, Bill Bright afirmou à *Time* que sua intenção era evangelizar os Estados Unidos por completo até 1976, e até 1980 sua meta era alcançar todo o mundo com o Evangelho. Desde 2011, a *Campus Crusade for Christ*, mudou seu nome para CRU, e atua em 191 países, incluindo o Brasil onde chegou em 1970, iniciando seus trabalhos na cidade de São Paulo cf.: **Site da CRU Internacional em português**, disponível em: <https://www.cru.org/br/pt/about.html>. Acesso em 28 de maio de 2021.

³⁶ A Youth for Christ (aqui no Brasil conhecida como Mocidade para Cristo ou MPC) surgiu nos Estados Unidos em 1943, fundada pelo Dr. Torrey Johnson. O grande evangelista internacional Billy Graham foi o primeiro obreiro contratado da organização. A MPC chegou ao Brasil em caráter definitivo em 1954, e hoje atua em 100 países. Cf.: <https://mpc.org.br/trajetoria/> acesso em 29 de maio de 2021. A Mocidade para Cristo foi a primeira tentativa do século 20 de adaptar adoração e evangelismo para uma faixa etária específica. Cf.: TOWNS, Elmer e WHALEY, Vernon. **Worship through the ages: how the great awakenings shape evangelical worship**. Nashville: B&H Academic, 2012. p. 280.

³⁷ Fundada em Nova York por Jack Wyrzten e Harry Bollback, chegou ao Brasil em 1957 com os missionários Ary Bollback e Haroldo Reimer. Hoje a Palavra da Vida atua em 70 países. Cf.: <https://palavradavida.org.br/quem-somos/> Acesso em 29 de maio de 2021

³⁸ A SEPAL, sigla que anteriormente significava Serviço de Evangelização para a América Latina, e que atualmente quer dizer Servindo Pastores e Líderes, tem origem na OC International, que surgiu nos Estados Unidos nos anos 1950, a partir do envio de missionários americanos da Youth for Christ para a evangelização de Taiwan logo depois de a China continental ter se tornado comunista em 1949. A SEPAL iniciou seus trabalhos no Brasil em julho de 1968 com a chegada do casal de missionários americanos Jaime e Judith Kemp. Cf.: <https://sepal.org.br/historia/> acesso em 30 de maio de 2021.

³⁹ CUNHA, Magali do Nascimento. **Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil**. Tese (Doutorado) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2004. p. 128

A cultura musical do *Jesus Movement* encontrava espaço entre as juventudes, e ganhavam terreno fértil no meio dos movimentos paraeclesiásticos. Ainda havia uma séria resistência (que sobrevive mesmo em tempos mais recentes) por parte das igrejas mais tradicionais sobre o uso de ritmos e instrumentos mais modernos (e mais barulhentos), sobretudo no que diz respeito ao culto. Se Larry Norman e Keith Green tiveram que lidar com críticas e oposições nos Estados Unidos, não foi diferente no Brasil. Por aqui ainda houve um outro fator complicador: o ‘rei do rock brasileiro’ Raul Seixas lançou em 1975 uma canção chamada ‘Rock do Diabo’, em que, para desespero dos roqueiros cristãos, afirma com todas as letras que: “O diabo é o pai do rock!/O diabo é o pai do rock/Enquanto Freud explica/O diabo dá os toque...”⁴⁰

O espaço aberto pelo *Jesus Movement* na cultura protestante estadunidense teve influência no Brasil quanto à aceitação do rock como veículo de comunicação, mas não é possível dizer que as bandas brasileiras surgiram por influência direta desses movimentos. Foi um movimento que foi influenciando outro, e criando as condições para que a semente germinasse. A maior parte dos músicos que iniciaram bandas de rock em igrejas evangélicas no Brasil sequer sabiam da existência de bandas com o mesmo estilo em outras partes do mundo. Esse conhecimento só veio anos mais tarde.

As campanhas, e principalmente os acampamentos, que os movimentos paraeclesiásticos promoviam voltados para os jovens eram embalados por canções que se aproximavam do gosto musical das juventudes (cristãs ou não) de então. Havia uma identificação natural entre as canções populares que se ouvia no rádio com as que eram entoadas nesses eventos, embora as letras trouxessem consigo mensagens bastante distintas.

A partir dos anos 1960, as igrejas protestantes brasileiras começaram a ter grupos de louvor que participavam dos cultos, principalmente nas programações das juventudes. Os ritmos e instrumentos que usavam eram criticados pelos mais tradicionalistas, que o faziam pelos mais diversos motivos, desde o incômodo com o volume alto até acusações de ligações com o ocultismo e o satanismo⁴¹.

⁴⁰ SEIXAS, Raul. **Rock do Diabo**. R. Seixas, P. Coelho. [Compositores]. In: Novo Aeon.: Philips/Phonogram, p1975. LP (ca. 33 min). Faixa 2 (2 min 15 s).

⁴¹ Vários livros foram lançados com essa temática. Um dos mais famosos e mais presenteados por crentes sinceros na tentativa de ajudar os jovens roqueiros de suas igrejas foi ‘A Mensagem Oculta do Rock’ de Jefferson Magno da Costa, Claudionor de Andrade, Gilberto Moreira e Geremias do

De uma maneira indireta, a música do *Jesus Movement* americano chegou às igrejas brasileiras, através das juventudes. Um dos principais grupos a disseminar os novos estilos musicais foi o Vencedores por Cristo, fundado por Jaime Kemp⁴² a partir de seu trabalho como missionário da SEPAL e que tinha como objetivo promover o discipulado entre os jovens universitários das diversas denominações evangélicas. A música teve desde o começo um espaço muito importante no Ministério Vencedores por Cristo, já em 1968 lançaram seu primeiro compacto e em 1971, seu primeiro LP, um álbum chamado ‘Fale do amor’ que tinha uma capa com o título do álbum em letras com estilo psicodélico e um conjunto de imagens denunciando os males da guerra, da fome e das drogas, e uma pessoa de costas olhando o cenário de caos, vestida com uma jaqueta em que se lê um dos lemas do movimento *hippie* dos anos 1960 “*Make love not war*”⁴³.

Através do Vencedores por Cristo, o universo cristão protestante brasileiro teve contato com uma nova musicalidade, mais jovem e mais inovadora, que trazia ritmos e instrumentos até então ausentes nas canções a que aqueles cristãos estavam acostumados. Entre as inovações, estavam um estilo mais pop/rock acústico, presente nos primeiros compactos, passando por uma regravação da *Field Call*⁴⁴ ‘*Roll, Jordan, Roll*, que faz referência ao Rio Jordão, e gravada em inglês em 1970. No LP ‘Se eu fosse contar...’, de 1973, os Vencedores por Cristo apresentam a canção ‘Algo mais’, um samba de autoria de Wolô⁴⁵. O Ministério Vencedores por Cristo abriu muitos caminhos por onde outros puderam passar depois com sua arte.

Um grande marco na música evangélica é o lançamento pelos Vencedores por Cristo (VPC) do LP ‘De vento em popa’, em 1977. Antes, havia nos trabalhos do

Couto, publicado pela editora das Assembleias de Deus, em que tenta associar o rock ao satanismo em geral associando o comportamento e o discurso de músicos seculares de rock como argumento do mal provocado pelo estilo. Cf.: COSTA, et al. **A Mensagem Oculta do Rock**. Rio de Janeiro: CPAD, 1987. 160p.

⁴² Jaime e Judith Kemp chegaram ao Brasil em 1967 enviados pela Associação Billy Graham, e em 1968, já trabalhando com a SEPAL fundaram o Projeto7, já que era o sétimo projeto ministerial dos Kemp, que pouco tempo depois passou a se chamar Vencedores por Cristo. Jaime Kemp permaneceu na liderança do Vencedores por Cristo até 1978, quando a condução dos trabalhos passou a ser totalmente brasileira. Cf.: <https://www.vencedoresporcristo.com.br/biografia/> acesso em 30 de maio de 2021.

⁴³ BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. **hippie**. *Encyclopedia Britannica*, 19 Oct. 2022, disponível em: <https://www.britannica.com/topic/hippie>. Acesso em 05 de dezembro de 2022.

⁴⁴ Cântico de campo de negros norte-americanos escravizados no século XIX

⁴⁵ Wolodymir Boruszewski, o Wolô, é engenheiro aeronáutico, pesquisador, professor universitário, cantor, compositor, violonista e arranjador, mestre em meteorologia pelo INPE e doutor em Engenharia Aeronáutica, na área de Estruturas e Mecânica dos Sólidos, pelo ITA. Atualmente, é professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

VPC muitas canções americanas traduzidas e adaptadas para o português. O álbum ‘De vento em popa’ trouxe a novidade de ter as canções desse álbum todas compostas e produzidas por brasileiros como Aristeu Pires, Sérgio Pimenta, Artur Mendes, Guilherme Kerr, Nelson Bomilcar e Ederly Pinheiro Chagas. Suas composições tinham ênfase em ritmos tipicamente brasileiros como MPB e Bossa Nova. Esse LP foi, em 2015, escolhido por críticos evangélicos como o maior de toda a história da música cristã brasileira.⁴⁶ Foi um álbum muito contestado na época de seu lançamento, Jorge Camargo conta que “alguns pastores chegaram a quebrar os LPs da obra como sinal de protesto.”⁴⁷

O Vencedores por Cristo não foi uma banda de rock propriamente dita, mas apresentou uma nova musicalidade às juventudes cristãs brasileiras, o que já era motivo de bastante controvérsia àquele tempo. As resistências foram sendo vencidas aos poucos e ao final da década de 1960 e por toda a década de 1970, muitas de suas canções estavam sendo cantadas nos cultos das igrejas por jovens que mais tarde iriam ser os fundadores das primeiras bandas de rock gospel brasileiras.

2.1.3 Ousadia censurada

O título de pioneira entre as bandas de rock gospel no Brasil cabe à banda Êxodos. Formada na Igreja Batista de Vila Bonilha em São Paulo por Edson (bateria), Lucas (violão, guitarra base e vocal), Osny (guitarra solo e vocal) e Osvair (baixo e vocal). Os principais compositores eram os irmãos Osny e Osvair Agreste. São eles os autores do grande clássico ‘Galhos Secos’, regravação por muitos outros artistas nas décadas seguintes⁴⁸.

⁴⁶Cf.: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_dos_100_maiores_%C3%A1lbuns_da_m%C3%BAsica_crist%C3%A3_brasileira_pelo_Super_Gospel. Acesso em 30 de maio de 2021.

⁴⁷ CAMARGO Filho, Jorge Geraldo. **De vento em popa: fé cristã e música popular brasileira**. 2005. 85f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.

⁴⁸ O grupo Som Maior gravou em 1980, no álbum ‘Ele é a Razão de Viver’ a versão que tornou essa canção conhecida, já que Osny e Osvair Agreste fizeram parte do Som Maior por um tempo. A banda Catedral fez uma versão mais rock no álbum ‘Está Consumado’ de 1993, sem que constasse no encarte original do LP duplo a autoria dos irmãos Agreste. Em 2012, os irmãos Jefferson e Suellen Barbosa de São Paulo fizeram um vídeo caseiro cantando ‘Galhos Secos’ que teve milhões de visualizações na internet, trazendo a canção de novo para a mídia, mas sem nenhuma menção aos compositores. Cf.: MONTEIRO, Andreza. **Por onde andam os irmãos do “Para Nossa Alegria”?**.

A banda era formada pelos mesmos jovens que se apresentavam nos cultos regulares da Igreja em que eram membros, ainda com o nome de grupo Nova Vida. De 1973 a 1976, eles tocaram não apenas os louvores congregacionais, mas incluíam no repertório canções de sua própria autoria. Quando começaram a tocar rock mais pesado a partir de 1976, os ensaios no templo começaram a incomodar a vizinhança. Uma dessas vizinhas, Ana Belini, então com 44 anos, ameaçou chamar a polícia para resolver a questão. Antes que a ameaça se tornasse concreta e a igreja se visse tendo que prestar esclarecimentos às autoridades em tempos de repressão, o pastor Samuel de Andrade decidiu que o melhor a fazer seria proibir os ensaios e as apresentações da banda. Além disso, convidou os integrantes a deixarem a membresia da igreja. Os instrumentos musicais e amplificadores foram levados para o porão da casa de um amigo.

Em entrevista à Revista Veja, Osni avisa que tentaria conseguir uma gravadora para a gravação de um álbum já no ano seguinte⁴⁹. Entretanto, o sonho de lançar um álbum da banda Êxodos não foi realizado até o lançamento de um álbum gravado e distribuído de modo independente em 2006.

A experiência frustrada da banda Êxodos não foi suficiente para impedir que em anos seguintes outras bandas surgissem (mesmo que essas bandas nem soubessem da existência da Êxodos). Uma das mais relevantes até hoje, e pioneira em gravação, shows e alcance das juventudes cristãs foi o Rebanhão, idealizada por Janires Magalhães Manso.

2.1.4

O Rock entra na igreja

Janires nasceu em Vitória, capital do Espírito Santo em 22 de maio de 1953. Foi abandonado pelo pai, tendo sido criado pela mãe. Mudaram-se para Brasília, onde fervia um cenário musical muito importante no rock nacional, e desde lá Janires esteve envolvido com a música. A partir dos 12 anos envolveu-se também com drogas, tendo sido usuário de drogas dos 12 aos 19 anos. Para financiar o próprio vício, começou a traficar drogas nas proximidades da UnB, que era perto

Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/irmaos-para-nossa-alegria> acesso em 26 de setembro de 2021.

⁴⁹ **Rock proscrito**. Revista Veja, 17 de novembro de 1976. p. 74.

de sua casa. Foi preso, mas conseguiu cumprir sua pena num programa de auxílio a dependentes químicos chamado Desafio Jovem⁵⁰. Lá, ele e sua mãe Luzia converteram-se ao cristianismo. É no Desafio Jovem onde Janires começa a compor suas primeiras canções cristãs.

Ao sair do Desafio Jovem, em 1975, Janires tem uma recaída nas drogas e a então coordenadora do Desafio Jovem, Arlete Batista Ferreira, o avisa que está de mudança para a unidade do Desafio Jovem em São Paulo e deixa com Janires o endereço. Após sua mãe descobrir drogas em suas roupas, Janires decide encontrar Arlete em São Paulo. Na capital paulista ele tem contato com a Igreja Cristo Salva liderada pelo Pastor Cássio Colombo⁵¹. É nessa fase que surge a primeira formação do Rebanhão com músicos que mais tarde fizeram parte de outras bandas influentes, como os irmãos Jerubal e Jeziel Liasch, que formaram a Banda Rara.

A Igreja Cristo Salva foi um lugar de ajuntamento de jovens das mais diversas origens, e berço de muitas bandas que fizeram história no rock gospel brasileiro. As bandas mais influentes de São Paulo daquele tempo passaram pela Cristo Salva, onde Janires era baixista no grupo de louvor. Muitos músicos, membros de outras igrejas frequentavam as programações promovidas pela juventude da Cristo Salva atraídos por sua música contextualizada. Quase todos os músicos e promotores que se destacaram nos primórdios do Gospel brasileiro em algum momento passaram por lá.

A história da igreja Cristo Salva começa quando o empresário Cássio Colombo se converteu no final de 1968. Envolvido em problemas financeiros, Cássio encontrou paz na mensagem do Evangelho. Ele e sua esposa Noeli começaram a evangelizar outras pessoas à sua volta e com isso atraíram a atenção de muitos jovens, em sua maioria *hippies*, que por não se identificarem com as igrejas tradicionais, buscavam ajuda na casa de ‘Tio’ Cássio e ‘Tia’ Noeli, como eles ficariam conhecidos. Cássio começou então uma reunião às segundas-feiras,

⁵⁰ O Desafio Jovem é um programa de recuperação e jovens viciados em drogas e álcool. Vinculado ao *Teen Challenge*, que foi fundado em Nova York em 1958 por David Wilkerson, autor do *best seller* ‘A Cruz e o Punhal’. Wilkerson visitou o Brasil em 1972, quando o Desafio Jovem iniciou suas atividades em terras brasileiras. Cf.: <https://desafiojovemdobrasil.com.br/historia/acesso> em 19 de setembro de 2021.

⁵¹ Arlete atualmente mora na Espanha e contou essa história num tributo a Janires transmitido online pelo YouTube e que pode ser visto em: <https://www.youtube.com/watch?v=pNvm5ZIBtQ4>. Acesso em 16 de setembro de 2021.

no bairro de Moema em São Paulo. Rapidamente as reuniões ficaram cada vez mais concorridas, reunindo centenas de jovens⁵².

Com a ordenação de Cássio ao Ministério Pastoral, aquele grupo era oficialmente a Igreja Cristã Evangélica Independente de Indianápolis. Mas entre os frequentadores, o pastor era o Tio Cássio, e aquela igreja era a Cristo Salva. O nome surgiu de forma curiosa: Alex Dias Ribeiro era piloto e competiu em diversas modalidades do automobilismo internacional, chegando inclusive a disputar grandes prêmios de Fórmula 1 entre 1976 e 1977. Ele frequentava a igreja e divulgava a mensagem de salvação do Evangelho com as frases ‘*Jesus Saves*’ ou ‘Cristo Salva’ pintada na lateral de seus carros. A igreja frequentada pelo piloto que divulgava essa mensagem ficou conhecida pelo *slogan* popularizado por seu frequentador famoso. Alex cedeu os direitos da frase e da logo criadas para a igreja. Ele foi homenageado por Janires na música ‘Alex, o baixinho voador’ lançada no álbum Janires e Amigos, que foi o primeiro álbum evangélico gravado ao vivo no Brasil⁵³.

Uma das pioneiras na aceitação da guitarra e da bateria nos cultos, a Igreja Cristo Salva atraía jovens não-cristãos e muitos jovens cristãos de outras igrejas que gostavam do clima informal das reuniões que ocorriam em um espaço onde antes eram duas casas e que foi adaptado para ser o templo. Foi esse espaço de acolhimento, informalidade e liberdade que recebeu Janires e onde teve início a primeira formação do Rebanhão, ainda que esse fosse apenas o embrião da grande banda que viria a ser mais tarde.

2.1.5

O pioneirismo da banda Rebanhão

Em 1979, Janires se mudou para o Rio de Janeiro, passando a frequentar a Igreja Presbiteriana de Copacabana. Lá ele conheceu Pedro Braconnot, juntos, eles assistiram a um ensaio com os músicos Paulo Marotta, Kandel Rocha e André Marien, que prontamente foram convidados a integrar a nova formação do

⁵² Cf.: <https://www.igrejacristosalva.com.br/itupeva/matriz/nossa-historia> acesso em 30 de maio de 2021.

⁵³ A gravação aconteceu em 14 de dezembro de 1984 no Auditório da Rádio Boas Novas no Rio de Janeiro, sendo o álbum lançado no ano seguinte.

Rebanhão. Com a posterior saída de Marien, Carlinhos Félix completou a formação original.

O Rebanhão gravou o primeiro álbum, 'Mais doce que o Mel', em 1981. Trazia diferentes ritmos musicais. Além do rock característico, o álbum contava com críticas sociais como em um baião também chamado 'Baião' e em um choro sob o título de 'Casinha'. O álbum de estreia do Rebanhão foi lançado pela Gravadora e Livraria Doce Harmonia, a mesma gravadora de artistas tradicionais do meio evangélico como os cantores Ozéias de Paula, Luiz de Carvalho e a dupla Otoniel e Oziel⁵⁴.

Praticamente tudo naquele álbum virou polêmica, desde a suspeita de que havia mensagens subliminares nas faixas, o uso dos ritmos brasileiros que eram contestados (e em alguma medida ainda são), o uso de guitarras elétricas com pedais de distorção, a crítica às letras de Janires e até a capa que teve de ser refeita, já que na primeira versão da capa Janires aparecia de camisa aberta, com os pelos do peito à mostra. Na segunda versão, um triângulo preto com uma borda que lembra um filme fotográfico foi usado para tapar parte da foto, deixando só o rosto de Janires à vista.

Apesar de toda polêmica, a repercussão causada por esse álbum foi enorme, tendo influenciado a formação de outras bandas de rock em outras igrejas do Rio de Janeiro. Apesar do movimento que ocorria em São Paulo, e que só veio a ser conhecido pelas demais bandas tempos depois, a influência da inovação dos Vencedores por Cristo e o rock tocado nas rádios pelo Rebanhão deram ânimo ao movimento de rock evangélico no Rio de Janeiro.

2.1.6

Um movimento rock na igreja brasileira

A Cosmovisão Cristã de linha neocalvinista foi um dos fatores que facilitou a aceitação de bandas de rock gospel nas igrejas tradicionais do Rio de Janeiro. Como afirma Ramlow:

Os neocalvinistas compreendiam que o avanço humano na cultura e na sociedade é algo positivo. Esse avanço seria uma resposta ao mandato cultural (...). A base e a

⁵⁴ Otoniel e Oziel eram irmãos de Ozeias de Paula. Muito influentes entre os evangélicos na fase da música evangélica anterior ao Gospel. Faleceram em 1976 em acidente automobilístico quando voltavam de uma conferência evangelística. Cf.: <http://www.cpadnews.com.br/universo-cristao/32450/40-anos-da-morte-de-otoni-el-e-oziel.html>. Acesso em 16 de junho de 2021.

compreensão do mandato cultural está no relato da criação em Gênesis. O ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus e recebe a ordem para desenvolver a cultura⁵⁵

Além do Rebanhão, cuja formação carioca nasceu na Igreja Presbiteriana de Copacabana, outras importantes bandas evangélicas de rock foram criadas em ambiente neocalvinista presbiteriano: o Catedral, surgido em 1988 formado por membros da Igreja Presbiteriana de Nilópolis e o Fruto Sagrado, formado no mesmo ano por jovens que faziam parte da Igreja Presbiteriana Betânia em Niterói. Enquanto em São Paulo, o epicentro do movimento era a Igreja Cristo Salva do Tio Cássio, tendo se deslocado posteriormente para a Igreja Apostólica Renascer em Cristo, como veremos mais à frente.

Muitas bandas surgiram naquele tempo em outras partes do Brasil. Mas nem todas tiveram a amplitude, o reconhecimento, a presença nos eventos realizados em diversos estados, a participação na mídia evangélica e mesmo na grande mídia brasileira. Não havia ainda a internet, e as coisas que aconteciam no eixo Rio-São Paulo eram as mais comentadas Brasil afora. Isso explica por que as bandas de Rio e São Paulo em pouco tempo estavam gravando discos, levando o Evangelho (que era de fato o interesse original da maior parte dos músicos), e ao mesmo tempo juntando em torno de sua música, uma multidão de fãs cristãos que gostavam de rock e que agora encontravam bandas que falavam de fato sua língua: faziam rock cristão cantado em português.

O surgimento de bandas isoladas e eventuais reuniões dessas bandas em eventos de evangelização pelo Brasil era o prenúncio de que algo grande estava para acontecer. Todo esse ajuntamento de talentos e pessoas, além de todo o potencial de disseminação de conteúdo, mensagem, e claro, geração de receita, foi muitíssimo bem aproveitado num movimento que ficou conhecido como ‘Movimento Gospel’, que deu maior visibilidade às bandas e proporcionou que a música produzida pelas bandas evangélicas de rock pudesse chegar a mais pessoas.

As bandas ganharam visibilidade e foram muito importantes no Movimento Gospel. Eram grandes vendedores de discos e as atrações mais aguardadas nos grandes festivais, em geral, eram os últimos a se apresentarem para manter o público presente ao evento até o final. O Movimento Gospel deu a eles aquilo que

⁵⁵ RAMLOW, Rodomar Ricardo. **O neocalvinismo holandês**: autores e temas. In: Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. p. 1708.

toda banda de rock visionária sonha desde os primeiros ensaios: poder levar sua mensagem para o maior número de pessoas possível.

2.2

O Movimento Gospel no Brasil

O Rebanhão já estava fazendo seu som na estrada há alguns anos, sendo referência para muitas bandas e músicos iniciantes e, claro, causando controvérsias entre os mais conservadores. Havia alguma coisa acontecendo no universo evangélico, mas ainda não havia um padrão ou alguma estrutura que organizasse tudo isso sob um mesmo guarda-chuva, foi isso que o Movimento Gospel brasileiro fez.

2.2.1

O que chamamos de “gospel”

Antes de nos aprofundarmos no que foi o Movimento Gospel, é preciso que se faça uma distinção importante entre aquilo que é conhecido como Gospel no Brasil, que é bem diferente do que é chamado de Gospel nos Estados Unidos. Magali Cunha explica que:

Gospel (“Evangelho”, no inglês) é o termo originado nos Estados Unidos, onde é comumente utilizado para classificar a música religiosa moderna ou a Música Contemporânea de Igreja (Contemporary Church Music/CCM). Na origem, porém, o gospel dizia respeito não a toda música religiosa contemporaneizada mas a um tipo nascido no início do século XX em comunidades negras. As raízes deste gênero musical encontram-se nos “*negro spirituals*”, que estão na base de toda música negra estadunidense, no *blues*, no *ragtime* e nas músicas religiosas populares do movimento urbano do *revival* (“reavivamento”) do século XIX.⁵⁶

Já no Brasil o Gospel não se referia a um estilo musical, mas a um movimento.

Jacqueline Z. Dolghie diz o que é o Gospel Brasileiro:

Não se trata do gospel que remete a um contexto histórico-social e a um estilo musical bem definidos. Antes, o gospel brasileiro refere-se a toda e qualquer canção que “fale de Deus”, seja qual for o estilo estético musical adotado. Assim, há que considerar como música gospel desde o rock até o baião⁵⁷.

⁵⁶ CUNHA, Magali do Nascimento. **Vinho novo em odres velhos**: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese (Doutorado) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2004. p. 118

⁵⁷ DOLGHIE, Jacqueline Z. **O gospel da Renascer em Cristo e suas relações com o campo protestante brasileiro**. Ciências da Religião – História e Sociedade, ano 3, Nº 3, 2005. p. 70.

É impossível falar do fenômeno do Gospel no Brasil sem fazer menção à Igreja Apostólica Renascer em Cristo. A própria marca ‘Gospel’ no Brasil é uma propriedade da Fundação Renascer, ligada à Igreja Renascer em Cristo⁵⁸.

A Igreja Apostólica Renascer em Cristo foi fundada na cidade de São Paulo, no ano de 1986 pelo casal Estevam e Sônia Hernandes. Estevam teve sua origem cristã na Igreja Pentecostal de Nova Vida e Sônia na Igreja Presbiteriana. Ambos frequentaram por um tempo as reuniões das segundas-feiras da Igreja do Tio Cássio. Na época em que iniciaram o trabalho que viria a se tornar a Igreja Renascer, o casal frequentava a Igreja Cristã Pentecostal da Bíblia, no bairro do Jabaquara em São Paulo. A esse tempo, Estevam era profissional da área de marketing, tendo realizado projetos em grandes empresas como Itautec e Xerox do Brasil⁵⁹.

As reuniões daquilo que um dia viria ser a Renascer começaram de modo informal, na sala da casa dos Hernandes, mas à medida que o grupo foi crescendo, outros espaços foram necessários. Primeiro o andar superior de uma pizzaria e depois um horário cedido nas dependências da Igreja Evangélica Árabe de São Paulo⁶⁰. Os cultos eram bastante frequentados pelos jovens. Um deles, Brother Simion, converteu-se numa de suas reuniões, abandonou o vício em drogas e iniciou uma banda na própria Igreja Renascer, a banda Katsbarnea junto com o baterista Marcelo Gasperini e com o baixista Tchu Salomão.

A Renascer transcendeu alguns limites quando por iniciativa de um de seus frequentadores, Antonio Carlos Abbud, foi criado a ‘Terça Gospel’ em 1990. Abbud era dono de uma agência de publicidade e foi, junto com Estevam Hernandes outro profissional da área de publicidade, fundador da gravadora Gospel Records. A gravadora teve papel fundamental na disseminação do Gospel no Brasil.

A Terça Gospel, como o nome sugere, era um evento que acontecia às terças-feiras na tradicional casa de shows Dama Xoc, no bairro de Pinheiros em São Paulo. O termo Gospel ainda não era associado aos evangélicos e fez bastante sucesso divulgando talentos que depois viriam a se tornar bastante conhecidos. Reunia

⁵⁸ Segundo o registro oficial da marca Gospel no Instituto nacional de propriedade Industrial, a marca gospel é propriedade da Fundação Renascer desde 1998, no entanto a Fundação Renascer não tem direito exclusivo ao uso da palavra Gospel. Cf.: <https://busca.inpi.gov.br/pePI/servlet/MarcasServletController?Action=detail&CodPedido=110749>

8 acesso em 21 de setembro de 2021.

⁵⁹ CUNHA, Magali do Nascimento. **Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil**. Tese (Doutorado) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2004. p. 140

⁶⁰ Cf.: <https://www.renascerecristo.com.br/igreja> acesso em 29 de junho de 2021

artistas já bastante conhecidos como João Alexandre, bandas do Rio de Janeiro como o Complexo J, a dupla de bossa nova Edson e Tita Lobo, além dos grupos que se apresentavam na Igreja Cristo Salva: Estação Céu e G3, que por sugestão de Abbud passou a se chamar Oficina G3⁶¹.

O Oficina G3 gravou seu primeiro álbum ao vivo numa Terça Gospel no Dama Xoc em 09 de outubro de 1990, sendo lançado pela Gospel Records. Além desses, a banda Resgate cujos integrantes eram batistas e o, àquela altura, já consagrado Rebanhão também participaram da Terça Gospel. O Rebanhão foi a primeira banda a gravar um álbum pela Gospel Records em 1990⁶².

Com a Terça Gospel fazendo sucesso, e divulgando artistas para a gravadora, a Renascer arrendou a rádio Imprensa de São Paulo, que passou a se chamar Imprensa Gospel, seguindo o modelo de negócio iniciado pela rádio Melodia do Rio de Janeiro, de propriedade do empresário e político Francisco Silva. A Rádio Melodia foi a primeira emissora de FM com programação 100% evangélica no Brasil⁶³.

A Igreja Renascer criou também uma TV Gospel em UHF, que transmitia suas programações e clipes das bandas ligadas à Igreja e à gravadora. Tempos depois o programa Clip Gospel, apresentado por Fernanda Hernandez, era transmitido na Rede Manchete em horário alugado pela Renascer nas madrugadas e, ajudava na profissionalização e na visibilidade dos artistas gospel. A própria Rede Manchete chegou a ser anunciada como vendida à Renascer, mas o negócio não prosperou e a emissora faliu definitivamente.

O Movimento Gospel, que surgiu como uma nova oportunidade de evangelizar e de mostrar arte feita por cristãos para outras pessoas, estava se tornando algo maior. Era um nicho de mercado promissor que muitos artistas estavam interessados em integrar. Em entrevista para o jornal Zero Hora de Porto Alegre, Abbud já previa o que estava por vir:

Nos anos 90 não tem nada mais novo acontecendo em termos de música, o que leva a crer que haverá uma explosão natural, uma moda gospel assim como aconteceu com a MPB nos anos 70 e a música sertaneja nos 90.⁶⁴

⁶¹ MANGA, Luciano. **Meus dias no Oficina G3**. Rio de Janeiro: MK Editora, 2009. p. 25.

⁶² CUNHA, Magali do Nascimento. **Vinho novo em odres velhos**: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese (Doutorado) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2004. p. 141.

⁶³ Cf.: <https://www.melodia.com.br/historia> acesso em 29 de junho de 2021.

⁶⁴ **Os pastores do pop**. Zero Hora, Segundo Caderno, 10 de abril de 1991. p. 3.

Além disso, por estar em evidência nas rádios com ritmos contextualizados, influenciou cada vez mais a música que ia sendo cantada nos cultos nas igrejas evangélicas. Isto se deu não apenas nas igrejas pentecostais e neopentecostais, mas também nas igrejas do protestantismo histórico. Até mesmo as comunidades católicas foram influenciadas. Tudo isto ocorreu apesar dos protestos dos mais tradicionais, como Rolando de Nassau, que durante décadas foi crítico musical do Jornal Batista, e que atribuiu a renovação da liturgia cristã à falta de orientação e de discernimento entre sacro e profano. Em suas palavras:

Tudo isso aconteceu porque os dirigentes musicais da época não exerceram sua função educativa; não ensinaram a juventude a discernir entre música religiosa e música profana. Outro fator foi a conversão de músicos profanos que, rápida e naturalmente, levaram seus ritmos, estilos e instrumentos musicais para o novo ambiente social (as igrejas), onde foram recebidos como atuais e bons.⁶⁵

Entre 1989 e 1999 surgiram vários artistas de todos os estilos musicais possíveis, todos sendo abrigados sob a chancela ‘Gospel’. Muitos já se apresentavam em igrejas, outros eram músicos que se converteram e passaram a usar sua arte para levar adiante a mensagem cristã. Nesse período, o Brasil viu surgir grupos de Axé Music, Pagode, Funk, Soul, Rap, Reggae, Ska, e, o que é o foco dessa pesquisa bandas de Rock voltados para o segmento gospel. Embora essas músicas não fossem utilizadas nos cultos na maioria das igrejas, eram tocadas em festas e shows realizados Brasil afora.

2.2.2

As gravadoras descobrem o mercado gospel

Com o crescimento do mercado e da visibilidade gerada por esses artistas, outras gravadoras foram surgindo e lançando suas novidades. Gravadoras já existentes foram inserindo-se no movimento e lançando seus artistas, casos da MK Publicitá, fundada em 1986, que depois passou a se chamar MK Music. O grupo MK de comunicação era propriedade do político e empresário Arolde de Oliveira. Desse grupo fazia parte a gravadora que foi criada para lançar os trabalhos gravados

⁶⁵ NASSAU, Rolando de. **Toda Música Sacra é Religiosa, Mas Nem Toda Música Religiosa é Sacra**. Revista Ultmato, n. 333 (novembro-dezembro de 2011), p. 46

pela já renomada cantora Marina de Oliveira, filha de Arolde⁶⁶. A MK Music se tornou a maior gravadora de música gospel no Brasil a partir dos anos 2000.

A cantora Aline Barros, talvez o maior nome de todo o Gospel Brasileiro⁶⁷, vendeu mais de 7 milhões de discos pelo mundo e conquistou 8 *grammies* latinos entre 2004 e 2020, teve também sua própria gravadora, a AB Records, dirigida por seu pai, o músico e pastor Ronaldo Barros.

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), liderada por Edir Macedo lançou sua gravadora em 1991, a *Line Records*, que a princípio lançava os artistas ligados à IURD, mas embarcou no mercado gospel e lançou muitos outros artistas ao longo dos anos. Outras igrejas neopentecostais seguiram seu exemplo.

A Igreja Internacional da Graça de Deus, liderada por R. R. Soares, criou a Graça Music em 1999. A Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, liderada por Silas Malafaia também tem sua gravadora, a Central Gospel, fundada em 2005, ramificação da editora de mesmo nome que lança, entre outros títulos, os livros publicados por Malafaia.

As gravadoras que já lançavam artistas evangélicos antes do Movimento Gospel ganhar terreno no Brasil continuaram seu percurso, mas tiveram dificuldades de competir com as gravadoras que surgiam voltadas exclusivamente para produzir e lançar música gospel. Assim, foi diminuindo o espaço de gravadoras como Bompastor, que lançou o último disco gravado por Janires com a Banda Azul, ‘Espelhos nos Olhos’, lançado postumamente poucos meses depois do acidente fatal que vitimou o músico⁶⁸. A Bompastor lançou também o primeiro álbum da banda Fruto Sagrado em 1991⁶⁹. A mesma dificuldade foi enfrentada pela gravadora Doce Harmonia que lançou o primeiro álbum do Rebanhão em 1981⁷⁰.

Outras gravadoras embarcaram no sucesso que fazia a música gospel, caso da Polygram, que já havia lançado um álbum do Rebanhão em 1986, e depois que se tornou Universal Music tem artistas gospel como Eli Soares, Israel Salazar, Pregador Luo e Renascer Praise em seu elenco⁷¹.

⁶⁶ Cf.: <https://aroldedeoliveira.com.br/biografia/> acesso em 05 de dezembro de 2022.

⁶⁷ Cf.: **O milionário mundo da música gospel**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/o-milionario-mundo-da-musica-gospel/> acesso em 28 de junho de 2021.

⁶⁸ SOUSA, Salvador. **História da música evangélica no Brasil**. São Paulo: Ágape, 2011. p.93

⁶⁹ SOUSA, Salvador. **História da música evangélica no Brasil**. São Paulo: Ágape, 2011. p.181

⁷⁰ SOUSA, Salvador. **História da música evangélica no Brasil**. São Paulo: Ágape, 2011. p.108

⁷¹ Cf.: <https://www.universalmusic.com.br/artistas/> acesso em 17 de setembro de 2021

A Warner Music (novo nome da Gravadora Continental) lançou um selo gospel desde 2017 que teve curta duração. Antes disso a Warner já havia lançado álbuns de artistas Gospel como ‘Por cima dos montes’ (1996) do Rebanhão, ‘Para todo mundo’ (1999), ‘Mais do que imaginei’ (2001) e 15º Andar (2002) da banda Catedral.

A Sony Music tem um selo Gospel que conta com grandes nomes da música cristã como Leonardo Gonçalves, Aline Barros, Fernanda Brum e Thalles Roberto. O selo gospel da Sony Music lançou: os álbuns de canções inéditas ‘Ainda não é o último’ (2010), ‘Este lado para cima’ (2012), ‘No seu quintal’ (2017); e os registros audiovisuais de shows ao vivo ‘Aos Vivos’ (2013) e ‘25 anos’ (2015) e a compilação ‘Pretérito imperfeito mais que perfeito’ (2011) da banda Resgate.

Outra grande gravadora que tem um selo gospel é a Som Livre, gravadora ligada ao grupo Globo, que inclusive inseriu a canção ‘Recomeçar’ de Aline Barros na trilha sonora da novela ‘Duas Caras’ da Rede Globo, exibida entre outubro de 2007 e maio de 2008 no horário nobre da emissora⁷². A partir de 2009, a Som Livre lançou o selo ‘Você Adora’ voltado para o segmento gospel e criou um festival de música gospel chamado ‘Troféu Promessas’ que contava com grandes shows pelas cidades do Brasil e tinha a participação de grandes nomes no mercado gospel. Teve edições realizadas entre 2011 e 2013, e contava ainda com a participação de artistas gospel nos programas da Rede Globo de televisão⁷³.

A música foi um grande elemento de propulsão do gospel, que fez acontecer esse movimento de artistas e gravadoras. Ao mesmo tempo, muitas rádios evangélicas foram surgindo Brasil afora, levando adiante a música gospel e fazendo os artistas ainda mais conhecidos. Geralmente as gravadoras tinham uma espécie de convênio com uma grande rede de emissoras de rádio onde divulgava seus artistas.

O gospel em crescimento avançou muito nos anos 1990, sobretudo a partir da música, num circuito interessante: o artista fazia a canção, a gravadora produzia o álbum, a rádio tocava a música, as igrejas usavam essas músicas em sua programação e todos eram de alguma forma beneficiados. Esse ajuntamento de

⁷² **Trilha Sonora.** Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/duas-caras/noticia/trilha-sonora.ghtml>. Acesso em 05 de dezembro de 2022

⁷³ **Edições.** Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/especiais/festival-promessas/noticia/edicoes.ghtml>. Acesso em 05 de dezembro de 2022

gravadoras, rádios evangélicas e igrejas deu origem a muitos eventos musicais de grandes proporções.

2.2.3

A era dos grandes eventos

Cultos ao ar livre são uma tradição do protestantismo histórico de missão. Salomão Ginsburg, um dos primeiros missionários batistas no Brasil, conta em sua autobiografia diversas ocasiões em que fez pregações e cantou suas canções em lugares públicos, como a marcante ocasião em que realizou um culto ao ar livre na Praça da República, no Rio de Janeiro em 1889, pouco tempo depois de proclamada a república no Brasil⁷⁴. Billy Graham lotou o estádio do Maracanã no Rio de Janeiro (em 1960 e 1974) e o estádio do Pacaembu em São Paulo (1962)⁷⁵ em apresentações que reuniam um grande coral.

Ao longo do tempo, as coisas foram ficando cada vez maiores. Dos eventos nas quadras de escolas, e em praças públicas à Terça Gospel no Dama Xoc foi uma grande evolução. Muito mais estava por acontecer. Em 1991, a Igreja Renascer lançou um Festival de música chamado SOS da Vida, que tinha caráter beneficente (o objetivo era arrecadar recursos para as obras assistenciais da Fundação Renascer) reunia os maiores artistas do gospel nacional e trazia participações de artistas internacionais. Costumeiramente, o SOS da Vida lotava o Ginásio do Ibirapuera em São Paulo.

Em outros lugares também começaram a acontecer grandes eventos. Organizado pela Primeira Igreja Batista da Praia da Costa a partir de 1992, o Jesus Vida Verão acontece durante as sextas-feiras e sábados de janeiro na cidade de Vila Velha no Espírito Santo. Costuma reunir em média 50 mil pessoas nas areias da praia de Itapoã. Conta sempre com grandes nomes do gospel brasileiro, e já teve a participação da banda de rock americana *Third Day* em 2011. No ano de 2002, Aline Barros lançou um disco gravado ao vivo no Jesus Vida Verão.

O Rio de Janeiro foi palco de muitos grandes eventos gospel, como os tradicionais Canta Rio, promovidos pela rádio e gravadora do Grupo MK de

⁷⁴ GINSBURG, S. L. **A wandering jew in Brazil**. Nashville: Sunday School Board of Southern Baptist Convention, 1922. p. 45.

⁷⁵ Cf.: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,publico-lotou-pacaembu-para-ouvir-billy-graham-,13133,0.htm> . acesso em 29 de setembro de 2021.

Comunicação que inicialmente acontecia no gramado da Quinta da Boa Vista, o mesmo espaço onde Janires já havia feito alguns cultos evangelísticos ao ar livre. Posteriormente transferido para a Praça da Apoteose, o Canta Rio foi realizado a partir de 1993. O mesmo grupo promoveu o Canta Brasil 500 no feriado de 21 de abril de 2000, e contou com 180 mil pessoas no estádio do Maracanã em evento com vários artistas gospel, com encerramento da banda Oficina G3, que tinha sido recém-contratada pela MK Music.

Um dos eventos com mais edições realizadas e recordista de pessoas participantes é a Marcha para Jesus, uma passeata onde as pessoas caminham por um certo trecho de via pública, animados por trios elétricos e que se concentram em um espaço em que há um palco onde os artistas se apresentam. Há ainda pequenas pregações de lideranças evangélicas e a presença de políticos que apoiam o evento buscando arregimentar votos nas próximas eleições.

A Marcha para Jesus teve origem em Londres, onde começou a ser realizada em 1987. A primeira edição brasileira foi realizada em 1993, sob a liderança da Igreja Renascer em Cristo, quando aproximadamente 100 cidades brasileiras fizeram sua própria Marcha para Jesus. Ao longo dos anos, a Marcha para Jesus foi crescendo em popularidade, importância e número de pessoas participantes. Em 2019, os organizadores estimaram o público em 3,5 milhões de pessoas só na edição realizada na cidade de São Paulo.

2.2.4

O mercado influencia o culto

Não foi apenas fora dos templos das igrejas evangélicas que o Movimento Gospel teve sua influência. Um dos efeitos desse movimento foi fazer com que grupos de louvor congregacional ganhassem projeção nacional. Uma vez que o público consumidor frequentava os cultos das igrejas, era necessário que fosse oferecido algum produto que pudesse ser utilizado também nos cultos.

Com a chegada dos movimentos paraeclesiásticos, surge um novo tipo de música entre as juventudes brasileiras, os corinhos. Letras curtas e melodias simples que logo eram memorizadas. O pioneiro entre os evangélicos brasileiros em gravação de LPs foi Luiz de Carvalho, é dele também a ousadia de pela primeira vez introduzir o violão na igreja “numa época em que somente o órgão tinha acesso

livre”⁷⁶. Foi com o surgimento dos Vencedores por Cristo que a música congregacional foi ganhando cada vez mais elementos novos, estilos e musicalidade. Grupos e cantores de louvor congregacional como Asaph Borba já estavam há tempos na estrada. A eles foram se juntando Adhemar de Campos e o Ministério Koinonia de Louvor.

Um evento que sempre lançava novas canções era a Vigília de Bento Ribeiro, realizada ao ar livre no Rio de Janeiro desde meados dos anos 1980. Foi idealizada por Janires e reunia milhares de jovens em suas edições. Após a mudança de Janires para Belo Horizonte⁷⁷, Marcos Góes que era membro da banda da Vigília assumiu a liderança do louvor e gravou álbuns ao vivo das edições da Vigília. As músicas lançadas na Vigília e nas Comunidades Evangélicas eram cantadas em igrejas evangélicas Brasil afora.

Com o advento do Movimento Gospel, os ministérios de louvor ganharam proporções gigantescas. Dois dos mais destacados grupos de louvor congregacional do meio gospel são o Renascer Praise e o Ministério Diante do Trono, embora muitos outros tenham surgido a partir da explosão desses grupos na mídia evangélica.

O Renascer Praise é um projeto da Igreja Renascer capitaneado por Sônia Hernandez. Surgido em 1993, já lançou mais de 20 álbuns e contou ao longo de sua história com a participação de todos os grandes artistas gospel que foram vinculados à Igreja Renascer, tanto na composição das canções quanto nas gravações, que geralmente são feitas ao vivo.

Um dos maiores fenômenos da música gospel congregacional no Brasil é sem dúvida o Ministério de Louvor Diante do Trono, surgido na Igreja Batista da Lagoinha de Belo Horizonte, liderado por Ana Paula Machado Valadão Bessa, filha mais velha do pastor da igreja. Tendo lançado seu primeiro álbum em 1998 com o título de Diante do Trono, o grupo, que ainda se identificava pelo nome da Igreja Batista da Lagoinha, assumiu o título do álbum como nome do Ministério dali por diante. Seu sucesso arrebatador reuniu 2 milhões de pessoas no dia 12 de julho de 2003, durante a gravação do álbum ‘Quero Me Apaixonar’ no Aeroporto Campo

⁷⁶ BAGGIO, Sandro. **A Revolução da música gospel**: um avivamento musical em nossos dias. São Paulo: Êxodus, 1997. p.70

⁷⁷ SOUSA, Salvador. **História da música evangélica no Brasil**. São Paulo: Ágape, 2011. p.115

de Marte em São Paulo. As músicas do Renascer Praise e do Diante do Trono são cantadas em várias igrejas evangélicas do Brasil durante os cultos de domingo.

2.2.5

O “desembarque” dos pioneiros do Movimento Gospel

Depois de todo o sucesso motivado pelo mercado gospel, foi experimentado um processo natural de desgaste dentro do próprio movimento. A ideia que regulava todo o contexto era bem diferente daquela que motivou seu início. O mundo mudou bastante, e a igreja evangélica brasileira também, com isso, o gospel que começou como um movimento que reuniu artistas cristãos com a intenção de evangelizar, já era muito diferente do que havia sido no início.

Toda essa processo inicia-se de maneira mais evidente no final do século XX, permanecendo pelas primeiras décadas deste século e tem se caracterizado por transformações no campo sociopolítico-econômico-cultural-religioso, fortemente influenciadas pelo capitalismo globalizado e são um fruto direto da consolidação das culturas midiáticas e urbana, características da modernidade.⁷⁸

A inserção cada vez maior da Teologia da Prosperidade no contexto neopentecostal brasileiro em franco crescimento, a necessidade mercadológica de fazer a arte feita por cristãos atender às demandas do público consumidor, uma perspectiva cada vez mais focada no nicho consumidor evangélico em vez de experimentar e comunicar a mensagem a pessoas não cristãs, foram alguns dos fatores que desgastaram a imagem do Movimento Gospel e que fizeram com que muitos artistas repensassem os rumos de suas próprias carreiras.

Todo o crescimento numérico dos evangélicos em meio à expansão do gospel brasileiro trouxe consigo escândalos que ajudaram a minar a credibilidade do movimento evangélico como um todo. Para continuar sendo relevante em meio a tantos estragos, era necessário um distanciamento. Como aponta o jornalista Ricardo Alexandre em matéria da revista Época em 2010:

Dentro do próprio meio, levantam-se vozes críticas a esse crescimento. Segundo elas, esse modelo de igreja, que prospera em meio a acusações de evasão de divisas,

⁷⁸ CUNHA, Magali do Nascimento. **Vinho novo em odres velhos**: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Tese (Doutorado) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2004. p. 14-15

tráfico de armas e formação de quadrilha, tem sido mais influenciado pela sociedade de consumo que pelos ensinamentos da *Bíblia*.⁷⁹

Uma das características dos pioneiros do Movimento Gospel é o uso de uma linguagem mais direta do que a tradicional música evangélica. O foco não era fazer uma música de louvor a Deus, mas uma música que pudesse apresentar quem é Deus às pessoas. O gospel foi visto pelos primeiros artistas como uma estratégia capaz de tirar a música cristã de dentro das igrejas e colocá-la nas ruas. A ideia inicial desses músicos era que a música fosse um meio de evangelização, por isso a ideia de usar o nome gospel em vez de evangélico tenha sido tão bem aceita entre os artistas no começo, porque tirava a imagem de ‘música de crente’.

De fato, o Movimento Gospel deu visibilidade à música feita por cristãos e fez com que muitas pessoas pudessem ouvir sua mensagem. Por outro lado, por ter se tornado um nicho de mercado bilionário⁸⁰, precisou atender à demanda dos consumidores e produzir aquilo que o público queria ouvir. Assim, a criatividade foi dando lugar a repetições de fórmulas de sucesso e, algo que desde sempre existiu que eram as versões em português de músicas internacionais, se tornaram ainda mais frequentes. Saímos de versões extremamente cuidadosas como a que Janires deixou registrada em ‘Janires e amigos’ de ‘What a difference you’ve made in my life’ de Archie Jordan que em português ganhou o título de ‘Jesus Cristo mudou meu viver’ e a versão de ‘Jesus is Love’ de Lionel Ritchie gravada pelo Rebanhão com o título traduzido ‘Jesus é amor’, para meras imitações com tradução duvidosa e de arranjos com qualidades questionáveis.

Tendo o Movimento Gospel se transformado em segmento de mercado, e acompanhando a tendência, as igrejas de linhas neopentecostais foram cada vez mais se tornando igrejas divulgadoras da Teologia da Prosperidade, vivendo uma tendência expansionista tanto em número de templos e arrecadação financeira como em sua influência político-eleitoral⁸¹.

⁷⁹ ALEXANDRE, Ricardo. **A nova reforma Protestante**. Disponível em <https://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT161475-15228-161475-3934,00.html>. acesso em 15 de março de 2023.

⁸⁰ **Música Gospel movimenta um mercado de R\$ 2 bilhões por ano**. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/economia/pernambuco/noticia/2018/01/28/musica-gospel-movimenta-um-mercado-de-r-2-bilhoes-por-ano-325747.php>. Acesso em 27 de junho de 2021.

⁸¹ CUNHA, Magali do Nascimento. **Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil**. Tese (Doutorado) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2004. p. 289

Muitos artistas que participaram ativamente dos primórdios do Movimento Gospel, dele desembarcaram tão logo viram que a música, que deveria ganhar as ruas e divulgar uma mensagem, estava sendo consumida em sua maioria por evangélicos, e que o mercado não deixava muito espaço para que coisas novas pudessem surgir. A época de experimentação havia acabado. Agora havia um perfil de consumidor e o produto a ser oferecido deveria ser do agrado desse público. Com mais igrejas sendo inauguradas e mais pessoas aderindo ao neopentecostalismo, era um mercado em franca expansão.

A cultura religiosa brasileira que era predominantemente católica, em poucas décadas viu o movimento neopentecostal ganhar muito espaço. Hoje os neopentecostais são um contingente expressivo nas estatísticas, embora o nome genérico ‘evangélico’ agrupe desde denominações tradicionais como luteranos, batistas e presbiterianos, pentecostais clássicos como os membros da Assembleia de Deus e todas as variantes do neopentecostalismo⁸². As igrejas e os pastores neopentecostais são cada vez mais influentes no campo político e empresarial. A mensagem propagada pela música gospel no Brasil hoje em grande parte reflete essa tendência.

João Conrado Kneipp, em matéria para o Yahoo Notícias, afirma que:

Uma projeção feita pela Folha de S. Paulo também apontou que até 2032 o número de evangélicos passaria o de católicos caso o índice de crescimento se mantenha igual ao de hoje. Ou seja, em 12 anos será possível termos mais brasileiros adeptos da doutrina evangélica (39,8%) do que da igreja católica (38,6%).⁸³

A crise de identidade do Movimento Gospel, já estava em andamento e se evidenciou no processo de retirada de muitos ícones da música evangélica desse movimento. Caso do cantor e violonista João Alexandre, cuja história começou em

⁸² ALEXANDRE, Ricardo. **Afinal, quem são “os evangélicos”?** disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/afinal-quem-sao-201cos-evangelicos201d-2053/>. Acesso em 06 de dezembro de 2022

⁸³ KNEIPP, João Conrado. **Pentecostais? Neopentecostais? Entenda o 'dicionário' evangélico.** Disponível em: https://br.noticias.yahoo.com/pentecostais-neopentecostais-entenda-o-dicionario-evangelico-090108298.html?guccounter=1&guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuYmluZy5jb20v&guce_referrer_sig=AQAAAJ0oJnL5OnOSONZtsMK0wPFJru72X9FhgIK9T-mz1sD_hnt-IA_AwusZY3zHVRgKncx27ADHivC59PJALCIZyqSqmS20rY6_-fPnhd1oj94PIyIyRqMF9WYZCEsyUo_B8k5jCSUSNN3KxDonP-rgsIJ_-O9FJteFMxL3z7Rdp. Acesso em 15 de março de 2023.

1981, nos grupos Pescador e MILAD antes de sua bem-sucedida carreira solo. Ele anunciou em *post* nas redes sociais seu rompimento com o Movimento Gospel:

Não faço mais parte, definitivamente, nem em número, nem em gênero e nem em grau, do importado movimento "GOSPEL"! Por favor, quando alguém se referir a mim ou ao meu trabalho, não utilize esta forma de me definir e nem me inclua dentro desse "idiotizado" mercado, pelo bem da verdadeira Música Cristã Brasileira e de seus honrados e dedicados compositores, artistas e poetas que, assim como eu, sobrevivem, a duras penas, de seus talentos e trabalhos, nadando na contramão da escravidão imposta pela grande mídia! Simplesmente me chamem de João Alexandre, músico (e olha lá!)⁸⁴

A explicação de João tem a ver com o desvio de percurso acontecido com o movimento ao longo de sua trajetória, que o fez perder a beleza daquilo que era no início. De um movimento de oxigenação da arte cristã, que buscava novos espaços para a evangelização, converteu-se em comércio:

O termo "Gospel" tem uma conotação mercadológica baseada na fama, na grana e na idolatria de artistas, bandas, gravadoras, formatos musicais, mensagens positivistas, entre outras distorções que variam conforme a conveniência dos tempos e dos "bolsos" dos brasileiros, cristãos ou não!⁸⁵

Paulinho Makuko, vocalista do Katsbarnea, a primeira banda surgida no interior da Igreja Renascer, presente desde o início do Movimento Gospel, concorda que o movimento está em declínio, em entrevista para a revista Rolling Stone ele afirma:

Quando a gente começou, não existia o nome 'gospel'. Existia música evangélica, *caretaça* mesmo, um negócio que eu nem sabia que havia. O gospel nasceu, começou a crescer e parou porque voltou a ser música da igreja. O gospel mesmo, no Brasil, não existe.⁸⁶

Embora muitos dos pioneiros do Gospel tenham desistido do rótulo, o mercado continua aquecido e lançando novidades para um público em crescimento. Escândalos ocorridos no neopentecostalismo brasileiro e outras crises não foram suficientes para dar fim àquilo que se tornou um bem-sucedido segmento de mercado. Ao mesmo tempo que artistas mais antigos tentam desvincular-se do movimento, outros vão surgindo e ocupando seus espaços nas gravadoras e nas rádios evangélicas.

⁸⁴ Cf.: <https://musica.gospelmais.com.br/joao-alexandre-rompimento-gospel-meio-baseado-grana-17659.html> acesso em 28 de junho de 2021.

⁸⁵ Cf.: <https://musica.gospelmais.com.br/joao-alexandre-rompimento-gospel-meio-baseado-grana-17659.html> acesso em 28 de junho de 2021.

⁸⁶ ALBUQUERQUE, Filipe. À Espera de Um Milagre. **Rolling Stone Brasil**, p. 28, outubro 2008.

As crises que as gravadoras gospel enfrentaram são explicadas muito mais pelo surgimento da tecnologia de *streaming* do que por falta de ouvintes de seus produtos. Aquelas que não conseguiram meios de se reinventar tiveram muito mais dificuldade. Muitos artistas consagrados preferiram seguir seu caminho de modo independente das grandes gravadoras, lançando suas músicas diretamente em seus canais de *streaming* e disponibilizando a seus fãs.

O próprio conceito de fã, atribuído a quem admira a obra de determinado artista, tem sido contestado por tirar o foco daquilo que era o objetivo inicial: a transmissão da mensagem do Evangelho e colocando no centro do palco sob os holofotes o artista, que se tornou uma personalidade que tem fã clubes, nada diferente de artistas de outros segmentos não religiosos.

A visibilidade dada ao artista e a consequente admiração causada no público gerou uma nova casta de pessoas no meio gospel. Uma das críticas que Keith Green fazia à música evangélica era exatamente essa tendência de pessoas talentosas atraírem as atenções para si mesmas e para sua arte, sem que essa atenção fosse destinada a Deus. Para Keith Green, quando a música servia a esse propósito, era uma música ruim⁸⁷.

Há uma crise de identidade no Movimento Gospel. Passados trinta anos do início do movimento, o que temos hoje como gospel no Brasil não é mais aquilo que se propunha no começo. Aqueles que começaram a caminhada do Gospel já perceberam a mudança e seguem em direções que os desvincule do Movimento Gospel, para que sua música (e a mensagem que ela leva) possa sair do mundo evangélico e ganhar espaço onde estão aqueles que precisam conhecer a mensagem do Evangelho. O nome Gospel surgiu para tirar o rótulo de “música de crente”. Agora que o Gospel se tornou a própria “música de crente”, alguns artistas precisam se reinventar para cumprirem com seus propósitos de comunicar sua mensagem e evangelizar através de sua arte.

⁸⁷ GREEN, Keith. **Can God use Rock Music?** Disponível em: https://lastdaysministries.com/Articles/1000008514/Last_Days_Ministries/LDM/Discipleship_Teachings/Keith_Green/Can_God_Use.aspx. Acesso em 28 de maio de 2021

2.3

O Papel das bandas de Rock no Movimento Gospel

A malsucedida história da Banda Êxodos não chegou a assustar os jovens que queriam fazer uma música contextualizada e que comunicasse a mensagem do Evangelho, que é sempre atual, em uma linguagem que fosse acessível. O Rock brasileiro havia tido um grande momento nos anos 1980 com muitas bandas surgindo e fazendo sucesso em várias partes do Brasil. De norte a sul, o Rock Brasil foi um fenômeno nas rádios, nos *shows* e em vendas de discos. Grandes festivais como *Hollywood Rock* e *Rock in Rio* juntavam multidões de fãs de um mercado em crescimento.

Nos Estados Unidos, músicos como Larry Norman, B.J. Thomas e Andraé Crouch além de bandas como Petra e Stryper já tinham uma carreira consolidada fazendo rock cristão há anos. Esse movimento americano, no entanto, não era muito conhecido no Brasil. A abertura dos movimentos paraeclesiais a outros tipos de música, a influência de bandas de rock internacionais, um cenário de rock importante acontecendo no Brasil, a aceitação de novas linguagens para comunicar o Evangelho em algumas comunidades cristãs, foram as condições que permitiram que bandas de rock evangélicas começassem a surgir.

A grande maioria delas era formada por músicos que estavam incumbidos de tocar as músicas dos cultos regulares na igreja, eram jovens que sabiam tocar um instrumento e que gostavam de ouvir rock em casa. Daí, para que esses jovens formassem bandas de rock com motivação cristã foi um processo natural.

O Rebanhão era a grande referência para essas bandas iniciantes. Durante um bom tempo, foram os únicos crentes que ousavam fazer rock com temática cristã no Brasil. A primeira versão do Rebanhão surgiu na igreja Cristo Salva, em São Paulo, e contava com músicos da própria Igreja Cristo Salva. A primeira apresentação foi em 1979 na Igreja Luterana do Paraíso em São Paulo. Com essa primeira versão paulista, Janires gravou uma fita K7, patrocinada pelo Pastor Pedro Liasch. Ao mudar-se para o Rio de Janeiro, Janires levou algumas cópias da fita para vender.

Foi a formação carioca do Rebanhão que de fato ganhou notoriedade. A banda gravou seu primeiro álbum por uma tradicional gravadora evangélica, a Doce Harmonia, a partir de então ganhou espaço, apesar de todas as polêmicas que

envolviam o rock no Brasil de então. As polêmicas em vez de afastar as pessoas, atraíam a curiosidade daqueles que queriam ver como eram os tais hereges que iriam pretensamente perverter a juventude cristã.

Janires ajudou a desbravar um caminho por onde muitas outras bandas iriam trilhar. O álbum ‘Janires e Amigos’, foi gravado em 1984 para comemorar os 10 anos de conversão de Janires. Esse álbum foi o último de Janires enquanto integrante do Rebanhão, e o primeiro álbum da música cristã brasileira gravado ao vivo.

Nesse álbum, Janires entre várias canções escritas em homenagens a amigos, também gravou uma canção chamada “Arca (Festa de Arromba no céu)”, em que cita diversos artistas nacionais e internacionais dos mais diversos estilos, todos conhecidos no Brasil, cita radialistas e músicos amigos numa canção que lembra ‘Festa de Arromba’ de Erasmo Carlos. Voltaremos a ela no último capítulo.

Logo depois dessa gravação, Janires deixa o Rebanhão e vai para Belo Horizonte onde começa a trabalhar na Mocidade para Cristo (MPC) e a apresentar o programa de rádio ‘Ponto de Encontro’. Lá ele se tornou o líder de louvor da MPC especialmente no ‘Clubão’ que era um culto de evangelismo realizado às segundas-feiras.

2.3.1

As primeiras bandas do rock evangélico brasileiro

A segunda metade da década de 1980 viu nascer uma quantidade significativa de bandas de rock gospel no Brasil, nos mais variados segmentos evangélicos. Em 1985, em Belo Horizonte, a Banda MPC, integrou Janires ao grupo e pouco depois a banda MPC se tornou a Banda Azul. No mesmo ano em São Paulo o terceiro grupo de louvor da Igreja Cristo Salva, começa a tocar rock, liderados pelos vocalistas Luciano Manga e Tulio Regis, e pelo guitarrista Juninho Afram. Posteriormente o Grupo 3 passa a se chamar Oficina G3. No Rio de Janeiro surge a Banda Catedral formada por membros da Igreja Presbiteriana de Nilópolis.

Janires gravou seu último álbum em 1987, chamado ‘Espelhos nos Olhos’ com a Banda Azul. O poeta do rock gospel brasileiro morreu em um acidente de ônibus no percurso entre Rio de Janeiro e Belo Horizonte aos 34 anos, na cidade de

Três Rios-RJ, em 11 de janeiro de 1988. O álbum ‘Espelhos nos Olhos’ da Banda Azul já estava gravado, e foi lançado postumamente em maio de 1988.

Em janeiro de 1988 surge o Katsbarnea em São Paulo, formado por músicos membros da Renascer em Cristo. Em agosto, é formado em Niterói (RJ) o Fruto Sagrado na Igreja Presbiteriana Betânia. É ainda em 1988, que surge em Campinas a banda Rosa de Saron, vinculada à Renovação Carismática Católica na Comunidade Católica Menino Jesus de Praga, no bairro do Cambuí.

Mesmo com a saída de Janires, o Rebanhão não diminuiu sua importância nem seu pioneirismo. Em setembro de 1988, o Rebanhão lança o álbum ‘Um novo dia’ em um show na tradicional casa de shows carioca Canecão.

Das grandes bandas de rock Brasileiro que inauguraram o gospel, o Resgate foi a última a ser formada. Criada em 05 de maio de 1989, por José Antonio Bruno, o Zé Bruno, e Hamilton Gomes, que estudavam guitarra com o mesmo professor. Marcelo Amorim foi convidado para tocar contrabaixo, e Jorge Bruno, irmão mais novo de Zé Bruno, foi convidado para ser o baterista. Eram àquela altura membros de Igrejas Batistas da capital paulista.

Em 1990, com a criação da Terça Gospel, as bandas paulistas começaram a se apresentar na famosa casa de shows Dama Xoc⁸⁸, onde já haviam se apresentado grandes bandas brasileiras como Sepultura, Ratos de Porão, Capital Inicial e RPM, além de bandas internacionais como Ramones e Black Sabbath.

A Terça Gospel foi o elemento aglutinador de muitos estilos musicais e de influências cristãs naquele tempo. Os integrantes das bandas começaram a ter contato com outros músicos que faziam uma música nos mesmos estilos. Aquilo que estava sendo feito de modo espontâneo e espalhado pelo Brasil passou a ganhar um novo formato, bem mais organizado e profissional.

A gravadora Gospel Records, que era a grande patrocinadora do Terça Gospel, começou a lançar álbuns de artistas e apresentá-los ao cenário nacional. Nesse cenário as bandas de rock começaram a ganhar algum espaço. Se o objetivo inicial das bandas era levar a mensagem do Evangelho através do rock, sua música encontrou um grupo grande de cristãos que se identificaram com aquela linguagem e passaram a comprar seus álbuns e frequentar seus shows.

⁸⁸ Hoje a Dama Xoc faz parte das instalações do SESC Pinheiros em São Paulo.

A linguagem diferenciada daquele estilo musical, as letras mais incisivas e o visual característico atraíram pessoas para ouvir aquilo que estava sendo cantado. A mensagem, bastante direta, trazia consigo críticas à estrutura religiosa tradicional, aos problemas estruturais da sociedade e ao sistema político. A postura crítica os diferenciava de muitos dos outros artistas gospel que mantinham uma linha mais espiritual de louvor e adoração.

As bandas de rock evangélicas conseguiram ter acesso a lugares onde outros artistas cristãos não teriam espaço para se apresentar. Festivais de música não voltados apenas para o público evangélico e apresentações em que o Evangelho pode ser transmitido pelas músicas e pela pregação direta com convite à conversão a Cristo.

O primeiro vocalista do Oficina G3, Luciano Manga lembra de eventos em que tocaram em espaços hostis a uma banda de cristãos, como na cidade de Colón no Uruguai quando os músicos enfrentaram além da chuva forte a agressividade de um grupo de *skinheads* que estava presente. A banda continuou sua apresentação até que, ao fim da pregação, no momento do convite à conversão muitos fizeram uma decisão de seguir a Jesus, incluindo alguns *skinheads*. Tempos depois, alguns daqueles jovens foram batizados⁸⁹.

Pedro Geraldo Mazarão, é um cantor evangélico conhecido pelo nome artístico PG. Ele conta em entrevista a Douglas Gonçalves que sua conversão se deu em 08 de fevereiro de 1993 num evento de bandas gospel no galpão da Igreja Renascer em Cristo, na Avenida Lins de Vasconcelos no Cambuci em São Paulo, onde as bandas Oficina G3 e Katsbarnea se apresentaram⁹⁰. Naquela noite, ele se converteu, posteriormente fez parte da banda Corsário e, a partir de 1998, com a saída de Luciano Manga, se tornou o vocalista do Oficina G3, onde ficou até 2003.

2.3.2

A qualidade técnica do rock evangélico brasileiro

Os músicos de rock se destacaram para além das fronteiras do Movimento Gospel. Conseguiram conquistar um lugar de respeito pela qualidade da execução

⁸⁹ MANGA, Luciano. **Meus dias no Oficina G3**. Rio de Janeiro: MK Editora, 2009. p. 74

⁹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IERKG6rVtiA> acesso em 02 de agosto de 2021.

em seus instrumentos. Notoriamente destacado nesse quesito, Juninho Afram, fundador e guitarrista da banda Oficina G3 já foi assunto de capa e de várias matérias em revistas de música voltada para fãs de guitarra, sendo comparado a grandes nomes do rock mundial como Kiko Loureiro, integrante das bandas Angra e Megadeth⁹¹.

O quesito técnico pôs em destaque os irmãos Motta, integrantes do Catedral. Júlio César e seu irmão José César formaram uma das duplas mais virtuosas do cenário de rock nacional, tendo gravado algumas faixas instrumentais em álbuns da banda e um álbum lançado em 1998, chamado ‘Duo Project’ em que apenas duas faixas têm vocais. A dupla promovia um show à parte nas apresentações da banda Catedral. A parceria nos palcos foi encerrada em 2003 com a morte do guitarrista José César em um acidente automobilístico no Rio de Janeiro⁹². Na mesma banda, o irmão mais velho, Joaquim César Motta, o Kim sempre foi apontado pelo público e pela crítica como dono de uma voz que lembra a de Renato Russo, líder da Legião Urbana.

Os álbuns das grandes bandas de rock gospel brasileiras, além de grandes artistas, contaram também com a presença de produtores bastante destacados no cenário musical brasileiro. Paulo Debétio, produtor musical de artistas como Chitãozinho e Xororó, Fafá de Belém e Emílio Santiago assinou a produção musical de ‘Novo dia’ álbum do Rebanhão lançado em 1988.

Rick Bonadio, que ganhou projeção nacional por ser o produtor das bandas Mamonas Assassinas e Charlie Brown Jr., foi o produtor de ‘Brother’, primeiro álbum solo do fundador do Katsbarnea, Brother Simion em 1992. Também produziu ‘Cristo ou Barrabás’ do Katsbarnea, além de ter participado como tecladista em outros álbuns de Resgate e Katsbarnea⁹³.

Outro produtor que esteve sempre presente no cenário rock e que produziu bandas gospel foi Paulo Anhaia, que produziu ‘Asas’ de Brother Simion, ‘Indiferença’ do Oficina G3, ‘Armagedon’ do Katsbarnea, além dos álbuns ‘On the Rock’, ‘Resgate’, ‘Praise’, ‘Eu continuo de Pé’, ‘Este lado para cima’, ‘25 anos’ e

⁹¹ **REVISTA GUITAR PLAYER**, n° 33, Outubro de 2003. Editora Trama. 96p.

⁹² **Morre guitarrista da banda Catedral.** Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/114506/morre-guitarrista-da-banda-catedral>. Acesso em 03 de agosto de 2021

⁹³ Cf.: <http://rickbonadio.com.br/> acesso em 06 de dezembro de 2022.

o *single* 'Fora do Aquário' da Banda Resgate. Fora do cenário gospel, Anhaia é o produtor de vários álbuns da banda CPM 22.

Nos últimos anos, uma nova vertente da música sertaneja ocupou as rádios de todo o Brasil. O sertanejo universitário teve como produtor mais influente no momento de sua ascensão, o mato-grossense Dudu Borges, produtor de Lucas Lucco, Cristiano Araújo, Luan Santana e Michel Teló. Dudu foi tecladista da banda Resgate entre 2002 e 2012, produziu três álbuns da banda e muitos álbuns de bandas gospel como CUSM, Patmus, RM6, Katsbarnea, Praise Machine e Renascer Praise.

2.3.3 Rock a serviço da evangelização

Os shows das bandas de rock gospel, em sua maioria, são marcados por um momento especial de pregação. Com uma maneira dinâmica e uma linguagem acessível ao público de rock, a salvação em Jesus é apresentada e é oferecida uma oportunidade de arrependimento e entrega da vida a Jesus como Salvador pessoal, seguida de uma oração. Terminado esse momento, o rock volta a ressoar até o fim da apresentação. Muitas pessoas ao longo das últimas décadas tiveram uma experiência de conversão ao cristianismo em eventos como esse.

Mesmo com a presença em palcos por todo o Brasil e até fora dele, os músicos das principais bandas do rock gospel brasileiro nunca perderam de perspectiva sua pertença religiosa e seu compromisso com a comunidade de fé a que eram filiados. Especialmente porque a grande maioria daqueles músicos entendia que a mensagem que levavam nos palcos era a mesma mensagem de salvação que as igrejas pregavam, variava nos contextos apenas a linguagem que era adequada ao público ouvinte.

Muitos músicos que estavam acostumados a pregar nos palcos, nas praças e nas ruas também começaram a pregar nos templos das igrejas em que eram membros. Luciano Manga, da banda Oficina G3, participou do processo de formação da banda desde 1987, e esteve nos vocais dos primeiros três álbuns gravados. Foi ordenado pastor da Igreja Metodista em 1989, quando os músicos da banda o acompanhavam nos cultos de domingo, tocando as músicas típicas de um culto protestante. O rock estava reservado para os palcos e eventos em ruas, praças e outros espaços.

A partir de 1992, Manga se tornou pastor da Igreja Renascer em Cristo. Em 1996, foi designado pela Renascer para a missão de implantação de uma filial da Igreja no Rio de Janeiro. Como os demais integrantes da banda moravam em São Paulo, Manga deixou a banda em um momento em que a carreira estava em ascensão⁹⁴. Mais do que obediência à liderança, o compromisso com a missão da pregação foi mais importante que a carreira à frente de uma das bandas que mais se destacavam no cenário da música gospel. Desde 2003, Manga lidera a Igreja *Vineyard* na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Continua envolvido com a música, mas seu principal foco hoje é o ministério pastoral.

Ainda no estado do Rio de Janeiro, é possível encontrar dois membros da formação clássica do Fruto Sagrado à frente de ministérios pastorais em Igrejas Presbiterianas na cidade de Niterói: o baterista Syllas Filgueiras Júnior, pastor na Igreja Presbiteriana do Barreto e Marco Antonio Afonso, pastor na Igreja Oceânica em Itaipu. Ambos se dedicam em tempo integral ao ministério pastoral. A banda formada em 1989 lançou álbuns por grandes gravadoras e marcou seu nome na história do Gospel. A exemplo de Manga, para Marcão e Syllas Jr. a prioridade vai continuar sendo o ministério que desenvolvem nas suas igrejas locais.

Priorizar a Igreja e o Ministério em detrimento da carreira musical tem sido o caminho percorrido por todos os integrantes da banda Resgate. Quando a banda foi formada em São Paulo em 1989, seus integrantes eram membros de Igrejas Batistas. Eles migraram para a Igreja Renascer em 1991, onde os quatro integrantes da banda se tornaram primeiro pastores e depois bispos, sendo responsáveis por administrações regionais da Igreja em estados diferentes o que dificultava a carreira da banda.

O guitarrista e vocalista Zé Bruno foi Bispo primaz da Igreja Renascer⁹⁵ no Brasil, e o responsável pela Fundação Renascer durante o período em que Estevam e Sônia Hernandes ficaram detidos nos Estados Unidos⁹⁶. Discordâncias teológicas, levaram os quatro integrantes da banda a se desligarem da Renascer e iniciarem a Igreja A Casa da Rocha, que não tem pretensões de se tornar uma denominação com muitas filiais. As três filiais existentes estão situadas na Grande São Paulo e

⁹⁴ MANGA, Luciano. **Meus dias no Oficina G3**. Rio de Janeiro: MK Editora, 2009. p. 31.

⁹⁵ JANIKIAN, Marcelo. **Marketing e religião**: o papel do marketing na origem, expansão e consolidação da Igreja Apostólica Renascer em Cristo.. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006. p. 55-56

⁹⁶ Cf.: <http://jornalnacional.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1413589-5598,00.html>

cada uma é pastoreada por um integrante da própria banda: a filial Independência é liderada pelo vocalista Zé Bruno, a filial Tatuapé pelo baterista Jorge Bruno e a filial Guarulhos pelo guitarrista Hamilton Gomes. Antes bispos na Renascer, na Casa da Rocha os três se identificam apenas como pastores⁹⁷.

Essa dupla vocação dos músicos do rock gospel que concilia ministério pastoral e carreira musical sempre pesou a favor da igreja local. Quase nunca agendam compromissos para os domingos e os eventos de sábado à noite em geral tem a garantia de que aos domingos os músicos estejam presentes em suas comunidades de fé, onde pregam, quase nunca cantam e muito pouco se ouve rock nas liturgias.

Surgidas no cenário nacional quase ao mesmo tempo em que o Movimento Gospel, as bandas cristãs de rock aproveitaram o auge do movimento, e dele se descolaram tão logo perceberam que os objetivos iniciais não seriam mais atingidos, se estivessem associados a um movimento cultural segmentado como havia se tornado o Gospel no Brasil.

O já citado deslocamento do Movimento Gospel, não representou diminuição de alcance para as bandas que já tinham uma multidão de ouvintes que incluíam cristãos e não cristãos⁹⁸. Os shows continuaram sendo bem frequentados e o alcance de sua mensagem, que antes era medido em número de álbuns vendidos e hoje tem alcance dos streamings com medidor, seguem mostrando uma atuação vibrante mesmo em bandas que passaram por hiatos em suas carreiras.

Muitas bandas passaram por muitas mudanças em suas formações originais. Muitos integrantes seguiram por outras direções com sua música e outros novos foram chegando. A musicalidade teve alterações nesse processo, mas o conteúdo da mensagem e a linguagem variou pouco. As letras continuavam contestadoras, ousadas, críticas e gerando reflexão nos ouvintes.

2.3.4

A autocrítica ao protestantismo brasileiro

⁹⁷ Cf.: <http://www.acasadarocha.com.br/> acesso em 14 de setembro de 2021.

⁹⁸ GOTTINO, Reinaldo. **Os 10 anos do Oficina G3**. In: CCM Brasil Magazine, maio 1999, número 4, ano 2, página 24.

Temas espinhosos como falsas lideranças cristãs mais preocupadas com suas contas bancárias do que com a saúde espiritual das pessoas debaixo de sua influência eram alguns dos temas abordados pelas bandas, como os versos de ‘Lobo Mau’, do Fruto Sagrado, de 1993:

Lobo na pele de cordeiro, é lobo mau!
 Lobo na pele de cordeiro!
 Lobo na pele de cordeiro, é lobo mau!
 Lobo! Esse cara vai se dar mal!
 Usa terno e gravata, parece até o que não é!
 Consciência cauterizada, coração petrificado;
 Queimando o filme, atrapalhando o trabalho
 Dos verdadeiros homens de Deus!
 Garras afiadas, tudo o que eles querem
 É teatro perfeito, histeria total!
 Meias verdades, muita enganação,
 Tome cuidado com o lobo mau!
 Os seus dias estão contados,
 Sua sentença assinada;
 Não tem pra onde fugir, não tem pra onde correr!
 Com o dinheiro de inocentes
 Pensou ter construído o seu próprio céu;
 Com as almas dos inocentes
 Ele garantiu o seu lugar no "Inferno Palace Hotel"!
 O verdadeiro pastor livra as suas ovelhas
 Do lobo mau!

O legalismo de líderes que querem aprisionar o discurso hegemônico e não permitir que as pessoas possam refletir por elas mesmas é um tema que as bandas de rock trazem para a discussão no meio evangélico. Tema esse ausente na maior parte das composições de outros artistas cristãos. Uma das primeiras e mais contundentes críticas a esse modelo de liderança é feita pelo Resgate em ‘Doutores da Lei’, de 1995:

Quem conhece a liberdade
 A quem o próprio Deus chamou
 Não aceitará se submeter
 A nenhuma escravidão
 Mas lá vem eles pra nos ensinar
 O que se pode e não se pode fazer
 Tem a honra nos seus lábios
 Mas distante o coração
 Os doutores da lei
 Permanecem inertes

Sob as tábuas da lei
 Criadas pelas próprias mãos
 Alguém sabe, eu sei
 Misericórdia quero, e não holocaustos
 É preciso aprender
 Misericórdia quero, e não holocaustos

A informalidade, o bom humor, as aplicações e paráfrases de textos bíblicos aliadas ao virtuosismo com que os instrumentos eram executados, combinavam o peso adequado do som com o discurso, fazendo com que a letra crítica tivesse no ritmo pesado do rock um veículo coerente. Mais do que falar com Deus, ou direcionar as canções como adoração a Deus, o rock gospel se preocupou em falar de Deus aos outros, de maneira direta em boa parte das vezes, e algumas ocasiões de maneira poética, indireta deixando no ar aquilo que se queria dizer, como em ‘Quem’ do Oficina G3 de 1998:

Tantas coisas pra pensar, tantas coisas pra lembrar,
 Algumas coisas pra sorrir, muitas outras pra chorar.
 Quem vai ouvir, a minha voz?
 Quem vai enxugar as minhas lágrimas? Quem?
 Tantas coisas pra vencer, tantas coisas pra esquecer,
 Não há forças pra lutar, falta coragem pra encarar.

2.4

O cenário do rock evangélico atual

Desde a saída das principais bandas de rock do Movimento Gospel, processo que fomentou a criação de novos rótulos como o importado *White Metal*, entre outros, para designar os artistas que fazem rock cristão no Brasil, as bandas pioneiras seguiram suas carreiras de maneiras distintas.

Desde 1999, o Catedral quis se destacar do cenário gospel quando deixou a MK Music e gravou seu primeiro álbum pela Warner Music intitulado ‘Para Todo Mundo’. A ideia era exatamente possibilitar que sua música fosse levada a pessoas que estavam fora da influência do mercado gospel. Duas décadas depois, o Catedral segue fazendo shows em que mescla suas músicas recheadas de poesia, romantismo e filosofia sem perder a essência de ser uma banda formada por cristãos. Das bandas surgidas nos anos 1980, o Catedral era uma das poucas que em suas apresentações

não tinham uma pregação querigmática propriamente dita, deixando que as próprias canções e algumas falas pontuais do vocalista Kim fossem a mensagem a ser transmitida.

Depois da saída de Marcão dos vocais do Fruto Sagrado, a banda passou por uma fase de adaptação com outro vocalista, Vanjor, mas a jornada durou pouco e o Fruto Sagrado iniciou um longo hiato que teve fim com a reunião de três dos membros da formação clássica: o vocalista Marcão, o guitarrista Bene Maldonado e o baterista Syllas Jr gravaram inédito registro audiovisual da banda tocando ao vivo.

A banda Oficina G3 parou a carreira por tempo indeterminado em 2017, só voltando a se reunir para um show beneficente com a intenção de ajudar Tulio Regis, ex-integrante da banda que enfrentava um câncer e na comemoração dos 20 anos de lançamento dos álbuns ‘O Tempo’ e ‘Humanos’, com a participação do vocalista PG que gravou os álbuns com a banda.

O Rebanhão reuniu seus ex-integrantes Paulo Marotta, Pedro Braconnot e Carlinhos Felix em 2017 para um show e gravação de álbum comemorativo dos 35 anos da banda que rendeu ainda algumas apresentações pelo Brasil. A banda Êxodos gravou seu primeiro álbum em 2006 de maneira independente, mas não deu continuidade à carreira sendo o álbum apenas um registro gravado daquela que foi a pioneira entre as bandas de rock evangélicas no Brasil. A obra conta com o clássico ‘Galhos Secos’, música mais conhecida da Êxodos.

Dentre as maiores e mais destacadas bandas do período áureo do gospel nacional, Katsbarnea e Resgate seguem suas carreiras. Para comemorar os 30 anos da banda, o Resgate lançou 30 músicas inéditas e um documentário dirigido por Rodrigo Cabral chamado ‘É só isso aqui’⁹⁹. Em meio à pandemia de COVID-19, lançaram o *single* ‘A Dor’, que fala das dores da vida e de como a dor iguala as pessoas e as ensina um estilo de vida com mais humildade.

A cena do rock nacional tanto cristão como o não religioso foi bastante movimentada em junho de 2001 quando foi anunciada a conversão ao protestantismo de Rodolfo Abrantes, vocalista, guitarrista e principal compositor da banda brasileira Raimundos. Com Rodolfo, a banda Raimundos gravou seis discos: Raimundos (1994), Lavô tá novo (1995), Lapadas do povo (1997), Cesta

⁹⁹ Disponível para aluguel e compra em: <https://vimeo.com/ondemand/resgatedoc>. Acesso em 15 de setembro de 2021.

básica (1997), Só no forévis (1999) e MTV Ao Vivo (2000). Estavam no auge do sucesso quando Rodolfo decidiu deixar a banda e seguir um outro caminho mais alinhado a suas convicções cristãs. Era um caminho inverso ao que muitos haviam trilhado, que era o percurso de dentro do ambiente cristão para o cenário cultural mais amplo. Ao lado de alguns músicos não cristãos iniciou uma banda chamada Rodox que teve carreira curta. As diferenças das perspectivas de Rodolfo e dos outros integrantes eram muito grandes. Daí por diante, Rodolfo seguiu carreira solo, testemunhando de sua conversão, cantando e pregando num viés abertamente evangelístico.

Na primeira década do século 21, outras bandas surgiram no meio do protestantismo brasileiro fazendo rock com pretensões de que sua mensagem fosse ouvida por pessoas de fora do ambiente das igrejas. Muitas delas sem que houvesse uma pretensão evangelística e/ou proselitista. Era apenas arte feita por cristãos que expressavam sua cosmovisão. Traziam temas comuns da vida, algumas impressões e percepções de forma poética. Arte feita para as ruas, mas que aponta para uma perspectiva cristã que vê além da mera frieza da realidade, que observa e aponta para a esperança. É por definição “uma arte tecida na esperança”¹⁰⁰.

Se o movimento de artistas que queriam comunicar sua mensagem para além dos espaços da igreja em fins dos anos 1980 e início da década seguinte recebeu oportunamente o nome de ‘gospel’, os artistas que surgiram no terceiro milênio não se identificam com nenhum rótulo. Mesmo porque ao rotularem-se passarão a ser categorizados naquele segmento por outros motivos e não pelo seu estilo musical. Esse foi um dos problemas pelos quais passaram as bandas participantes do Movimento Gospel.

Arvid Auras, baterista da banda Aeroilis e Fábio Sampaio, vocalista da banda Tanlan chamam ao conjunto desses artistas que tem a intenção de levar uma mensagem que fale de amor, de esperança, de reconciliação, sem os jargões típicos do protestantismo e sem uma disposição abertamente proselitista de ‘Novo Movimento’.¹⁰¹

¹⁰⁰ ALMEIDA, Marcos. **Música de Raiz**. Texto na íntegra disponível em: <http://nossabrazilidade.com.br/musica-de-raiz/> acesso em 15 de setembro de 2021.

¹⁰¹ ALEXANDRE, Ricardo. **A nova reforma Protestante**. Disponível em <https://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT161475-15228-161475-3934,00.html>. acesso em 15 de março de 2023.

Algumas vezes o Novo Movimento é também chamado de Pós-Gospel ou *Crossover*¹⁰², uma vez que não faz parte do gospel nem do que é chamado de secular, mas transita entre os dois cenários fazendo uma espécie de ponte. Apesar de se apresentarem muito em espaços e eventos cristãos, preferem manter sua definição apenas como ‘banda de rock’.

Deste novo cenário fazem parte muitas bandas. As mais destacadas são Tanlan, Crombie, Aeroilis e Palavrantiga. Alguns artistas solo também são considerados parte do Novo Movimento, como Lorena Chaves, Marcela Taís, Estevão Queiroga, Hélivio Sodré, Lucas Souza e Felipe Valente.

Diferente das bandas que surgiram com o Gospel, as bandas do Novo Movimento têm origens melhor distribuídas geograficamente. Fruto de um tempo em que a internet e as redes sociais têm um papel fundamental na divulgação de novos artistas. As bandas mais antigas foram divulgadas prioritariamente por rádios e emissoras de TV. As bandas do Novo Movimento já nasceram num mundo digital, o que possibilita ver a cena do rock mais espalhada pelo Brasil.

A banda Aeroilis surgiu em 2001 na cidade de Florianópolis, lançando no mesmo ano seu primeiro álbum ‘Aeroilis’ pelo selo independente La Cruz. Posteriormente assinaram contrato com a gravadora Bompastor para a distribuição do álbum. Em 2010 lançaram de maneira independente o álbum ‘Nada mais além’. Encerraram as atividades em 2013 e retomaram em 2019, tendo lançado no fim de 2020 o single ‘Entardecer’.

Criada em Porto Alegre em 2003, a banda Tanlan gravou seu primeiro EP, chamado Tanlan, de modo independente em 2005 e um álbum chamado ‘Tudo que eu queria’ em 2008. Assinaram um contrato com a Sony Music em 2012. Nessa gravadora lançaram ‘Um dia a Mais’ (2012) e ‘ACALMANOCAOS’ (2016). Seguem contratados pela Sony Music. Seu vocalista, Fábio Sampaio, mantém também um elogiado trabalho solo e atua como líder de música na Igreja Presbiteriana de Perdizes em São Paulo.

A mesma Niterói que viu surgir o Fruto Sagrado também foi o berço da Crombie. Ambas as bandas niteroienses surgiram em ambiente presbiteriano. Dona de uma poesia rebuscada e de uma musicalidade muito bem elaborada, a Crombie fala das realidades cotidianas, mostrando os cenários iluminados pelo sol e suas

¹⁰² NOGUEIRA, Deivison Brito e BRITO, Thaís Sousa. **Contracorrente**: a nova cara da música cristã brasileira. São Paulo: Edição dos autores, 2018. p. 23.

insatisfações com a vida¹⁰³. A Crombie interrompeu a carreira por tempo indeterminado na mesma época em que Paulo Nazareth mudou-se para São Paulo, onde é o líder da área de música da Comunidade Presbiteriana da Vila Olímpia.

A mais famosa banda do Novo Movimento é a Palavrantiga, surgida em Belo Horizonte em 2007. A banda foi formada pelos músicos que acompanhavam a cantora Heloísa Rosa. Lançaram seu primeiro EP em 2008 com 6 canções que depois fariam parte do primeiro álbum ‘Esperar é Caminhar’ de 2010, distribuído pela CanZion Producciones, gravadora criada pelo cantor e pastor estadunidense Marcos Witt. Com a contratação pela Som Livre em 2012, a banda lançou ‘Sobre o mesmo chão’. Houve um hiato entre 2014 e 2018, quando o Palavrantiga voltou aos palcos.

Os vocalistas Fábio Sampaio da Tanlan, Paulo Nazareth da Crombie e Marcos Almeida do Palavrantiga mantêm também um respeitado trabalho solo. Continuam compondo e produzindo suas canções. Marcos Almeida mantém um blog chamado ‘Nossa Brasilidade’¹⁰⁴, onde trata de assuntos como MPB, espiritualidade e poesia. Escreveu um dos capítulos do livro Igreja Sinfônica¹⁰⁵, organizado por Pedro Dulci em que fala de liturgia, culto cristão e cultura.

As bandas que embarcaram no Movimento Gospel não conheciam muitas outras experiências e foram desbravando um caminho que começou espinhoso, mas que se mostrou viável quando da explosão do gospel. Os músicos que formaram aquelas primeiras bandas não tinham conhecimento de bandas que faziam rock cristão nos Estados Unidos. Em geral, suas influências de rock vinham da Inglaterra e eram as grandes bandas clássicas do rock mundial como Queen, Pink Floyd e Beatles. Só depois que o movimento já estava bem consolidado no Brasil é que aqueles músicos tiveram conhecimento de bandas de rock cristão em outras partes do mundo. Com o advento do gospel muitas delas ficaram conhecidas no Brasil e excursionaram por aqui como as bandas Petra, P.O.D, Bride e Third Day.

Os integrantes do Novo Movimento já eram cientes de toda a cena nacional e internacional da Música Cristã Contemporânea. Já conheciam o percurso das bandas brasileiras e puderam optar seguir por um caminho sabendo por onde os

¹⁰³ NOGUEIRA, Deivison Brito e BRITO, Thaís Sousa. **Contracorrente**: a nova cara da música cristã brasileira. São Paulo: Edição dos autores, 2018. p. 100.

¹⁰⁴ Cf.: <http://nossabrasilidade.com.br/> acesso em 15 de setembro de 2021.

¹⁰⁵ Cf.: DULCI, Pedro (org.) **Igreja Sinfônica**: um chamado radical pela unidade dos cristãos. Viçosa: Ultmato, 2016. 128p.

outros haviam passado antes. Tinham suas convicções e influências, e eram bastantes conscientes do que queriam e principalmente do que não queriam fazer com suas trajetórias musicais.

As bandas do Novo Movimento, tendo surgido num momento pós-gospel puderam optar por não se associarem em momento algum àquele segmento do mercado. Conseguiram fazer com que sua arte fosse definida pelo estilo musical e não pelo conteúdo. Em tempos de tecnologias mais acessíveis puderam optar por produções independentes com maior facilidade e qualidade do que poderiam fazer os músicos de gerações anteriores. Até mesmo as igrejas já estavam muito melhor preparadas quanto à qualidade dos equipamentos e à aceitação de ritmos, instrumentos e estilos.

Antigas e novas bandas de rock formadas por cristãos seguem suas carreiras cada qual com sua perspectiva, seja movida por um caráter proeminentemente evangelístico e crítico como o Resgate, seja com a poesia romântica do Catedral ou com a poética e estética *indie*¹⁰⁶ das bandas do Novo Movimento, há cristãos fazendo boa arte através do rock no Brasil desde os anos 1970 e cada um com suas motivações seguem sendo ativos no circuito musical e nas igrejas em que congregam.

O momento do rock evangélico no Brasil tem sofrido transformações decorrentes das próprias mudanças do mercado. Há uma diminuição do número de bandas e um aumento significativo de artistas sendo lançados como cantores solo. Razões pragmáticas, como o direcionamento da carreira feito por uma única pessoa em vez de decisões compartilhadas por um grupo, razões econômicas, já que o faturamento não precisa mais ser dividido, e razões comerciais ajudam a explicar esse momento.

Gospel hoje é um nome desgastado. Muita coisa foi feita sob essa chancela e boa parte tem qualidade questionável seja em sua forma quanto em seu conteúdo teológico. Cristãos seguem fazendo sua arte musical e expressando-se das mais diversas formas, incluindo aí o rock, embora em suas muitas variações a batida rock atual não seja mais a mesma de tempos atrás. Ainda há remanescentes que seguem fazendo o velho e bom *rock and roll*.

¹⁰⁶ Moraes, Bárbara. **Do underground até o mainstream na história da Música Indie**. Disponível em: <https://artcetera.art/musica/historia-da-musica-indie/> acesso em 06 de dezembro de 2022.

3

Possibilidades de uma Teologia da Cultura

As relações entre a religião cristã e a cultura foram trabalhadas por diversos estudiosos, sobretudo os teólogos, em muitos tratados, com as mais diversas abordagens ao longo dos mais de dois mil anos de História do Cristianismo. Diferente de outras temáticas em que os assuntos foram, de alguma maneira, pacificados, aqui, quase nunca existiu consenso.

O sistema de valores e a cultura vigente por vezes são entendidos como um dos conceitos neotestamentários de ‘mundo’, que identifica o mundo físico como uma oposição direta às coisas divinas. Ordens claras como “não ameis o mundo” na primeira carta de João¹⁰⁵, e recomendações para uma fé prática como “não vos conformeis com este mundo” de Paulo aos Romanos¹⁰⁶ trazem uma ideia de que o ‘mundo’ representa uma realidade inteiramente corrompida da qual os cristãos deveriam se afastar. Na oração sacerdotal, Jesus não pede pelo isolamento dos crentes do mundo, apenas intercede para que sejam livres do mal¹⁰⁷. O contato real com a cultura, com a língua e com a realidade em que a sociedade vive está diretamente ligado à ideia da encarnação de Jesus, que esvaziando-se, tornou-se semelhante, em todos os aspectos físicos, aos seres humanos¹⁰⁸.

3.1

Possibilidades de relação entre Fé e Cultura

Muitos tentaram criar explicações que variavam desde a completa oposição entre Teologia e Cultura, como se, em nenhum cenário, fosse possível uma convivência harmoniosa, visto que seriam coisas não apenas distintas, mas conflitantes e excludentes, até a tentativa de uma harmonização entre os dois conceitos, de modo que cada categoria fosse bem definida e explicada, apontando os limites de cada uma e como a coexistência deveria ser. De todo modo, sempre foi uma tarefa desafiadora.

¹⁰⁵ 1 João 2,15

¹⁰⁶ Romanos 12,2

¹⁰⁷ João 17,15

¹⁰⁸ Filipenses 2,7

Alguém que conseguiu de maneira eficiente explicar as relações possíveis entre cristianismo e cultura foi o teólogo estadunidense Helmut Richard Niebuhr. Ele definia cultura como:

...o "ambiente artificial e secundário" que o homem sobrepõe ao natural. Ela abrange a linguagem, hábitos, ideias, crenças, costumes, organização social, artefatos herdados, processos técnicos e valores.¹⁰⁹

Em sua obra mais conhecida, ‘Cristo e Cultura’, publicada em 1951, Niebuhr demarca cinco posturas possíveis na aproximação entre a religião cristã e a cultura. Ele as nomeia, identifica suas fases mais evidentes ao longo da História e traz exemplos de grandes nomes que aderiram, integralmente ou em parte, seus pressupostos.

A primeira relação que Niebuhr traz é a de completa oposição: **Cristo contra a cultura**. De acordo com essa perspectiva tudo que existe na cultura é mau e não existe possibilidade de redenção. Cabe ao cristão separar-se desse contexto negativo e imerso em pecado para que possa viver sua fé em Cristo de maneira mais adequada, já que, por esse ponto de vista:

A contrapartida da lealdade a Cristo e aos irmãos é a rejeição da sociedade cultural. Uma linha clara de separação é traçada entre a fraternidade dos filhos de Deus e o mundo¹¹⁰.

Uma vez que essa perspectiva passou a ser vivida por cristãos, especialmente nos primeiros séculos, ela deu origem a alguns extremos como o entendimento de uma separação radical da realidade social, como o estilo de vida seguido pelo monasticismo e por grupos apocalípticos e místicos.

Em oposição ao primeiro grupo, estão os que pretendem um **Cristo da cultura**. Estes são os que procuram a aprovação de Cristo para aquilo que entendem ser o que de ‘melhor’ existe em uma cultura. De acordo com o que detalha Niebuhr: “Eles não buscam, necessariamente, a sanção cristã para toda a cultura prevalecente, mas apenas para aquilo que consideram como real na cultura atual.”¹¹¹

Niebuhr aponta uma perspectiva como sendo a majoritária na história da Igreja, aquela que ele chama de **Cristo acima da cultura**. Essa perspectiva parte do princípio de que a cultura faz parte da boa criação de Deus, e por isso, não é

¹⁰⁹ NIEBUHR, H. Richard. **Cristo e Cultura**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967. p. 54.

¹¹⁰ NIEBUHR, H. Richard. **Cristo e Cultura**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967. p. 70

¹¹¹ NIEBUHR, H. Richard. **Cristo e Cultura**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967. p. 110

totalmente desprovida de valor, embora deva ser levada em conta a contaminação do pecado. Aqui, até onde é possível, as expressões culturais são consideradas boas mesmo havendo a necessidade de serem aperfeiçoadas pela revelação cristã, pela obra realizada pela Igreja e a partir do pressuposto de que Cristo é soberano sobre todas as realidades. Niebuhr explica o pensamento deste grupo:

Quando ele afirma tanto Cristo como a cultura, ele o faz como alguém que sabe que o Cristo que requer a sua lealdade é maior e mais complexo em caráter do que os que pretendem as reconciliações mais fáceis.¹¹²

Se, na primeira perspectiva estão opostos os cristãos e os não-cristãos, o dualismo da quarta perspectiva de Niebuhr é outro. Sob a nomenclatura de **Cristo e Cultura em paradoxo**, na parte corrompida da história estão incluídas todas as pessoas sejam elas cristãs ou não, toda a cultura humana está em oposição a Cristo e precisa ser redimida por Ele. Aqui todos os criadores de qualquer forma de cultura são iguais:

A cultura humana é corrupta e inclui toda a obra humana, não simplesmente as realizações de homens fora da Igreja, mas também as daqueles que estão dentro dela.¹¹³

Por fim, Niebuhr afirma uma perspectiva positiva, que ele chama de **Cristo transformador da cultura**. Nela, todas as coisas estão sob o julgamento e a soberania de Deus. O que é encontrado na cultura que está alinhado com os valores do Evangelho pode ser afirmado, entretanto aquilo que não está alinhado com o Evangelho, tem a possibilidade de ser transformado. Para Niebuhr: “o cristão deve desenvolver a obra cultural em obediência ao Senhor”.¹¹⁴

Muitos outros estudiosos se debruçaram sobre o tema, e vez por outra, voltavam aos modelos apontados por Niebuhr para suas considerações. Como fez o canadense D. A. Carson, que, em obra publicada em 2008¹¹⁵ se propôs a uma releitura da obra de Niebuhr, trazendo algumas atualizações sem, contudo, se opor frontalmente às proposições de Niebuhr. Sua principal contribuição foi apontar um caminho que, na prática, é situacional. Ao deparar-se com certa expressão cultural, o cristão deve responder a ela com a perspectiva que for mais adequada à obra que

¹¹² NIEBUHR, H. Richard. **Cristo e Cultura**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967. p. 148

¹¹³ NIEBUHR, H. Richard. **Cristo e Cultura**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967. p. 183

¹¹⁴ NIEBUHR, H. Richard. **Cristo e Cultura**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967. p. 224

¹¹⁵ Cf.: CARSON, D. A. **Cristo e Cultura**: uma releitura. São Paulo: Vida Nova, 2012. 208p.

está sendo analisada. Carson defende que não se deve ter uma postura rígida que seja aplicada a qualquer expressão cultural.

Teólogos, músicos e pessoas envolvidas diretamente com a arte se dedicaram a descrever ou mesmo tentar explicar as possibilidades de relação entre fé e cultura. Se não temos um consenso que seja paradigmático para a discussão teológica, temos muitos apontamentos e questões que permanecem em aberto: cristãos podem se envolver, consumir e até mesmo produzir obras de arte e elementos culturais que não tragam consigo uma mensagem eminentemente cristã, apologética e proselitista? Qual o papel da arte e da cultura para os cristãos? Deve a arte ser apenas um meio para uma mensagem, ou seus elementos estéticos e sua recepção como entretenimento também são aceitáveis?

A literatura e a discussão teológica publicada parecem ter uma posição bastante aberta em relação a isso, aceitando e interagindo bem com elementos da cultura. A prática cristã, sobretudo da igreja evangélica brasileira, no entanto, vê dificuldades quando artistas, e no caso particular dessa pesquisa, músicos cristãos que se dedicam, por exemplo, a tocar profissionalmente acompanhando artistas que não são cristãos, ou produzindo canções que não estão diretamente ligados à temática bíblica ou cristã evangélica. O músico Marco Telles Belohuby, em seu livro ‘Vida Após o Gospel’ conta a história de dois músicos que conheceu em Barcelona na Espanha. Ele conta que ambos chegaram à Europa acompanhando uma cantora gospel em uma turnê. Ao fim de seus compromissos com a cantora, decidiram ficar por lá, mas ao encontrarem determinada igreja foram ensinados que músicos cristãos não poderiam se apresentar em eventos não-cristãos (mesmo que essa fosse sua profissão), foram orientados a só tocarem na igreja e sem receber salário, já que o serviço religioso deveria ser voluntário. Belohuby testemunha:

A situação daqueles dois músicos no momento em que os conheci era calamitosa. Eles moravam, junto com suas esposas, em um minúsculo apartamento, dependiam de ofertas e da boa vontade dos irmãos para se locomoverem até a igreja e trabalhavam como garçons em restaurantes, nas temporadas de verão, e em qualquer bico que conseguiam encontrar no inverno.¹¹⁶

No caso específico tratado nesta pesquisa, houve muito preconceito e ainda há certa desconfiança com jovens crentes que fazem rock cristão. Põe-se em dúvida sua conversão, sua fé e suas motivações. A linguagem, o estilo, os locais em que se

¹¹⁶ BELOHUBY, Marco. **Vida após o gospel**. João Pessoa: [s.n], 2018. p. 153

apresentam são sempre alvo de muitas contestações. Por isso, apontamentos a partir de uma Teologia da Cultura são necessários não apenas para que se possa perceber os elementos teológicos na cultura vigente, como também que se possa entender o papel da cultura na vida da sociedade em que essa cultura se encontra e como religião e cultura se tocam mutuamente.

3.2

A Teologia da Cultura de Paul Tillich

Muitos teólogos cristãos se dedicaram a refletir sobre a relação entre fé e cultura. Um dos mais importantes deles é, sem dúvida, Paul Tillich. Sua primeira conferência pública, e que foi publicada na seção de Berlim da *Kant-Gesellschaft* em 1919, tinha o título de *Über die Idee einer Theologie der Kultur* (Sobre a ideia de uma Teologia da Cultura)¹¹⁷. Tillich foi professor de Teologia Sistemática durante toda sua carreira e publicou uma respeitada Teologia Sistemática em três volumes lançados entre 1951 e 1963. Ainda assim, o assunto religião e cultura era um tema recorrente em sua carreira. O próprio Tillich testemunha que:

Apesar de ter ensinado Teologia Sistemática durante o maior tempo da minha vida adulta, o problema da relação entre religião e cultura sempre esteve no centro de minhas preocupações. A maior parte dos meus escritos – incluindo a própria Teologia Sistemática – tenta definir a maneira como o cristianismo relaciona-se com a cultura secular.¹¹⁸

3.2.1

A Teologia de fronteira

Para entender a Teologia da Cultura proposta por Tillich, alguns conceitos são importantes de serem apreendidos, um deles é sua teologia de fronteira, que não apenas tem a ver com seu pensamento, mas com toda sua história de vida. Tendo nascido no antigo Império franco-prussiano e tido sua formação acadêmica nas áreas de Teologia e Filosofia em prestigiadas universidades alemãs¹¹⁹. A relação

¹¹⁷ TILlich, Paul. "ÜBER DIE IDEE EINER THEOLOGIE DER KULTUR". *Band 9 Die religiöse Substanz der Kultur: Schriften zur Theologie der Kultur*, edited by Renate Albrecht, Berlin, Boston: De Gruyter, 1967, pp. 13-31. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783111576602-002> acesso em 27 de fevereiro de 2023.

¹¹⁸ TILlich, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 33

¹¹⁹ Graduou-se em teologia na Universidade de Halle e em filosofia na Universidade de Tübingen. Doutorou-se em filosofia na Universidade de Breslau e em teologia na Universidade de Halle. Cf.: SANTOS, Victor Siqueira. **O ser humano e Deus: o giro antropológico moderno em "O ser e Deus"** de Paul Tillich. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2017. p. 131-132.

entre Teologia e Filosofia foi uma de suas primeiras fronteiras. Há quem defina Tillich tanto um filósofo da religião quanto um teólogo da cultura¹²⁰. Tillich lecionou em Marburg, Dresden e Leipzig. Sucedeu a Max Scheler em Frankfurt, onde orientou Theodor Adorno em sua tese sobre Søren Kierkegaard. Com a ascensão do nazismo na Alemanha, e devido a sua ligação com movimentos que defendiam o socialismo, como o Círculo Kairós, e seu trabalho como editor em publicações como Cadernos do Socialismo Religioso (1920-27) e Novos Cadernos do Socialismo (1929-30), foi o primeiro professor não-judeu a ser expurgado pelo regime nazista¹²¹. Seu livro ‘A Decisão Socialista’ foi queimado publicamente em 1933¹²².

Com o aumento da repressão nazista, Tillich então muda-se para os Estados Unidos, para lecionar em Nova York, sendo apresentado ao mundo acadêmico estadunidense por ninguém menos que Richard Niebuhr¹²³. Essa era a outra fronteira presente na Teologia de Paul Tillich, a geográfica. Há duas fases de sua vida acadêmica e de sua produção teológica, a primeira na Alemanha e a segunda nos Estados Unidos. Tillich chega aos Estados Unidos aos 48 anos com um domínio precário da língua inglesa. Os mais de 30 anos vividos em cidades como Nova York e Chicago foram úteis para uma gradativa melhora, mas não se tornou perfeito¹²⁴. Além de suas dificuldades com o domínio da língua inglesa, era ela própria um fator complicador, uma vez que muitos termos fundamentais para a argumentação de Tillich tinham melhor explicação em alemão que em inglês. A tradução para o inglês sempre empobrecia conceitos importantes¹²⁵.

A fronteira mais decisiva para a construção de seu pensamento, contudo, foi um *front* de batalha. Tillich era um jovem pastor luterano quando teve início a Primeira Guerra Mundial. Ele se alistou como capelão no exército alemão. Seu primeiro choque de realidade foi a percepção de como era a vida que levavam aqueles que eram considerados das “classes mais baixas”, ali, ele que sempre viveu

¹²⁰ MENDES, Alex. **A espiritualidade nos sermões de Paul Tillich**. In: Correlatio v. 19, n. 2, Dezembro de 2020, p. 146.

¹²¹ GIBELINI, Rosino, **A Teologia do Século XX**. São Paulo: Edições Loyola, 2021, p. 84

¹²² PINHEIRO, Jorge. **Tillich, teólogo da cultura**. In: TILLICH, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 16

¹²³ **Religion: To be or not to be**. TIME Magazine, vol LXXIII, Nº 11, 16 de março de 1959, disponível em: <http://content.time.com/time/magazine/0,9263,7601590316,00.html>. Acesso em 19 de março de 2022.

¹²⁴ GIBELINI, Rosino, **A Teologia do Século XX**. São Paulo: Edições Loyola, 2021, p. 83

¹²⁵ MUELLER, Ênio. Prefácio à nova edição portuguesa. In: TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 7.

entre as classes mais abastadas, finalmente pode perceber as estruturas sociais, políticas e religiosas que oprimiam essas pessoas. O intelectual que lia ‘Assim falou Zaratustra’ de Nietzsche nas florestas francesas em meio à guerra, teve seu pensamento radicalmente transformado durante um ataque aéreo noturno em Champagne. Tillich conta à Revista TIME que:

... a verdadeira transformação aconteceu na Batalha de Champagne em 1915. Um ataque noturno veio, e durante toda a noite eu caminhei entre os feridos e moribundos quando eles foram trazidos - muitos deles meus amigos próximos. Toda aquela noite horrível e longa que andei ao longo das fileiras de homens moribundos, e grande parte da minha filosofia clássica alemã se quebrou naquela noite - a crença de que o homem poderia dominar cognitivamente a essência do seu ser, a crença na identidade da essência e da existência . . .¹²⁶

Para Tillich, “A fronteira é o lugar verdadeiramente fecundo para a aquisição de conhecimento”¹²⁷. Com isso concorda Homi. K. Bhabha quando diz que:

Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade¹²⁸.

É na fronteira entre religião e cultura que Tillich traça boa parte de sua produção intelectual. Conquanto seja fascinante mergulhar por toda a teologia tillichiana, é sua abordagem teológica de fronteira, posta em prática pelo ‘método da correlação’ que interessa a esta pesquisa. Rosino Gibelini explica como ela se apresenta:

A teologia de fronteira de Tillich evidencia-se sobretudo na relação que ele institui entre religião e cultura secular, e no método da correlação constantemente praticado em teologia sistemática¹²⁹.

3.2.2 Religião em Paul Tillich

Tillich dizia que a religião é parte intrínseca do espírito humano, ou seja, quando olhamos o espírito humano a partir das profundezas de nossa vida espiritual, o espírito humano se apresenta a nós religioso. Ele dizia que a religião não é uma função especial do espírito humano. Ela é a dimensão da profundidade presente em

¹²⁶ **Religion:** To be or not to be. TIME Magazine, vol LXXIII, Nº 11, 16 de março de 1959, disponível em: <http://content.time.com/time/magazine/0,9263,7601590316,00.html>. Acesso em 19 de março de 2022.

¹²⁷ TILLICH, Paul. **No limite**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. p. 13

¹²⁸ BABBA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: editora UFMG, 1998. p. 20

¹²⁹ GIBELINI, Rosino, **A Teologia do Século XX**. São Paulo: Edições Loyola, 2021, p. 85

todas as funções. Na leitura que Tillich faz da religião, ele observa que esta percorreu várias vias buscando um lugar para si: a função moral, a função cognitiva e a dimensão estética, até aproximar-se do sentimento, sem, contudo, encontrar seu lugar próprio. A religião cai então em si quando percebe que não precisa dessa busca, uma vez que ela já está “em todos os lugares, principalmente nas profundezas das funções da vida espiritual humana.”¹³⁰

Em seu sentido mais básico e mais abrangente, religião é definida por Tillich como “preocupação última” (*ultimate concern*). Ele detalha sua conceituação:

Preocupação última é a tradução abstrata do grande mandamento: “O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força.” A preocupação religiosa é última¹³¹.

A religião não pode ser rejeitada com absoluta seriedade, uma vez que, qualquer preocupação que para nós seja absoluta é, ela mesma, religião. Na mentalidade moderna, no entanto, de preocupação suprema que permeia todos os aspectos da vida, a religião foi reduzida a atividades eclesásticas porque a vida espiritual foi alienada por causa de seu fundamento e de sua profundidade. Não veremos essa realidade em sua plenitude nesse nosso contexto limitado e finito, entretanto:

Segundo o visionário que escreveu o último livro da Bíblia, não haverá templos na Jerusalém celestial, pois Deus será tudo em todos. Não haverá domínio secular nem religioso. A religião será novamente o que ela sempre foi essencialmente: a determinação fundamental e a substância da vida espiritual¹³².

Não há sentido em um conflito entre a religião e o mundo secular. Embora os dois lados por vezes se esforcem por um conflito. Ambos se fundamentam na preocupação suprema, logo “a religião e o mundo secular estão no mesmo barco”¹³³. Quando nos damos conta dessa realidade, o verdadeiro lugar da religião como aquela que dá substância, significado último, julgamento e coragem criadora para as funções do espírito humano, é natural que os conflitos entre religião e cultura secular sejam dissolvidos. Os âmbitos religioso e secular não podem ser separados, posto que a religião não é um mero aspecto. Trata-se da própria dimensão da

¹³⁰ TILlich, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 44

¹³¹ TILlich, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 29

¹³² TILlich, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 45

¹³³ TILlich, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 46

profundidade¹³⁴. Tillich vê a religião como “a experiência do incondicionado”, isto é, como a orientação do espírito na direção daquilo, que tomando emprestada uma expressão de Kant, é o incondicionado.

Admirar uma obra de arte, entrar em êxtase contemplando uma pintura ou no caso específico desta pesquisa, ouvindo uma canção de rock e se permitir saborear aquele momento de forma intensa poderia ser descrito como uma experiência religiosa ou cultural? Uma coisa e outra. Tillich nos ajuda dizendo que:

Talvez, o correto fosse dizer que sua experiência é cultural quanto à forma, e religiosa quanto ao mérito. É cultural, porque não está ligada a uma atividade ritual específica e religiosa, porque ela questiona pelo Absoluto, os limites da existência humana.¹³⁵

O trânsito na fronteira entre religião e cultura foi despertado em Tillich pela “experiência do caráter substancialmente religioso da cultura”¹³⁶. Toda a filosofia da religião de Tillich se baseia na busca da compreensão dessa relação. Suas proposições nos dão um norte claro definindo bem o que no pensamento tillichiano são religião e cultura e como se entrelaçam:

A religião, considerada preocupação suprema, é a substância que dá sentido à cultura, e a cultura por sua vez, é a totalidade das formas que expressam as preocupações básicas da religião. Em resumo: religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião.¹³⁷

Desse modo Tillich resume e resolve uma controvérsia importante, obviamente que levando em consideração os críticos de suas propostas, que trazem a discussão que volta e meia retorna aos círculos eclesiásticos e que gira em torno do que é sagrado e o que é profano. Ele afirma que, se existe alguma paixão no protestantismo essa paixão é para o profano. A ideia da separação entre as esferas do que é sagrado e profano deveria ser abolida, já que diante de Deus não existe nada que seja em si mesmo, santo ou profano. Nem mesmo o trabalho. Como disse Tillich: “O trabalho profano pode possuir a qualidade da santidade e o que é santo pode permanecer profano.”¹³⁸

Tudo isso tem necessariamente a ver com a vivência e a pregação do Evangelho por parte dos cristãos. Há um elemento profundo, posto e aceito como

¹³⁴ GIBELINI, Rosino, **A Teologia do Século XX**. São Paulo: Edições Loyola, 2021, p. 86

¹³⁵ TILLICH, Paul. **No limite**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. p. 79

¹³⁶ TILLICH, Paul. **No limite**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. p. 79

¹³⁷ TILLICH, Paul. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 83

¹³⁸ TILLICH, Paul. **No limite**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. p. 82

verdade a ser vivido e transmitido e o contexto em que estão as pessoas que vivem. Tillich explica como se dá essa dinâmica da teologia entre mensagem e situação: “A teologia oscila entre dois polos: a verdade eterna de seu fundamento e a situação temporal em que esta verdade eterna deve ser recebida.”¹³⁹

Por situação, Tillich entendia:

A “situação” que a teologia deve considerar é a interpretação criativa da existência tal como se realiza em todos os períodos da história, sob todos os tipos de condições psicológicas e sociológicas. A “situação” certamente não é independente destes fatores. Contudo, a teologia se ocupa com a expressão cultural que eles encontraram tanto na prática quanto na teoria e não com esses fatores condicionantes como tais.

3.2.3

O método da correlação

Tillich propõe então o seu método teológico, chamado por ele de ‘método da correlação’, que nada mais é que a tentativa de correlacionar as perguntas implícitas na situação com as respostas implícitas na mensagem. Tillich faz uso do método e constrói seu edifício teológico sobre ele. Este método, contudo, não é uma criação sua: “O princípio da correlação não foi inventado por Tillich. Já podia ser encontrado em Platão, Aristóteles e São Tomás¹⁴⁰.” E não apenas os pensadores do passado o utilizaram, o método da correlação é também encontrado em teólogos mais recentes como o protestante Karl Barth e o católico Teilhard de Chardin. Mas em nenhum outro teólogo ou filósofo o princípio da correlação tem tanto alcance quanto na obra de Paul Tillich. A correlação está para o pensamento de Tillich como as ideias estavam para o pensamento de Platão. Era seu ângulo de observação preferencial, “o refletor potente que ilumina todo o palco do mundo”¹⁴¹

A partir do seu princípio da correlação, o sistema teológico proposto por Tillich trata de dois critérios formais para sua realização. O primeiro reivindica que:

O objeto da teologia é aquilo que nos preocupa de forma última. Só são teológicas aquelas proposições que tratam de seu objeto na medida em que ele pode se tomar questão de preocupação última para nós.¹⁴²

¹³⁹ TILlich, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 21.

¹⁴⁰ MONDIN, B. **Os grandes teólogos do século XX**, v. 2. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 75

¹⁴¹ MONDIN, B. **Os grandes teólogos do século XX**, v. 2. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 75

¹⁴² TILlich, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 30

Já o segundo critério formal sobre o qual se apoia o sistema teológico de Tillich diz que a preocupação última é ontológica¹⁴³:

Nossa preocupação última é aquilo que determina nosso ser ou não-ser. Só são teológicas aquelas afirmações que tratam de seu objeto na medida em que este possa se tornar para nós uma questão de ser ou não-ser¹⁴⁴.

Elementos artísticos e culturais são objetos da Teologia. Levando-se em conta os critérios formais do método de Tillich, concordamos com ele quando afirma que:

Quadros, poemas e música podem se tomar objetos da teologia, não sob o ponto de vista de sua forma estética, mas de seu poder de expressar, em e através de sua forma estética, alguns aspectos daquilo que nos preocupa de forma última¹⁴⁵.

3.2.4

A busca pela preocupação última

A toda esta análise teológica que busca encontrar em múltiplas realidades aquilo que é tido como sua preocupação última, Tillich chama de Teologia da Cultura. Segundo sua própria definição:

Só pode ser o que tenho denominado de “teologia da cultura”, uma tentativa de analisar a teologia subjacente a todas as expressões culturais e de descobrir a preocupação última no fundamento de uma filosofia, de um sistema político, de um estilo artístico, de um conjunto de princípios éticos ou sociais¹⁴⁶.

Na prática, o debruçar-se sobre a cultura com a intenção de perceber sua preocupação última é tarefa das mais importantes para o teólogo e deveria ser levada muito a sério em instituições de ensino teológico. Muitos não se interessam pelo assunto e outros não conseguem perceber os caminhos pelos quais a análise cultural deve ser feita. Tillich orienta que a chave está em observar o estilo:

A chave para a compreensão teológica de uma criação cultural é seu estilo. Estilo é um termo que procede do campo das artes, mas é possível aplicá-lo a todos os domínios da cultura. Há um estilo de pensamento, de política, de vida social, etc. O estilo de uma época se expressa em suas formas culturais, na escolha de objetos, nas atitudes de suas personalidades criativas, em suas instituições e costumes. “Ler estilos” é tanto uma arte quanto uma ciência. Requer-se uma intuição religiosa, com base em uma preocupação última, para penetrar nas profundidades de um estilo, para chegar ao nível em que uma preocupação última exerce seu poder condutor. Mas é isso que se exige do teólogo que se ocupa com a história da cultura. E, ao desempenhar essa função, ele abre uma fonte criativa para a teologia sistemática¹⁴⁷.

¹⁴³ Ontológico é aquilo que a filosofia relaciona à própria essência do ser, e está ligado à investigação teórica do ser.

¹⁴⁴ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 31

¹⁴⁵ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 31

¹⁴⁶ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 55

¹⁴⁷ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 55

É importante ainda entender como Tillich conceitua a temática do *nomos*, a lei da vida e sua relação com o conflito religião e cultura. Tillich aponta uma heteronomia caracterizada pelo uso da força, que vê o ser humano incapaz de viver segundo a razão universal. No caso específico da cultura, a heteronomia se mostra como a tentativa religiosa de dominar a criatividade cultural autônoma a partir de fora¹⁴⁸.

Por sua vez, a autonomia é o reconhecimento de que o ser humano traz em si a razão universal, portanto estaria apto a viver dentro de seu espaço cultural sem a interferência de nenhuma outra força. O que não significa uma liberdade inconsequente. Na verdade, para Tillich:

Autonomia não significa a liberdade do indivíduo de ser uma lei para si mesmo, como muitas vezes afirmam os teólogos, estabelecendo assim um fácil bode expiatório para seus ataques contra uma cultura independente. Autonomia significa a obediência do indivíduo à lei da razão, lei que ele encontra em si mesmo como ser racional.¹⁴⁹

Completando a sua tríade do *nomos*, Tillich trata da teonomia, onde autonomia e heteronomia estão baseadas. Para Tillich:

Teonomia não significa aceitação de uma lei divina imposta à razão por uma autoridade suprema. Significa a razão autônoma unida à sua própria profundidade. Numa situação teônoma, a razão se efetiva a si mesma em obediência a suas leis estruturais e no poder de seu próprio fundamento inexaurível. Já que Deus (theós) é a lei (nomos) tanto da estrutura quanto do fundamento da razão, ambos, estrutura e fundamento, estão unidos nele, e sua unidade se manifesta numa situação teônoma.¹⁵⁰

É a ideia de Teonomia, que Tillich aponta como aquela que melhor relaciona uma fé genuinamente cristã com a produção artística e cultural humana:

A dupla luta contra uma autonomia vazia e uma heteronomia destrutiva torna a pergunta por uma nova teonomia tão urgente hoje quanto o foi no fim do mundo antigo. A catástrofe da razão autônoma é total. Nem a autonomia nem a heteronomia, isoladas e em conflito, podem dar-nos uma resposta¹⁵¹.

A partir das percepções de Tillich entendemos que uma arte feita por cristãos ou não, e que traga em si alguma Teologia, deve situar-se em situações limítrofes, transitar entre campos distintos entendendo bem sua situação de fronteira. Deve

¹⁴⁸ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 98

¹⁴⁹ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 97

¹⁵⁰ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 98

¹⁵¹ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 99

levar em conta a perenidade da Mensagem e a transitoriedade da situação. Deve trazer em si o anseio por aquilo que é incondicionado, que esteja atento à busca de uma ‘preocupação última’ e que esteja embasada em Deus para a construção de uma expressão cultural que seja livre para criar sabendo-se estruturada em leis e fundamentos dados à humanidade por Deus mesmo.

3.3

A contribuição reformada de Francis Schaeffer

Paul Tillich é um dos nomes mais importantes para a Teologia protestante do século XX. Suas proposições e seu modelo sistemático serviram de exemplo para muitos outros teólogos que se seguiram. Suas considerações teóricas e fundamentais acerca da relação entre a fé cristã e a cultura, desdobraram-se em muitos estudos, artigos, livros e teses.

O mundo protestante do século XX produziu outros pensadores engajados na questão teológica que envolve fé e cultura secular. Dois deles são o estadunidense Francis August Schaeffer e o holandês Henderik Roelof "Hans" Rookmaaker.

De um lado Tillich mergulhou na conceituação teológica e filosófica. De outro lado, Schaeffer e Rookmaaker se envolveram na análise da cultura de maneira mais prática.

Não há necessariamente aqui uma continuidade de pensamento, ou repetição de conceitos. Há uma questão, a relação entre fé cristã e a cultura, diferentes enfoques e abordagens que possibilitam uma visão ampla da discussão. Seria muito mais simples escolher apenas um pensador, dar as mãos a ele e seguir em frente, mas não seria útil excluir da discussão atual nomes que fizeram e ainda fazem muita diferença para teólogos e artistas cristãos.

3.3.1

A visão de Francis Schaeffer frente ao humanismo moderno

Francis Schaeffer foi um teólogo, filósofo e pastor presbiteriano nascido nos Estados Unidos. Enquanto jovem frequentou uma igreja presbiteriana liberal. Essa influência liberal fez de Schaeffer um agnóstico. Começou a estudar filosofia grega, mas nem a Teologia Liberal nem o secularismo filosófico respondiam às suas inquietações. Começou então a ler a Bíblia, nela encontrou o que chamava de

‘verdade verdadeira’¹⁵². Converteu-se aos 18 anos, estudou Teologia e pastoreou duas igrejas presbiterianas de linha fundamentalista nos Estados Unidos. A *Board for Prebyterian Foreign Missions*, organização ligada à igreja de Schaeffer o enviou como missionário à Europa em 1948. Sua tarefa era combater a disseminação do modernismo. Schaeffer percorreu a Europa falando do mal causado pelo humanismo sem limites, e da filosofia existencial e relativista. Ensinava o teísmo cristão como a única cosmovisão legítima, fazendo com que muitos recuperassem o sentido de veracidade da Bíblia, um conceito precioso no pensamento de Schaeffer.

Voltou da Europa em 1953, quando lecionou Teologia nos Estados Unidos numa curta temporada. Retornou à Suíça em 1955, para o *Chalet les Mèlèzes*, em Huémoz, onde criou sua maior realização, a *L’Abri Fellowship*. Em reportagem da Revista Time, Francis Schaeffer se apresenta como um evangelista que almeja pregar aos intelectuais¹⁵³. Era essa a missão do *L’Abri*, que era tão somente a casa da família Schaeffer nos Alpes suíços aberta para que estudantes e viajantes de todo o mundo pudessem entrar e compartilhar de suas dúvidas acerca da vida e da fé. Um dia em *L’Abri* se dividia entre ajudar a manter o lugar e seu entorno, estudo e conversa¹⁵⁴.

Em 1965, ele deixou a denominação que fazia parte, para se unir à recém-formada *Reformed Presbyterian Church, Evangelical Synod*, sem, contudo, deixar o ministério *L’Abri*. Começou a publicar seus livros em 1968. Escreveu mais de duas dezenas deles. Sua esposa, Edith Schaeffer, também escritora, publicou obra semelhante à de Francis em volume e importância. Francis Schaeffer dizia que seus livros deveriam ser lidos conjuntamente com os livros de Edith.

Apesar de considerar bastante a Teologia Sistemática em sua obra, não era um teólogo que se debruçava sobre os conceitos mais profundos em seus textos e livros. Não escreveu, a exemplo de Paul Tillich, uma Teologia Sistemática. O mais próximo que chegou de algo nesse nível foi um livro chamado ‘25 estudos bíblicos básicos’¹⁵⁵, que como o nome mesmo sugere, não busca as minúcias. Schaeffer

¹⁵² SCHAEFFER, Francis. **O Deus que Intervém**. Cambuci: Cultura Cristã, 2002. p. 227

¹⁵³ **Religion: Mission to Intellectuals**. TIME Magazine, vol LXXV, Nº 2, 11 de janeiro de 1960, disponível em: <http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,894666,00.html>. Acesso em 19 de março de 2022.

¹⁵⁴ Cf.: <https://labri.org/life/> acesso em 19 de março de 2022.

¹⁵⁵ Cf.: SCHAEFFER, Francis. **25 estudos Bíblicos básicos**. Brasília: Monergismo, 2015. 172p.

considerava a si mesmo um evangelista de linha apologética, que queria afirmar a verdade bíblica em contraposição com as proposições do humanismo moderno.

Em sua concepção: “Humanismo é a colocação do homem como centro de todas as coisas, fazendo-o a medida de todas as coisas¹⁵⁶”. Essa postura própria do modernismo era descabida para Schaeffer uma vez que tirava a soberania de Deus e o princípio reformado, caro para Schaeffer, de *Sola Scriptura*.

Em seus livros, Schaeffer faz uma contraposição direta ao modernismo, literalmente escrevendo um ‘Manifesto Cristão’¹⁵⁷ para refutar as ideias do Manifesto Comunista de Karl Marx, de 1848 e dos Manifestos Modernistas de 1933 e 1973. Ele se envolveu diretamente em questões políticas como a sua luta contra a legalização do aborto, contra o autoritarismo e a favor de direitos civis em seus filmes *Whatever Happened to the Human Race?* (O que houve com a Raça Humana?).

A relação direta entre fé cristã e a cultura foi um dos temas mais importantes e mais frequentes na obra de Schaeffer. Ele próprio era envolvido diretamente na produção de cultura. Além de livros, Francis Schaeffer participou de vários filmes produzidos por seu filho Frank Schaeffer. O cinema era mais uma linguagem usada por Schaeffer para disseminar suas ideias.

O humanismo moderno a que Schaeffer se opunha é o mesmo que na Renascença colocou o homem sob os holofotes, no centro do palco, tirando o protagonismo que antes era exercido por Deus. Um dos fatores que levaram a essa nova percepção no campo filosófico, tinha, na visão de Schaeffer, a influência direta da perspectiva de Tomás de Aquino quanto à Queda:

Aquino sustentava que o homem se revoltou contra Deus e caiu devido a isso, mas Aquino tinha uma visão incompleta da Queda. Ele pensava que a Queda não havia afetado o homem como um todo, mas somente em parte. Na sua visão, a vontade estava caída ou corrompida, mas o intelecto não havia sido afetado. Assim, as pessoas podiam confiar em sua própria sabedoria e isto significava que elas tinham toda a liberdade para misturar os ensinamentos da Bíblia com os ensinamentos de filósofos não-cristãos.¹⁵⁸

Na visão de Schaeffer foi a visão aristotélica reintroduzida no pensamento filosófico da Alta Idade Média por Tomás de Aquino uma das grandes responsáveis para a coroação da filosofia clássica não cristã. Teria feito isso resgatando a ênfase

¹⁵⁶ SCHAEFFER, Francis. **Manifesto Cristão**. Brasília: Refúgio, 1985. p. 27.

¹⁵⁷ Cf.: SCHAEFFER, Francis. **Manifesto Cristão**. Brasília: Refúgio, 1985. 129p.

¹⁵⁸ SCHAEFFER, Francis. **Como Vivemos?** Cambuci: Cultura Cristã, 2003. p. 31-32

de Aristóteles aos particulares. Schaeffer entendia que particulares são as coisas individuais a nosso respeito, na medida que cada pessoa individualmente é um particular. Foi essa inserção conceitual na filosofia da Alta Idade Média que preparou a entrada do humanismo na Renascença¹⁵⁹.

O problema causado por essa visão tomista foi a atribuição de um sentido final às coisas individuais que não era mais de Deus e sim do homem. O padrão que dá sentido moral à vida não era mais o Absoluto, mas o individual. Em resumo, era a contraposição entre natureza e graça. A partir do humanismo da Renascença, todo humanismo não mais conseguiu encontrar meios de alcançar absolutos ou universais capazes de darem sentido à existência e à moral.

Toda essa discussão filosófica pautada pelos particulares, que tinha desdobramentos em toda a Arte produzida pelos gênios renascentistas ao Sul da Europa, era contraditada por uma tentativa de resgate da importância da Bíblia como autoridade suprema e final que aponta uma única maneira de o homem retornar a Deus, através de Jesus Cristo, que acontecia quase simultaneamente na parte norte da Europa através do movimento do Cristianismo Bíblico de John Wycliffe e Jan Huss, dois pensadores que influenciaram a Reforma Protestante.

Sob a influência humanista, as artes da Renascença passaram então a ser mais voltadas a elementos naturais e humanos. Com isso, a Arte, a arquitetura e a literatura ganharam um novo frescor. Mas a crença no ser humano, de que por suas próprias forças poderia alcançar o universal a partir dos particulares fracassou. Daí ganha força a ideia platônica que inspirou os princípios da Reforma Protestante. Ambas, Renascença e Reforma eram contemporâneas, mas com perspectivas diametralmente opostas em relação a absolutos e particulares. Para Schaeffer, o humanismo havia causado um problema inclusive na Igreja:

Para os pensadores da Reforma, a autoridade não estava dividida entre a Bíblia e a Igreja. A Igreja encontrava-se debaixo dos ensinamentos da Bíblia – não acima deles, e não igual a eles. Seu lema era *sola scriptura*, somente as escrituras. Isso se contrapunha ao humanismo que havia se infiltrado na Igreja depois dos primeiros séculos do Cristianismo. No seu âmago, portanto, a Reforma foi o remover das distorções humanistas que estavam se infiltrando na Igreja.¹⁶⁰

Sendo um teólogo de linha reformada, Schaeffer era um defensor ardoroso dos valores da Reforma. Entretanto, aponta os momentos em que a Reforma não

¹⁵⁹ SCHAEFFER, Francis. **Como Vivemos?** Cambuci: Cultura Cristã, 2003. p. 32

¹⁶⁰ SCHAEFFER, Francis. **Como Vivemos?** Cambuci: Cultura Cristã, 2003. p. 50

cumpriu adequadamente com suas próprias proposições, especialmente ao propor que a vida fosse pautada pela Bíblia, mas em alguns momentos:

Muitos erros crassos foram cometidos, como por exemplo o posicionamento pouco equilibrado de Lutero em relação às guerras de camponeses e o fato de os reformadores terem demonstrado tão pouco esforço por alcançar as pessoas de outras partes do mundo com a mensagem cristã.¹⁶¹

O problema natureza versus graça que, graças ao humanismo, apareceu na Renascença inexistia na Reforma.:

Podemos dizer que enquanto a Renascença se concentrava no homem em sua autonomia, a Reforma concentrava-se no Deus infinito-pessoal que falava com eles através da Bíblia. O problema do sentido das coisas, inclusive do homem ficou tão bem resolvido com a resposta dada pela Reforma que passou a não existir mais enquanto problema. A razão disso é que a Bíblia confere unidade ao universal e aos particulares.¹⁶²

Mas surge aqui uma outra questão. Se o humanismo surgido da filosofia aristotélica, resgatado na Alta Idade Média por meio de Santo Tomás de Aquino era visto por Schaeffer como negativo, embora sua influência na visão artística da Renascença era um dado positivo, como a Reforma reagiria à Arte e às expressões culturais? É um fato conhecido na História que a ênfase na *sola scriptura* fez com que os reformadores, e as igrejas reformadas, renunciassem a vários elementos visuais sobretudo nos templos. Em alguns casos, obras de arte foram destruídas por representarem valores divergentes a princípios da Reforma. Para uns trata-se tão somente de iconoclastia, Schaeffer, no entanto parte em defesa dos reformadores:

Devido à sua tendência de purificar a religião de qualquer destaque exagerado aos símbolos visuais, os reformadores são muitas vezes acusados de serem antagonistas das artes. Mas a Reforma não era contra a arte enquanto arte. Para muitos de nós, as estátuas e pinturas de Madona, de santos e assim por diante são até reconhecidas como obras de arte, e entre nós há inclusive os que até prefeririam que os reformadores as tivessem depositado num armazém por cem anos ou mais. Depois disso, elas podiam ser expostas ao público ou transferidas para algum museu. Mas naquele exato momento da História isso teria sido pedir muito!¹⁶³

Sua defesa se deve à distinção que Schaeffer vê entre imagens de culto e as demais obras de arte. A Arte em si não era objeto da condenação dos reformadores. Sua repulsa era pelo uso da arte com significado religioso antibíblico. Schaeffer nos lembra que a Reforma em vez de ser contrária a Arte, era favorável a ela e ofereceu

¹⁶¹ SCHAEFFER, Francis. **Como Vivemos?** Cambuci: Cultura Cristã, 2003. p. 51

¹⁶² SCHAEFFER, Francis. **Como Vivemos?** Cambuci: Cultura Cristã, 2003. p. 51

¹⁶³ SCHAEFFER, Francis. **Como Vivemos?** Cambuci: Cultura Cristã, 2003. p. 54

ao mundo artes visuais, literatura e sobretudo música, numa tradição que começa por Lutero, passa pela genialidade de Haendel e atinge seu ápice em Bach. A arte inspirada por conceitos humanistas na Renascença era de fato algo inovador, e que mesmo séculos depois ainda causa encantamento.

A Reforma deu ao mundo também sua contribuição, obviamente que não do mesmo tipo da contribuição dada ao mundo pelos artistas renascentistas. Segundo Schaeffer: “É um absurdo ou desonesto afirmar que a Reforma tenha desprezado a arte e a cultura ou que ela não tenha produzido arte e cultura.”¹⁶⁴

3.3.2

O papel da arte no protestantismo

Exposto aqui a problemática humanista e sua contrapartida reformada, temos a contribuição mais importante de Francis Schaeffer para esta pesquisa, um pequeno livro chamado ‘A arte e a Bíblia’ que era ao mesmo tempo uma defesa dos artistas perante a igreja e um desafio aos artistas para permanecer redentoramente dentro da igreja¹⁶⁵, uma vez que a tendência dos artistas cristãos ao serem renegados pela igreja era sair de seus domínios e seguir com sua arte em paralelo à estrutura eclesial.

Schaeffer segue a linha reformada do neocalvinismo em sua defesa do senhorio de Cristo sobre todas as coisas, que por um lado nega a absolutização dos particulares, mas também nega a dicotomia platônica entre alma e corpo. Advoga que Deus criou o homem todo, Cristo redimiu o homem todo, o senhorio de Cristo se aplica ao homem todo e a vida cristã toda e, quando da volta de Cristo, todo o homem terá redenção completa. A redenção total do homem inclui seu interesse pela Arte, não apenas como um meio para o proselitismo:

Para o cristão, redimido pela obra de Cristo, e que vive segundo as normas das Escrituras e sob a liderança do Espírito Santo, o senhorio de Cristo deve incluir o interesse pela arte. O cristão deve usar a arte para glorificar a Deus, não simplesmente como propaganda evangelística, mas como algo belo para a glória de Deus.¹⁶⁶

¹⁶⁴ SCHAEFFER, Francis. **Como Vivemos?** Cambuci: Cultura Cristã, 2003. p. 60

¹⁶⁵ CARD, Michael. In: SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 11

¹⁶⁶ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 19

Schaeffer acreditava que “uma obra de arte pode ser, em si, doxologia”^{167 168}. Considerando que todos se relacionam todos os dias com alguma forma de arte mesmo em suas expressões populares como “romances, teatro, cinema, música popular e rock.”¹⁶⁹, Schaeffer afirma que a própria vida deveria ser a obra de arte mais grandiosa para um cristão.

De acordo com Schaeffer, cristãos podem e devem apreciar e criar arte. Devem fazê-lo, no entanto, tendo noções de alguns pressupostos. O primeiro e mais importante deles é entender que “uma obra de arte tem valor em si mesma”¹⁷⁰. Perder isso de perspectiva é não perceber o cuidado estético de Deus com a Criação, com os detalhes passados pelo próprio Deus para a construção do Tabernáculo no deserto e pelos objetos que adornavam o Templo de Jerusalém. Nenhuma obra de arte pode contar apenas com seus elementos intelectuais. Há o aspecto da beleza e ela importa para Deus. No Sermão da Montanha, Jesus já falava da beleza com que Deus vestia a erva do campo, que apesar de sua curta duração era superior à beleza a que Salomão, do alto de sua grandiosidade e opulência real fora capaz de experimentar¹⁷¹.

Abraham Kuyper, um dos maiores expoentes do neocalvinismo moderno concorda com a importância que Deus dá à beleza:

Não podemos sequer afirmar que Deus criou a beleza simplesmente para nosso deleite - o próprio Deus deve se deleitar nela. Ora, a beleza não brilha e resplandece séculos após séculos nos cumes das montanhas e nas regiões remotas jamais pisadas pelo homem? Nem o Polo Norte nem o Polo Sul foram vistos por seres humanos, sendo assim, quem pode descrever o esplendor e a majestade que há naquele mundo glacial inexplorado que fulguram perante os olhos de Deus por séculos passados e continuará por séculos vindouros? O que, de fato, sabemos sobre as estrelas da Via Láctea, ou mesmo acerca dos planetas que, juntamente conosco, orbitam ao redor do sol? A despeito de tal ignorância de nossa parte, que beleza atordoante adorna esse universo semeado de estrelas!¹⁷²

Sendo Deus o Criador, que cria com beleza e arte, temos aí um argumento que impede uma visão limitada da criatividade. O mesmo Deus que criou todas as coisas nos fez a Sua imagem e semelhança, o que significa que podemos e devemos

¹⁶⁷ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 19

¹⁶⁸ Doxologia é uma palavra grega formada por dois termos: doxa, que significa “glória”, e logia, de logos, que significa “palavra”. Significa, portanto, uma expressão de louvor, honra e glória a Deus.

¹⁶⁹ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 43

¹⁷⁰ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 44

¹⁷¹ Cf.: Mateus 6,30

¹⁷² KUYPER, Abraham. **Sabedoria & Prodígios**: graça comum na ciência e na arte. Brasília: Monergismo, 2018. p. 126

usar a nossa criatividade para produzir arte. É a criatividade artística um dos elementos que diferencia o ser humano de seres não-humanos. Criatividade é algo intrínseco à nossa hominidade^{173 174}.

Conquanto seja uma característica dada ao homem por Deus, e que a criatividade seja em si boa, nem tudo o que os homens conseguem criar a partir de sua criatividade é algo bom, uma vez que o homem está corrompido. Ela é uma expressão da nossa humanidade. Os museus são expressões da “hominidade do ser humano”¹⁷⁵. As obras de arte devem demonstrar valor em si mesmas. Por um lado, não são apenas uma mensagem para o intelecto. Por outro, não são arte pela arte, que não se possa ou deva discutir, analisar ou dizer nada a seu respeito.

Uma obra de arte não é apenas o veículo para a transmissão de uma mensagem, mas transmite de alguma forma a cosmovisão de seu autor. Observando o conjunto da obra de um autor, podemos ver “tanto a fundamentação quanto certos detalhes da concepção do artista sobre a vida se manifestam”¹⁷⁶. Todos, sejam eles conscientes disso ou não, de alguma forma, têm uma cosmovisão. No caso de um artista, sua cosmovisão transborda através de sua arte, e a expressão artística dá força a uma cosmovisão. Nem toda obra de arte, por mais esplêndida que seja traz uma cosmovisão correta. Uma bela obra aumenta o poder comunicativo de uma cosmovisão, o que não necessariamente a torna verdadeira.

Schaeffer defendia que uma obra de arte deveria ter algum sentido para o público que a receberia. Há um vocabulário simbólico, que uma vez conhecido por autor e receptor, torna a obra de arte inteligível. Há um vocabulário comum a todas as pessoas que é o mundo criado por Deus.

Portanto, quando o artista não se dispõe a usar esse vocabulário simbólico, a comunicação se torna impossível. Não há como alguém saber o que ele está dizendo. Meu argumento não é que fazer esse tipo de arte é imoral ou anticristão, mas que, com isso, perdemos uma dimensão da arte¹⁷⁷.

Por isso a arte abstrata não é bem-vista por Schaeffer, uma vez que a relação com o espectador não é completa, é indefinida e alienante, como se entre eles

¹⁷³ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 45

¹⁷⁴ Hominidade aqui é entendido como aquilo que caracteriza a essência da natureza humana

¹⁷⁵ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 46

¹⁷⁶ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 49

¹⁷⁷ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 51

houvesse uma parede. Diante da arte abstrata, cada observador experimenta uma reação emocional pessoal.

Uma obra de arte pode ser julgada a partir de certos padrões de julgamento. Schaeffer apontava quatro padrões básicos. Um grande artista, pode produzir uma primorosa obra de arte, ainda que não concordemos com sua cosmovisão. Isso não fará dele um artista menor. Tratar o artista de maneira justa é entender que embora sua cosmovisão seja diferente da que defendemos, ele é capaz de produzir arte com excelência técnica. O contrário também é possível, e até frequente: validar arte com excelência técnica duvidosa ou discutível apenas por conta de uma cosmovisão que agrade ao espectador.

Um outro padrão de julgamento apontado por Schaeffer é a validade, que corresponde ao artista manter-se fiel a si mesmo e a sua cosmovisão. Muitos artistas criam suas obras por encomenda direta de seus clientes, ou para agradar a crítica especializada, ou ainda, para aproveitar um bom momento em que determinado estilo ou tema esteja em alta para poder tirar proveito com sua arte. Nesses casos, um trabalho artístico não tem validade.

Além de excelência técnica e validade, outro padrão pelo qual julgamos uma obra de arte é seu conteúdo, ou seja, aquilo que reflete a cosmovisão do artista. No caso específico dos artistas cristãos, sua cosmovisão deve estar alinhada com a Bíblia. Uma obra de arte pode ter alta qualidade e ainda assim apresentar uma cosmovisão contrária aos pressupostos da fé cristã. Quando isso ocorre, pode causar um efeito negativo muito maior do que se uma mensagem destrutiva fosse transmitida com qualidade técnica inferior. Schaeffer alerta a esse respeito quando diz que: “Muitos parecem achar que, quanto maior a qualidade da arte, tanto menor deve ser a nossa crítica à sua cosmovisão. Precisamos reverter isso”¹⁷⁸.

Um outro aspecto que não pode ser desprezado é o fato de que um artista que não é cristão, seja capaz de criar uma obra de arte que tenha em si uma cosmovisão cristã. Enquanto cristão aqui é entendido como a pessoa que tem Cristo como seu Salvador pessoal, a cosmovisão cristã, como entendida por Schaeffer era algo bem mais amplo. Ele a dividia em dois temas, que chamava de maior e menor¹⁷⁹.

¹⁷⁸ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 57

¹⁷⁹ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 68

O tema maior estava ligado à plenitude e ao sentido da vida¹⁸⁰. Estava dividido em duas partes, a primeira era metafísica, relaciona-se com a crença na existência de um Deus que intervém na vida humana, que tem em si significância uma vez que o homem foi feito à imagem e semelhança desse Deus. A crença na existência de Deus leva a compreensão de que o amor, a verdadeira moral e a criatividade existem. Logo, em relação à existência, esse primeiro aspecto do tema maior era bastante positivo. O segundo aspecto desse tema maior tem a ver com o sentido moral do cristianismo, que é baseado no caráter de Deus e se reflete na lei moral do Universo. Diante de Deus e de toda sua perfeição, santidade e eternidade, o homem, pecador e finito, sente-se (e de fato é), culpado. A solução de sua culpa e de sua imperfeição pecaminosa foi dada pelo próprio Deus através da vida, da morte e da ressurreição de Jesus. A humanidade corrompida pela Queda é redimida pela obra de Cristo.

No tema menor, temos a imperfeição do mundo corrompido pela Queda¹⁸¹. Uma vez que se rebelaram contra Deus, os homens estão perdidos. Existe um claro lado fracassado e pecaminoso, mesmo na vida de pessoas que têm a Jesus como seu Salvador pessoal. A despeito do que possa ensinar o neopentecostalismo brasileiro da prosperidade, nenhuma vida (cristã ou não) é plenamente vitoriosa neste mundo. A perfeição é algo que nenhum ser humano alcançará nessa vida.

A tendência humana é de falar de suas angústias, do mal que está à volta. Uma arte cristã eminentemente humana tocará o tema menor, falará de suas dores, e profeticamente denunciará os seus próprios pecados e os de sua geração. Entretanto, artistas cristãos não podem (nem devem) restringirem-se apenas ao que há de negativo, há uma possibilidade de solução, há um otimismo no tema maior que aponta para Cristo e sua obra que redime todas as coisas.

A arte cristã deve equilibrar os temas. Não pode apenas idealizar uma vida sem problemas, utópica e distante, nem se ater somente aos aspectos negativos da vida, como se não houvesse nenhuma solução. Não pode ser demasiado pessimista, tampouco romântica a ponto de fechar os olhos para a realidade dura.

Há então: artistas que são cristãos e que criam sua arte numa cosmovisão plenamente cristã; artistas não cristãos que criam sua arte a partir de uma cosmovisão que não é cristã; há artistas que apesar de não serem cristãos, são

¹⁸⁰ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 69

¹⁸¹ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 68

influenciados por uma cosmovisão cristã e dentro dela criam sua arte e há ainda um quarto tipo que seria “o mais triste de todos”¹⁸², aquele que é cristão, mas que ao produzir arte incorpora uma cosmovisão não-cristã.

O último dos quatro padrões de julgamento de uma obra de arte segundo Schaeffer é a adequação entre o veículo e a mensagem. Em uma obra de arte verdadeiramente grandiosa existe uma correlação entre o estilo e o conteúdo, como no poema “A Terra Devastada” (1922) de T. S. Eliot e no quadro *Demoseilles d’Avignon* (1907), de Pablo Picasso.

O tipo de adequação entre mensagem e conteúdo que fez Elliot, foi observar seu mundo fragmentado e partido, apresentando um poema que coleta fragmentos de linguagem, de imagens e alusões trazidas da filosofia, da literatura e de escritos religiosos. Um poema em fragmentos sobre um mundo fragmentado. No caso de Picasso, que pintando uma tela que leva o nome de uma casa de prostituição em Barcelona, divide sua tela em três partes, com estilos distintos, de forma natural, no estilo dos primitivos espanhóis e de forma abstrata, com as mulheres semelhantes a monstros, retratando a fragmentada natureza do homem de seu tempo. Schaeffer explica: “Aquilo que T. S. Elliot fez na poesia, Picasso já havia feito na pintura. Ambos merecem reconhecimento por adequar o veículo à mensagem”¹⁸³.

Além disso, Schaeffer nos lembra que a arte pode ser usada para transmitir todo tipo de mensagem, inclusive formas novas, diferentes daquelas que estamos habituados. Uma parte considerável da rejeição à arte se dá exatamente pela sensação de estranhamento quanto à forma diferente do habitual com que ela se apresenta. Eis aqui um dos grandes problemas enfrentados pelas bandas de rock cristãs, inclusive no Brasil. Há uma tendência em sacralizar certas formas de arte e tornar-se refratário a formas novas que possam surgir. Há aqui uma clara limitação à criatividade humana, dada por Deus. “Os estilos artísticos mudam e nada há de errado nisso”¹⁸⁴.

Para que não haja obstáculos quanto ao entendimento, é preciso que haja contemporaneidade à arte cristã, do contrário ela será ininteligível “A arte cristã dos dias atuais deve ser uma arte do século atual”¹⁸⁵. E não apenas adequada ao tempo,

¹⁸² SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 58

¹⁸³ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 59

¹⁸⁴ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 61

¹⁸⁵ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 63

mas ao lugar onde ela está. A arte cristã deverá ter as nuances do lugar onde ela está sendo desenvolvida. Uma genuína arte cristã precisa combinar adequação ao tempo, ao lugar e à cosmovisão cristã.

Todo estilo artístico possui potencialidades e limitações. Ao produzir arte cristã o artista deve entender qual veículo transportará adequadamente a mensagem que deseja transmitir. E estar atento ao fato de que o público a quem essa mensagem está destinada consiga compreender seu conteúdo. Não basta apenas a produção da arte, o *feedback* deve ser levado em conta também. Como exemplifica Schaeffer:

Digamos, por exemplo, que você esteja tocando em um grupo de *rock* cristão, fazendo uma forma artística de *rock*. Suponhamos também que você esteja visitando cafeterias e usando o *rock* como ponte para pregar a mensagem cristã. Tudo bem. Porém, é preciso atentar-se para o *feedback*. Depois de tocar, você precisa se perguntar se as pessoas conseguiram compreender o que você estava fazendo. Será que elas ouviram sua mensagem claramente porque você usou a linguagem moderna deles, ou simplesmente ouviram mais uma vez o que já vinham ouvindo sempre que escutavam *rock* porque você usou o estilo delas? Às vezes consegue-se comunicar o conteúdo; outras vezes não. Nem todas as situações são iguais; você deve ter em mente a situação atual e o que está tentando fazer¹⁸⁶.

O estilo a ser utilizado é em si neutro. Mas deve ser cuidadosamente escolhido pelo artista cristão para que não distorça sua cosmovisão e consiga transmitir exatamente aquilo que o artista deseja comunicar. Essa reflexão deve ser aplicada tanto ao escolher usar, quanto escolher não usar determinado estilo.

Schaeffer faz questão de salientar que a arte cristã não é sempre religiosa. Reflexo mesmo da Criação de Deus que tem grande variedade de cores, formas e sons, mas não é toda ela religiosa no sentido estrito. A mensagem cristã, sobretudo protestante tem a tendência de enfatizar muito o aspecto soteriológico, esquecendo por vezes que a mensagem cristã começa na Criação. Como parte da criação, a arte cristã faz bem em retratar o ser humano enquanto indivíduo, e não uma humanidade abstrata e distante.

Toda a vida de um artista cristão deve ser ela mesma uma obra de arte. Ele não deve usar a arte tão somente para fazer evangelismo. Ele nem mesmo precisa se concentrar em temas religiosos, uma vez que temas religiosos podem trazer consigo elementos misturados de outras tradições religiosas. Caso famoso no rock é a canção '*My Sweet Lord*' lançada por George Harrison no álbum '*All Things*

¹⁸⁶ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 67

Must Pass’ de 1970. No refrão dessa canção, enquanto a voz em primeiro plano canta ‘*My Sweet Lord*’ e Aleluia, ao fundo é entoado o mantra Hare Krishna.

Um último aspecto da perspectiva de Schaeffer sobre a arte a ser ressaltado é que ele defendia a análise de toda a obra de um artista, em seu conjunto para que se pudesse entender sua cosmovisão. Nem o artista era capaz de expor toda a sua cosmovisão em uma única obra e nem o espectador poderia pretender captar toda ela de uma só vez. É necessário um olhar aguçado sobre a obra completa de um autor para que a noção e a percepção de sua cosmovisão seja melhor entendida.

3.4

Hans Rookmaaker e uma ideia de arte que não precisa ser justificada

Henderik Roelof Rookmaaker, que ganhou da família o apelido de Hans, viveu apenas 55 anos, simetricamente situados no meio do século 20, entre 1922 e 1977¹⁸⁷. Nasceu em Haia na Holanda, no período em que a Europa se recuperava dos estragos causados pela Primeira Guerra Mundial, ano da criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas no Leste Europeu e, foi o ano da Semana de Arte Moderna, organizada por artistas do movimento antropofágico em São Paulo milhares de quilômetros distante de onde ele viveu.

O pai e o avô de Hans eram funcionários do governo holandês, atuando nas colônias das então chamadas Índias Holandesas. Sua família viveu na região onde hoje fica a Indonésia até 1920, quando retornaram à Holanda. Foi nesse período que Hans nasceu. Pouco depois, em 1924, seu pai retornou ao trabalho na colônia holandesa, levando consigo a família. Ele atuava como controlador de uma divisão administrativa colonial na parte oeste de Sumatra. Devido a problemas de saúde, o pai de Hans se aposentou e voltou a morar na Holanda em 1937¹⁸⁸.

Durante a juventude, Rookmaaker apaixonou-se pela música afro-americana sobretudo *jazz*, *blues* e *spirituals*. Tornou-se aspirante na *Royal Naval College*, a academia militar que formava oficiais da Marinha holandesa. Lá estudou até 1940, quando os alemães fecharam a Escola. Transferiu-se então para o curso de engenharia da Universidade Técnica de Delft, onde estudou até 4 de março de 1941

¹⁸⁷ GASQUE, Laurel. **Rookmaaker: arte e mente cristã**. Viçosa: Ultimato, 2012. p. 13

¹⁸⁸ GASQUE, Laurel. **Rookmaaker: arte e mente cristã**. Viçosa: Ultimato, 2012. p. 39

quando foi preso por posse de literatura antialemã. A prova de seu crime era um panfleto encontrado em seu bolso intitulado *De Vrije Katheder* (O pódio livre), que Hans havia recebido de René Donker, um de seus professores na universidade. Esperou pelo julgamento preso durante nove meses, sendo condenado a prisão por dois meses e meio. Devido ao tempo de espera preso, foi liberado com sua pena cumprida.

Solto, não passou muito tempo até que os oficiais comissionados como ele fossem convocados pelos nazistas a se apresentarem em Breda em abril de 1942. De lá foi mandado para o “Campo de prisioneiros de guerra para oficiais 67” em Nuremberg¹⁸⁹. Foi a esse tempo, que Hans, que não era de família cristã, começou a considerar que Deus poderia ter um papel importante na vida humana e começou a ler a Bíblia. Sua leitura mostrou que a Bíblia revela a verdade. De Nuremberg, foi transferido para Stanislau na Ucrânia, onde conheceu Johan Pieter Albertus Mekkes, um capitão das forças armadas, cristão convicto, profundo intelectual e autodidata que mesmo servindo às forças armadas iniciou seu doutorado em lei filosófica. Era vinte e cinco anos mais velho que Rookmaaker, mas dali em diante se tornaria um dos seus maiores influenciadores além de um de seus melhores amigos.

Mekkes ajudou Rookmaaker a entender melhor a fé cristã e sua relação com a filosofia. Foi com Mekkes que Rookmaaker conheceu a filosofia da ideia cosmogônica de Herman Dooyeweerd, que foi a ferramenta que Rookmaaker usou para pensar sistematicamente e criticamente a partir de uma perspectiva cristã¹⁹⁰.

Voltando para a Holanda, Hans Rookmaaker foi batizado na Igreja Reformada em Haia. Se tornou um cristão convicto de que não queria se tornar um liberal. Por outro lado, não se tornou um fundamentalista. A influência de Dooyeweerd o fez ver o pensamento cristão de forma aberta e não fechada. A fórmula de Santo Anselmo de ‘*credo ut intelligam*’¹⁹¹ era real no pensamento de Rookmaaker.

Em 1948, enquanto estudava na Universidade de Amsterdã, sua noiva, Anky Huitker, trabalhava na comissão organizadora da primeira assembleia do Conselho Internacional de Igrejas Cristãs. Durante esse trabalho, ela conheceu um

¹⁸⁹ GASQUE, Laurel. **Rookmaaker: arte e mente cristã**. Viçosa: Ultimato, 2012. p. 47

¹⁹⁰ GASQUE, Laurel. **Rookmaaker: arte e mente cristã**. Viçosa: Ultimato, 2012. p. 58

¹⁹¹ Creio para compreender

estadunidense que julgou ser interessante apresentar a Rookmaaker. Assim, em agosto de 1948, por intermédio de Anky, Hans Rookmaaker conheceu Francis Schaeffer. Os dois pensadores firmaram grande amizade, que incluía visitas com toda a família às casas um do outro.

Há diferenças fundamentais entre eles. Schaeffer era mais velho quase 10 anos. Rookmaaker era um intelectual e ao mesmo tempo um evangelista, ele tinha maior inclinação acadêmica que Schaeffer que era um evangelista e ao mesmo tempo um intelectual. Apesar disso nem um nem outro se encaixavam no típico estereótipo de intelectual. Eram ao mesmo tempo bíblicos e culturalmente relevantes¹⁹². Hans Rookmaaker e sua família foram uns dos primeiros hóspedes do *L'Abri* suíço. Posteriormente, Rookmaaker e sua família se tornam representantes do ministério *L'Abri* na Holanda onde eles mesmos inaugurariam mais tarde um *L'Abri* em Eck en Wiel.

Em 7 de julho de 1959, Hans concluiu seu doutorado em História da Arte pela Universidade de Amsterdã e foi convidado a lecionar História da Arte na Universidade Livre de Amsterdã. Em 13 de março de 1977, Hans Rookmaaker morre vítima de um ataque cardíaco aos 55 anos.

Uma palestra de Hans Rookmaaker proferida no Festival de Artes na Inglaterra em 1975, se tornou o clássico livro 'A arte não precisa de justificativa', em que Hans estava trabalhando quando veio a falecer. O livro foi lançado postumamente em 1978¹⁹³.

Rookmaaker era especialista em artes, e apesar de apaixonado por música, suas análises em geral falavam da pintura, da escultura e das artes visuais, sem desconsiderar os demais artistas e suas produções, mas deixando claro qual era sua área e maior conhecimento.

Ele entendia que vivemos em um universo mecanicista que prende uma humanidade feita para ser livre. A partir de Kant, Schelling e Hegel, a arte passa a ser vista como solução, ela pode revelar a unidade interna e contornar as tensões racionais. A arte ganha quase um sentido religioso, mas de uma religião irreligiosa.

Talvez por essa razão a música tornou-se a maior das artes. Ela nos domina emocionalmente e, ainda assim, não pode ser facilmente analisada. Seu conteúdo vai além daquilo que podemos verbalizar¹⁹⁴.

¹⁹² GASQUE, Laurel. **Rookmaaker: arte e mente cristã**. Viçosa: Ultimato, 2012. p. 101

¹⁹³ Cf.: ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. 80p.

¹⁹⁴ ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 15

A despeito dessa elevação quase religiosa das artes, os artistas continuavam “famintos e segregados”¹⁹⁵ a não ser que fizessem de sua obra mero elemento comercial, o que Rookmaaker chamava de “arte a serviço de Mamom”¹⁹⁶, rendendo-se ao mau gosto e a sentimentalismo baratos. Aqueles que se recusaram renderem-se ao sistema dominante, eram abandonados.

Rookmaaker entende que o racionalismo cartesiano mudou muitas realidades, dentre elas a arte. As artes manuais foram desprezadas, como se fossem algo inferior. As “belas artes” ganharam uma importância quase religiosa, os grandes artistas passaram a ser considerados gênios e de alguma forma, a arte ocupou o lugar da religião.

A mentalidade de que a Igreja e o Cristianismo deveriam abster-se de contato com a cultura secular contribuiu para que a Renascença fosse tão secularizada¹⁹⁷. O resultado apontado por Rookmaaker era que:

Na arte da Renascença, encontramos dois momentos ou ideais em ação. Primeiro, há liberdade, como no desejo faustiano desenfreado por liberdade e potencial ilimitados; segundo, a racionalização do estilo como no classicismo estritamente observado e racionalmente determinado.¹⁹⁸

Os cristãos viram essa mudança e se recolheram a ponto de verem o mundo se tornar completamente secularizado a despeito de nele haver muitos cristãos. A influência dos cristãos na vida em sociedade foi diminuindo consideravelmente até que vida cristã viesse a se resumir ao exercício devocional. Dissociados da cultura do mundo, como se as coisas espirituais e culturais não pudessem se tocar, alguns absurdos foram acontecendo. Rookmaaker cita um exemplo:

Conheço uma escola de teologia que organizou um curso sobre cristianismo e cultura. A primeira questão era: “O que o cristianismo tem a ver com a cultura?”. Como eles não conseguiram responder, surgiu a seguinte pergunta: “Por que esse curso existe?”¹⁹⁹

As artes foram sendo deixadas de lado no protestantismo, como se sua única função fosse evangelística. A arte passou a ser considerada utilitária. Em certa medida, o mesmo aconteceria com outras áreas da vida, como por exemplo a

¹⁹⁵ ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 17

¹⁹⁶ ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 19

¹⁹⁷ ROOKMAAKER, H. **O dom criativo**. Brasília, DF: Monergismo, 2018. p. 41

¹⁹⁸ ROOKMAAKER, H. **O dom criativo**. Brasília, DF: Monergismo, 2018. p. 65

¹⁹⁹ ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 24

assistência social a necessitados. Toda a vida e toda a cultura tinham um só objetivo: alcançar mais pessoas com a mensagem do Evangelho. Não há nada de errado em usar um meio artístico e cultural com esse objetivo, mas é empobrecedor não ver a arte como nada além disso.

Esse uso utilitarista das coisas é atribuído por Rookmaaker à mudança de paradigma trazido à tona pelo racionalismo cartesiano:

...desde a Idade da Razão nossa cultura tem visto o relacionamento da humanidade com a natureza apenas como forma de dominar a realidade e utilizá-la em nosso favor.²⁰⁰

Isso gerou uma crise profunda na humanidade, de natureza espiritual, e que se refletiu nas artes, mas também na economia, na tecnologia e na moralidade. Poucos dominam os meios de dominar a natureza e as realidades à força. Com isso, poucos dominam a muitos e o resultado é uma qualidade de vida prejudicada em que a desumanização faz parte do cotidiano.

Quando poderia responder a essas mudanças, o cristianismo ensimesmou-se em uma espécie de pietismo, onde:

extensas áreas da realidade humana, como a filosofia, a ciência, as artes, a economia e a política, foram entregues ao “mundo”, já que os cristãos se concentravam principalmente em atividades piedosas.²⁰¹

Rookmaaker propõe uma espécie de reforma da realidade do mundo, que deve começar no cristianismo, para que haja renovo em nossa cultura. Em sua visão, é preciso que o cristianismo assuma uma posição mais ativa de influência na sociedade. Para Rookmaaker, é preciso que os cristãos percebam o estado em que o mundo secularizado se encontra, ver a posição confortável em que os cristãos se encontram em meio a tudo isso e tomar a atitude de iniciar uma mudança, que não terá garantias de sucesso, mas sem uma tentativa, o fracasso é iminente.

Nesse cenário, o papel dos artistas cristãos é extremamente importante. Eles devem trabalhar dentro da sociedade, para que através de sua criação, possam tornar a vida vivível, espiritualmente rica, com profundidade e que seja estimulante²⁰². Rookmaaker lembra que o mundo não se tornou ateu graças à árdua pregação de ateístas, mas devido ao trabalho pesado destes em diversas áreas da cultura e da

²⁰⁰ ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 20

²⁰¹ ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 23

²⁰² ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 34

ciência. Ao tomar a liderança em múltiplas áreas, passaram a dar o tom de como as coisas seriam. A arte tem evidente influência sobre as pessoas:

Pense no papel do rock nos anos 60. Se naquela época houvesse música cristã criativa, estimulante e boa, se houvesse arte visual que fosse verdadeiramente diferente, não estranha, mas boa, o cristianismo teria mais a dizer.²⁰³

A ação de influenciar a sociedade deve ser conjunta e incluir além dos artistas, escritores, pensadores e pregadores. Existe a necessidade de mostrar que as coisas feitas pela humanidade só alcançam pleno significado estando firmados em seu relacionamento com Deus. Não é a arte que deve ser usada para mostrar a validade do cristianismo. Uma vez que cristãos entendem que o cristianismo é verdadeiro, tudo o que um artista cristão faz expressando sua criatividade é para a Glória de Deus. A vida existe com sentido, propósito e beleza. Há o reconhecimento de que a vida bem como os talentos artísticos são dádivas recebidas de Deus. Logo, mesmo que a arte não seja nitidamente evangelística ela reflete um propósito de vida: buscar o reino de Deus.

Apesar de não precisar ter justificativa, uma obra de arte tem em si um sentido e comunica algo. “Ele é uma realização da imaginação humana, ela é espiritual; isto é, ela mostra o que significa ser humano²⁰⁴.” Ela deve ser humana e real, com isso traz em si seu elemento cristão, não como um apêndice, inserido artificialmente, mas como parte integrante daquilo que o artista é e que transborda dele mesmo.

Deus deu à humanidade a habilidade de fazer coisas belas: compor músicas, escrever poemas, produzir esculturas e decorar coisas. As possibilidades artísticas existem para serem percebidas e executadas por nós e para receberem uma forma concreta. Deus deu isso a humanidade e seu sentido está exatamente nesta doação. É algo dado por Deus que tem que ser feito por meio dele, ou seja, por meio dos talentos que ele dá, em obediência e em amor a ele a às pessoas. É assim que a arte é devolvida como oferta a Deus. Assim, a arte tem seu próprio significado como criação de Deus – ela não precisa de justificativa. Sua justificativa é ser uma possibilidade dada por Deus.²⁰⁵

Assim como qualquer outro profissional em sua área de atuação, os artistas não precisam de justificativa para fazer seu trabalho. Ao fazerem bem o seu trabalho estão demonstrando seu amor a Deus e ao próximo. A arte tem espaço em muitas áreas da vida e no contexto da liturgia religiosa ou da propaganda evangelística. A

²⁰³ ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 35

²⁰⁴ ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 39

²⁰⁵ ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 46

arte não precisa renegar esses âmbitos, nem precisa ficar presa exclusivamente a eles.

Há duas maneiras de encarar a qualidade de uma obra de arte, entendendo como é a leitura contextual que o artista faz e expressa em sua obra bem como a qualidade técnica com que comunica essa sua visão. Mesmo que uma obra de arte seja simples ela deve ser sempre clara, nunca tola ou superficial²⁰⁶.

A arte comunica o que o artista percebe e com isso influencia até mesmo o estilo de vida dos espectadores. Músicas e filmes influenciam bem mais que o estilo das roupas que são usadas, elas mexem com a maneira como as pessoas se movem e sentem. A arte pode ainda ser uma maneira através da qual é dada forma aos descontentamentos e desconfortos em relação ao mundo.

Para Rookmaaker, há uma grande norma para a produção de arte, e ela está resumida no mandamento de amar ao próximo.

Se dissermos que o amor é, como tudo mais, a suprema forma de arte, isso certamente afeta os temas que escolhemos, a maneira como os tratamos, as formas que lhes damos, os materiais que manuseamos e as técnicas que empregamos.²⁰⁷

Uma das tarefas dos teólogos e pensadores cristãos é entender, avaliar e levar em consideração a arte que tem sido feito em seu contexto cultural, pois essa arte influencia a vida e comunica uma visão de mundo.

Se um disco chega ao topo das paradas de sucesso (refiro-me ao rock e ao pop), quer dizer que muitas pessoas o estão ouvindo. Portanto, torna-se imprescindível discutir o significado, o conteúdo e a influência que ele tem sobre as pessoas, ainda que não no sentido exato de uma palavra ou linha, ou apenas das letras das canções. A música com seu impacto total, ou seja, sua melodia, seu ritmo e sua harmonia, expressa uma mentalidade, um estilo de vida, um modo de pensar e sentir, uma forma de lidar com a vida e com a realidade. É importante discutirmos isso, pois esse tipo de música ajuda a formar os estilos de vida daqueles que o apreciam²⁰⁸.

Duas questões são importantes na discussão acerca de uma obra de arte: o decoro, ou a função que uma obra exerce em seu próprio cenário; e o significado em relação à função. A exemplo de Schaeffer, Rookmaaker não gostava de arte meramente abstrata²⁰⁹, por conta de sua negação da realidade.

Rookmaaker aponta quatro qualidades determinantes sobre a relevância e influência de uma artista: o talento, que não é mérito do artista, mas uma dádiva

²⁰⁶ ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 52

²⁰⁷ ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 55

²⁰⁸ ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 58-59

²⁰⁹ ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 65

concedida por Deus; a inteligência, que tem a ver com a capacidade de analisar a situação e através dos parâmetros próprios da arte, ser capaz de comunicar sua compreensão; o caráter, que tem a ver com manter-se fiel a quem o artista de fato é, e não ceder à tentação de fazer uma arte distante de si com objetivos secundários como fama, popularidade e lucro; a quarta e última característica está ligada a aplicação e está ligada à quantidade de trabalho duro a ser aplicado na categoria caráter. É preciso estudo, treino, prática. “Genialidade por si só não basta”.²¹⁰

Rookmaaker espera dos cristãos uma arte que dê beleza e sentido à vida, que ao mesmo tempo perceba e denuncie o mal, mas que aponte perspectivas:

Procuramos arte cheia de arte, que brota da plenitude do que somos e que leve em conta a realidade inteira em que vivemos, a realidade imensuravelmente maior do que simplesmente a soma da natureza e ser humano. Tal arte expressará alegria e beleza, dará honra e louvor – mas nunca fechará os olhos ao pecado e à miséria. Será, em suma, uma arte nascida da liberdade dada por Deus aos homens. A arte deve ser uma forma de brincar, de regozijar-se diante da face de Deus.²¹¹

Do pensamento de Rookmaaker, esta pesquisa recolhe a ideia de que a maior influência que artistas cristãos podem exercer na cultura secular, é fazer a sua arte demonstrando sua cosmovisão, sua leitura de um mundo perdido e pecador, mas criado belo e que anseia por reconciliar-se com seu criador. Uma arte que tenha os pés no chão e a cabeça nas coisas eternas, que veja toda a realidade com a possibilidade de redenção. Uma arte que não seja necessariamente evangelística, mas que, sendo bela transmita uma cosmovisão que afirme pela arte que pessoas feitas a imagem e semelhança do Criador que dá beleza ao mundo, contribuem com arte feita com qualidade que comunica ao homem de seu tempo a beleza que há na criação de Deus.

3.5

Por uma Teologia da Cultura Brasileira

Uma cultura está situada em um contexto global: um tempo, um lugar, uma atmosfera, um ambiente social político e econômico que criam as condições daquilo que os biblistas chamam de *Sitz im Leben*²¹², que os românticos alemães chamavam

²¹⁰ ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 75

²¹¹ ROOKMAAKER, H. **O dom criativo**. Brasília, DF: Monergismo, 2018. p. 81

²¹² *Sitz im Leben* é uma expressão alemã utilizada na exegese de textos bíblicos. Traduz-se comumente por "contexto vital". De uma forma simples, o *Sitz im Leben* descreve em que ocasião

de *Zeitgeist*²¹³ e que Paul Tillich chamava de situação²¹⁴. Seguindo essa direção, situamos esta pesquisa no Brasil, falamos de bandas brasileiras, surgidas em diferentes momentos no interior de igrejas protestantes brasileiras, compondo canções de um ritmo estadunidense, influenciados por músicos ingleses, em português tipicamente brasileiro.

A cultura brasileira tende a ser vista sobretudo nas igrejas protestantes como algo inferior, já que o que é considerado nobre, sacro e apropriado ao culto é a adaptação da liturgia importada da Europa e dos Estados Unidos. Esta concepção tem origem em um passado onde as denominações do Protestantismo Histórico do Brasil foram frutos da expansão missionária de igrejas e organizações que chegaram até aqui, a partir do final do século 19 e que trouxeram a sua forma estrangeira de ser igreja. Toda a liturgia, os hinos, a postura e até a indumentária refletia a cultura de outras partes do mundo.

Com o passar das décadas, a liturgia originária foi caindo em desuso, mas não foi substituída por uma forma de cultuar legitimamente nacional. Outras formas foram importadas, a música do *Jesus Movement* que chegou aqui e abriu portas para o *rock* foi apenas uma delas. A tradução de canções estrangeiras para o português sempre concorreu enormemente com a produção de compositores locais, fenômeno sempre frequente na história do evangelicalismo brasileiro e que ultimamente ganhou a forma da *Worship Music*.

Mesmo a Teologia sempre privilegiou modelos e sistemas vindos de fora. Poucos são os que conseguiram se destacar por sua produção e influência no Brasil. A impressão é de uma grande “síndrome de vira-latas” se apodera da igreja evangélica brasileira de modo a desprezar o que é feito em nossa terra e privilegiar o que vem de fora como se fosse melhor e mais evoluído.

Mesmo os pressupostos para a análise ou até uma leitura com viés teológico da cultura brasileira é feita a partir de elementos surgidos fora do Brasil. As análises

uma determinada passagem da Bíblia foi escrita, ou seja, qual foi o fato que motivou o surgimento de um determinado gênero literário bíblico.

²¹³ *Zeitgeist* é um termo alemão cuja tradução significa espírito da época ou sinal dos tempos, comumente traduzido como o espírito do tempo. O *Zeitgeist* é o conjunto do clima intelectual, sociológico e cultural de uma pequena região até a abrangência do mundo todo em uma certa época da história, ou as características genéricas de um determinado período de tempo.

²¹⁴ Para Tillich, “A “situação” que a teologia deve considerar é a interpretação criativa da existência tal como se realiza em todos os períodos da história, sob todos os tipos de condições psicológicas e sociológicas”. Cf.: TILLICH, Paul. Teologia sistemática. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 21

de nosso cancioneiro, nossa literatura e nossas artes plásticas têm um olhar que vem de outro tempo e cultura. Poucos são os que se põem a estudar e analisar a cultura brasileira teologicamente, a partir de pressupostos teológicos tipicamente brasileiros. Por sua vez, artistas cristãos tendem a copiar as fórmulas estrangeiras de sucesso. Daí a enxurrada de versões, por vezes mal traduzidas, de canções que fazem diferença pela sonoridade e não necessariamente por sua mensagem.

Já malvidos pelo conjunto da obra e pela ousadia de fazer rock cristão, as bandas brasileiras nunca tiveram muitos pudores em incluir elementos brasileiros em suas canções. São poucos, é verdade, mas eles existem. As contribuições são colhidas sobretudo do Nordeste brasileiro. Um dos ritmos mais frequentes é o baião²¹⁵. Os desbravadores do Rebanhão ainda nos primórdios, com Janires nos vocais lançaram a canção de nome óbvio ‘Baião’ em seu álbum de estreia. A banda Catedral lançou ‘Pedro Zé, um nordestino’, em seu terceiro álbum. Fruto Sagrado gravou a canção de protesto político ‘Forrock’ em seu quinto álbum. A conexão com o Nordeste é bem maior entre as bandas do Rio de Janeiro. As bandas paulistas não embarcaram com tanta frequência nesse mesmo sentido.

O cantor e pastor Gerson Borges, nascido no estado do Rio de Janeiro e radicado em São Paulo, traz algumas provocações interessantes em seu livro ‘Ser evangélico sem deixar de ser brasileiro’²¹⁶. Ele já explica quais são suas intenções:

Não tenho a intenção de produzir um tratado teológico ou, menos ainda, um ensaio de antropologia, sociologia, filosofia estética ou ciência da religião. Meu desejo é simples e modesto: puxar uma conversa.²¹⁷

Sua modesta intenção explicita a necessidade dos teólogos brasileiros em debruçarem sobre sua própria cultura. Estudarem à luz da Teologia, a cultura legitimamente brasileira produzida por cristãos. Mesmo a obra musical de Gerson Borges está cheia de brasilidade. O que torna sua argumentação ainda mais veemente. Sim, é possível ser cristão evangélico e não se esquecer de que é brasileiro. Sua ideia é não mais produzir uma arte de qualidade inferior que atenda

²¹⁵ Gerson Borges traz a informação de José Ramos Tinhorão que o baião pode ter tido origem num modo de tocar viola, parecido com o lundu, uma cantiga ou dança brasileira e que estaria numa das raízes do samba. Cf.: BORGES, Gerson. **Ser evangélico sem deixar de ser brasileiro**. Viçosa: Ultimato, 2016. p. 20

²¹⁶ Cf.: BORGES, Gerson. **Ser evangélico sem deixar de ser brasileiro**. Viçosa: Ultimato, 2016. 106p.

²¹⁷ BORGES, Gerson. **Ser evangélico sem deixar de ser brasileiro**. Viçosa: Ultimato, 2016. p. 7

somente ao público consumidor que frequenta igrejas. Borges convida a um desafio maior:

Por que não abraçamos o desafio de fazer “uma arte” que fale não apenas a Deus, mas também sobre Deus, sobre a vida, sempre tão maravilhosa e misteriosa, sobre a incontrolável e trágica condição humana, sobre a criação, a queda, a redenção e a consumação?

Na verdade, o rock cristão brasileiro tem tentado fazer isso, outros não tentam por um motivo em comum, que não é falta de estética ou conteúdo, mas por falta de coragem. E tem sido bastante conveniente essa falta de coragem em abordar certos ritmos, temas, de usar uma linguagem menos voltada para o interior das igrejas e que seja capaz de comunicar para todos, cristãos ou não.

Todas as vezes que um movimento desses se inicia, sobram críticas, falta apoio e como consequência a fé dos que desejam comunicar sua cosmovisão para além dos espaços eclesiais evangélicos tradicionais sendo questionada, como se fosse pecado e não a parte mais fundamental da missão cristã, levar a mensagem do Evangelho a quem ainda não assumiu um compromisso real com Jesus.

Mesmo dentro do Movimento Gospel, os ritmos com maior brasilidade eram vistos com desconfiança. A exceção sempre foi uma espécie de xote típico das igrejas pentecostais que desde os anos 1970 são entoados nas igrejas pelo Brasil e são conhecidos como ‘corinhos de fogo’. De letra simples e com ritmo bastante cadenciado lembram de longe alguns ritmos do Nordeste do Brasil. São tão identificados àquele segmento evangélico que mesmo nas igrejas mais tradicionais do protestantismo são vistos como algo inferior.

A ousadia do Vencedores por Cristo de gravar samba e usar violão que quebrou tantas barreiras ao longo dos anos, a musicalidade de Wolô que poucos hoje ainda lembram, a brasilidade da bossa nova de Edson e Tita Lobo, que apareceu logo no início do Gospel, o virtuosismo de um artista como João Alexandre foram respiros de algo muito bom que estava sendo feito e que não deixava o mundo evangélico esquecer de que estavam no Brasil, falando em português para um público brasileiro mesmo em sua fase imersa no Gospel.

3.5.1

O caso do Coletivo Candiero

Há carência tanto de artistas, quanto de estudiosos da cultura evangélica tipicamente brasileira. Um dos movimentos mais inovadores e criativos nesse sentido é o Coletivo Candiero. Grupo formado em 2014 em João Pessoa²¹⁸, liderado pelos músicos paraibanos Marco Telles Belohuby e Filipe da Guia. Eles formam um coletivo, que compõem, tocam, cantam, produzem, gravam e divulgam suas próprias canções. Na prática exerce, uma função similar à de uma gravadora, a diferença é que os integrantes não são contratados de uma empresa, eles formam um grupo formado por artistas cristãos espalhados por todo o Nordeste.

Do coletivo já fizeram parte, além de Marco Telles, Ana Heloysa, Julhin de Tia Lica, Juliana Tavares, Eli Abraham, Samuel Palmeira, Jotta Carlos Jr., Midian Nascimento, João Manô, Northon Pinheiro, Ramon Souza, Vanessa Pinheiro, Antognoni Misael. Além das bandas Prumo, Hipona, Catarina von Bora e Calmará.

São todos cristãos, brasileiros, nordestinos, que cantam com o sotaque característico do Nordeste do Brasil, em ritmos que variam entre muitas vertentes, mas sem perder de perspectiva quem são e de onde são. Nem todas as canções falam de temas religiosos, embora boa parte delas sejam poeticamente inspiradas em passagens bíblicas. Em defesa do movimento que fundou e ainda lidera, Belohuby afirma em entrevista à Ultimato Online que:

Quando cristãos produzem arte, o mundo inteiro é beneficiado. Quando cristãos nordestinos produzem arte, nossas peculiaridades, nosso sotaque, nosso folclore e nosso vocabulário deixam rastros, denunciam de onde vem aquela arte. O Nordeste tem alimentado a cultura brasileira há séculos com o que há de melhor na literatura, na música, na poesia, na dança, na pintura, no cordel e em tantas outras expressões. Está mais do que na hora de o Nordeste cristão começar a alimentar a nação com sua arte única advinda de sua experiência singular.²¹⁹

As bandas do Coletivo Candiero variam entre as múltiplas vertentes do rock. Os cantores têm parte nessa pesquisa se levarmos em consideração que a definição de rock não está presa necessariamente a um estilo musical, mas a uma experiência:

o rock pressupõe a troca, ou melhor, a integração do conjunto ou do vocalista com o público, procurando estimulá-lo a sair de sua convencional passividade perante os fatos.²²⁰

²¹⁸ Cf.: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/conferencia-do-coletivo-candiero-reune-artistas-nordestinos-em-natal-rn>. Acesso em 07 de abril de 2022.

²¹⁹ Cf.: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/conferencia-do-coletivo-candiero-reune-artistas-nordestinos-em-natal-rn>. Acesso em 07 de abril de 2022.

²²⁰ CHACON, Paulo. **O que é rock?**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1970. p. 5

Essa troca, possível ao vivo e facilitada em tempos de internet pela interação virtual permite que os artistas estejam perto de seu público e possam interagir tanto quanto for possível não só para tornar a sua arte acessível, mas também para fazer de sua arte uma expressão daquilo que é vivido pelas pessoas que os cercam.

O rock não se limita a deixar o corpo livre e se permitir movimentar-se sem estar preso a regras e padrões. O ritmo contagia, mas existe uma identificação entre o público roqueiro e vocalista que envolve algo a mais:

Tão corpóreo quanto dançar (mesmo que isso signifique pular) é cantar. Não importa se o tom ou mesmo a letra estão certos. Daí a pouca importância de o roqueiro saber ou não inglês. Se não sabe, inventa. Haverá coisa mais fácil do que gritar "She loves you", ié, ié, ié"? Perdido na massa dos que habitam os bares e os estádios ou mesmo na solidão livre do seu quarto, o roqueiro se alia ao vocalista na esperança de alcançá-lo, de igualá-lo²²¹.

E o que há de mais brasileiro do que cantar? Belohuby nos lembra criticamente que cantar é parte da identidade cultural do brasileiro de todas as partes do país, mesmo que o conteúdo seja desprovido de qualquer elemento de uma cosmovisão cristã:

O brasileiro é o que canta. Ele é o sonso das canções de samba mineiras. É o malandro do funk carioca e o intelectual de sabedorias de porta de banheiro que os baianos da MPB produzem. Esta é a representação genérica do brasileiro.²²²

Na atual música feita por cristãos há mais do que o lugar comum típico do gospel e da vulgaridade que tomou conta das músicas mais ouvidas, sobretudo pelos jovens. São apresentadas novas temáticas que ousam tocar temas espinhosos, falar de assuntos que outros nem comentam, postam-se como porta vozes de pessoas que não têm o mesmo espaço para falar. Essa é a atitude das bandas de rock cristãs brasileiras, desde os pioneiros do Rebanhão, passando por todos os que navegaram nas águas do Gospel, percorrendo a estrada que trilharam os artistas do chamado Novo Movimento e agora chegando aos nordestinos do Coletivo Candieiro.

Falta ainda uma maior compreensão de sua arte por parte do grande público cristão. É preciso que sejam ouvidos, entendidos e encorajados a seguir, porque fazem a importante ponte entre o público que não frequenta a igreja com os demais potenciais ouvintes. Uma arte feita por gente brasileira, que fala do cotidiano, do jeito que as pessoas são capazes de entender.

²²¹ CHACON, Paulo. **O que é rock?**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1970. p. 5-6

²²² BELOHUBY, Marco. **Vida após o gospel**. João Pessoa: [s.n], 2018. p. 282.

Estudiosos, teólogos e pesquisadores têm na arte produzida por esses artistas brasileiros um vasto material teológico a ser estudado e analisado. E poderiam contribuir com uma perspectiva que acrescentasse aos pressupostos dos grandes teólogos elementos que fossem tipicamente brasileiros, como sua originalidade e sua subjetividade em deixar nas entrelinhas a crítica que não precisa estar tão explícita. Há elementos que são encontrados apenas em nossa cultura. Precisam ser mais valorizados, e os teólogos têm parte nesse processo de consolidação de uma Teologia cultural tipicamente brasileira, do samba, dos ritmos nordestinos e, claro, também do rock.

3.5.2

Por uma cultura roqueira e evangélica

Rock and Roll é cultura. Por mais que às vezes entre em conflito com a cultura dominante e que se faça uma espécie de ‘contracultura’. Nada há de mais *rock and roll* em sua atitude do que estar na contramão do sistema. Cultura rica, vasta, espalhada por vários lugares do mundo e que tem ramificações importantes no Brasil.

O cristianismo por vezes também se põe na direção contrária do sistema de valores do mundo. Esse sistema de valores não deve ser confundido com a cultura. Esta é maior. Envolve a língua, os sons, o jeito típico de se comunicar de cada lugar. Importa entender quais valores estão sendo comunicados. Entender que há valores cristãos que não podem ficar enclausurados, restritos as paredes dos templos, mas que precisam ser comunicados. As pessoas precisam conhecer.

Para que a análise seja efetiva esta pesquisa recorreu a teólogos reconhecidos que possam através de suas percepções e seus textos clarear o caminho que é possível trilhar numa análise que veja a Teologia que existe na cultura e em especial na cultura produzida por artistas cristãos.

Uma opção metodológica dessa pesquisa foi não utilizar e analisar pormenorizadamente a obra de apenas um teólogo, uma vez que não atenderia à complexidade que compõem a obra gravada das bandas de rock evangélicas do Brasil. Em vez disso, foram recolhidas as contribuições de três grandes nomes do campo de estudo da Teologia da Cultura, que embora tratassem da relação entre a fé cristã e a cultura foram precedidos pelas percepções aguçadas de Helmut Richard Niebuhr. Sem a contribuição de Niebuhr esse capítulo perderia uma importante

parte introdutória que se refere a relação institucional e histórica entre o cristianismo e a cultura.

De igual modo seria de um enorme prejuízo para esta pesquisa se renunciasse às contribuições de Paul Tillich. Sua Teologia feita em fronteira, no limiar entre dois polos divergentes que se tocam em algum momento, apropriando-se do método da correlação, que busca usar o contexto, cultural, vivencial, social, político e antropológico para nele, a partir dele, e para as pessoas que circulam por ele transmitir aquilo que é o conteúdo básico da fé cristã. O produtor de cultura, o artista, aquele que anuncia essa mensagem através de dada situação precisa entender que sua mensagem tem uma preocupação última, que em essência é religiosa, mesmo que a linguagem com que sua mensagem seja transmitida não o seja. O artista faz tudo isso ciente da teonomia que dá base a todas as outras coisas.

Igualmente importante é a contribuição de Francis Schaeffer, sua oposição ao modernismo e ao humanismo que exclui Deus da ordem do dia, Schaeffer vem em nosso auxílio para reafirmar o senhorio de Deus sobre a sua criação e que a obra produzida por um artista deva ser avaliada tendo em vista aspectos técnicos e conceituais tais como: excelência técnica, validade, conteúdo intelectual e a integração coerente entre veículo e mensagem.

Schaeffer traz uma visão muito mais bíblica sobre a importância da beleza da arte e como a beleza importa para o Criador. Como criaturas feitas à sua imagem e semelhança, o desafio da humanidade é exatamente o de produzir arte que tenha conteúdo, que seja capaz de transmitir uma mensagem, que não seja contraditória à cosmovisão bíblica, mas que acima de tudo seja bela. Que cause encantamento, que encha os olhos. A arte abstrata não tem essa capacidade de comunicar. Logo, ela não é bem-vista aqui. Embora tenha seu valor, não é possível perceber elementos que tragam esperança em algo que não comunica.

O último que contribuiu com sua teologia nessa parte metodológico-teórica da pesquisa foi o holandês Hans Rookmaaker, o responsável por fundar o departamento de História da Arte da Universidade Livre de Amsterdã. Amigo próximo de Schaeffer, parceiro de ministério no *L'Abri*, especialista em arte, que dava especial atenção ao evangelismo, Rookmaaker foi traduzido para o português apenas no século 21 e ficou conhecido no Brasil popularizado por uma canção que leva seu nome e que foi gravada pela banda Palavrantiga.

Interessa a essa pesquisa sua perspectiva de que a arte não precisa de justificativa. Ela não precisa ter uma função definida (como o evangelismo) para ser criada e para ser apreciada em sua beleza, uma vez que o cristianismo não pode ser resumido a uma série de mensagens intelectualizadas, a mensagem do Evangelho não alcança apenas a mente ou a alma, ela envolve o ser humano por completo e isso inclui suas emoções e percepções ante a contemplação de uma obra de arte.

Se Schaeffer nos deu critérios para analisar a obra, Rookmaaker completa o ciclo nos apresentando parâmetros através dos quais os artistas podem ser julgados. A importância do artista é determinada por seu talento, sua inteligência, seu caráter e sua aplicação em exercer com maestria sua função de artista.

Esta pesquisa não pode esquecer dos pressupostos que nela mesma foram evidenciados. É preciso se lembrar que há arte, cultura e boa criação feita por cristãos em solo brasileiro. Apesar do que consumismo vindo de fora e tidos como de qualidade superior apenas por sua origem, o estudo da Teologia da Cultura desafia a todos para uma análise profunda e comprometida de nossa própria cultura, que fala o idioma corrente, que use ritmos, estilos e meios comuns ao povo brasileiro, mas que possa ser situado na fronteira entre o que é cristão e que é secular, correlacionando adequadamente a mensagem imutável à transitoriedade da situação atual, buscando entender quais aspectos são ontológicos, isto de preocupação última e se tem uma base que não seja completamente descompromissada com todo o resto a não ser consigo mesma, que não seja direcionada forçosamente por estruturas de poder, mas que esteja em consonância com aquilo que Deus mesmo pôs no coração da humanidade. Além disso, entendemos ser necessário que vejamos na obra sua excelência técnica, sua validade, seu conteúdo intelectual e sua coerência e no artista, verificarmos seu talento, sua inteligência, seu caráter e sua habilidade. A aplicação dessas contribuições metodológicas à obra e às bandas de rock evangélicas do Brasil é o que esta pesquisa buscará fazer no próximo capítulo.

4

Perspectivas teológicas do rock evangélico brasileiro

A música de um modo geral é um eficiente elemento de evangelização e de esclarecimento de conceitos da fé cristã. No III Encontro internacional de Corais, o Papa Francisco afirmou que a música é um instrumento de Evangelização e de unidade para tornar eficaz o Evangelho no mundo de hoje²²⁰.

Esta pesquisa debruça-se sobre um nicho bastante específico: a música feita pelas bandas de rock evangélicas, que comunicam o Evangelho e seus conceitos a ouvintes que são, em sua maioria, jovens. Há um aspecto pedagógico naquilo que se canta coletivamente. Se o rock nasce a partir de uma perspectiva de contestação e de um movimento que valorizava o pensamento crítico, é natural que o rock cristão faça bom uso dessa herança cultural.

As bandas evangélicas fazem sua Teologia conhecida a partir de suas canções. Este capítulo pretende apontar onde a Teologia do rock evangélico pode ser melhor evidenciada e destacada, explorando os aspectos teológicos e artísticos das canções das bandas mais representativas desse nicho musical no Brasil, apresentadas no primeiro capítulo a partir da Teologia da Cultura, conforme explicitada no segundo capítulo.

De acordo com a definição de Paul Tillich, fazer Teologia da Cultura é o exercício de tentar: 1) analisar a Teologia de uma determinada expressão cultural e 2) descobrir a preocupação última dessa mesma expressão cultural²²¹. Nesta pesquisa, o objeto material é uma expressão cultural: as músicas compostas e gravadas por bandas de rock evangélicas do Brasil. Conquanto o ritmo do rock também seja do nosso interesse, daremos especial atenção às letras das canções, que é onde sua teologia fica mais evidente.

O objetivo deste capítulo é apontar e identificar a teologia que essas bandas apresentam em suas canções, bem como quais assuntos são ontológicos, ou para ficarmos com uma expressão tillichiana, de preocupação última:

Nossa preocupação última é aquilo que determina nosso ser ou não-ser. Só são teológicas aquelas afirmações que tratam de seu objeto na medida em que este possa se tornar para nós uma questão de ser ou não-ser²²².

²²⁰ Papa aos corais: canto e música, instrumentos de evangelização. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-11/papa-francisco-corais-musica-evangelizacao.html>. Acesso em 21 de Fevereiro de 2023.

²²¹ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 55

²²² TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 31

Identificamos no primeiro capítulo desta pesquisa a que bandas estamos nos referindo, pois seria metodologicamente impossível e até mesmo repetitivo tratar de todas as bandas já formadas no Brasil, uma vez que muitas seguiram em cenário *underground*, outras tiveram uma notoriedade efêmera, de modo que escolhemos aquelas que por sua relevância, abrangência, influência e longevidade são mais determinantes para o esforço de apontar uma teologia nesse nicho cultural específico.

No segundo capítulo, nossa atenção estava voltada para os pressupostos e para o suporte teológico para que a teologia dessas bandas fosse analisada de maneira apropriada. A cosmovisão e o conteúdo, a obra e os artistas nesta pesquisa serão vistos de acordo com as perspectivas teológicas apontadas no capítulo anterior. Por razões práticas, esse capítulo está dividido em grandes temas teológicos, que são assuntos frequentes na obra das bandas analisadas e que favorecem a percepção de sua teologia.

Praticamente todas as igrejas evangélicas têm músicos em sua membresia, algumas chegam a ter vários deles. Eles tocam, cantam, arranjam e compõem. Exercitam seus talentos no e para o culto público que cada igreja local celebra. Alguns, no entanto, encontram uma combinação que se torna a fórmula para a gênese de uma banda como essas que estamos analisando: músicos que ouvem rock em casa, gostam do que ouvem, aprendem a tocar aquelas músicas na tentativa de serem como os artistas que admiram, juntam-se a outros que compartilham os mesmos gostos musicais e daí para a formação de uma banda de rock evangélica só falta a disposição de fazer acontecer.

O rock, por sua estética musical barulhenta, por ser visualmente agressivo e culturalmente contestador, não combina com a solenidade e com a austeridade do culto público. O rock mexe com o corpo ao mesmo tempo que mexe com as emoções e com os pensamentos. Por isso mesmo alcançam pessoas em espaços onde a pregação tradicional não teria abrangência, levando a mensagem querigmática do Evangelho a pessoas que não entrariam voluntariamente em nossas celebrações solenes, é necessário um esforço de, utilizando-se de sua linguagem característica comunicar o Evangelho a eles.

Até mesmo as letras do rock não seguem a mesma temática tradicional da adoração coletiva do culto público. Quando compõem, os jovens que integram as bandas falam da sua perspectiva sobre vida, fé, política, igreja e outros temas que

são comuns a muitos outros jovens, sejam eles cristãos ou não. Quando essa música chega aos ouvidos do público a que se destina, há a identificação com a letra, mas antes dela há a interação com o som que aqueles músicos estão fazendo. Rock é antes de tudo som²²³. Pode ser pesado ou melódico, pode ser bem rápido ou até mesmo ser uma balada romântica. A paixão pelo rock, assim como a fé, vem pelo ouvir²²⁴.

O passo seguinte à aproximação com o som é a percepção do que diz a letra e o que ela comunica. No Rock a letra inclui o outro em suas perspectivas. Faz pensar e move o público a cantar junto. É disso que trata essa pesquisa. De uma música que envolve e faz pensar. E que quando pensamos nela, somos apresentados à sua Teologia. Aqueles que já conhecem a mensagem do Evangelho, são convidados a pensar e rever conceitos sob uma nova linguagem, perceber os textos bíblicos com novas e atuais alicações. Aqueles que ainda não foram apresentados ao Evangelho tem a oportunidade de conhecer os conceitos cristãos e ouvir testemunhos de jovens como ele, que tiveram suas trajetórias alcançadas pelo Evangelho.

4.1

O anúncio querigmático através do rock

Não são poucos os exemplos bíblicos de apropriação de elementos culturais e artísticos para a divulgação da mensagem salvífica do Evangelho, ou mesmo para a decoração de ambientes cultivos. Na primeira parte de *A Arte e a Bíblia*, Francis Schaeffer cita vários deles²²⁵. O uso da cultura comum ao povo que adora a Deus no culto não é algo estranho ao universo bíblico. Há uma aproximação sempre saudável entre o que se faz no culto com aquilo que a cultura vigente apresenta em seu cotidiano.

Mesmo quando não se trata do culto, mas da missão evangelizadora, temos na cultura um adequado meio de transmitir as verdades do Evangelho. Paulo, o apóstolo era um cosmopolita do primeiro século, transitava como fluência em várias culturas, dominava vários idiomas²²⁶ e usava elementos culturais alheios à fé

²²³ CHACON, Paulo. **O que é rock?**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1970. p. 6

²²⁴ Romanos 10,17

²²⁵ SCHAEFFER, Francis A., **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultimato, 2010. pp. 15-40

²²⁶ Atos 21,37-40

cristã²²⁷ como canal para que a mensagem do Evangelho fosse entendida por seus ouvintes.

O uso de elementos da cultura que sejam comuns aos ouvintes para a disseminação da mensagem cristã é algo não apenas aceitável, mas desejável. Esta pesquisa trata de jovens que usaram de uma expressão cultural mundialmente disseminada para expressar o que pensam, sentem e para anunciar aquilo em que acreditam.

Algumas bandas fizeram da evangelização e do anúncio do querigma a razão de ser de suas carreiras. Em praticamente todas as apresentações da banda Oficina G3 há um momento em que algum dos integrantes literalmente lê uma passagem da Bíblia e prega a mensagem de salvação em Jesus, para logo em seguida fazer o convite para que os jovens presentes ao show tomem a decisão de receber Jesus como seu salvador pessoal²²⁸, uma vez que na perspectiva evangélica, a salvação é um ato de fé individual, onde cada indivíduo deve publicamente professar sua fé em Jesus, em ato sequencial ao arrependimento dos pecados. Como bem resumirá Wayne Grudem:

Uma vez que Deus tenha convocado por meio de uma chamada efetiva e transformado o coração da pessoa por intermédio da regeneração, a resposta necessária é o arrependimento e a fé. Mas, como a chamada do Evangelho é pessoal, requer uma resposta pessoal. Essa resposta espontânea, pessoal, individual à chamada do Evangelho, na qual uma pessoa se arrepende sinceramente de seus pecados e põe a confiança em Cristo para a salvação, é designada como conversão²²⁹.

A proposta proselitista do Oficina G3 era comum entre as bandas, mas não era unívoca. Nem todas as bandas de rock evangélicas do Brasil queriam usar sua música como um canal direto de evangelização. Algumas queriam falar das suas percepções acerca da vida e do amor, discorrer sobre suas ansiedades e preocupações, expressar seus sentimentos em forma de música. Em suma, fazer arte cristã que, seguindo o pensamento de Hans Rookmaaker não precisa de uma justificativa religiosa ou proselitista para que tenha validade²³⁰.

²²⁷ Atos 17,28

²²⁸ Cf.: MANGA, Luciano. **Meus dias no Oficina G3**. Rio de Janeiro: MK Editora, 2009. pp. 26-27.

²²⁹ GRUDEM, W. Bases da Fé Cristã: 20 fundamentos que todo cristão precisa entender. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018. p. 116-117

²³⁰ ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 46

Um dos exemplos mais evidentes desse uso do rock cristão como arte sem uma justificativa religiosa é o da banda Catedral, que mesmo tendo surgido em uma igreja presbiteriana da Baixada Fluminense e contasse com músicos criados em ambiente cristão, nunca teve um momento de pregação nos moldes tradicionais nos palcos. Entretanto, até hoje em suas apresentações executa canções cujas letras são em si mesmas evangelísticas como *Chame a Deus*²³¹, lançada em 1988 no álbum de estreia da banda:

Chame a Deus

Se você não sabe para onde seguir
Se você percebe que não quer mais fingir
Levante a cabeça e não olhe pra trás
Chame a Deus, chame a Deus

Se sua vida anda para um abismo sem fim
Se teus olhos choram, e não querem esse fim
Levante a cabeça e não olhe pra trás
Chame a Deus, chame a Deus

Chame a Deus que tua vida logo mudará
Ele cura a ferida, te libertará
A verdade e a vida Ele quer te dar
Chame a Deus, chame a Deus

Chame a Deus que o tempo passa e não volta mais
Sua chance, sua vida pode se acabar
Ele cura a ferida, te libertará
Chame a Deus, chame a Deus
Chame a Deus!

Uma canção nitidamente evangelística de uma banda que à primeira vista não era uma banda de evangelistas. Suas canções, são em sua maioria compostas com a intenção de falar “de religião sem ser panfletário”²³². O primeiro álbum, intitulado *Você é o mais religioso da carreira do Catedral* (a última canção do Lado B se chama literalmente *Santa Ceia*²³³ e traz uma paralelo entre a celebração litúrgica da ceia e o trecho em que Jesus trata da provisão de Deus no Sermão da

²³¹ CATEDRAL. Chame a Deus. Kim [compositor] In: **Você**. Pioneira Evangélica, p1988. 1 LP. (ca36:08). Faixa 3, Lado B (4min08s)

²³² BIN, Marcos Paulo. In: MOTTA, Joaquim Cezar. **Kim – Sobre muitas coisas**. Curitiba: Today Books, 2006. p. 6

²³³ CATEDRAL. Santa Ceia. Kim [compositor] In: **Você**. Pioneira Evangélica, p1988. 1 LP. (ca36:08). Faixa 4, Lado B (4min23s)

Montanha). Por conta de sua postura mais aberta em relação a outros temas e por não ser essencialmente uma banda voltada à evangelização direta, entre as bandas cristãs, poucas foram tão criticadas e caluniadas (inclusive por cristão e líderes evangélicos) como a banda Catedral²³⁴. Vez por outra, sua fé e suas convicções mais básicas eram postas em dúvida. O estilo poético e as muitas referências filosóficas das letras compostas por Joaquim Cezar Motta, o Kim, vocalista e principal compositor da banda, favorecia o trabalho dos críticos, que por não estarem acostumados à linguagem, não conseguiam perceber a mensagem e consequentemente a Teologia contida na poesia. É preciso sempre ler nas entrelinhas para desvendar o que Kim e as canções da Catedral estão querendo dizer. Nem sempre sua mensagem era tão evidente como em *Chame a Deus*.

Chame a Deus é uma canção que fala diretamente aos ouvidos e ao coração de alguém perdido, sem esperança, que anda cabisbaixo, mas que por força das circunstâncias e das convenções sociais precisa acreditar e fazer parecer que está tudo certo. Schaeffer ajuda a compreender, que essas pessoas perdidas sequer têm a noção de que estão perdidas:

Quando dizemos que uma pessoa está perdida, normalmente pensamos em evangelisticamente perdida, que ele ou ela é um pecador e necessita aceitar a Cristo como seu Salvador. Mas precisamos perceber que estas pessoas não sabem que estão evangelisticamente perdidas. Como poderiam? Elas não acreditam que haja qualquer tipo de bem ou mal, elas não acreditam que haja um Deus, elas não acreditam que haja um absoluto, não há razão para elas considerarem a si mesmos pecadoras. Poucas ainda acreditam em culpa. Tudo o que existe é "mal-estar" ou "sentimentos de culpa" ou "inconformismo sociológico".²³⁵

Para o personagem a quem se dirige a letra de *Chame a Deus*, há uma série de coisas que ele não percebe, mas que o aprisionam e não o deixam seguir. Contemplar o passado não ajuda e não traz paz, pelo contrário, por ter percorrido um caminho errático, o caminho à frente parece levar a um fim trágico. Por isso, quando olha a vida, o personagem a quem a letra se dirige chora, por não conseguir vislumbrar uma saída. A solução apontada é chamar a Deus.

A letra da canção *Chame a Deus* traz uma urgência que apela para a efemeridade da vida. Essa urgência se aproxima de uma postura que visa a conscientização e se afasta dos modelos de apelos mais dramáticos de pregadores

²³⁴ Cf.: GOUVÊA, Karina. **Um fenômeno chamado Catedral**. In: CCM Brasil Magazine, setembro 1998, número 1, ano 1, página 21

²³⁵ SCHAEFFER, Francis. **O Deus que Intervém**. Cambuci: Cultura Cristã, 2002. p. 152

sensacionalistas²³⁶ (algo muito comuns nas igrejas evangélicas brasileiras na década de 1980).

A canção *Chame a Deus* traz um fato facilmente percebido, diante das dificuldades e das intercorrências da vida, cristãos veem na conversão à fé em Jesus a solução, não apenas para si mesmos, mas para os sofrimentos que porventura outros possam estar enfrentando. Uma espécie de novo sentido para a vida cotidiana. Esse aspecto foi o que originalmente cresceu no seio do *Jesus Movement* nos Estados Unidos, e que através dos movimentos paraeclesiásticos chegou também ao Brasil²³⁷.

É a mesma linha de raciocínio que orienta a canção *A Saída*²³⁸ lançada pela banda Resgate no álbum *Até eu envelhecer* de 2006, distante temporalmente quase duas décadas da canção da Catedral. A composição é da dupla de guitarristas Zé Bruno e Hamilton Gomes. Uma banda de viés claramente evangelístico não tem pudores ao apontar o dedo no sentido horizontal para profeticamente denunciar o pecado e suas consequências, ao mesmo tempo em que, querigmaticamente aponta o dedo para cima e indica a solução, que é explícita e única:

A Saída

Quanto mais você consome menos você tem pra viver
Quanta grana você gasta e tem alguém gastando você
Fuma até o talo enquanto a morte queima você

Quanto mais você consome tudo você põe a perder
Você não tem escolha, mas há uma saída:
Já é hora de enxergar essa porta!

Quanto tempo você perde enquanto não há tempo a perder?
Você defendeu o mundo e ele só condena você
Cheira tua vida e a vida cheira mal pra você
Quanto tempo você perde e o tempo corre igual pra você

Parece não ter chance, existe um escape:
O caminho que te traz de volta à vida é Jesus!

²³⁶ ARTHURS, Jeffrey. A Compaixão É Necessária. In: HADDON, G. e LARSON, C. **A Arte e o ofício da pregação bíblica**. São Paulo: Shedd, 2009. p. 732.

²³⁷ **The Alternative Jesus**: Psychedelic Christ. Time, jun. 21, 1971. Disponível em: <http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,905202,00.html>. Acesso em 28 de maio de 2021

²³⁸ RESGATE. A Saída. Zé Bruno, H. Gomes [compositores]. In: **Até eu envelhecer**. Gospel Records, p2006. 1 CD (ca48:38). Faixa 9 (3min26s).

A exemplo de *Chame a Deus*, a canção *A saída* também é dirigida a um personagem desorientado e perdido, que vive a vida de maneira inconsequente, despercebido do mal que causa a si mesmo e do tempo que passa à medida que o caos em que está imerso só aumenta. É evidente a antítese de consumir mais/ter menos, gastar/ser gasto, fumar/ser queimado, defender/ser condenado e o tempo que corre e passa igual para todos, mas à medida em que não existe uma boa administração da própria vida, tempo e vida que estão sendo perdidos. A solução é apenas uma e dita sem rodeios: para ser livre de uma vida que não é a vida como idealizada pelo Criador, precisa haver uma ruptura, sair do sistema que consome e aprisiona, encontrar e trilhar ‘O’ caminho: Jesus.

Propositalmente, a canção da banda Catedral aqui apresentada, está situada bem no começo de sua carreira, enquanto a canção da banda Resgate foi composta e gravada em uma fase madura da carreira da banda. As duas canções têm diferenças estilísticas no que se referem tanto à letra quanto à música, mas trazem com elas algo importante: não estão preocupadas somente em conseguir adeptos para a sua fé, através de fórmulas prontas, tipicamente eclesiais. A preocupação predominante quando nos dirigimos a um grupo de fora de nosso contexto religioso deveria ser bem mais nobre que conseguir adeptos. Deveria ser a demonstração de que quem está falando, se importa com o estado em que a pessoa vive. E assim o rock se apresenta como um poderoso aliado à disseminação da mensagem do Evangelho que pode e deve ser encorajado e incentivado pela igreja, uma vez que apesar das linguagens distintas, suas preocupações, seu público e sua mensagem são os mesmos.

Muitos caminhos religiosos são apresentados a pessoas carentes de sentido para a vida. Na Teologia como proposta pelo Rock evangélico não existem caminhos alternativos. Aquele que está perdido e que necessita de um sentido para a sua vida precisa necessariamente encontrar-se com Jesus. São numerosos os casos de uma proposta de sentido e direcionamento encontrados nas músicas das bandas de rock evangélicas. É o caso de *O perdido e o sentido*²³⁹ composição de Zé Bruno e gravada pela banda Resgate:

²³⁹ RESGATE. O Perdido e o Sentido. Zé Bruno, [compositor]. In: **Até eu envelhecer**. Gospel Records, p2006. 1 CD (ca48:38). Faixa 11 (3min46s).

O Perdido e o Sentido

Pela manhã ele acendeu uma vela
E ao meio-dia ele rolou os dados
E uma simpatia no quintal
No fim da tarde mais um baseado
E à meia-noite consultou os búzios
E uma bola de cristal

Será que um dia vai achar respostas?
Será que ainda vai andar perdido?
Quem poderia lhe ajudar?
Um caranguejo que andou de costas
Na contramão a vida é sem sentido
Sem sinal pra retornar

Outra manhã sintonizou no dial
Uma frequência que lhe trouxe vida
Parecia um sinal
Aconselhando a todos os aflitos
E um Pai Nosso que lhe fez sentido
Tudo agora é tão normal

Parece que encontrou uma resposta
Foi um guichê de achados e perdidos
Quem iria acreditar?
Será que o caranguejo andou pra frente?
E o que não tinha agora tem sentido?
Mais um homem a voar!

Uma semente que vingou
De bate e pronto, ele aceitou
Foi tudo que ele sempre quis
E ele comeu o Pão do céu
Se transformou num corredor
E agora pode ser feliz

É que ele agora tem uma resposta
E nunca mais vai caminhar perdido
Tem história pra contar
E ele diz que vai morrer bem velho
E vai levar aos loucos o sentido
Só Jesus pode explicar!

As letras das três canções trazem essa preocupação não apenas com seus objetivos missionários, mas movem-se de compaixão por aqueles que sofrem e que buscam em múltiplas alternativas as soluções para suas angústias. São pessoas que não são completamente alheias à fé em Jesus Cristo, são parte de uma cultura

altamente impactada pela presença cristã, mas por alguma condição especial se viram afastadas desse círculo, e precisam ser lembradas da solução apontada pelo cristianismo. Para fazer isso adequada e conscientemente preciso lembrar que:

A evangelização mediante a pregação, como a apologética, se dirige a pessoas que pertenceram ou ainda pertencem à civilização cristã, mas deixaram de ser membros ativos da igreja ou se tomaram indiferentes ou até mesmo hostis em relação a ela. A evangelização pela pregação é função mais carismática do que apologética; ela depende do surgimento de pessoas nas igrejas que sejam capazes de falar aos grupos que acabamos de caracterizar, em nome e no poder da Comunidade Espiritual, mas não da maneira que as igrejas o fazem; estas pessoas, por este motivo, têm um impacto sobre os ouvintes que a pregação habitual não tem²⁴⁰.

Falar da mensagem do Evangelho a um público que não ouviria a pregação tradicional, em um ambiente eclesial: É essa a função exercida por canções como as que apresenta esta pesquisa. Uma forma de arte que sai de seu contexto formal para, adequando-se à linguagem de seus ouvintes, tentar despertar-lhes a atenção para que ouçam e entendam.

A abordagem não pode e não deve ser tão somente uma aproximação com características religiosas. Schaeffer dirá que:

Quando temos a oportunidade de falar com um não-cristão, qual (além de evitar fórmulas prontas) deveria ser nossa consideração predominante? Acredito que deveria ser o amor. Acredito que estas coisas voltam-se para o amor e compaixão para com as pessoas — não como objetos a serem evangelizados, mas como pessoas que merecem todo o amor e consideração que lhes podemos dar, porque são da nossa espécie e feitos à imagem de Deus. Eles são valiosos, de modo que devemos ir ao encontro deles em amor e compaixão. Desta forma, encontramos a pessoa, onde quer que ela ou ele esteja²⁴¹.

A banda Cathedral apresenta essa perspectiva apontada por Schaeffer em sua canção *O Sentido*²⁴², lançada em álbum homônimo em 1995:

O Sentido

Em seu coração
Mora um abrigo
Mas está vazio
Corre perigo
De onde vens?
Para onde vais?
O que tu tens?

²⁴⁰ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 644

²⁴¹ SCHAEFFER, Francis. **O Deus que Intervém**. Cambuci: Cultura Cristã, 2002. p. 148-149

²⁴² CATHEDRAL. *O Sentido*. Cezar, Julio Cezar e Kim [compositores] In: **O Sentido**: MK Music, p1995. 1 CD (ca 44:36) Faixa 2 (3min03s)

O que ele traz?

Qual o sentido?

Qual o sentido de viver?

O que fazer p'ra ser feliz?

Qual a noção do saber?

O que o meu coração não diz

É só amar, amar

Cada um, por cada um

É este o sentido

O amor é a resposta possível para os anseios do coração. As dúvidas existenciais mais fundamentais sobre origem, sentido e destino permanecem sem resposta a menos que algo complete a vida daquele que carece de perspectivas. Um coração vazio precisa aprender a amar. Esse é o sentido de viver.

De acordo com a perspectiva apontada por Tillich vemos esse exercício como a aplicação do método de correlação: a tentativa que essas canções fazem de demonstrar através de uma linguagem que seja comum a quem fala e a quem ouve, a combinação adequada entre a verdade inerente à mensagem do Evangelho, que vá na direção de solucionar a angústia em que vive o ouvinte. Uma vez que:

Ao usar o método de correlação, a teologia sistemática procede da seguinte maneira: faz uma análise da situação humana a partir da qual surgem as perguntas existenciais e demonstra que os símbolos usados na mensagem cristã são as respostas a estas perguntas²⁴³.

Apontar o caminho para quem não sabe que direção está seguindo, sem usar de uma linguagem tipicamente religiosa, algo que esteja mais adequado à linguagem corrente dos ouvintes é uma preocupação constante das bandas de rock evangélicas brasileiras. A banda Oficina G3 traduz bem a desesperança e o grito de alguém que só pode contar com Deus para lhe mostrar o caminho a seguir na canção *O Caminho*²⁴⁴, que abre o álbum *O Tempo*:

O Caminho

Preciso viver, preciso mudar

Preciso de algo para acreditar

²⁴³ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 76

²⁴⁴ OFICINA G3. *O caminho*. J. Afram, PG [Compositores] In: *O Tempo*: MK Music, p2000. 1 CD (ca45:57), Faixa 2 (4min05s)

Me sinto tão fraco, desisto da vida
Me vejo em um beco sem saída

Ouvi sobre um Deus
Que mandou seu Filho
para que houvesse
Um novo destino ao mundo

Deus, me mostre o caminho
Deus, não me deixe andar sozinho
Agora consigo viver, consigo pensar
Encontrei a Vida, posso respirar

Não há na letra de *O Caminho* um apelo exterior à conversão, é o próprio personagem, que, percebendo sua condição de desesperança, nota que a vida não é ideal, e que algo precisa ser feito para que haja uma mudança. Imerso em uma cultura cristã, entende que muito encontram esperança e sentido na conversão a Jesus, portanto é dele mesmo a iniciativa de buscar a Deus na tentativa de que essa aproximação lhe traga sentido.

Como explica Tillich:

Aquele que está nas garras da dúvida e insignificação não pode se libertar destas garras; mas ele pede uma resposta que seja válida dentro, e não fora, da situação de desespero. Ele pede o alicerce básico do que temos chamado a "coragem de desespero". Só há uma resposta possível se não se tenta escapar à questão: a saber, que a aceitação do desespero é em si fé, e está na linha divisória da coragem de ser²⁴⁵.

A dinâmica da pregação querigmática das bandas de rock evangélicas trouxeram resultados quantificáveis. São diversos os testemunhos de pessoas que foram apresentadas à mensagem do Evangelho por canções e apresentações dessas bandas. Luciano Manga lembra que, quando era vocalista da Oficina G3, foram tocar em Vitória -ES, na famosa "Rua da Lama" sabendo que a maioria dos jovens que frequentavam aquele espaço eram alheios à fé cristã e à Igreja. No momento de uma pregação direta com convite a conversão a Cristo, contando que aquele Cristo que estavam anunciando fora o mesmo que havia mudado a vida dos próprios músicos. O apelo, que é uma prática tipicamente cristã evangélica, teve a resposta esperada: muitos jovens levantaram suas mãos, foram à frente, receberam orações,

²⁴⁵ Cf.: TILLICH, Paul. **A Coragem de Ser**. Trad. De Eglê Malheiros. 3ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. p. 132-133.

demonstrando com sua resposta terem entendido a mensagem que a band pretendia apresentar²⁴⁶.

Temos no rock evangélico brasileiro a preocupação com o anúncio do querigma aliado ao cuidado com o uso de uma linguagem que seja capaz de comunicar as verdades do Evangelho a pessoas que não acostumadas a essa linguagem, que apelam para a necessidade humana de sentido na vida e mostra a real possibilidade de um encontro de sentido na conversão pessoal a Jesus.

4.2

Perspectivas ontológicas e antropológicas

No rock feito pelas bandas cristãs brasileiras, a dimensão querigmática está ligada a uma preocupação ontológica: há uma tentativa de entender e explicar a partir da realidade humana e para esta mesma humanidade sua origem, seu propósito e seu destino. Seus temas variam desde a Criação, numa tentativa de explicar o que é a humanidade e qual sua relação com Deus, até buscar entender qual o destino da humanidade para além dessa realidade material.

A cosmovisão predominante tende a negar a Criação de Deus. Schaeffer entende que o humanismo é uma visão contrária à fé bíblica no Deus Criador que governa soberano sobre Sua criação, e que este humanismo consiste numa tentativa humana de tomar todos os espaços:

O humanismo, em seu sentido mais amplo, mais inclusivo, é o sistema pelo qual homens e mulheres, partindo absolutamente de si mesmos, procuram racionalmente construir a partir de si mesmos, tendo exclusivamente o Homem como ponto de integração, para encontrar todo conhecimento, significado e valor.²⁴⁷

Contra-pondo-se a essa visão humanista que tende a não perceber Deus nas coisas simples da vida, sobretudo na natureza criada, somos lembrados pelo rock cristão brasileiro de que existe um Deus Criador. A obra dos músicos que estamos estudando faz isso seguindo a versão bíblica dos acontecimentos. Dessa percepção da dupla realidade, da veracidade bíblica da Criação e da negação humana dessa

²⁴⁶ Cf.: MANGA, Luciano. **Meus dias no Oficina G3**. Rio de Janeiro: MK Editora, 2009. pp. 75.

²⁴⁷ SCHAEFFER, Francis. **O Deus que Intervém**. Cambuci: Cultura Cristã, 2002. p. 15

verdade, surgem canções apologéticas, como *Criação*²⁴⁸, que a exemplo de *Chame a Deus* também faz parte do álbum de estreia da banda Cathedral:

Criação

Um dia discursa outro dia
E a noite conhecimento
A outra noite distante
Fixos os meus olhos se orientam
Nas estrelas, profundas,
Intensas, imensas

E o que eles querem inventar?
Teorias inertes, se perdem em vão
Qual é o fundamento disso tudo?
E a minha resposta
Não me dão explicação

Quem criou o céu, a água e o ar?
As estrelas e a fonte da vida
Quem descobriu?
Porque você teima em dizer
Que é fruto de um nada?
Se esse nada você não sabe esconder
Ele existe, Ele é Deus

Teorias humanistas que pretendem eliminar o fator Deus de Sua própria Criação, conflitam diretamente com aquilo que mostra a Bíblia no relato de Gênesis. Mas não é de lá que surge a primeira referência bíblica usada na letra de Kim. Ele recorre aos Salmos²⁴⁹ para reafirmar aquilo que poeticamente o texto bíblico mostra: dias e noites são testemunhas uns aos outros e a também à humanidade, da realidade da existência de um Criador de todas as coisas.

A rebelião humana contra Deus tende a negá-lo. Em sua rebeldia, a humanidade não tem respostas que sejam convincentes e não podem afirmar que sabem qual a sua origem. Sua resposta mais imediata é atribuir a origem de tudo a um casuísmo em vez de reconhecer a realidade de um Criador que inteligentemente cria a partir de si mesmo. Enxergam a existência como se fora baseada em um acidente. Na teologia do rock cristão brasileiro, a origem divina da Criação não pode ser negada nem escondida. A canção aponta com todas as letras a quem atribui

²⁴⁸ CATEDRAL. Criação. Kim [compositor] In: **Você**. Pioneira Evangélica, p1988. 1 LP. (ca36:08). Faixa 5, Lado A (4min01s)

²⁴⁹ Salmos 19,2

toda a Criação, inclusive dos seres humanos: a Deus, o Criador. Como explica Schaeffer:

As coisas se encaixam, não com um salto no escuro, mas por meio do que faz sentido e pode ser discutido. Uma vez e por todas, Deus criou o ser do mundo externo e a existência do homem. Eles não são Deus e eles não são uma extensão de Deus, porém existem por um ato de vontade daquele que é pessoal e que existiu antes da existência deles.²⁵⁰

A percepção que temos acerca da realidade em que vivemos está diretamente ligada à percepção de nossa origem ontológica. Tillich lembra que a ontologia tem a ver com a vida concreta:

A ontologia não é uma tentativa especulativa e fantástica de estabelecer um mundo por trás do mundo; ela é uma análise daquelas estruturas do ser com as quais nos deparamos em todo encontro com a realidade.²⁵¹

Ela afeta a percepção que o ser humano tem de todas as outras realidades. Inclusive a autopercepção humana perpassa pelo entendimento de sua origem, sentido e destino. Sem uma ideia bem definida de origem não é fácil perceber o caminho que pode ser seguido. No rock evangélico brasileiro, a busca de sentido na vida está ligada a uma consciência clara de origem. Um cristão, é consciente de quem é. Schaeffer esclarece:

Em nossas teorias naturalistas, com a uniformidade de causa e efeito num sistema fechado, com um conceito evolutivo de uma marcha mecânica e aleatória do átomo ao homem, o homem perdeu sua identidade singular. Quando observa o mundo, enquanto encara a máquina, não consegue se diferenciar do que encara. Não consegue distinguir-se das outras coisas. De modo bem diferente, um cristão não tem esse problema. Ele sabe quem é. Se algo pode ser considerado dom de Deus, é isto — saber quem se é. Como cristão, sei de minha diferenciação²⁵².

Quando se trata de falar o que é preciso sem meias palavras, uma das bandas mais eficientes, é sem dúvida o Fruto Sagrado. No álbum *Distorção* de 2006, eles trazem a canção *Primo do Macaco*²⁵³, que brinca com o senso comum construído ao redor da teoria da evolução das espécies de Charles Darwin²⁵⁴, segundo o qual o homem é a evolução natural do macaco em vez de uma criação especial feita à imagem e semelhança de Deus:

²⁵⁰ SCHAEFFER, F. **Gênesis no Espaço-tempo**. Brasília: Editora Monergismo, 2014. p. 24

²⁵¹ TILICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 37

²⁵² SCHAEFFER, F. **Gênesis no Espaço-tempo**. Brasília: Editora Monergismo, 2014. p. 39-40

²⁵³ FRUTO SAGRADO. *Primo do Macaco*. B. Maldonado, S. Fylguezas, M. A. Afonso [compositores] In: *Distorção*. MK Music, p2005. 1 CD (ca37:49), Faixa 7 (3min09s)

²⁵⁴ Cf.: DARWIN, C. **A Origem das Espécies**. São Paulo: Textos para Reflexão, 2017. p. 761

Primo do Macaco

Você vive exatamente a vida que é pra viver?
 Você vive pra que? você vive pra quem?
 Trabalhar, comer, dormir pra depois morrer
 Você vive pra que? você vive pra quem?

É verdade que você é primo do macaco?
 A Chita é tua tia não evoluída?
 Ou você nem sabe bem o que é na realidade
 Mas acha que faz parte da humanidade?

Você vive exatamente a vida que é pra viver?
 Você vive pra que? você vive pra quem?
 Trabalhar, comer, dormir pra depois morrer
 Você vive pra que? você vive pra quem?
 É verdade que você é filho do acaso?
 Tudo explodiu e você surgiu?
 Você nunca percebeu que algo tá errado?
 Já desconfiou, ninguém te respondeu?

Quem é você? o que você é?
 Tá aqui por quê? já sabe a verdade ou não tá a fim de saber?

Todo mundo nasce morto dentro de um aquário
 Onde tudo é mentira, nada é real
 Escamas nos olhos, na mente, por todos os lados
 Afogados numa vida artificial
 Não dá pra viver, não dá pra viver manipulado
 Não dá pra suportar a escuridão
 Não se conforme, chute o balde
 Quebre o aquário
 Acabe com os pontos de interrogação

Quem é você? O que você é?
 Tá aqui por quê? já sabe a verdade ou não tá a fim de saber?

Existir não é viver
 Não há razão no mundo sem sentido
 Não estamos aqui por acaso
 Deus não é jogador de dados

Num mundo sem acasos, criado inteligentemente por Deus, a humanidade tem um papel em toda a Criação. Segundo Schaeffer: “É com base na criação à imagem de Deus que tudo está aberto ao homem”²⁵⁵. A cosmovisão cristã entende Deus como um criador inteligente, que cria de modo organizado. Ela se contrapõe

²⁵⁵ SCHAEFFER, F. **Gênesis no Espaço-tempo**. Brasília: Editora Monergismo, 2014. p. 40

a uma cosmovisão predominante, eminentemente humanista e secular, como afirma Tillich: “A principal corrente da cosmovisão moderna excluiu completamente a consciência da criatividade mantenedora de Deus”²⁵⁶. A cosmovisão cristã desconsidera, portanto, a ideia de uma evolução independente de intencionalidade. Na canção *Primo do Macaco*, as últimas frases não são cantadas, são faladas, num ritmo que está no meio do caminho entre uma pregação e um *rap*. O último verso é uma referência a Albert Einstein, que apesar de não ser religioso, nasceu em um ambiente judeu e cria num deus diferente do deus religioso tradicional, mas que não fazia nada ao acaso²⁵⁷.

Entender e perceber a Criação inteira como obra inteligente de Deus, e a humanidade como parte integrante dela, é uma faceta importante da Teologia do rock cristão brasileiro. Essa é uma característica que une tanto *Criação*²⁵⁸ da Catedral de 1988, *Te Vejo*²⁵⁹ da Banda Resgate, de 2000 e *Mente Brilhante*²⁶⁰ do duo Palankin lançada em 2022. Em momentos distintos, diferentes compositores mantêm a linha de pensamento, que afirma um Deus que cria, e que a partir de sua Criação podemos percebê-lo.

Tillich nos auxilia, lembrando que é possível perceber Deus e sua potência criadora de maneira inteligível, uma vez que as realidades cósmicas foram criadas inteligentemente:

O universo foi criado por um poder inteligente, o fundamento divino, e desde que o mundo foi assim inteligentemente feito, a inteligência pode apreendê-lo. Podemos captar inteligentemente o mundo, porque o mundo foi criado inteligentemente. Ele tem estrutura. O que estamos dizendo é válido tanto para a filosofia como para a teologia²⁶¹.

A antropologia teológica do rock cristão brasileiro vê a humanidade como parte da Criação, concordando com o relato bíblico da Criação de uma origem cheia de intencionalidade a partir do pó da Terra, sendo animado pelo sopro divino e sustentado por sua providência. Essa visão é contrária a uma visão que

²⁵⁶ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 267

²⁵⁷ Cf.: What Einstein meant by ‘Gog does not play dice’. Disponível em: <https://aeon.co/ideas/what-einstein-meant-by-god-does-not-play-dice>. Acesso em 10 de abril de 2022.

²⁵⁸ CATEDRAL. Criação. Kim [compositor] In: **Você**. Pioneira Evangélica, p1988. 1 LP. (ca36:08). Faixa 5, Lado A (4min01s)

²⁵⁹ RESGATE. Te Vejo. Zé Bruno [compositor] In: **Praise**. Gospel Records, p2000. 1 CD (ca39:40). Faixa 1 (4min57s)

²⁶⁰ PALANKIN. Mente Brilhante. Ana Rock [compositora] Single. Independente, p2022. (5min07s) disponível em: https://youtu.be/Pit_NTeIcbw. Acesso em 13 de abril de 2022.

²⁶¹ TILLICH, Paul. **Perspectivas da Teologia Protestante dos séculos XIX e XX**. tradução de Jaci C. Maraschin – 2ª ed. São Paulo: ASTE, 1999. p. 61

“Considerava a natureza como um sistema de leis mensuráveis e calculáveis, descansando em si mesmas, sem início nem fim.”²⁶² Paul Tillich nos alerta que só são teológicas aquelas afirmações que tratam de seu objeto na medida em que este possa se tornar para nós uma questão de ser ou não-ser²⁶³.

A ideia bíblica tradicional da Criação é um consenso entre as bandas de rock evangélicas. A imagem de uma criação fruto de uma ação pessoal de Deus, a partir da matéria prima que compõe o próprio planeta habitado pelos homens é recorrente. Em *Feito de Barro*²⁶⁴, composição de Marcos Almeida e lançada pela banda Palavrantiga, esse aspecto de fundamentação bíblica para a construção da teologia do rock evangélico brasileiro se torna bastante explícito:

Feito de Barro

Sou feito de barro
Do pó dessa terra
O sopro de vida é o vento que sopraste em mim

Tu sabes quem eu sou

Fui homem perfeito
Completo, inteiro
Da escolha que fiz
A queda que vi
Me separou de Ti

Tu sabes quem eu sou

Clamei o meu Deus em alta voz
Gritei o Seu nome na noite escura:
Cristo Redentor!
Olhando pra mim
Abriu os Seus braços e me chamou, e me chamou

Misericórdia, Graça e um cálice de amor
Estão na minha mesa antes do sol se por
Todos os dias Deus restaura meu ser
Toda essa obra é tão grande, eu sei
E eu sei
Reconciliação

²⁶² TILlich, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 267

²⁶³ TILlich, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 31

²⁶⁴ PALAVRANTIGA. Feito de Barro. M. Almeida [compositor] In: **Palavrantiga – Volume 01**. Farol Music, p2008. SMD (ca31:02). Faixa 4 (4min49s)

A Queda do homem conforme descrito nos relatos do Gênesis, de desobediência em relação ao Criador, que insuflou a vaidade humana no sentido de querer igualar-se a Deus, ou remover Deus de seu lugar de soberania que Schaeffer apontava como o mal causado pelo modernismo humanista na cultura, no rock evangélico brasileiro não encontra espaço. Deus, o Criador, criou os homens à Sua imagem e semelhança, mas a Queda trouxe distanciamento, afastamento e estranhamento. Distante de Deus, a humanidade se desumaniza. Ela desiste de ser aquilo que foi criada para ser. Como diria Schaeffer:

O Cristianismo diz que o homem hoje é anormal — ele se encontra separado do seu Criador, que é o seu único ponto de referência suficiente — não por uma questão de limitação metafísica, mas por culpa moral verdadeira. Consequentemente, ele também se encontra hoje separado dos seus companheiros e de si mesmo. Por isso, quando ele é envolvido em crueldade, ele não está sendo fiel ao que ele foi inicialmente criado para ser. A crueldade é um sintoma da anormalidade e uma consequência da queda moral, histórica e espaço-temporal.²⁶⁵

O dilema existencial entre o dever ser e a tentação de mover-se no sentido de não-ser motivada pela Queda, presente no paradoxo paulino de querer fazer bem e fazer mal, e vice-versa²⁶⁶, que evidencia a distorção entre o plano original de Deus e os efeitos da Queda da humanidade no pecado e consquente afastamento de Deus é a ideia que perpassa a letra da canção *Não ser*²⁶⁷ da banda Oficina G3:

Não Ser

Ao ser o que não sou, abro mão de ser
Passo a viver quem não devo ser

Sinta o vento tocar e volte a caminhar
Sinta o vento tocar
Volte a ser a essência de Deus

Por que quero e tento ser o que não sou?
Se aquele que é
Abriu mão de ser e se fez o menor

Criatura quer ser o Criador
Exemplo daquele que um dia quis ser

Sinta o vento tocar e volte a caminhar

²⁶⁵ SCHAEFFER, Francis. **O Deus que Intervém**. Cambuci: Cultura Cristã, 2002. p. 92

²⁶⁶ Romanos 7,15

²⁶⁷ OFICINA G3. Não ser. M. Henrique, D. Tambasco, J. Carllós, J. Afram, A. Aposan [compositores]. In: **Histórias e Bicicletas**: MK Music, p2013. 1 CD (ca61:58). Faixa 5 (5min52s).

Sinta o vento tocar
Volte a ser a essência de Deus

Por que quero e tento ser o que não sou?
Se aquele que é
Abriu mão de ser e se fez o menor
Ser o que não sou! Ser o que não sou!

Em *Não ser* a crise da desumanização causada pela Queda se torna evidente. Não se trata de uma questão que é intrínseca ao projeto de Deus, mas de uma opção, um ato deliberado de vontade ao renunciar à sua humanidade e de sua condição de imagem e semelhança de Deus. Como resultado, o homem se vê aprisionado em um estado de angústia ao não conseguir ser o que foi feito para ser. Tillich explica essa angústia:

Nossa própria tensão ontológica chega à consciência na angústia de perder nossa estrutura ontológica através da perda de um dos elementos polares e, consequentemente, da polaridade à qual ele pertence. Esta angústia não é a mesma que mencionamos em conexão com as categorias, isto é, a angústia pura e simples do não-ser. É a angústia de não ser o que essencialmente somos. É a angústia diante da desintegração e queda no não-ser através da ruptura existencial. É a angústia diante da ruptura das tensões ontológicas e a consequente destruição da estrutura ontológica.²⁶⁸

A solução é ver o exemplo de Jesus, que feito humano, não sucumbiu a essa tentação, tendo permanecido resistente ao desejo de ser mais do que aquilo que lhe cabia naquela circunstância contingente, e mesmo diante de tentação e de provação, aceitou sua condição humana e por isso foi exaltado acima de todos os outros seres²⁶⁹. O ser humano pode vir a ser mais parecido com o homem-padrão Jesus, para isso precisa, no entanto, perceber o vento que dá vida²⁷⁰, que sopra onde quer²⁷¹. É preciso perceber em que direção está soprando o vento, romper a estagnação espiritual e seguir em frente. Há um movimento necessário no sentido não ser para vir a ser.

Uma humanidade desumanizada precisa de direcionamento. Perdida, não sabe para onde ir, a menos que decida voltar-se para Deus e entender que toda angústia humana reside no fato de não viver plenamente a sua humanidade, exatamente porque está distante de Deus. A vida neste mundo se torna incerta e

²⁶⁸ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 207

²⁶⁹ Filipenses 2,5-11

²⁷⁰ Gênesis 2,7

²⁷¹ João 3,8

amedrontadora, sem esperança de melhora nesta dimensão sensível e sem que tenha a perspectiva de algo que esteja por vir. A canção *Razão*²⁷² também da banda Oficina G3 define bem essa condição humana, de vazio de busca de sentido onde esse sentido não pode ser encontrado:

Razão

A razão de tanta morte
Tanta desordem, desigualdade e solidão,
O caminho do homem é tão escuro,
De atalhos mal escolhidos.

A razão do seu vazio,
Do seu sentido,
De existir e persistir
De tapar o erro de não crer,
De que você precisa de Deus.

Um só caminho, uma só fé,
Única verdade,
Jesus é o refúgio nesta imensa tempestade.

Numa sociedade secularizada, mas pertencente a uma macro cultura cristã, a ideia do esquema protestante-calvinista Criação-Queda-Redenção-Consumação faz parte do imaginário atrelado a temáticas cristãs. A roupagem típica do rock ajuda a tirar um pouco da carga de uma tintura religiosa tradicional que não comunica com grande parcela dos jovens e traz os temas fundamentais da Teologia Cristã evangélica para a sua arena de discussões em uma linguagem que possam facilmente entender e reagir, rompendo assim algumas barreiras que poderia haver entre os não-cristãos.

É preciso uma aproximação, um tempo de escuta, reflexão e experiência pessoal para que a mensagem deixe de ser apenas um discurso e passe a gerar vida. É o que a canção-testemunho *Amor de Deus*²⁷³ da banda Fruto Sagrado faz. Cantada em primeira pessoa, ela trata da maneira peculiar com que uma vida com Jesus era vista desde fora, e como, a partir da experiência de conversão, o ser pode alcançar novo significado:

²⁷² OFICINA G3. Razão. T. Regis, J. Afram [compositores] In: **Nada é tão novo, nada é tão velho**: Gospel Records, p1994. 1 CD (ca 44:12) Faixa 5 (04min09s)

²⁷³ FRUTO SAGRADO. Amor de Deus. M. A. Afonso [compositor] In: **O que a gente faz fala muito mais do que só falar**: Gospel Records, p1995. 1 CD (ca 59:45) Faixa 5 (04min20s)

Amor de Deus

Ouvia falar no Teu nome, mas demorei pra perceber,
Que você não é aquele papo careta de religião
Estava anestesiado, adormecido em meus preconceitos
Escondido e armado, contra tudo e todos

Mas o Teu olhar brilhou mais que o sol
Esse calor me encheu de vida
Teu amor se derramou como um perfume
E o meu passado pesado e carregado de pecados

Você apagou, você me aceitou, me perdoou
Amor que eu não consigo entender

Me deu uma nova história
Um novo modo de ver e de viver a vida
Olhar as pessoas e o mundo sob um novo prisma
Quanta coisa que eu perdi sem Te conhecer
A gente achava que sabia tudo
Mas na verdade a gente não sabe nada

Amor de Deus desenvolve a ideia de entender a fé cristã, não apenas como uma crença, mas como um novo modo de viver a vida, ou se quisermos usar uma linguagem neotestamentária, o ser feito nova criação²⁷⁴. É o ato livre de ressignificar a própria história, agora tendo os olhos abertos para uma realidade que é sim humana, caótica e má, que amedronta e que causa perplexidade, mas que não paralisa por completo aqueles que entendem que todo esse caos é temporário, e que a redenção final chega para pôr ordem definitiva em tudo.

*Medo, Vida, Humano*²⁷⁵ da Catedral mostra como é paradoxal a vida de quem vê uma realidade dura, mas consegue ainda assim, vislumbrar alguma esperança:

Medo, Vida, Humano

Eu tenho medo de viver livre
Eu tenho medo de não ser livre
Eu tenho medo do que sinto
Eu tenho medo de não sentir
Eu tenho medo de me apaixonar
Eu tenho medo de nunca amar

²⁷⁴ I Coríntios 5,17

²⁷⁵ CATEDRAL. Medo, Vida, Humano. Kim [compositor] In: **Contra todo mal**: MK Music, p1994. 1 CD (ca 37:50) Faixa 11 (3min31s)

Eu tenho medo de andar na rua
Eu tenho medo de ter medo de andar
Eu tenho medo de ficar perto
Eu tenho medo de não chegar perto
Eu tenho medo de desejar
Eu tenho medo do medo de querer
Eu tenho medo da solidão
Eu tenho medo de tua companhia
Eu tenho medo de não mais te ver
Eu tenho medo de te ver um dia

Eu tenho medo do medo
Eu tenho medo de não ter medo
Eu tenho medo do medo
Eu tenho medo de não ter medo

Eu quero vida
Eu quero viver no meio do povo
Mas eu não quero rótulos e regras
Modelos de uma sociedade falida

Eu quero vida
Eu quero a mais clara das manhãs
Eu quero mousse de chocolate
Eu quero vida com poesia e arte

Eu sou humano
E me orgulho de ser humano
Me sinto bem quando eu duvido
Me sinto mal quando acredito sem pensar

Eu sou um ser humano
Um ser que vive sua juventude
Um ser que fala para a juventude
Um ser que não quer se calar para a juventude

Eu creio em Deus
E não é porque você me obriga a crer
E não tão pouco pelo teu apelo
Mais sim por tudo que vejo e que sinto

Eu creio em Deus
Eu sinto Deus no meu coração
No ar, na chuva, nas flores, na vida
Eu sinto Deus andando em minha companhia
E não é por vã filosofia
E nem por taquicardia
E nem por que sinto agonia
Muito menos por tua tia
Que me falava todo dia

Que existe uma alegria
 Que parece fantasia
 Não é por claustrofobia
 E nem por nenhuma mania
 Não é por vã filosofia
 Eu sinto Deus andando em minha companhia

A exemplo de *Amor de Deus, Medo, Vida, Humano* mostra que o conhecimento de Deus não é um exercício cognitivo apenas, é preciso imergir nele, percebendo empiricamente que não se trata apenas do ‘papo careta de religião’ ou da pregação insistente ‘de uma tia’. Enquanto ser pessoal, Jesus relaciona-se de maneira pessoal e direta com os seres humanos, falando a eles em seus medos, anseios e dificuldades, propondo uma maneira diferenciada de viver, sem com isso perder sua identidade e sua humanidade.

Schaeffer aponta que nossa vida em Cristo deve exalar nossa humanidade plenamente:

Portanto, os cristãos devem ser as pessoas mais humanas que você já viu em todos os seus relacionamentos. Esse é um ponto propício para se falar em Deus, em uma era de desumanidade, impessoalidade e massificação. Quando as pessoas olham para nós, a sua reação deve ser "Estes são pessoas humanas"; humanas, sim, porque sabemos que fomos diferenciados dos animais, das plantas e das máquinas, e que a personalidade é inerente ao que sempre foi. Isso não é nada de que se possa dar conta apenas intelectualmente – quando as pessoas nos observam, sua reação deve ser: "Estes é que são humanos!"²⁷⁶

Um cristão deve ser exatamente aquilo que Deus o criou para ser: alguém consciente das mazelas do mundo e dos efeitos do pecado, alcançado pela redenção que há em Jesus e esperançoso numa consumação futura onde Deus restaurará todas as coisas.

4.3

Perspectivas escatológicas

A teologia do rock cristão brasileiro não retrata apenas realidade crua do mundo. Ela aponta uma perspectiva escatológica de redenção eterna para aqueles que firmaram pessoalmente o compromisso de andar com Jesus. Podemos ter uma visão romântica e inocente da vida, ou ter uma visão de um realismo contundente que beira o pessimismo, sem, contudo, perder de perspectiva que o cristianismo

²⁷⁶ SCHAEFFER, Francis. **O Deus que Intervém**. Cambuci: Cultura Cristã, 2002. p. 145

evangélico tem uma escatologia que anseia pela volta de Jesus para reconciliar e redimir todas as coisas. É o que aponta *Casinha*²⁷⁷, gravada pelo Rebanhão:

Casinha

Atrás deste monte tem uma cidade
Com casinhas brancas, casarões, moças nos portões
Velhos nas janelas, e a velha Maria fumaça
Descansa na praça escutando a bandinha
Tocar valsas e canções nos corações dos jovens namorados

Atrás deste fumaça tem uma cidade
Com crianças no meio da rua
Brincando com a lua contando segredos
E os velhinhos nos bancos de jardins
Assistem ao fim de mais uma tarde

Atrás deste monte tem uma realidade
Casinhas brancas, pichadas, palavrões, pecados nos portões
Fracassos nas janelas, e a velha Maria fumaça
Assiste as desgraças no meio da praça
A bandinha faz um fundo musical
A mais um funeral de quem cansou de viver

Atrás desta fumaça tem uma realidade
Polícias e ladrões, trancas nos portões
Grades nas janelas
E os velhinhos bêbados nos bancos
De jardins assistem seu fim

Atrás deste mundo tem uma cidade
Jesus quem construiu quando subiu
Naquela cruz e o caminho nos ensinou
O amor, ah o amor

Em cinco estrofes, a genialidade poética de Janires contrapõe duas visões de uma mesma cidade fictícia situada atrás de uma montanha. Na canção, há dois olhares em paralelo: um otimista-romântico e um realista-pessimista. Ironicamente as casas brancas, belas à uma primeira vista, estão na realidade pichadas com palavrões, as moças nos portões de suas casas, junto aos namorados em lugar de um inocente namoro, cometem pecados ocultos. A Maria-Fumaça que descansa é a mesma que testemunha o caos social, a mesma música da bandinha que pode

²⁷⁷ REBANHÃO. *Casinha*. Janires [compositor] In: **Mais Doce que o Mel**: Doce Harmonia, p1981. 1 LP (ca 37:39) Lado B, Faixa 5 (4min13s)

embalar romances acompanha o cortejo fúnebre, possivelmente de um suicida, os velhos nos bancos da mesma praça não contemplam liricamente o fim da tarde, estão alcoolizados demais para ver a beleza da vida e da criação.

A canção traz dois olhares. De um lado, é possível olhar a vida e não perceber as consequências de um deliberado afastamento de Deus, ou enxergá-lo e lamentar a situação em que a humanidade se encontra. A esperança não é uma redenção forjada por mãos humanas, construída por esforços de uma sociedade filosoficamente orientada. Schaeffer nos lembra que:

O Cristianismo recusa-se a dizer que se pode ser esperançoso quanto ao futuro, se estiver fundamentando sua esperança em evidências de mudança para melhor na humanidade.²⁷⁸

Na visão de Schaeffer, o cristianismo se aproxima da sociedade e entende que todo mal e caos existentes são consequências direta do pecado e da queda. A desumanização, a injustiça e todos os demais males que corroem a sociedade tem uma origem comum no ato da Queda:

A abordagem sociológica do Cristianismo afirma que os problemas sociais que possam existir, não importando de que natureza sejam, são resultantes da desigualdade que se instalou entre os homens em decorrência do pecado.²⁷⁹

A esperança no verso que fecha a canção está na realidade transcendente construída por Jesus a partir do sacrifício da cruz, capaz de reconciliar definitivamente a Criação com seu Criador, exalta a missão de Cristo ao redimir e restaurar a ordem criacional, como era no Paraíso terreno, assim como o será no Paraíso vindouro.

A mensagem de esperança está arraigada no *querigma*. A única possibilidade de vencer o caos vigente é entender que Jesus em seu esvaziamento kenótico se tornou homem como nós, ensinou uma nova maneira de viver e através de sua morte e ressurreição, trouxe esperança de uma nova vida nesse mundo que se estende para a realidade transcendente que há de vir. Aquele que era, temporariamente abriu mão de ser para que a humanidade pudesse vir a ser. Na cruz Jesus atinge o máximo de seu esvaziamento. Na Ressurreição, surge vitorioso da alienação existencial a que Ele se sujeitou²⁸⁰.

²⁷⁸ SCHAEFFER, Francis. **O Deus que Intervém**. Cambuci: Cultura Cristã, 2002. p. 42

²⁷⁹ SCHAEFFER, Francis. **O Deus que Intervém**. Cambuci: Cultura Cristã, 2002. p. 140

²⁸⁰ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 445

Cristo feito humano, que se torna modelo de vida humana, e que em sua morte e ressurreição, restauram a comunhão entre criação e Criador. Essa união baseada na redenção é a mensagem expressa em *Resposta de Deus*²⁸¹, do segundo álbum da banda Oficina G3:

Resposta de Deus

Veio como homem entre nós Ele habitou
E a Sua morte a história mudou
Ensinou os homens a viver e amar
E a vida eterna como alcançar

As suas palavras eram vida e poder
E venceu a morte por mim e por você

Nome sobre todo nome, Jesus o filho de Deus
Autoridade e resposta, a todo o que n'Ele crer
Autoridade e resposta, a todo o que n'Ele crer

O amor de Deus é Jesus
Resgate de Deus é Jesus
Resposta de Deus é Jesus

Aleluia, aleluia!

Há no rock evangélico brasileiro uma expectativa escatológica da *Parousia*, a volta de Cristo e a instalação de um reino de justiça e paz. Neste ponto não há uma concordância. A leitura que cada banda faz desse cenário varia acerca de questões como arrebatamento, o milênio de Cristo e a instauração da nova realidade, seria de pouco proveito para esta pesquisa aprofundar-se nessas discordâncias, uma vez que elas não são essenciais para a compreensão do escopo teológico do rock evangélico. Apesar de eventuais divergências, as perspectivas seguem a tendência de uma realidade transformada em que as dores serão encerradas, e um reino de paz e justiça será implantado eternamente.

É o que Oficina G3 expressa na bela canção *Novos Céus*²⁸², uma balada melódica que expressa bem a expectativa de um reino vindouro em que a tensão

²⁸¹ OFICINA G3. Resposta de Deus, J. Afram, W. Garcia [compositores] In: **Nada é tão novo, nada é tão velho**: Gospel Records, p1994. 1 CD (ca 44:12) Faixa 5 (04min16s)

²⁸² OFICINA G3. Novos Céus. J. Afram,[compositor] In: **Indiferença**: Gospel Records, p1996. 1 CD (ca 47:59) Faixa 8 (03min51s)

escatológica do ‘já’ e do ‘ainda não’, que ainda se dá mediada pela presença do Espírito Santo²⁸³, estaria definitivamente superada. Por ora, os cristãos estão situados entre os *kairoi*, os tempos em que o eterno irrompe no temporal²⁸⁴. Não há na letra a preocupação em explicar temas teológicos que causam controvérsias entre os cristãos evangélicos. A intenção é tão somente projetar aquilo que é a expectativa da restauração da criação:

Novos céus

Novos céus e uma nova terra
Alegria eterna
Onde não haverá mais lágrimas
Nem choro se ouvirá

Onde juntos todos viveremos
Face a face o veremos
E exaltaremos
Sua Glória e Majestade
Para sempre

Maravilhoso, Pai da Eternidade
Príncipe da Paz, Deus Forte, Deus Forte!

A melodia embala e se adequa bem à letra. A combinação letra-melodia em *Novos Céus*, aponta bem para expectativa de uma realidade transformada distante da velocidade avassaladora e cheia de ruídos em que vive a humanidade na pós-modernidade. Não trata da alegria que há de vir junto com a realização escatológica, trata mais diretamente do estado de perfeita harmonia e paz que permeia o imaginário cristão evangélico acerca daquilo que nunca viram, mas que sempre aguardaram.

A expectativa pela nova Jerusalém de festa, alegria, um lugar sem dores e sem preocupações para o qual fomos feitos e pelo qual nossa alma anseia não é uma forma de fugir das realidades presentes, mas algo que é inerente à fé cristã, como bem nos lembra C. S. Lewis:

A esperança é uma das virtudes teológicas. Isso quer dizer que (ao contrário do que o homem moderno pensa) o anseio contínuo pelo mundo eterno não é uma forma de escapismo ou de auto-ilusão, mas uma das coisas que se espera do cristão²⁸⁵.

²⁸³ CULLMANN, O. **Cristologia do Novo Testamento**. Trad. Daniel de Oliveira e Daniel Costa. 1ª Ed. São Paulo: Custom, 2002. p. 297.

²⁸⁴ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 449

²⁸⁵ LEWIS, C.S. **Cristianismo puro e simples**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 49

E é essa esperança em um mundo vindouro preparado por Jesus e pra onde os cristãos almejam ir ao fim de sua trajetória humana que é o pano de fundo de uma bem elaborada canção da banda Resgate lançada de maneira independente em comemoração aos trinta anos de carreira:

Nossa Valsa²⁸⁶

Parece que eu já estive junto
Foi meio como um déjà vu
A sensação de pertencer
De onde sempre fui
Sem nunca estar ali

Parece que eu voltei pra casa
Um órfão descobriu seu pai
Saber da onde a gente vem
E aonde a gente tá
Pra onde a gente vai

Parece que eu voltei no tempo
E me encontrei no amanhã
O agricultor sacrificou
E deseternizou o efeito da maçã

Depois de pôr os pés no chão
Olhar a multidão fazendo a sua prece
Depois de repartir o pão
Ouvir o coração de graça ter e dar

Depois de chegar aos confins
Ouvir os seus clarins tocando a Nossa Valsa
Saber que tudo começou quando chegou ao fim
E é hora de cantar

Que a vida já não basta
Comece logo a festa
E a redimida raça humana
Comece a dançar

Reinicie o tempo e a cidade desça
E o Rei divino posto à destra
Comece a reinar

²⁸⁶ RESGATE. Nossa Valsa. Zé Bruno, [compositor]. In: **É só isso aqui**. Independente, p2020. (4min05s).

Nossa Valsa é a utopia prometida e esperada na consumação expressa em forma de rock que lembra que a realidade visível não é toda a realidade, que há a expectativa real de uma vida futura, redimida e transformada seguindo o modelo bíblico conforme interpretado pela Teologia cristã protestante

4.4

A crítica do rock evangélico a líderes religiosos

A esperança escatológica de uma restauração definitiva, em que toda a realidade será redimida de uma vez por todas é um conceito recorrente na teologia do rock cristão brasileiro. Tillich nos mostra, no entanto, que a esperança escatológica da segunda vinda de Cristo implica em tensões:

O símbolo da segunda vinda do Cristo completa o símbolo da ressurreição ao situar o cristão num período entre os *kairoi*, os tempos em que o eterno irrompe no temporal, entre o “já” e o “ainda não”, e o sujeita às infinitas tensões que esta situação implica para a existência pessoal e histórica.²⁸⁷

Apesar de entender que não há uma solução para o caos cósmico de maneira definitiva cabendo, portanto, ansiar por uma redenção transcendente, o rock cristão brasileiro é rock, portanto, contestador, crítico, muitas vezes ácido em apontar as mazelas da sociedade, denunciar a corrupção no meio político e mesmo no meio eclesial. Não se trata da crítica pela crítica, mas de uma tentativa profética de alertar seus ouvintes da necessidade de engajamento para que a crueza da realidade temporal seja, se não encerrada, ao menos, atenuada.

Um dos primeiros obstáculos enfrentados pelas bandas cristãs de rock foi o legalismo religioso que tentava de maneira heterônoma determinar nos detalhes o que era e o que não era autorizado a dizer e fazer dentro do sistema religioso²⁸⁸, os defensores de tal legalismo o faziam (como quase sempre) à revelia do que revelava o texto bíblico, baseando-se em suas próprias leituras e interpretações da Bíblia, que tornavam o texto bíblico limitador e convenientemente parecido com suas próprias preferências. Esquecendo-se de que o rock evangélico trazia consigo a mesma mensagem em outra linguagem. Deveriam ser parceiros e complementares

²⁸⁷ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 449

²⁸⁸ Uma das primeiras vítimas dessa forma de controle foi a banda Êxodus. Cf.: **Rock proscrito**. Revista Veja, 17 de novembro de 1976. p. 74

em sua missão de alcançar a todos com a mensagem cristã. Os conflitos iniciais foram sendo amainados com o tempo, ainda há uma certa tensão, mas o rock hoje é mais aceito com um canal viável de evangelização e profecia, mesmo nos meios mais conservadores.

No início do uso do rock na evangelização, havia muita resistência ao novo. E era preciso que alguém levantasse a voz contra isso. E isso a banda Resgate traduziu bem na canção-protesto *Doutores da Lei*²⁸⁹, a faixa de abertura do álbum *On the rock* de 1995:

Doutores da Lei

Quem conhece a liberdade
A quem o próprio Deus chamou
Não aceitará se submeter
A nenhuma escravidão

Mas lá vem eles pra nos ensinar
O que se pode e não se pode fazer
Tem a honra nos seus lábios
Mas distante o coração

Os doutores da lei
Permanecem inertes
Sob as tábuas da lei
Criadas pelas próprias mãos

Alguém sabe, eu sei
Misericórdia quero, e não holocaustos
É preciso aprender
Misericórdia quero, e não holocaustos

A heteronomia, aqui entendida pela perspectiva apontada por Tillich, de pequenos grupos que tentam controlar os demais sob o argumento da autoridade, mas que não tem respaldo bíblico é denunciada, já que as tábuas da lei que portam, são criações deles mesmos. Tillich nos explica a dinâmica:

O problema da heteronomia é o problema de uma autoridade que reivindica representar a razão, isto é, a profundidade da razão, contra sua efetivação autônoma. A base de tal reivindicação não é a superioridade no poder racional que muitas tradições, instituições ou personalidades obviamente têm. A base de uma heteronomia genuína é a reivindicação de falar em nome do fundamento do ser e, portanto, de forma incondicional e última²⁹⁰.

²⁸⁹ RESGATE. *Doutores da lei*. Zé Bruno [compositor] In: **On the rock**: Gospel Records, p1995. 1 CD (ca 48:01) Faixa 1 (3min41s)

²⁹⁰ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 98

Divinizam seus próprios discursos e mentem dizendo que sua própria vontade é aquilo que foi determinado por Deus. O rito e o culto, as formalidades e a ortodoxia litúrgica não são superiores a um coração misericordioso e humilde que busca fazer a vontade de Deus, mesmo que cumprir esse desígnio divino signifique tocar rock nos palcos da vida, com uma linguagem que destoa daquela comumente usada por aqueles que frequentam os templos.

Não se trata de uma perspectiva revolucionária e rebelde. Trata-se de uma consciência libertadora de que o próprio Espírito Santo, nos livra das interferências heterônomas e, em amor, nos orienta. Como diz Tillich:

Na fé também existe obediência, um ponto em que concordam Paulo, Agostinho, Tomás de Aquino e Calvino. Mas a “obediência da fé” não equivale à sujeição heterônoma a uma autoridade divino-humana. É o ato de se manter aberto à Presença Espiritual que tomou posse de nós e nos concedeu esta abertura. E obediência por participação, como nas relações de amor, e não por submissão.²⁹¹

Não apenas a tentativa de controle heterônomo precisou ser combatida. Alguns líderes, que, aproveitando-se de sua posição de proeminência e pretensa autoridade, manipulavam o discurso a fim de locupletarem-se, ao longo do tempo têm sido identificados e devidamente denunciados. Já em 1993, o Fruto Sagrado, despejava sua crítica carregada de sarcasmo sobre aqueles, que esteticamente tentavam parecer parte do rebanho e estavam até conseguindo enganar a muitos para seu próprio proveito. Estes têm seu disfarce arrancado de modo abrupto na canção-denúncia *Lobo Mau*²⁹²:

Lobo Mau

Lobo na pele de cordeiro, é lobo mau!
Lobo na pele de cordeiro!
Lobo na pele de cordeiro, é lobo mau!
Lobo... esse cara vai se dar mal!

Usa terno e gravata, parece até o que não é!
Consciência cauterizada, coração petrificado;
Queimando o filme, atrapalhando o trabalho
Dos verdadeiros homens de Deus!
Dos verdadeiros homens de Deus!

²⁹¹ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 587

²⁹² FRUTO SAGRADO. Lobo Mau. M. A. Afonso [compositor] In: **Na contramão do sistema**: Gospel Records, p1993. 1 CD (ca 37:34) , Faixa 5 (4min31s)

Garras afiadas... tudo o que eles querem
 É teatro perfeito, histeria total!
 Meias verdades, muita enganação,
 Tome cuidado com o lobo mau!

Os seus dias estão contados,
 Sua sentença assinada;
 Não tem pra onde fugir, não tem pra onde correr!
 Com o dinheiro de inocentes
 Pensou ter construído o seu próprio céu;
 Com as almas dos inocentes
 Ele garantiu o seu lugar no "Inferno Palace Hotel"!

O verdadeiro pastor livra as suas ovelhas
 Do lobo mau!

Debochadamente, a gravação original da canção, no álbum *Na Contramão do Sistema*, começa com um trecho da música que faz parte da trilha sonora em português do filme “Os Três Porquinhos” lançado pelos estúdios Disney em 1933. Antes do rock soar, o que se ouve é o famoso verso “quem tem medo do lobo mau?”. E então o lobo mau ganha uma cara bem conhecida no meio evangélico brasileiro.

Na música, o lobo mau é um falso ‘homem de Deus’, sua estética característica pode enganar, e muitos se deixam seduzir por discursos diversos que fazem enriquecer a uns poucos enquanto empobrecem multidões de enganados. Sua postura nociva lesa a reputação dos verdadeiros homens de Deus, que são a maioria, mas que pagam o preço de serem confundidos com aqueles que usam da fé como meio de manipulação visando poder político, social e principalmente econômico. De posse de tanto poder e alegando que alcançaram tal status por ordem divina, se tornam um problema caso a sociedade não crie mecanismos que sejam capazes de controlar esse poder²⁹³.

Os falsos pastores denunciados imaginam que terminarão suas trajetórias ricos, bem e em paz. A previsão da canção vai em sentido oposto: uma sentença assinada para uma eternidade sombria naquilo que foi chamado sarcasticamente de ‘Inferno Palace Hotel’.

A riqueza em si não é um problema, a denúncia está nos modos obscuros e reprováveis utilizados para alcançá-la bem como as manobras teológicas que são

²⁹³ COSTA, A. C. *Convulsão Protestante*: quando a teologia foge do templo e abraça a rua. São Paulo: Mundo Cristão, 2015. p. 95

feitas para que haja uma pretensa justificativa bíblica para o desejo humano por riquezas e bens materiais.

A teologia da confissão positiva, se desdobrou numa teologia da prosperidade e influenciou grande parte do movimento evangélico brasileiro, especialmente o ramo neopentecostal. Ela toca o ponto mais essencial da fé cristã: O texto bíblico ensina que fé aliada à graça traz salvação²⁹⁴. Nos movimentos de confissão positiva e prosperidade, a fé também traz necessariamente consigo bençãos materiais. Como explica Paulo Romeiro:

Uma das afirmações mais contundentes desta corrente é que o cristão deve ser próspero financeiramente e sempre ser livre de qualquer enfermidade. Quando isto não acontece, é porque ele deve estar vivendo em pecado ou porque não tem fé.²⁹⁵

Não é raro que o único em todo esse processo que de fato enriqueça seja o líder que ensina esses desvios. Na tentativa de enriquecer, os frequentadores dessas igrejas alimentam a prosperidade do ‘lobo mau’. A falta de um elemento crítico interno fez com que muitas pessoas fossem seduzidas por discursos feitos por gente sem compromisso com a Bíblia e seus ensinamentos. Como explica Paulo Romeiro, ao comentar a fala de Jesus sobre as árvores boas e más no Sermão da Montanha²⁹⁶:

Sem dúvida, Jesus está falando, aqui, dos profetas falsos, da árvore má, em contraste com os profetas verdadeiros, a árvore boa. Deve-se levar em consideração que a tarefa principal do profeta de Deus, na Bíblia, não era praticar obras de caridade, obras sociais, construir asilos, mas falar a Palavra de Deus. Assim, ao analisar o fruto da árvore, isto é, do profeta, torna-se imprescindível verificar se o que ele fala ou ensina e a vida que ele vive estão de acordo com a Palavra de Deus. Se estiver, a árvore é boa, e trata-se de um verdadeiro profeta de Deus. Se não estiver, cuidado, pois trata-se de profeta falso, de lobo disfarçado em ovelha. Para seu próprio bem, afaste-se dele²⁹⁷.

As igrejas evangélicas tradicionais foram vendo sua credibilidade ser desgastada, enquanto o contingente dos adeptos da teologia da prosperidade aumentava. Por estar umbilicalmente envolvido com o neopentecostalismo da prosperidade, o movimento gospel brasileiro (que era um movimento nascido a partir de uma ideia de dar publicidade e tornar comercial aquela música) guardava semelhanças com a teologia da prosperidade:

²⁹⁴ Efésios 2,8-9

²⁹⁵ ROMEIRO, Paulo. **Supercrentes**: O Evangelho Segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os Profetas da Prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1996. p. 23

²⁹⁶ Mateus 7,15-17

²⁹⁷ ROMEIRO, Paulo. **Supercrentes**: O Evangelho Segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os Profetas da Prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1996. p. 80

A teologia da prosperidade na verdade não passa de produto do capitalismo e da psicologia do sucesso que domina a maioria das nações industrializadas, mas atinge também as nações pobres. Ela é o produto de nosso próprio tempo e lugar – o tempo capitalista – e é, sem dúvida, uma reflexão: não à luz da Bíblia, mas de nossa autopreocupação.²⁹⁸

Por conta das semelhanças existentes entre a teologia da prosperidade e o movimento gospel, e pela influência que esta teologia teve em espaço neopentecostal, o movimento gospel acabou por ser também solapado por essas ideias e, infelizmente, nem mesmo o rock cristão ficou imune a isso.

Apesar de sua origem no protestantismo tradicional, sendo oriundos de igrejas batistas, os quatro integrantes da banda Resgate migraram para a Igreja Renascer em Cristo no começo dos anos 1990²⁹⁹, num período em que a teologia da prosperidade ainda não era dominante naquela denominação. Com o passar do tempo, e com os membros da banda integralmente envolvidos em assuntos relacionados àquela igreja³⁰⁰, algumas composições refletiram o triunfalismo típico da prosperidade da igreja em que eram membros.

Um exemplo é a canção *A Resposta*³⁰¹, que a banda Resgate lançou no álbum *Eu continuo de pé* de 2002, que exprime uma teologia ufanista característica de movimentos neopentecostais, em que, Deus abençoa o crente não apenas por sua misericórdia, mas porque o crente teria ‘feito a sua parte’ e, portanto, merecido ser abençoado:

A Resposta

Desde o princípio a minha amizade
Comigo na mesa o mesmo pão
Mas pelas costas a traição
Se alimentando do que Deus me deu
Roubando e usando o que não é seu
Pra alimentar o seu próprio deus.

²⁹⁸ ROSSI, L. A. S., **A Bíblia reinterpretada pela teologia da prosperidade**. In: Vida Pastoral, ano 56, nº 303, p. 24.

²⁹⁹ No show de gravação do DVD Acústico da Banda Resgate, antes de cantar a canção 5:50 am, Zé Bruno conta que a chegada dos 4 integrantes da banda à Igreja Renascer se deu em 24 de junho de 1991. Cf.: <https://youtu.be/a18EthWwa1g> acesso em 04 de maio de 2022.

³⁰⁰ Todos foram ordenados bispos na Igreja Renascer em Cristo, sendo inclusive destacados para servir em diferentes estados para atender as demandas da estrutura eclesial da Renascer. Cf.: In: GOUVÊA, Karina. **Os Beatles brasileiros da música gospel**. In: CCM Brasil Magazine, setembro 1998, número 1, ano 1, páginas 26-27

³⁰¹ RESGATE. *A Resposta*. Zé Bruno [compositor] In: **Eu continuo de pé**: Gospel Records, p2002. 1 CD (ca 37:23) Faixa 1 (3min54s)

Mas meu Deus é a minha rocha
E a resposta: eu continuo de pé

Andaram falando que eu tava falido
E anunciando, meu tempo acabou
Pensando que levam a minha porção
Tentaram comprar o que não tem preço
Mas se esqueceram do que eu já plantei
E da recompensa do Deus que é fiel

Uma letra triunfalista que defende os valores da Teologia da Prosperidade é o contrário do que se poderia esperar de uma banda com letras críticas, com referências claras a passagens bíblicas e inteligentes como a banda Resgate, mas refletiam bem o momento que estavam vivendo e o contexto eclesial em que estavam inseridos. Anos depois, com a saída dos integrantes da Igreja Renascer e com a fundação de uma comunidade de fé mais alinhada ao protestantismo histórico³⁰², canções como *A resposta* deixaram o repertório dos *shows*. E mesmo o álbum em que ela foi gravada é considerado “fora de padrão, abaixo da crítica interna da banda.”³⁰³

O Resgate faria seu *mea-culpa* ao reavaliar sua trajetória não apenas musical, mas de seus membros individualmente como pregadores e construtores da expansão do neopentecostalismo da Igreja Renascer. Em dado momento, houve a percepção de que danos foram causados por esses ensinamentos e que algo precisava ser feito para tentar mostrar àqueles que ainda seguiam aquele ramo do protestantismo que havia algo mais do que aquilo que era ensinado em suas igrejas, sobretudo que não deveria haver necessariamente uma contrapartida financeira às bênçãos que Deus poderia dar, já que nem mesmo os pastores são autorizados a negociar ou barganhar a partir daquilo que não lhes pertence. O acerto de contas teológico do Resgate pode ser observado na letra de *Eles precisam saber*³⁰⁴, lançada no álbum *Este lado para cima* de 2012:

³⁰² Cf.: <http://www.acasadarocha.com.br/#quem>. Acesso em 04 de maio de 2022.

³⁰³ **Curiosidades sobre o Resgate.** Disponível em: <https://web.archive.org/web/20111102164200/http://www.bandaresgate.com.br/curiosidades.asp>. Acesso em 12 de abril de 2022.

³⁰⁴ RESGATE. *Eles precisam saber*. Zé Bruno [compositor] In: **Este lado para cima**: Sony Music Brasil, p2012. 1 CD (ca 44:18) Faixa 1 (4min20s)

Eles precisam saber

Eles só querem saber como é possível viver
Só querem aprender pra poder decidir
Eles só querem entender
Eles só querem sentir a fé que pode existir
Que podem descansar, que podem esperar
E não desfalecer

Alguém precisa falar, eles precisam saber
Que não se vende fé
Saber que Deus não é o que se vê na TV
E eles precisam ouvir só o que Deus quer dizer
Será que ninguém vê que é preciso amar?
Eles precisam saber!

E eles precisam saber o que é a graça de Deus
Que aquilo que Deus faz, aquilo que Deus tem
Não se pode comprar
Eles precisam saber que Deus pode se mover
Por aquilo que são, por compaixão
E não pelo que podem dar

Alguém precisa dizer, alguém precisa pregar
Que Ele veio pagar, que Ele veio morrer
Pra que possam viver
Eles precisam de amor, eles precisam ver
Que a inocência traz o risco de pagar
Pelo que não vão ter

Eles precisam de Deus, eles precisam de paz
Eles não querem pais, não querem faraós
Nem um capataz
Eles precisam saber que agora podem pensar
Que aquilo que Deus vê,
O pregador não vê, o predador não dá

Eles precisam de Deus, eles precisam de mais
Eles não podem ver, eles precisam luz
Precisam enxergar
Eles precisam andar, precisam se libertar
Eles só querem Deus, eles só querem paz
Eles só querem amar

Eles precisam saber que eles não são de ninguém
Que ninguém pode dar e nem manipular
Aquilo que Deus tem
Precisam ver o céu, precisam ver a cruz
Precisam se entregar,
Precisam confessar o Nome de Jesus!

A letra é baseada em um vídeo publicado pela Missão Portas Abertas, agência missionária que presta apoio às igrejas cristãs situadas em lugares do mundo onde a pregação do Evangelho é proibida³⁰⁵. O fundador da Missão Portas Abertas, o holandês Anne van der Bijl, conhecido como Irmão André (1928-2022), gravou um vídeo em 2008 e disponibilizou nas redes sociais da Missão onde faz um paralelo entre a Declaração de Direitos Humanos formulada pela Organização das Nações Unidas, e que estava completando 60 anos naquela ocasião, e a Igreja perseguida no mundo. No vídeo, André argumenta que as pessoas têm o direito de saber que existe um Deus, e que esse direito não lhes pode ser retirado por força de uma imposição estatal³⁰⁶.

Da mesma forma, a banda Resgate afirma que as pessoas inseridas no contexto da distorção bíblica pregada pela teologia da prosperidade, tinham o direito de saber que não deveriam submissão absoluta a ninguém a não ser ao próprio Cristo e que Sua cruz e Sua graça eram suficientes para que todas as necessidades humanas fossem atendidas. A canção trata de re-evangelizar membros de igrejas, que estão sob a tutela de líderes de caráter no mínimo duvidoso como o Lobo Mau do Fruto Sagrado, aqui chamados de capatazes e faraós.

A referências a ‘pais’ na letra de *Eles precisam saber*, está relacionada a uma controvérsia causada na Renascer pelo próprio Zé Bruno, vocalista da banda Resgate pouco antes de seu desligamento da igreja. Ele defendeu em um acampamento de carnaval organizado pela igreja que não haveria razão bíblica para referirem-se ao líder máximo da igreja Renascer, Estevam Hernandes como pai. Estevam teria então reunido a cúpula da igreja e exigido continuar a ser tratado como pai. Zé Bruno e seus companheiros do Resgate já não eram mais bispos da Renascer quando a reunião ocorreu³⁰⁷.

O rock cristão brasileiro não se ocupou apenas de questões intraeclesiais, sua preocupação se estendeu a uma perspectiva social, que envolve um ponto fulcral para bandas que surgiram de dentro da igreja querendo levar seu som para fora: o que os evangélicos têm a dizer ao resto do mundo sobre as mazelas que o mundo

³⁰⁵ Cf.: <https://www.portasabertas.org.br/sobre-nos/quem-somos>. Acesso em 13 de abril de 2022.

³⁰⁶ Cf.: Os direitos humanos e a Igreja Perseguida. Disponível em: <https://youtu.be/bU0jTOdVt14>. Acesso em 12 de abril de 2022.

³⁰⁷ Cf.: **Estevam Hernandes ordena:** É para me chamar de PAI sim! disponível em: <http://vigiaiinet.com/artigos/estevam-hernandes-ordena-e-para-me-chamar-de-pai-sim-2>. Acesso em 12 de abril de 2022.

inteiro experimenta? Teremos apenas um bom discurso que aponta o céu, ou poderemos ser agentes de mudança já nesta vida? Seria o discurso evangélico apenas uma forma de escapar da realidade entorpecendo a mente com uma expectativa escatológica e fechando os olhos para a realidade ao redor?

Em vários momentos o rock se pôs na condição de expor o caos em que vive o mundo. Como em *Mundo Vazio*³⁰⁸ da Catedral, lançada em 1989, no álbum *Aos ouvidos dos sensíveis de coração*:

Mundo Vazio

Eu vejo fumaça na esquina
Eu leio protestos no muro
Só se tem cara de fome
Crianças com medo do mundo
Eu ando em lugares vazios
Mas cheios de hipocrisia
No mundo há pessoas famintas
De fome, de amor, de abrigo

O mundo da linguagem
Sem o mundo da prática
É um mundo vazio

No ar o apocalipse
Já mostra sinais de sua vinda
Será implantada a justiça
Um reino de amor soberano
Onde não haverá poderosos
Oprimindo seus semelhantes
Onde os livros de poesias
Não só ficarão na estante

O mundo da linguagem
Sem o mundo da prática
É um mundo vazio

Amar a ti e a mim mesmo
Não te ferir nem a mim
Lutar pelos meus direitos
Das guerras queremos o fim
Repartilharmos o pão
Bebermos do mesmo cálice
As injustiças ou não, não!

³⁰⁸ CATEDRAL. Mundo Vazio. Kim [compositor] In: **Aos ouvidos dos sensíveis de coração**: Doce harmonia, p1989. 1 LP (ca 40:10) Lado B, Faixa 5 (2min45s)

O amor tem que estar no ápice

O mundo da linguagem
Sem o mundo da prática
É um mundo vazio

Por certo, o caminho mais confortável será sempre o do não-envolvimento. Discutir assuntos secundários e apenas falar de mudanças necessárias sem um engajamento real faz de todo o discurso cristão um grande vazio aos olhos dos que não são cristãos. O grande desafio é colocar a fé em prática, deixando de lado a indiferença que até nos faz ver a dor do outro, mas não nos move na direção do outro no sentido de uma mudança situacional³⁰⁹.

Schaeffer explica que não podemos fingir que os problemas não existem, nem será suficiente para os ouvintes modernos que nossa pregação seja baseada em feitos do passado ou que proponha uma solução num futuro longínquo. A situação interpela nossa teologia prática aqui e agora:

A abordagem sociológica do Cristianismo afirma que os problemas sociais que possam existir, não importando de que natureza sejam, são resultantes da desigualdade que se instalou entre os homens em decorrência do pecado. Agora o mundo deve estar em condições de reconhecer as marcas externas da Igreja, as quais apontam para a existência de uma forma de cura sociológica substancial possível na geração presente. Não podemos jamais esperar que o testemunho da geração passada seja suficiente para o nosso próprio tempo. Podemos até destacar os maravilhosos feitos do passado, mas o ser humano terá o direito de revidar "Nosso momento é este, esta é a nossa história, e onde é que estão as realizações hoje?"³¹⁰

Há uma realidade vindoura esperada, mas há um presente problemático que enfrentamos e que faz parte do nosso cotidiano. É o cenário que cerca as casas das pessoas e os templos que elas frequentam. As reações variam entre o engajamento prático ou uma alienação que tende a fechar os olhos para o mundo que sofre. É esse o dilema que atravessa a canção *Indiferença*³¹¹ de álbum do mesmo nome, lançada em 1996 pelo Oficina G3:

Indiferença

Um farol nas esquinas da cidade
A infância na marginalidade

³⁰⁹ Tiago 2,15-16

³¹⁰ SCHAEFFER, Francis. **O Deus que Intervém**. Cambuci: Cultura Cristã, 2002. p. 140

³¹¹ OFICINA G3. *Indiferença*. L. Manga, J. Afram, J. Carlos, D. Tambasco, W. Lopes [compositores] In: **Indiferença**: Gospel Records, p1996. 1 CD (ca 47:59) Faixa 5 (03min16s)

sem família nas ruas a viver
Mãos estendidas esperando receber

Vidros fechados, gestos mudos do outro lado
Troca de olhares, indiferença, rejeição
Mais um número, nesse mundo cão!
Vidros fechados, gestos mudos do outro lado
Vidros fechados, gestos mudos do outro lado

Os vícios, o crack, constantes ilusões
De vidas banidas em meio as multidões
A lei do mais forte, é o que rola pra viver
Brincando com a morte sem ter nada a perder
Vidros fechados, gestos mudos do outro lado

Abra o vidro do seu coração, o amor gera atitudes
Comece a agir, chega de falar,
Só com palavras não se pode mudar

As ruas estão cheias de pessoas vazias de sentido e de significado. Buscando respostas no vício e recorrendo à violência como meio de sobrevivência. As pessoas que perambulam nas ruas até são vistas, mas são repetidas vezes ignoradas. Os vidros dos carros fechados por quem quer evitar a abordagem e apenas sinalizam mudas que não vão ajudar. Falam de mudança, mas não agem para que o cenário mude. Em *Indiferença* não há uma responsabilização de Deus ou de instituições. São as pessoas individualmente que podem fazer alguma coisa, mesmo um gesto mínimo, que amenize temporariamente a dor. Em um momento posterior a união de mais pessoas ou a estrutura organizada de uma instituição pode trazer resultados mais efetivos. A denúncia aqui é a de que nem mesmo o primeiro passo tem sido dado.

Não se trata de um abandono da expectativa escatológica, mas uma consequência prática da revelação que lhes foi dada, a exemplo do que movia os profetas e os reformadores. Como observou Tillich:

Os elementos sociais e políticos nos profetas, Reformadores e revolucionários sectários estavam inseparavelmente amalgamados com a experiência revelatória que os conduzia. E, ao contrário, a expectativa de uma nova situação revelatória é frequentemente o poder condutor oculto que dirige os movimentos seculares pela liberdade política e justiça social. A revelação universal inclui não só reações místicas (e proféticas) contra formas e sistemas sacramentais distorcidos. Inclui também reações racionais, independentes do misticismo e do profetismo ou unidas a eles.³¹²

³¹² TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. pp. 151-152.

Luciano Manga, um dos compositores de *Indiferença* traduz a ideia da concepção do álbum: “A indiferença não pode tomar conta dos nossos corações, principalmente quando a bandeira que levantamos é a do Reino de Deus”³¹³

4.5

A crítica do rock evangélico a líderes políticos

A crítica do rock evangélico se amplia e vai na direção das autoridades públicas constituídas, tratando da tradição política de ver bons candidatos se transformarem em gestores alinhados aos interesses dos mais ricos e poderosos, deixando de lado a população mais necessitada. Muitas canções do rock nacional tratam da política com ferocidade, uma delas é *Podridown*³¹⁴ do Fruto Sagrado, lançado no álbum *O que a gente faz fala muito mais do que só falar* de 1995.

Podridown

É a metamorfose política,
mudando tudo após a eleição!
O mocinho vira bandido,
O político vira ladrão!
A grande maioria (quase todos eles!)
São marionetes do diabo!

A justiça e as leis compradas
Por altas somas de dólares...
Sua espada teleguiada
Só atinge a cabeça dos pobres!
Subvida, subdesenvolvimento, submundo
No palácio central!

Escândalo após escândalo
Humilhando uma nação.
Amorais, inescrupulosos, viciados pelo poder!

Os olhos de Deus eles não podem tapar,
O juízo de Deus eles não podem comprar.
Serão consumidos pela própria ambição!
Podres!! Cobertos de podridão!

³¹³ MANGA, Luciano. **Meus dias no Oficina G3**. Rio de Janeiro: MK Editora, 2009. p. 61.

³¹⁴ FRUTO SAGRADO. Podridown. M. A. Afonso [compositor] In: **O que a gente faz fala muito mais do que só falar**: Gospel Records, p1995. 1 CD (ca 59:45) Faixa 9 (05min02s)

Almas comprometidas com a corrupção.
 Pactos, alianças de maldição!
 Podres!! Cobertos de podridão!
 Podridown!!

Nessa canção tudo é forte, a letra, a música e o videoclipe gravado num galpão obscuro³¹⁵. A canção não direciona sua crítica a nenhum governante específico, antes os une em único grupo que, se não é corrupto, não se manifesta adequadamente a esse respeito, permitindo assim que a corrupção, os desvios e desmandos se perpetuem, sem que haja uma voz contrária. Apesar de cometerem seus ilícitos às escondidas e pagando caro pelo silêncio de eventuais testemunhas, Deus no céu vê a sua maldade, e este não pode ser subornado, nem seu iminente juízo poderá ser postergado. A seu tempo, na consumação, todas as coisas serão postas no devido lugar.

Há no rock evangélico brasileiro um sentimento de desesperança quanto a soluções apresentadas por governantes. Desde sempre existe a noção de que poderes políticos não são suficientes para resolver os problemas reais das pessoas. Rebanhão, com a canção Palácios³¹⁶, escrita em 1987, mas lançada apenas em 1990 já trazia sua crítica à incapacidade governamental de dar respostas:

Palácios

Não se acende a luz do Sol
 Nos 220 volts dos palácios de Brasília
 Não se acende a luz do Sol
 Com as chaves de um carro conversível do ano
 Não se acende a luz do Sol
 Com a ponta de um cigarro, um baseado, coisa assim

Pra que medir força com o Sol da Justiça?
 Pra que querer brilhar mais que a Estrela da Manhã?
 Pra que combater o bem com o mal?
 De que lado você está? De que lado você está?
 De que lado você quer ficar? De que lado você quer ficar?

Onde está a honra dos orgulhosos?
 A sabedoria mora com gente humilde
 Liberdade, liberdade

³¹⁵ Cf.: <https://youtu.be/woF2wYwK2KM>. Acesso em 04 de maio de 2022

³¹⁶ REBANHÃO. Palácios. P. Braconnot [compositor] In: **Princípio**: Gospel Records, p1990. 1 LP (ca36:43), Faixa 3, Lado A (4min50s).

Direta, ou indiretamente, os políticos são lembrados no rock evangélico brasileiro e, geralmente, o são para serem cobrados e criticados. Foi assim que *Ver Acontecer*³¹⁷ do Oficina G3 tratou da atitude mais publicitária que efetiva por parte dos governos brasileiros no começo dos anos 2000:

Ver acontecer

Você já viu os dentes brancos dos comerciais?
Falsos sorrisos, slogans, nada mais
O resultado que se esconde do último carnaval?
E o programa contra a fome da nossa capital?

Quando vamos começar a ver tudo o que não vemos na TV?
Os homens do poder assumindo que não conseguem resolver?
Será que um dia vamos assumir que sem Deus não vamos conseguir?
Depende de mim e de você, depende de nós, como filhos!

Temos muito pra entender, temos onde aprender

Nós queremos ver, ver o que temos que aprender
O que Deus quer. Ver, ver, ver acontecer uma mudança em nós
Você já viu onde escondem a vitória da guerra atual, que nos vendem nos jornais?
O fim do preconceito, impresso em cartazes e a vitória da justiça, a violência nacional?

Em *Ver Acontecer*, há a denúncia do que as autoridades dizem fazer, embora tais atitudes pareçam tão somente retórica vazia, sem que seja resolvido o problema real. A canção chama o ouvinte a uma atitude de envolvimento na cobrança aos responsáveis. Os poderosos não conseguem resolver e não admitem. Precisam ser sacudidos e cobrados por cada cidadão insatisfeito.

Somos lembrados, entretanto, de que a insatisfação demonstrada se baseia na nossa dependência de Deus. Somente Deus é capaz de resolver as demandas da sociedade de maneira definitiva. Os tais ‘homens do poder’ não resolverão de uma vez todos os desafios, mas essa não é uma razão para que nos acomodemos sem cobrar

Com o tempo, a crítica que antes era genérica se torna mais direcionada. Em vez de falar de Brasília ou da Capital de maneira geral, há uma especificidade em falar ao presidente da república. Não citar nomes, além das questões legais, é uma

³¹⁷ OFICINA G3. *Ver acontecer*. J. Afram, D. Tambasco e J. Carllos [compositores] In: **Além do que os olhos podem ver**: Mk Music, p2004. 1 CD (ca48:56), Faixa 13 (3min56s)

forma de manter a crítica atual mesmo após as transições governamentais regulares, o que ao mesmo tempo expressa um pessimismo de ser preciso manter um protesto pedindo por mudança governo após governo. É o que faz a carta-aberta *Forrock*³¹⁸ do Fruto Sagrado:

Forrock

Prezado Presidente:
Sou cidadão brasileiro também,
Mas não consigo aceitar,
Não consigo entender
Parece que aí ninguém quer saber
O que andam fazendo com a nossa nação
É cada um por si,
Todo mundo metendo a mão!

Prezado Presidente:
Cadê a ordem e o progresso também,
Que o teu povo tanto quer viver?
Mas no final do mês muito mal dá pra comer...
Os senhores do engenho
Sempre querem mais,
São eles que nos arrastam pra trás!
Ou será que tem mais?

O meu desejo é ver meu Brasil feliz!
Uma vida real,
A pátria que eu sempre quis!
Só é feliz a nação
Onde Deus é o Senhor!

Prezado Presidente:
Aceite a Jesus como seu Salvador!

Tô cansado de dar soco em ponta de faca!
Tô cansado de dar nó em pingo d'água!
Tô cansado de ver brasileiro sofrer
Até quando a gente vai sobreviver?
Prezado Presidente:
Onde estão seus doutores das leis?
Teorias revolucionárias
Tão distantes das verdades sagradas...
A realidade é surreal, O nosso ideal ainda não é real!
Prezado Presidente,
Preste muita atenção:

³¹⁸ FRUTO SAGRADO. Forrock. M. A. Afonso [Compositor] In: **O Segredo**: Top Gospel, p2001. 1 CD (ca47:53), Faixa 6 (4min22s)

Sabedoria do homem loucura pra Deus
 Sabedoria de Deus salvação para o homem!

Os riffs das guitarras distorcidas em *Forrock*, lembram o forró. O vocalista carioca Marcão canta forçando um sotaque nordestino numa canção que, sem rodeios, afirma que apenas quando Deus não for um conceito útil para angariar votos, mas aquele que tem o controle dos pensamentos e ações do presidente, poderemos ver um país mais bem desenvolvido.

Apesar da mistura reivindicatória válida ao presidente, *Forrock* é uma canção claramente proselitista. O apelo à conversão do presidente será válido da medida em que sua postura pública e sua gestão estiverem alinhadas aos valores evangélicos. Na prática, a ‘conversão’ de entes políticos tem servido tão somente como argumento eleitoral. Com o aumento do número de protestantes no Brasil nas últimas décadas, a maioria destes neopentecostal³¹⁹, a disputa pelo voto dos evangélicos se intensificou³²⁰. As tentativas de cooptação dos evangélicos para projetos políticos tem sido bastante frequentes. Alianças entre políticos e líderes religiosos tem sido feitas, e interpretações distorcidas da Bíblia tem sido utilizadas para justificar determinados projetos políticos de poder. Essa associação liga os valores do Evangelho a determinadas ideologias políticas, fazendo com que todos os que não são partidários dela sejam vistos necessariamente como anticristãos. Toda essa manipulação da pregação a partir do texto bíblico e das pessoas foi denunciada pela banda Resgate em *Lágrimas*³²¹, de 2017:

Lágrimas

Pregando e soprando
 Como quem enche balões
 Cabeças de vento
 Como se fossem pastéis
 Coçam ouvidos de quem só procura padrões
 Satisfazendo rebanhos juntando fiéis

³¹⁹ Cf.: **Evangélicos podem desbancar católicos no Brasil em pouco mais de uma década.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/evangelicos-podem-desbancar-catolicos-no-brasil-em-pouco-mais-de-uma-decada.shtml>. Acesso em 23 de abril de 2022.

³²⁰ Cf.: **Lula, Bolsonaro e Moro iniciam disputa acirrada pelo voto evangélico.** Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/01/4980547-lula-bolsonaro-e-moro-iniciam-disputa-acirrada-pelo-voto-evangelico.html>. Acesso em 23 de abril de 2022.

³²¹ RESGATE. *Lágrimas*. Zé Bruno [compositor] In: **No seu quintal**: Sony Music Brasil, p2017. 1 CD (ca37:41), Faixa 7 (4min52s)

São salgadas as lágrimas no mundo amargo
São salgadas as lágrimas no mundo amargo

Promessas e sonhos
Perpetuando cartéis
Farinhas diversas
O mesmo saco em comum
Carinhos e juras
Apenas visando o motel
Tijolos no muro
Que pena, somos mais um

São salgadas as lágrimas do mundo amargo
São salgadas as lágrimas do mundo amargo

Vivem sonhando que o céu é aqui
Couro estendido ao Sol que seca
Buscam na rede quem possa mentir
Possam ouvir: Lázaro, dá-me uma gota

Respeitável público!
O circo chegou para ficar
Estamos na lona, entrem! Entrem!
Veja auditório, os palhaços escolhem os papéis
Malabaristas, domadores, leões

Contribuintes ruindo
Esperam um lar
Uma alcateia no aprisco
Divide os quartéis
São salgadas as lágrimas do mundo amargo

Os discursos vazios dos púlpitos dominados pelos projetos de poder político atraem muitas pessoas, mas tudo não passa de um grande jogo em que o povo não é nada mais do que massa de manobra de líderes inescrupulosos, mais uma vez associados a lobos em meio a um rebanho que espera ter no ambiente eclesialístico um espaço de acolhida. Em vez disso, há divisões motivadas por questões político-partidárias e doutrinação ideológica disfarçada de pregação do Evangelho. As pessoas são meramente os tijolos no muro construído por lideranças sectárias.

Por associarem suas visões particulares com as perspectivas de justiça e moralidade do Evangelho, doutrina a uns, dividem o povo que Deus juntou³²² e

³²² Aqui há uma distinção entre a ideia cristã evangélica da Igreja como a reunião de pessoas salvas individualmente e associadas umas às outras por questões de fé, do conceito católico de povo de Deus, que vai na direção de um sacerdócio comum de todos os cristãos.

fazem parecer que apenas um único projeto político é apoiado por todos os protestantes. É o projeto de uns poucos, que manipulam a muitos, mas que a totalidade do povo evangélico paga o preço pela associação indevida. Tillich explica a dinâmica:

O ato livre de uma pessoa torna-a responsável pelas consequências de seu ato. O ato de uma autoridade representativa de um grupo pode ser altamente responsável ou completamente irresponsável, tendo o grupo todo que arcar com as consequências.³²³

As denúncias políticas fazem parte do rock, e os roqueiros cristãos não se furtam de expor suas opiniões, dizendo aquilo que veem de errado. Não estão necessariamente no escopo do culto com sua música, mas esta alcança os cristãos e os interpela fazendo pensar acerca de como tem sido e de como deveria ser. Por vezes de modo circunloquial e às vezes de modo explícito, como quando o slogan de campanha de um presidente é usado numa música que trata do egoísmo, que leva ao autoritarismo e a autocracia, anulando assim os demais para que só exista um pensamento dominante. É o que fez a banda Resgate em *Em prol do seu nariz*³²⁴:

Em prol do seu nariz

Viva toda tentativa de ser feliz!
Então palmas pra tortura, pois alguém sorri
Já que vale tudo pra viver
Já que é meu direito de tentar
Ninguém mais importa, além do centro do universo: Eu

Se a felicidade agora é sensação
E o mundo inteiro tem que me entender
Se cada pessoa é uma só
E se cada um é o que quer ser
Não existe mais o nós, só eu e vós e o vosso é meu

Deus! Acima de tudo e todos
Todos como se fossem eu

Se cada pessoa é uma só
E se cada um é o que quer ser
Não existe mais o nós, só eu e vós e o vosso é meu

Pobre paz orbita em torno da razão
E os inflexíveis julgam o sentir
Nessa ingenuidade solidão

³²³ TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 537.

³²⁴ RESGATE. Em prol do seu nariz. Zé Bruno [compositor] In: É só isso aqui: The Orchard, p2020. 3CD (ca114:00), Faixa 3, CD 1 (3min47seg)

Como o solitário pede irmãos?
Se a comunidade se desfaz em prol do seu nariz?

Atualmente os integrantes do Resgate são pastores da Igreja A Casa da Rocha, e não tratam de apoio político a nenhuma corrente político-partidária em suas comunidades de fé nem em seus sermões dominicais. Mas usam de sua música para transmitir sua mensagem de protesto e de descontentamento.

4.6

Por uma Teologia em diálogos

Por não ser uma música feita necessariamente para o ambiente da igreja, mas cujo público-alvo em grande parte é composto pela juventude cristã, era necessário falar aos jovens frequentadores das igrejas e àqueles que não tinham nenhum tipo de vínculo religioso ao mesmo tempo. E foi exatamente por isso que as bandas aderiram ao início do movimento gospel.

Assim, muitos elementos culturais foram utilizados nas letras das canções para gerar algum tipo de identificação com os ouvintes, para fazê-los prestar atenção e entender que é possível encontrar relações entre aquilo que comumente se classifica como sagrado ou profano.

Além de referências musicais de bandas seculares, algumas citações da cultura popular, da literatura, do cinema, das histórias em quadrinhos, de músicos populares e até da filosofia e da teologia são bastante claras e ajudam a mostrar que o horizonte para onde olha o rock evangélico brasileiro é bem mais amplo, vai além da cultura interna da igreja.

O que em tempos atuais soaria como algo normal, foi uma atitude bastante contestada e ousada quando lançados pelas bandas. A mera menção da cultura dos quadrinhos, que foi trazida com muitas referências já em 1983 pelo Rebanhão em *Hoje sou feliz*³²⁵, era considerado à época bastante subversiva, por trazer elementos estranhos ao universo da igreja evangélica para suas canções :

³²⁵ REBANHÃO. Hoje sou feliz. J. M. Manso [compositor]. In: **Luz do Mundo**: Arca Musical Evangélica, p1983. 1 LP (ca31:13), Faixa 2, Lado A (3min09s)

Hoje sou feliz

Quando criança sonhei
Ser Flash-Gordon, Super Homem, Robin Hood
Ou até um rei dos contos de fada
Quis ser ídolo num grupo de rock
Ou mocinho num filme de caubói
Como doeu
Ensinaram-me a sonhar
Mas deserdaram quando um dia acordei
E descobri que moro num país
Na América do Sul
Cheio de super-homens voando
E bebendo de boteco em boteco
Que os ídolos seduzem as meninas
E os mocinhos e os bandidos
Se matando nas esquinas
Ah, como dói
Saber que não é sonho de criança o que vai pelo país
Mas sei que um dia o rei Jesus vai voltar
Pra buscar o seu povo
E os que foram lavados no Seu sangue
Vão com Ele nas nuvens se encontrar
Como sou feliz
Saber que não é sonho, nem loucura
O que a Bíblia diz

A canção que embala a letra de *Hoje sou feliz* é melancólica, tem um ar de tristeza esperançosa porque trata das decepções típicas daqueles que em sua primeira infância sonham com grandes feitos e muitas realizações importantes, mas se descobrem numa realidade de país em desenvolvimento, em que a realidade social não ajuda a realizar sonhos. A expectativa é na redenção, que ao contrário dos sonhos infantis traz uma realidade feliz quando todas as coisas forem transformadas.

Nesse diálogo com a cultura, muitas referências são feitas e gera de imediato a identificação com as pessoas que entendem as referências. Não é uma prática comum da música cristã, especialmente daquela feita para o culto fazer referência a elementos não cristãos. Mas o Rock evangélico brasileiro, por sua tendência de identificar sua mensagem com não cristãos nunca esteve preocupado com isso.

O mesmo Janires se inspirou abertamente em *Festa de Arromba*³²⁶ de Erasmo Carlos para compor a sua *Arca (Festa de arromba evangélica)*³²⁷ e fez a mesma brincadeira de Erasmo vinte anos depois: usou na letra da canção o nome de vários amigos músicos cristãos que compunham a cena da música evangélica naquele momento. Sugestivamente o álbum se chamava *Janires e Amigos*. Além da óbvia referência do título da música e da estrutura de composição, Janires cita cantores e grupos, brasileiros e estrangeiros, das mais diversas origens e estilos. Todos eles seus amigos e que faziam música cristã:

Arca (Festa de Arromba Evangélica)

Vinha andando, andando, voando pelo meio da rua
Quando encontrei com a banda do Exército da Salvação
Cantando rock, rock, rock pra Jesus
Junto com Edson e Tita
Sinal Verde, Ozéias de Paula e o Maurão

Grupo Logos, Imperiais, Vitorino da Silva
Vencedores por Cristo tocando com Danny Berrios
Jovens da Verdade, Nicoleti
Sonoros e o Grupo Semente
E Shirley Carvalhaes cantaram com a gente

B.J. Thomas, Don e Asaph, Feliciano Amaral
Grupo Athos, Édson e Telma e o Som Maior
S8, Andraé Crouch
Denise e os Cantores por Cristo
E o Paulo César do Música Viva, quê que é isso?

E descobri que estava sonhando
Um sonho muito legal
Que um dia vai se cumprir no lar celestial

A lista de Janires não traz as bandas que ele mesmo fez parte: Rebanhão e Banda Azul, e mescla artistas nacionais e internacionais, alguns deles já faziam sucesso no Brasil, caso de Danny Berrios e outros que não se tornariam amplamente conhecidos aqui como B.J. Thomas e Andraé Crouch. Era uma fase ainda anterior ao movimento gospel, a maior parte dos artistas citados por Janires não teve grande

³²⁶ ERASMO CARLOS. Festa de Arromba. E. Carlos [compositor] In: **A Pescaria**: RGE, p1965. 1 LP (ca29:12), Faixa 3, Lado A (3min01s)

³²⁷ JANIRES. Arca (Festa de Arromba Evangélica). J. M. Manso [compositor] In: **Janires e Amigos**: Doce Harmonia, p1985. 1 LP (ca42:28), Faixa 3, Lado A (4min01s)

participação no movimento gospel, embora Edson e Tita Lobo e os Vencedores por Cristo tenham participado do projeto embrionário Terça Gospel em 1990.

Apesar de apontar para uma esperança escatológica futura em que todos os amigos se encontrarão, a letra em si não é evangelística, não aponta para temas de fé, não traz nenhum verso bíblico nem qualquer proposição doutrinária. É uma letra divertida que homenageia os amigos de Janires, pessoas que compunham a cena da música cristã evangélica naquela primeira metade da década de 1980.

Hans Rookmaaker ao afirmar que a arte tem sua própria justificativa, nos lembra que:

Somos cristãos quer durmamos, comamos ou trabalhemos; qualquer coisa que fizermos, faremos como filhos de Deus. Nosso cristianismo não serve apenas para os momentos piedosos ou atos religiosos. E o propósito da vida não é o evangelismo; é a busca do reino de Deus.³²⁸

Os mesmos artistas que Janires cita em sua música, em sua maioria, fariam de sua arte um canal de evangelismo ou de louvor para ser cantado pelo público das igrejas. Poucos ousariam como ele ao criar uma obra inspirada livremente em uma composição secular e sem uma motivação explicitamente cristã. Esse é um dos elementos diferenciais do rock evangélico brasileiro. Suas canções podem, e na maior parte das vezes tem, um viés evangelístico, mas por vezes será apenas algo divertido, biográfico, interessante de ser compartilhado, sem que haja uma justificativa para além da obra em si.

Com muito talento para compor, as bandas de rock evangélicas brasileiras muito pouco fizeram regravações de outros artistas. No início de sua expansão no movimento gospel, as regravações eram tímidas e em sua maioria eram versões em português de músicas internacionais. Foi o que fez o Rebanhão em 1988, no álbum *Novo Dia* quando gravou *Jesus é amor*³²⁹, uma versão em português feita por Paulinho Rezende para a canção *Jesus is Love*³³⁰, de Lionel Richie. Foi a mesma estratégia utilizada pelo Catedral em seu terceiro álbum, com a canção *Ainda não vi o que sempre quis*³³¹, cuja melodia e a letra são uma versão de *I Still Haven't*

³²⁸ ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 38

³²⁹ REBANHÃO. *Jesus é amor*. L. Richie, P. Rezende [compositores] In: **Novo dia**: PolyGram, p1988. 1 LP (ca37:21), Faixa 1, Lado A (4:39)

³³⁰ COMMODORES. *Jesus is love*. L. Richie [compositor] In: **Heroes**: Motown, p1980. 1 LP (ca43:26), Faixa 4, Lado B (6min04s)

³³¹ CATEDRAL. *Ainda não vi o que sempre quis*. Kim [compositor] In: **Catedral III**: Pioneira Evangélica, p1991. 1 LP (ca35:47), Faixa 1, Lado B (2min34s)

*found what I'm looking for*³³² da banda irlandesa U2. Uma letra com inspiração no gospel americano que trata da esperança escatológica.

Com o passar do tempo, as diferenças entre músicas seculares e religiosas foram se tornando menos complexas para os ouvintes e outras possibilidades foram surgindo, como a regravação de *All you need is love* dos Beatles pela banda Resgate em seu álbum 25 anos, gravado ao vivo³³³, e a gravação da canção *People Get Ready*, composta por Curtis Mayfield e lançada originalmente em 1965 pela banda *The Impressions*, sendo regravada em anos posteriores por artistas como Bob Dylan, Phil Collins, Aretha Franklin e Rod Stewart.

As referências a teólogos, filósofos e pensadores sempre esteve presente no rock evangélico brasileiro. Às vezes de maneira velada, às vezes de maneira mais explícita. Uma das mais eficientes nesse tipo de referências é a banda Catedral. Já em 1993, a banda lançou um LP duplo chamado *Está Consumado*. Nele consta a versão que fizeram de *Galhos Secos* da pioneira banda Êxodus e uma canção que traz referência a filósofos antigos e modernos chamada *Carpe Diem*:

Carpe Diem

Quem chegou à liberdade da razão
Se sente como um andarilho, mas que não está perdido
Toda convicção é crença de estar
Em algum ponto do conhecimento,
Na posse da verdade incondicionada
Não se entra duas vezes no mesmo rio
Estamos ainda no tempo dos indivíduos
Só depois de deixarmos a cidade
É que veremos a que altura estão as torres,
Acima das casas... acima das casas...

Paz na Terra e aos homens de todo coração
Há tantas auroras que não brilharam ainda

Eu moro em minha casa, não imitei de ninguém
E a porta dela está aberta pra você também!

Vai coração dizer que Ele está aqui, Aproveite o dia

³³² U2. I Still haven't found what I'm looking for. Bono Vox [Compositor] In: **The Joshua Tree**: Island Records, p1987. 1 LP (ca50:11), Faixa 2, Lado A (4min38s)

³³³ RESGATE. All you need is love. J. Lennon, P. McCartney [Compositores] In: **25 anos**: Sony Music Brasil, p2015. 1 DVD (ca95:27), Faixa 11 (3min38s)

Todo espelho mostra apenas o que queremos ver,
A palavra fez ao homem muito mais do que ele fez por ela

Além da clara citação à máxima de Heráclito, Kim traz na letra de *Carpe Diem* referências a *Aurora* e a *Gaia Ciência*³³⁴ de Friedrich Nietzsche, na canção que abre o álbum e que relembra a frase que foi popularizada no filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, de 1990. Kim faz mesclas interessantes ao juntar uma frase bíblica do Evangelho³³⁵ a uma citação do *Rigveda*, um texto da filosofia hindu tido como um dos textos religiosos mais antigos do mundo, que o próprio Nietzsche cita³³⁶. A música é vibrante, que faz o público pular nos shows, mas a letra é séria, reflexiva e repleta de referências extrabíblicas.

Dialogar com a cultura, com a filosofia, com o mundo do entretenimento é uma tônica do rock ausente na obra de muitos outros artistas evangélicos brasileiros. O sarcasmo típico do rock é presente, e vem acrescido de um aspecto de bom humor, que faz rir. No rock evangélico brasileiro, há letras muito bem-humoradas e bandas que fazem da ironia uma de suas marcas registradas. Uma das mais profícuas nessa arte é a banda Resgate, que gravou uma versão rock de uma música tradicionalmente era cantada por crianças nas igrejas evangélicas do Brasil³³⁷. A ironia do Resgate atingiu o auge quando a banda gravou *Jack, Joe and Nancy in the Mall*³³⁸ no álbum *Ainda não é o último*, de 2010:

Jack, Joe and Nancy in the Mall

Time and undo whose pad as use
Do key so broad june pass a do Mall, Send hills?
Jack at undo key rest all
The human punk had a Nancy cab hey sound? Ten doll
Achord a hot at you
See league a man as sound
Tone town
Throw shown
Tap pass undo Mall?
Tag guest undo to do Nancy pop?

³³⁴ NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 226

³³⁵ Lucas 2,14

³³⁶ NIETZSCHE, F. *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 4

³³⁷ RESGATE. Florzinha. Domínio Público. In: **Novos Rumos**: Gospel Records, p1993. 1 CD (ca52:42), Faixa 5 (1min40s)

³³⁸ RESGATE. Jack, Joe and Nancy in the mall. Zé Bruno [Compositor]. In: **Ainda não é o último**: Gospel Records, p2010. 1 CD (ca40:53), Faixa 6 (3min09s)

Jesus is life
 Jesus is real
 Jesus for you
 Jesus can do, everything new
 It's true

Via Joe name eye honest
 Key pod here, Yes sir, an ghost ozone?
 Than soul
 Tap hand sand do kid hills none T.V you?
 Tax ash undo he more tall?
 Low cool

A letra é toda composta por palavra em inglês, mas nas estrofes elas não formam frases com sentido próprio. Os fonemas das palavras em inglês lembram palavras cantadas em português com sotaque. Apenas no refrão há frases conexas no idioma inglês. Quem ouve desavisado a música num primeiro momento não consegue perceber a ironia, mas logo se dá conta de uma letra que chama a atenção de maneira direta para alguém que vive uma vida sem Deus, sendo consumida em drogas, o refrão é claro, e apesar de ser em inglês não é algo que soe completamente estranho aos ouvintes do Resgate:

Jack, Joe and Nancy in the Mall

Time and undo whose pad as use
 Do key so broad june pass a do Mall,
 Send hills?
 Jack at undo key rest all
 The human punk had a Nancy cab hey
 sound? Ten doll
 Achord a hot at you
 See league a man as sound
 Tone town
 Throw shown
 Tap pass undo Mall?
 Tag guest undo to do Nancy pop?

Jesus is life
 Jesus is real
 Jesus for you
 Jesus can do, everything new
 It's true

Via Joe name eye honest
 Key pod here, Yes sir, an ghost
 ozone?

Tá emendando os pedaços
 Do que sobrou de um passado mal
 Sem Deus?
 Já catando o que restou
 De uma pancada nesse cabeça? Tem
 dó!
 Acorda otário
 Se liga manezão
 Tontão
 Frouxão
 Tá passando mal?
 Tá gastando tudo nesse pó?

Jesus é vida
 Jesus é real
 Jesus para você
 Jesus pode fazer tudo novo
 É verdade

Viajou em maionese
 Que poderia ser o gostosão?
 Pensou

Than soul
 Tap hand sand do kid hills none T.V
 you?
 Tax ash undo he more tall?
 Low cool

Tá pensando que Deus não te viu?
 Tá se achando imortal?
 Louco

Canções em inglês são comuns no rock evangélico desde os primórdios. Álbuns voltados para o público brasileiro, com a maior parte das canções em português trazem também composições originais em inglês como *Just for you*³³⁹, do Catedral; *Your eyes*³⁴⁰, do Oficina G3 e *No One*³⁴¹ do Resgate.

A música *Your Eyes* do Oficina G3 traz uma outra particularidade interessante que foi a de dividir a canção em duas faixas, ficando a segunda exclusivamente dedicada ao solo de guitarra de Juninho Afram, um virtuoso instrumentista a exemplo de muitos outros evangélicos que se destacam no cenário da música em geral por sua técnica apurada.

Hans Rookmaaker já falava sobre a qualidade técnica como um fator tão importante que a aplicação em executar bem a sua arte poderia ser um aspecto associado ao próprio caráter de um artista. Para estar pronto para as coisas mais simples da sua arte, é preciso treino, estudo e dedicação já que “nenhuma obra de arte surge por si só”³⁴².

As bandas evangélicas de rock não criam apenas músicas com letras inteligentes e reflexivas. Elas também esbanjam técnica ao oferecer ao ouvinte belos solos instrumentais e até mesmo faixas inteiras de álbuns são dedicados à música instrumental. Estas transmitem uma mensagem, mas não uma mensagem que apele necessariamente a razão, mas aos sentidos, e que impressionam por sua habilidade musical. Os irmãos Cezar e Julio Cezar, que à época eram o guitarrista e o baixista da banda Catedral lançaram um álbum inteiro de canções voltadas para seus instrumentos. Apenas duas faixas desse álbum continham vocais³⁴³.

³³⁹ CATEDRAL. *Just for you*. Kim [compositor] In: **Aos ouvidos dos sensíveis de coração**: Doce harmonia, p1989. 1 LP (ca 40:10) Lado B, Faixa 4 (4min01s)

³⁴⁰ OFICINA G3. *Your Eyes*. J. Afram [compositor] In: **Indiferença**: Gospel Records, p1996. 1 CD (ca 47:59) Faixa 12 (03min20s)

³⁴¹ RESGATE. *No One*. Zé Bruno [Compositor] In: **Resgate**: Gospel Records, p1997. 1 CD (ca30:32) Faixa 7 (3min18s)

³⁴² ROOKMAAKER, H.R., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultimato, 2010. p. 73

³⁴³ CEZAR E JULIO CEZAR. **Duo Project**: Gospel Records, p1998. 1 CD (ca 43:33)

A habilidade técnica em fazer sua música levou as bandas evangélicas a ocuparem espaços que antes não estariam disponíveis para artistas cristãos. Na edição 2001 do Rock in Rio, a primeira banda entre todas a se apresentar, na tenda destinada a artistas brasileiros foi o Oficina G3, o que acabou por dar muita visibilidade à banda após o evento³⁴⁴.

Os músicos do rock evangélico brasileiro nunca estiveram presos, nem em suas letras, nem em suas participações em eventos, a uma única denominação evangélica. Eles conseguiam habilmente comunicar-se com todas as denominações o que inclusive se refletiu na discussão entre diferentes linhas de pensamento doutrinário dentro do protestantismo e quais as consequências de toda essa divisão para o testemunho cristão e para a própria unidade dos cristãos. Os primeiros a trazerem esse tema para a mesa de discussões foram os músicos do Fruto Sagrado, em uma canção gravada com a participação do cantor PG, que na época era o vocalista do Oficina G3 em *O Novo Mandamento*³⁴⁵:

O Novo Mandamento

Não entendo o porquê de tanta denominação,
Tantos nomes só fazem aumentar nossa divisão.
Muitos títulos, muitas leis, tantas regras banais,
Dificultando a vida ainda mais.

Existe algum valor em tanta discussão?
Por que se afogar nesse mar de confusão?
O que é mais importante? Quem sai ganhando afinal?
Eu não posso esquecer o essencial!

Amar ao meu irmão, assim como Jesus me amou!
Amar ao meu irmão como Jesus me ensinou!

Será que sabemos qual é a nossa missão?
Uma única família, uma única visão!
Talvez um dia a gente entenda
O que é, na verdade, ser cristão,
Praticar nesse mundo nossa pregação.

Como posso pensar em dizer que amo a Deus
Se não consigo viver em amor com meu irmão?

³⁴⁴ Cf.: <https://templometal.com/2014/01/fotos-raras-do-oficina-g3-no-rock-in-rio-3/> acesso em 01 de maio de 2022.

³⁴⁵ FRUTO SAGRADO. Novo Mandamento. M. A. Afonso [Compositor] In: **O Segredo: Top Gospel**, p2001. 1 CD (ca47:53), Faixa 9 (5min49s)

A quem estamos enganando? Não adianta disfarçar!
O que a gente faz fala muito mais do que só falar!

Isso resume, sim,
Nossa história aqui:
O novo mandamento que devemos seguir!

"A ninguém devais coisa alguma
A não ser o amor,
Porque quem ama cumpriu a lei.
Não adulterarás, não matarás,
Não furtarás, não darás falso testemunho,
Não cobiçarás! E se há algum outro mandamento
Tudo neste se resume:
Amarás ao teu próximo como a ti mesmo!"

A necessidade de marcar sua posição ante outras correntes denominacionais foi criando um ambiente de distanciamento entre as diferentes denominações evangélicas. As denominações que surgiram de rupturas com outras distanciavam-se cada vez mais umas das outras em toda sua atuação. Eram raros os eventos ou os motivos que as uniam em torno de uma causa comum.

Um passo seguinte desse processo de divisão denominacional foi a personalização de alguns nomes proeminentes sobretudo na internet que precisavam aparecer para gerar público para seu conteúdo e faziam isso criando polêmicas em relação a outros líderes evangélicos, aumentando a divisão existente no já fragmentado universo evangélico brasileiro.

As divisões existentes, as lideranças egocêntricas que já vinham sendo denunciadas pelo mal que faziam ao longo dos anos ao interior da Igreja evangélica brasileira em *O Novo Mandamento* são mostradas trilhando um caminho diferente do original e que fere o princípio do amor e da unidade, que deveria ser o caminho seguido pelos cristãos em todo o tempo.

Os líderes que se engalfinharam, sobretudo nas redes sociais e nos canais virtuais de publicação de vídeos poderiam até estar ganhando seguidores, visibilidade e muito dinheiro, mas estavam travando entre si uma guerra sem vencedores, onde o maior derrotado seria o próprio testemunho cristão em torno da unidade e do amor entre os cristãos.

Nisso vemos a denúncia profética tão evidente para fora dos contextos cristãos, agora sendo dirigida para dentro, no sentido de corrigir distorções. Esse papel conciliador talvez não seja o mais lembrado quando se fala das bandas de

rock evangélicas, mas foram um dos poucos movimentos influentes que levantaram sua voz para essa divisão insustentável no interior do Corpo de Cristo.

A música *Depois da Guerra*³⁴⁶ do Oficina G3 trata exatamente dessas discussões infrutíferas entre líderes cristãos movidos por sua própria vaidade e pelos interesses pessoais não se importando com os prejuízos que a pregação do Evangelho e que o testemunho cristão iriam sofrer ao longo desse processo:

Depois da Guerra

Vejo ruínas de uma guerra
Mais uma guerra por nossas mãos
As armas foram as palavras
A vaidade, a motivação
Feridas que sangraram a alma
A fé de muitos se perdeu
Um dia irmãos, hoje inimigos
Matou-se o amor que um dia nos fez um

Quem vencerá?
Uma guerra entre irmãos
Uma guerra perdida
Quem perderá?
Um povo escolhido, um povo ferido

Quebradas foram as alianças
Palavras que trouxeram divisão
Pregadas, cantadas, faladas
Por muitos que diziam ser irmãos
Feridas que sangraram a alma
A fé de muitos se perdeu
Na cruz, o exemplo nos foi dado
Onde ficou o amor que nos fez um

Quem vencerá?
Uma guerra entre irmãos
Uma guerra perdida
Quem perderá?
Um povo escolhido, um povo ferido

Muitos se desviaram da fé ao perceberem que os líderes que deveriam ser exemplos eram meramente pessoas vaidosas com o objetivo de ganhar visibilidade e com isso arrecadar mais para seus próprios ministérios. Muitos foram atingidos e

³⁴⁶ OFICINA G3. Depois da Guerra. J. Afram, J. Carllos e D.Tambasco [Compositores] In: Depois da Guerra: MK Music, p2008. 1 CD (ca69:40), Faixa 9 (4min57s)

alguns foram absorvidos pela cultura do cancelamento de modo que não puderam voltar à cena novamente. Não basta apenas não compactuar com isso, era preciso fazer a denúncia ser ouvida. Se esse sentimento divisionário era uma tendência no meio do movimento evangélico influenciado pelo Gospel, ele não encontrava coro na mensagem das bandas de rock cristãs.

Acostumadas a serem malvistas mesmo dentro de seus próprios contextos eclesiais de origem, as bandas cristãs não estavam muito interessadas em aumentar a divisão, criar mais discórdia e mais espaços em que personalidades pudessem brilhar. Seu interesse era mais em promover todo tipo de integração possível. Estavam vivendo e fazendo sua arte nas fronteiras. Transitavam no limiar entre o religioso e o secular, percorriam a fina linha que separa os diferentes nichos do protestantismo brasileiro apontando erros, mas não condenando o movimento inteiro como um todo, muito menos tomando partido de um único lado. A ideia era poder caminhar pelas fronteiras sendo ouvido por todos os lados. O objetivo era falar do Evangelho como ele é, e não defender a bandeira específica de uma igreja ou denominação.

O protestantismo brasileiro pode ser beneficiado por essa postura na medida em que as divisões e querelas internas tendem a fazer com os que os mais jovens desistam das instituições organizadas³⁴⁷ e mesmo de declarar sua adesão à fé cristã. Ao apresentarem-se como defensores da unidade cristã, do diálogo respeitoso e de tentar mostrar que a mensagem do Evangelho rompe com o pecado, mas que busca a unidade e harmonia entre aqueles que confessam Cristo como Senhor, as bandas de rock evangélicas prestam um serviço inestimável à causa do Evangelho no Brasil.

O Oficina G3 é uma banda que quebrou muito paradigmas. Já em 1991 a canção *Naves Imperiais* foi regravada pela cantora e apresentadora infantil Mara Maravilha³⁴⁸, o que levou também a banda a se apresentar em muitos programas de televisão já naquele começo de carreira. Posteriormente, Juninho Afram foi se notabilizando como um guitarrista de excelência. Apareceu na capa de diversas revistas especializadas em guitarra e equipamentos para guitarristas. Em 2020

³⁴⁷ Cf.: TOSTES, Fabiana. Desigrejados – o que leva alguém a não querer se reunir em templos? Disponível em: <https://comunhao.com.br/fe-sem-templo-desigrejados/> acesso em 08 de novembro de 2020.

³⁴⁸ MARA MARAVILHA. Naves Imperiais. T. Regis [Compositor] In: **Curumim**: EMI, p1991 1 LP (ca41:20), Faixa 6, Lado B (3min01s)

Juninho foi um dos convidados a participar da gravação de *Faça Valer*, do álbum *Lunação*³⁴⁹ da banda de rock cristão Rosa de Saron. A particularidade nesse caso é que os músicos da Rosa de Saron não são cristãos protestantes, são ligados ao movimento de renovação carismática católica.

Mais do que uma ampliação de mercado, ou de espaços, as bandas de rock evangélicas buscaram ampliar diálogos, abrir portas, manter possibilidades de comunicação para poderem transitar entre essas fronteiras. Não seria possível comunicar o Evangelho para além dos limites da comunidade local de fé sem esse tipo de abertura, sem a tradução da linguagem, sem que houvesse algum tipo de identificação entre os emissores e os receptores daquela mensagem.

Muitas outras barreiras foram rompidas. Com diversos grupos e em diversas frentes, através de uma mensagem direta contra o uso de drogas, presente em quase todas as bandas. A ideia desde o início era essa: que as bandas de rock cristãs pudessem ser ouvidas por não-cristãos sem os preconceitos que existiam com a música cristã. Quando parecia que o movimento gospel seria um elemento a alavancar esse processo, houve um processo em que, gospel logo virou sinônimo de evangélico, e em seguida, mesmo no meio evangélico, o aspecto comercial do gospel passou a ser visto com desconfiança. Era preciso uma nova ruptura. Era necessário que contratos fossem firmados com gravadoras seculares, que as plataformas de streaming passassem a catalogar o rock feito por cristãos como rock apenas e não como música evangélica. Um longo caminho de abertura foi aberto, mas ainda há muito a ser percorrido.

A igreja local absorveu muitos músicos de bandas de rock para suas atividades cotidianas, o que fez bem tanto aos ouvintes desse gênero musical com às próprias comunidade que entenderam as múltiplas possibilidades em que a adoração comunitária pode ser expressa. A própria configuração do mercado musical brasileiro atualmente não é favorável a formação e sustentação de carreiras de bandas. Artistas que conseguem ser melhor sucedidos seguem carreira solo. Algumas bandas resistem, caso do Resgate que segue gravando e fazendo shows Brasil afora. Algumas tem guardado um período sabático como o Oficina G3, longe dos palcos desde 2017, retornando exclusivamente para uma turnê comemorativa dos 20 anos do lançamento do álbum *Humanos*. Outras tem tentado dar aos fãs uma

³⁴⁹ ROSA DE SARON. *Faça Valer*. B. Faglionni [Compositor] In: **Lunação**: Independente, p2020 1 CD (ca40:02), Faixa 1 (4min0s)

espécie de reencontro, e a possibilidade de um registro audiovisual de qualidade como um documento histórico, casos do Rebanhão e do Fruto Sagrado.

As bandas do Novo Movimento seguem essa mesma tendência, enquanto os ventos do mercado soprarem em outra direção seguem fazendo aquilo que é possível, compondo, produzindo, gravando e levando sua mensagem por onde quer que passem.

As bandas de rock evangélicas do Brasil produziram som, fizeram barulho, espalharam sua mensagem pelo Brasil. A maneira como eles estavam dizendo era fácil de perceber, estavam usando guitarras, baixos e baterias para às vezes cantar e às vezes gritar aquilo que pensam. Com poesia e uma pitada de agressividade, falando muito sério e às vezes de maneira bem-humorada.

Não eram teólogos proeminentes e nem estavam preocupados em ensinar conceitos complexos através de suas canções. Apesar de não ser a principal preocupação, ainda assim as bandas o faziam. Suas convicções estavam sempre expressas em suas letras. Mesmo quando parecia que o apuro técnico pela boa execução do instrumento, ou que o andamento dos compassos musicais bem harmônicos era a prioridade, ainda assim a sua visão de mundo, cristã, evangélica, brasileira está presente em suas canções, evidenciando quem são, de onde vieram e como pensam a vida.

Essas bandas presentearam a cultura evangélica brasileira com uma musicalidade diferente do habitual, carregada de conceitos teológicos, de percepções pessoais e de seus protestos. Foram vítimas de tentativas de cerceamento, de silenciamento, de censura. Foram caluniados e tidos por rebeldes que tinham a intenção de perverter as juventudes cristãs. Mas se mantiveram firmes em seu propósito. Resistiram, e por sua resistência abriram caminho para muitos outros cristãos poderem levar sua arte adiante. Hoje prestam um grande serviço à pregação do Evangelho. E isto a Igreja pode e deve aproveitar como uma importante ferramenta querigmática e didática.

As bandas evangélicas demonstraram uma Teologia, cheia de conhecimento bíblico, atenta a sua origem eclesial, mas altamente conectada com o público não-cristão, de modo a conseguirem se comunicar, pelas letras e pelos acordes, aquilo que entendiam ser sua missão: levar a mensagem do Evangelho a todas as pessoas, onde quer que elas estivessem.

Os pressupostos teológicos de suas canções neste capítulo foram confrontados com os princípios apontados pelos teólogos que tomamos por referência desde o início, e pudemos perceber o alinhamento entre o que se dizia e fazia a teoria da Teologia da Cultura dos gigantes Tillich, Schaeffer e Rookmaaker com a produção artística e cultural das bandas de rock brasileiras.

As letras de canções e temáticas abordadas nesse capítulo não são exaustivas. Foram feitas por amostragem e a escolha se deu sempre por aquela canção que melhor representava a ideia que estava sendo estudada.

Apresentamos aqui desde os aspectos mais próximos do restante da música cristã, que é a temática bíblica, que crê num Deus Criador, sustentador, redentor e que consumará sua obra no mundo trazendo ordem e paz de maneira definitiva, através de exemplos de canções que muito se aproximam dos discursos a que os cristãos estão acostumados.

Passamos pela característica ímpar, que no universo evangélico brasileiro é encontrada em pouquíssimos gêneros musicais além do rock, que é seu caráter de produzir autocrítica e revelar o que está de errado dentro da igreja e do movimento evangélico brasileiro como um todo. A denúncia de lideranças religiosas e políticas que não apontam para fora, não criticam líderes de outras confissões de fé, põem o dedo na própria ferida para poderem fomentar a discussão ampla.

Tratamos ainda do aspecto relacional, com a cultura pop, com as diferenças denominacionais e com a quebra de barreiras que poderiam separar os cristãos. Em momento algum as bandas de rock cristãs tentam torcer a mensagem do Evangelho para que possam falar a mais gente. O objetivo sempre foi e segue sendo levar adiante a sua maneira de viver e entender o cristianismo.

6 Conclusão

Felizmente, vivemos um tempo novo no que diz respeito ao rock evangélico no Brasil. Abandonamos uma já longínqua primeira fase, na qual as perguntas giravam em torno do dilema se o rock era de Deus ou do Diabo. Passamos a uma fase intermediária na qual se perguntava: algo de bom pode ser produzido em meio a tantos sons, distorções e gritos? Para, nesse tempo novo, voltarmos a nossa atenção ao rock evangélico brasileiro com a intenção de perguntar qual é a teologia expressa em suas canções e quais pressupostos teóricos servem de auxílio aos compositores quando estão desenvolvendo suas letras. Uma evolução, sem dúvidas.

O rock evangélico já faz parte do cotidiano de muita gente que frequenta as igrejas, é uma influência importante sobretudo para as juventudes evangélicas brasileiras há algumas décadas. Tempo suficiente para que muitas dúvidas acerca das intenções fossem sanadas e para que todas as mais loucas teorias fossem respondidas pelas ações e confirmadas pelos resultados. Hoje não é raro encontrarmos líderes, muitos deles pastores nas igrejas, que tiveram boa parte de sua formação cristã embalada pelas canções que são alvo da investigação desta pesquisa. São numerosos os casos de pessoas que tiveram um encontro real com Jesus através da mensagem transmitida por essas bandas.

Um dos benefícios trazido pelo rock evangélico para o protestantismo é claro: uma nova linguagem sendo usada para falar da mesma mensagem àqueles que não estariam dispostos a entrar em um templo para participar de um culto tradicional. É preciso que alguém vá até estes, e estando lá, fale a língua deles. A música do rock evangélico anunciou o querigma, compartilhou conceitos e ensinamentos. Todo esse conteúdo constitui sua Teologia, cujas perspectivas mais proeminentes foram tratadas nesta pesquisa.

Esta pesquisa trouxe um breve histórico do surgimento de um movimento de bandas de rock que antecede o movimento gospel, transita por ele e a ele sobrevive, mantendo a coerência com aquela que desde sempre foi sua intenção. Não nos aprofundamos em detalhes históricos, uma vez que as perspectivas teológicas são o assunto em destaque, soma-se a isso a ausência de uma ampla bibliografia sobre bandas, músicos, artistas e demais atores que compuseram o cenário do rock evangélico ao longo das décadas, tarefa que esta pesquisa pode encorajar biógrafos, jornalistas e demais pesquisadores.

Pesquisas posteriores poderão aprofundar-se a partir das pistas aqui levantadas para trazer ainda mais luz à história da música cristã no Brasil, que vai muito além do rock, mas que passa por ele como um de seus importantes elementos. Outros estilos, estéticas e sonoridades que são característicos dos cultos e da linguagem corrente evangélica brasileira, merecem destaque e ainda não foram suficientemente estudados, mapeados e apresentados ao mundo acadêmico e ao público geral.

Conhecer os elementos que constituem a história da música evangélica nos ajuda a entender uma parte importante do próprio itinerário percorrido pelo protestantismo brasileiro, suas influências internas, externas, nacionais e estrangeiras. Todo esse percurso ajuda a contar a história dos caminhos da evangelização protestante no Brasil, bem como as mudanças de pensamento no que diz respeito à música cristã, dentro e fora das igrejas e do papel desempenhado pelos artistas cristãos no meio da sociedade. A música traz consigo importante elemento pedagógico e de formação de uma identidade. Há aí um vasto campo de investigação científica, que pode ser melhor investigado.

Esta pesquisa apresentou teólogos que serviram de referência para uma análise teológica da cultura. Seus pressupostos são válidos e nos servem. Carecemos, no entanto, de aprofundarmos conceitos a fim de desenvolvermos uma Teologia da Cultura tipicamente brasileira. Os teólogos brasileiros precisam olhar mais para sua própria cultura, para suas próprias expressões artísticas, aquilo que é feito por nosso povo e pensando na realidade vivida pelo brasileiro. É necessário lançar mão de ferramentas existentes, e caso seja necessário, desenvolvermos nossas próprias ferramentas de análise teológica daquilo que tem sido produzido artisticamente no Brasil. Muito já foi feito e muita coisa ainda há de ser feita. Há um desafio diante de nós de repensarmos sempre nossa cultura e a Teologia que ela expressa.

Passando pelos conceitos delineados por Helmut Richard Niebuhr, esta pesquisa mostrou a fascinante e complexa tarefa que sempre foi relacionar de maneira adequada a fé cristã e a cultura popular, não nos aprofundamos nessa importante questão uma vez que nosso foco não era a preocupação inicial da relação fé e cultura, mas pesquisas posteriores poderão e deverão revisitar Niebuhr a fim de confirmar ou modificar seus pressupostos de análise cultural a depender do contexto em que se esteja observando.

Trouxemos para nossa discussão ainda os conceitos teológicos de Paul Tillich, uma vez que estes nos ajudam a entender o que é a Teologia da Cultura, um dos temas mais caros ao teólogo teuto-americano, que por circunstâncias diversas foi por ele e por outros

tratados à margem de outras discussões, quando haveria espaço para uma discussão mais aprofundada. Identificamos na Teologia de Tillich, elementos que podem ser percebidos na música e na expressão cultural desenvolvida pelo rock evangélico. Os conceitos tillichianos podem e devem ser aprofundados em novas análises de movimentos culturais os mais diversos, especialmente naquilo que diz respeito à cultura feita e divulgada no Brasil.

O rock brasileiro exemplifica a correlação tillichiana ao usar uma linguagem que transita na fronteira entre sagrado e profano no que diz respeito ao estilo; e entre a igreja e o mundo, no que diz respeito à sua área de atuação. O rock correlaciona a mensagem do Evangelho com a linguagem típica das guitarras distorcidas, fazendo com que linguagens não usuais sejam canal de transmissão do Evangelho. Em vez de superficialidade, temos no rock evangélico a preocupação com aquilo que de fato são temas relevantes para a teologia, como a ontologia e o esquema tradicional da teologia reformada de criação-queda-redenção-consumação. É importante que pesquisadores, pensadores, pregadores e teólogos consigam perceber como esses elementos estão adequadamente expressos no rock evangélico, como essa música rock produzida influencia seus ouvintes e como torná-la uma aliada poderosa na transmissão de conceitos cristãos evangélicos a outros públicos.

As relevantes contribuições de teólogos como Francis Schaeffer e Hans Rookmaaker trazem aspectos práticos do uso da cultura por cristãos, a partir dos temas abordados e principalmente a partir dos espaços que esses cristãos ocupam. A preocupação do rock evangélico brasileiro nunca foi de falar mais do mesmo àqueles que já conhecem sua mensagem, mas de ampliar o alcance de modo que aqueles que não tem contato formal com a mensagem evangélica possam de alguma forma ouvir. Essa forma precisa ser tecnicamente boa, atrativa e relevante, que chame a atenção dos ouvintes para aquilo que está sendo feito e dessa maneira, possam entender o que está sendo transmitido. Ao mesmo, a obra das bandas sobre a qual essa pesquisa esteve debruçada é música boa e bem produzida que deve ser apreciada como a arte que é. Arte que não precisa de uma justificativa evangelizadora para que exista, mas que seja entendida como uma linguagem adequada, coerente e que transmite conceito a um determinado público. Sua forma, ao não se adequar à liturgia tradicional, abre novas possibilidades e novos espaços. É a mesma obra feita pela igreja em suas reuniões regulares, agora acessíveis a outros grupos.

Como consequência de seu apreço pela qualidade, os músicos das bandas de rock evangélicos viram seu esforço e virtuosismo sendo reconhecido em espaço que vão além dos nichos característicos da música cristã, chamando a atenção de público, crítica e do mercado mais amplo para aquela música que está sendo feita ali. Atraiu holofotes, colecionou prêmios e boas referências, fruto de um árduo e cuidadoso trabalho, embora no que se refere a visibilidade e reconhecimento ainda estão aquém de outros artistas que não se identificam como cristãos. Muita coisa já foi alcançada, mas ainda não é o auge, ainda há muito a ser alcançado com a arte feita por cristãos.

A parte final desta pesquisa apresentou no terceiro capítulo onde e como podem ser percebidos os principais aspectos teológicos no rock evangélico brasileiro. Longe de desejar ser uma pesquisa que vá analisar toda a obra de todas as bandas, trouxemos exemplos elucidativos que nos permitiram comprovar as proposições iniciais, bem como destacar a perspectiva acerca da Criação como ato livre de Deus que não apenas fez o mundo, mas que o governa com mão poderosa, alinhando-se assim ao discurso bíblico e entendendo o relato cosmogônico de Gênesis de maneira literal.

A antropologia teológica apresentada pelo rock evangélico decorre de sua perspectiva criacional. O ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, é um ser livre inclusive para seguir em direção contrária àquilo que foi previsto pelo próprio Criador. Desse modo, vivendo uma vida que destoa daquela prevista por Deus, não encontra plena realização, porque se esforça para ser aquilo que não foi feito para ser. A proposta teológica do rock evangélico é apontar um caminho que seja um retorno ao projeto antropológico original, em que a humanidade viva alinhada aos propósitos de Deus. Andar alinhado com Deus só é possível àqueles que tiveram o foco da vida ajustado por Jesus Cristo. Sem o evento da Redenção através do arrependimento e da fé, nada acontece.

O ciclo teológico se completa com a expectativa escatológica. No rock evangélico há uma expectativa de que toda a realidade seja transformada na volta de Jesus, que há de consumir sua obra de Redenção, trazendo uma nova realidade, onde existirão novos céus e uma nova terra. As questões polêmicas como as que tratam do período da Tribulação e do Milênio de Cristo não são consensuais nem mesmo entre teólogos evangélicos, há visões as mais diversas sobre esses temas, que em geral, na música são vistos como menos importantes que o fato em si da volta de Jesus restaurando a ordem e dando origem a uma

nova realidade. Essa pesquisa revelou que para as bandas de rock aqui estudadas, esse é o fato escatológico a ser evidenciado.

Há uma Teologia viva e pulsante no rock evangélico brasileiro! Uma teologia consistente, que combina com o relato bíblico, que se expressa em seus discursos e em suas canções, por vezes de maneiras menos diretas, por vezes de maneira bastante explícita. O esforço dessa pesquisa consistiu em apontar as perspectivas gerais dessa Teologia. Em estudos posteriores, os demais temas, e mesmo as especificidades de cada um período histórico, ou mesmo de alguma banda em particular, possa e deva ser estudado com pressupostos teológicos. A comunidade teológica brasileira ganhará sempre que algo oriundo de nossa cultura brasileira puder ser trabalhado com rigor acadêmico.

O protestantismo brasileiro tem a ganhar sempre que acolher novas linguagens de comunicar sua mensagem. Resguardadas as devidas precauções doutrinárias, que sempre preocupam alguns grupos mais preciosistas, é preciso que haja incentivo e apoio para que os jovens brasileiros ocupem o campo das artes, não apenas como artistas que fazem arte evangelizadora, mas que possam fazer arte bela, que encante os olhos e que mostre ao Brasil, a qualidade do que pode ser produzido: uma arte esperançosa, que aponte para uma vida bem vivida, que surja no meio evangélico brasileiro cada vez mais a boa arte, em todos os campos: teatro, cinema, artes visuais, música e que essa arte não fique presa apenas aos circuitos intraeclesiais, mas que possa ser dividida com todo o mundo.

Explorar a teologia do rock evangélico é colocar as coisas no seu devido lugar a seu tempo. Desde a desbravadora ousadia da banda Êxodos e todo o cerceamento que sofreu por trazer uma novidade em um tempo em que muitos ainda não estavam prontos para algo do tipo, passando pelos caminhos abertos pelo Rebanhão, que sofreram todo tipo de crítica e que permitiram que pudesse surgir pouco tempo depois bandas ainda mais ousadas, ainda mais engajadas e que foram vendo aos poucos a resistência à sua música diminuir a ponto de fazer parte do escopo do que o mundo evangélico brasileiro produz.

Apesar do farto material musical gravado, há pouca discussão publicada em forma de textos, artigos acadêmicos e livros sobre os apontamentos que esta pesquisa trouxe à tona, isto ajuda a explicar uma argumentação um tanto mais sucinta que o habitual, embora sem que houvesse prejuízo para os três elementos que esta pesquisa se propôs a fazer: um primeiro momento descritivo, um segundo momento teórico, que prepararam o

terreno para um terceiro momento analítico e demonstrativo das linhas teológicas possíveis dentro do movimento do rock evangélico brasileiro.

Esse esforço de pesquisa mostra que apesar de sinuoso, como ocorre com toda novidade, é possível debruçar-se sobre o rock, sua contribuição para a teologia, para a Igreja protestante brasileira e trazer sua contribuição para a mesa de conversa. Uma contribuição positiva, abençoadora, teologicamente correta e que pode ser um grande auxílio para a evangelização. Que surjam novos movimentos artísticos e que a arte cristã brasileira seja sempre criativa e produtiva.

O rock, assim como toda a cultura pertence à boa criação de Deus. Todo elemento cultural, utilizado de maneira coerente e adequado é uma maneira de expressar a beleza criativa que o Criador derramou sobre a humanidade. Aquele som antes questionado, cercado de dúvidas, se mostrou consistente, resistiu às críticas e provou seu valor. Hoje está redimido, integrado à cultura cristã brasileira, segue louvando a Deus e comunicando o Evangelho, mas segue questionando e cobrando por mudanças e melhorias nos diversos ambientes. A tendência é que continue sendo assim, e influenciando novos músicos a formarem novas bandas para que nunca falte o bom e velho *Rock and Roll!*

6

Referências Bibliográficas

6.1

Livros

ARTHURS, Jeffrey. **A Compaixão É Necessária**. In: Haddon, G. e Larson, C. A Arte e o ofício da pregação bíblica. São Paulo: Shedd, 2009. 888p.

BABBA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: editora UFMG, 1998. 441p.

BAGGIO, Sandro. **A Revolução da música gospel**: um avivamento musical em nossos dias. São Paulo: Êxodus, 1997.

BELOHUBY, M. T. **Vida após o gospel**. João Pessoa: [s.n], 2018. 300p.

BIN, M. P. In: MOTTA, J. C. **Kim** – Sobre muitas coisas. Curitiba: Today Books, 2006. 72p.

BORGES, G. **Ser evangélico sem deixar de ser brasileiro**. Viçosa: Ultimato, 2016. 103p

CARSON, D. A. **Cristo e Cultura**: uma releitura. São Paulo: Vida Nova, 2012. 208p.

CHACON, P. **O que é rock?**. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1970. 35p.

COSTA, A. C. **Convulsão Protestante**: quando a teologia foge do templo e abraça a rua. São Paulo: Mundo Cristão, 2015. 256p.

COSTA, J. M. et al. **A Mensagem Oculta do Rock**. Rio de Janeiro: CPAD, 1987. 160p.

CULLMANN, O. **Cristologia do Novo Testamento**. Trad. Daniel de Oliveira e Daniel Costa. 1ª Ed. São Paulo: Custom, 2002

CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão Gospel**: Um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad, 2007

DARWIN, C. **A Origem das Espécies**. São Paulo: Textos para Reflexão, 2017. 572p.

DULCI, P. (org.) **Igreja Sinfônica**: um chamado radical pela unidade dos cristãos. Viçosa: Ultimato, 2016. 128p.

GASQUE, L. **Rookmaaker**: arte e mente cristã. Viçosa: Ultimato, 2012. 207p.

GIBELINI, R. **A Teologia do Século XX**. São Paulo: Edições Loyola, 2021. 591p.

GINSBURG, S. L. **A wandering jew in Brazil**. Nashville: Sunday School Board of Southern Baptist Convention, 1922. 290p.

GRUDEM, W. **Bases da Fé Cristã: 20 fundamentos que todo cristão precisa entender**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

KUYPER, A. **Sabedoria & Prodígios: graça comum na ciência e na arte**. Brasília: Monergismo, 2018. 185p.

LEWIS, C.S. **Cristianismo puro e simples**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MANGA, L. **Meus dias no Oficina G3**. Rio de Janeiro: MK Editora, 2009. 111p.

MONDIN, B. **Os grandes teólogos do século XX**, v. 2. São Paulo: Paulinas, 1980. 276p.

NIEBUHR, H. R. **Cristo e Cultura**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967. 294p.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2004. 244p.

NIETZSCHE, F. **Aurora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 320p.

NOGUEIRA, D. B. e BRITO, T. S. **Contracorrente: a nova cara da música cristã brasileira**. São Paulo: Edição dos autores, 2018. 152p.

PEREIRA, C. A. M. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 97p.

ROMEIRO, P. **Supercrentes: O Evangelho Segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os Profetas da Prosperidade**. São Paulo: Mundo Cristão, 1996. 67p.

ROOKMAAKER, H., **A Arte não Precisa de Justificativa**. Viçosa: Ultmato, 2010. 80p

ROOKMAAKER, H., **O dom criativo**. Brasília, DF: Monergismo, 2018. 216p.

SCHAEFFER, F. **25 estudos Bíblicos básicos**. Brasília: Monergismo, 2015. 172p.

SCHAEFFER, F. **A Arte e a Bíblia**. Viçosa: Ultmato, 2010. 80p.

SCHAEFFER, F. **Como Viveremos?** Cambuci: Cultura Cristã, 2003. 223p.

SCHAEFFER, F. **Gênesis no Espaço-tempo**. Brasília: Editora Monergismo, 2014. 210p.

SCHAEFFER, F. **Manifesto Cristão**. Brasília: Refúgio, 1985. 127p.

SCHAEFFER, F. **O Deus que Intervém**. Cambuci: Cultura Cristã, 2002. 256p.

SOUSA, S. **História da música evangélica no Brasil**. São Paulo: Ágape, 2011. 287p.

TILLICH, P. **No limite**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. 359p.

TILLICH, P. **Teologia da cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. 272p.

TILLICH, P. **Teologia sistemática**. 7ª edição. São Leopoldo: Sinodal, 2005. 868p.

TOWNS, E. e WHALEY, V. **Worship through the ages: how the great awakenings shape evangelical worship**. Nashville: B&H Academic, 2012. 416p.

6.2

Artigos de Jornais e Revistas

ALBUQUERQUE, F. **À Espera de Um Milagre**. In: Rolling Stone Brasil, outubro 2008. p. 28.

GOTTINO, Reinaldo. **Os 10 anos do Oficina G3**. In: CCM Brasil Magazine, maio 1999, número 4, ano 2, página 24.

GOUVÊA, K. **Um fenômeno chamado Catedral**. In: CCM Brasil Magazine, setembro 1998, número 1, ano 1, página 21.

GOUVÊA, K. **Os Beatles brasileiros da música gospel**. In: CCM Brasil Magazine, setembro 1998, número 1, ano 1, páginas 26-27

MACIEL, L. C.. Revista Careta, Ano LIII, nº 2736, de 20/07/1981, p. 19 apud PEREIRA, C. A. M. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 13.

NASSAU, Rolando de. **Toda Música Sacra é Religiosa, Mas Nem Toda Música Religiosa é Sacra**. In: Revista Ultimato, n. 333 (Novembro-Dezembro de 2011), p. 46

Os pastores do pop. Zero Hora, Segundo Caderno, 10 de abril de 1991. p. 3.

Rock proscrito. Revista Veja, 17 de Novembro de 1976. p. 74.

REVISTA GUITAR PLAYER, nº 33, Outubro de 2003. Editora Trama. 96p

6.3

Pesquisas e artigos acadêmicos

BARROS, Laan Mendes. **A canção de fé no início dos anos 70: harmonias e dissonâncias** Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, 1988

CAMARGO FILHO, J. G. **De vento em popa: fé cristã e música popular brasileira**. 2005. 85f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.

CUNHA, M. N. **Vinho novo em odres velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil**. Tese (Doutorado) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2004.

DOLGHIE, J. Z. **O gospel da Renascer em Cristo e suas relações com o campo protestante brasileiro**. Ciências da Religião – História e Sociedade, ano 3, Nº 3, 2005. p. 70.

GROPPO, Luís Antonio. **Gênese do rock dos anos 80 no Brasil: ensaios, fontes e o mercado juvenil**. In: Música Popular em Revista, Campinas, ano 1, v. 2, p. 172-96, jan.-jun. 2013. p. 172

JANIKIAN, M. **Marketing e religião: o papel do marketing na origem, expansão e consolidação da Igreja Apostólica Renascer em Cristo**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006.

KINNEY, K. **Upon This Rock: American Evangelical Spirituality and Jesus Music, 1969-1976** (2019). Tese (Doutorado em Música) Washington University in St. Louis.

MENDES, A. **A espiritualidade nos sermões de Paul Tillich**. In: Correlatio v. 19, n. 2.

MENDONÇA, Joêzer de Souza. **O evangelho segundo o gospel: mídia, música pop e neopentecostalismo**. Revista do Conservatório de Música da UfPel. Pelotas, nº1, 2008.p.220- 249.

MENDONÇA, Joêzer de Souza, **O gospel é pop: música e religião na cultura pós – moderna**. Dissertação (Mestrado em música) Unesp, 2009

RAMLOW, R. R. **O neocalvinismo holandês: autores e temas**. In: Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. São Leopoldo: EST, v. 1, 2012. p. 1708.

ROSSI, L. A. S., **A Bíblia reinterpretada pela teologia da prosperidade**. In: Vida Pastoral, ano 56, nº 303, p. 24.

SANTOS, V. S. **O ser humano e Deus: o giro antropológico moderno em “O ser e Deus” de Paul Tillich**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2017.

SILVA, L.A., **15 minutos de fama: Andy Warhol e a hegemonia americana**. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2007

TILLICH, Paul. "ÜBER DIE IDEE EINER THEOLOGIE DER KULTUR". *Band 9 Die religiöse Substanz der Kultur: Schriften zur Theologie der Kultur*, edited by Renate Albrecht, Berlin, Boston: De Gruyter, 1967, pp. 13-31. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783111576602-002> acesso em 27 de fevereiro de 2023.

6.4

Faixas de Músicas

CATEDRAL. Ainda não vi o que sempre quis. Kim [compositor] In: **Catedral III: Pioneira Evangélica**, p1991. 1 LP (ca35:47), Faixa 1, Lado B (2min34s)

CATEDRAL. Chame a Deus. Kim [compositor] In: **Você**. Pioneira Evangélica, p1988. 1 LP. (ca36:08). Faixa 3, Lado B (4min08s)

CATEDRAL. Criação. Kim [compositor] In: **Você**. Pioneira Evangélica, p1988. 1 LP. (ca36:08). Faixa 5, Lado A (4min01s)

CATEDRAL. Just for you. Kim [compositor] In: **Aos ouvidos dos sensíveis de coração: Doce harmonia**, p1989. 1 LP (ca 40:10) Lado B, Faixa 4 (4min01s)

CATEDRAL. Medo, Vida, Humano. Kim [compositor] In: **Contra todo mal: MK Music**, p1994. 1 CD (ca 37:50) Faixa 11 (3min31s)

CATEDRAL. Mundo Vazio. Kim [compositor] In: **Aos ouvidos dos sensíveis de coração: Doce harmonia**, p1989. 1 LP (ca 40:10) Lado B, Faixa 5 (2min45s)

CATEDRAL. Santa Ceia. Kim [compositor] In: **Você**. Pioneira Evangélica, p1988. 1 LP. (ca36:08). Faixa 4, Lado B (4min23s)

CEZAR E JULIO CEZAR. **Duo Project: Mk Music**, p1998. 1 CD (ca 43:33)

COMMODORES. Jesus is love. L. Richie [compositor] In: **Heroes: Motown**, p1980. 1 LP (ca43:26), Faixa 4, Lado B (6min04s)

ENGENHEIROS DO HAWAII. O Papa é pop. Marcio Hilton Fragoso Borges, Humberto Gessinger, Otavio Augusto Pinto De Moura [compositores] In: **O Papa é pop**. BMG, p1990. 1 LP. (ca46:59). Faixa 1, Lado B (3min46s)

ERASMO CARLOS. Festa de Arromba. E. Carlos [compositor] In: **A Pescaria: RGE**, p1965. 1 LP (ca29:12), Faixa 3, Lado A (3min01s)

FRUTO SAGRADO. Amor de Deus. M. A. Afonso [compositor] In: **O que a gente faz fala muito mais do que só falar: Gospel Records**, p1995. 1 CD (ca 59:45) Faixa 5 (04min20s)

FRUTO SAGRADO. Forrock. M. A. Afonso [Compositor] In: **O Segredo: Top Gospel**, p2001. 1 CD (ca47:53), Faixa 6 (4min22s)

FRUTO SAGRADO. Lobo Mau. M. A. Afonso [compositor] In: **Na contramão do sistema**: Gospel Records, p1993. 1 CD (ca 37:34) , Faixa 5 (4min31s)

FRUTO SAGRADO. Novo Mandamento. M. A. Afonso [Compositor] In: **O Segredo**: Top Gospel, p2001. 1 CD (ca47:53), Faixa 9 (5min49s)

FRUTO SAGRADO. Podridown. M. A. Afonso [compositor] In: **O que a gente faz fala muito mais do que só falar**: Gospel Records, p1995. 1 CD (ca 59:45) Faixa 9 (05min02s)

FRUTO SAGRADO. Primo do Macaco. B. Maldonado, S. Fylgueiras, M. A. Afonso [compositores] In: **Distorção**. MK Music, p2005. 1 CD (ca37:49), Faixa 7 (3min09s)

JANIRES. Arca (Festa de Arromba Evangélica). J. M. Manso [compositor] In: **Janires e Amigos**: Doce Harmonia, p1985. 1 LP (ca42:28), Faixa 3, Lado A (4min01s)

KATSBARNEA. **O Mundo Agora é Gay**. P. Makuko [compositor] Single. Independente, p2018. (4min30s) disponível em: <https://open.spotify.com/album/2vKXMP9HPbsecBgZ7ANK5>. Acesso em 30 de abril de 2022.

MARA MARAVILHA. Naves Imperiais. T. Regis [Compositor] In: **Curumim**: EMI, p1991 1 LP (ca41:20), Faixa 6, Lado B (3min01s)

OFICINA G3. Depois da Guerra. J. Afram, J. Carllos e D.Tambasco [Compositores] In: **Depois da Guerra**: MK Music, p2008. 1 CD (ca69:40), Faixa 9 (4min57s)

OFICINA G3. Indiferença. L. Manga, J. Afram, J. Carllos, D. Tambasco, W. Lopes [compositores] In: **Indiferença**: Gospel Records, p1996. 1 CD (ca 47:59) Faixa 5 (03min16s)

OFICINA G3. Não ser. M. Henrique, D. Tambasco, J. Carllos, J. Afram, A. Aposan [compositores]. In: **Histórias e Bicicletas**: MK Music, p2013. 1 CD (ca61:58). Faixa 5 (5min52s).

OFICINA G3. Novos Céus. J. Afram,[compositor] In: **Indiferença**: Gospel Records, p1996. 1 CD (ca 47:59) Faixa 8 (03min51s)

OFICINA G3. Razão. T. Regis, J. Afram [compositores] In: **Nada é tão novo, nada é tão velho**: Gospel Records, p1994. 1 CD (ca 44:12) Faixa 5 (04min09s)

OFICINA G3. Resposta de Deus, J. Afram, W. Garcia [compositores] In: **Nada é tão novo, nada é tão velho**: Gospel Records, p1994. 1 CD (ca 44:12) Faixa 5 (04min16s)

OFICINA G3. Ver acontecer. J. Afram, D. Tambasco e J. Carllós [compositores] In: **Além do que os olhos podem ver**: Mk Music, p2004. 1 CD (ca48:56), Faixa 13 (3min56s)

OFICINA G3. Your Eyes. J. Afram [compositor] In: **Indiferença**: Gospel Records, p1996. 1 CD (ca 47:59) Faixa 12 (03min20s)

PALANKIN. Mente Brilhante. Ana Rock [compositora] Single. Independente, p2022. (5min07s) disponível em: https://youtu.be/Pit_NTeIcbw. Acesso em 13 de abril de 2022.

PALAVRANTIGA. Feito de Barro. M. Almeida [compositor] In: **Palavrantiga – Volume 01**. Farol Music, p2008. SMD (ca31:02). Faixa 4 (4min49s)

REBANHÃO. Casinha. Janires [compositor] In: **Mais Doce que o Mel**: Doce Harmonia, p1981. 1 LP (ca 37:39) Lado B, Faixa 5 (4min13s)

REBANHÃO. Hoje sou feliz. J. M. Manso [compositor]. In: **Luz do Mundo**: Arca Musical Evangélica, p1983. 1 LP (ca31:13), Faixa 2, Lado A (3min09s)

REBANHÃO. Jesus é amor. L. Richie, P. Rezende [compositores] In: **Novo dia**: PolyGram, p1988. 1 LP (ca37:21), Faixa 1, Lado A (4:39)

REBANHÃO. Palácios. P. Braconnot [compositor] In: **Princípio**: Gospel Records, p1990. 1 LP (ca36:43), Faixa 3, Lado A (4min50s).

RESGATE. All you need is love. J. Lennon, P. McCartney [Compositores] In: **25 anos**: Sony Music Brasil, p2015. 1 DVD (ca95:27), Faixa 11 (3min38s)

RESGATE. A Resposta. Zé Bruno [compositor] In: **Eu continuo de pé**: Gospel Records, p2002. 1 CD (ca 37:23) Faixa 1 (3min54s)

RESGATE. A Saída. Zé Bruno, H. Gomes [compositores]. In: **Até eu envelhecer**. Gospel Records, p2006. 1 CD (ca48:38). Faixa 9 (3min26s).

RESGATE. Doutores da lei. Zé Bruno [compositor] In: **On the rock**: Gospel Records, p1995. 1 CD (ca 48:01) Faixa 1 (3min41s)

RESGATE. Eles precisam saber. Zé Bruno [compositor] In: **Este lado para cima**: Sony Music Brasil, p2012. 1 CD (ca 44:18) Faixa 1 (4min20s)

RESGATE. Em prol do seu nariz. Zé Bruno [compositor] In: **É só isso aqui**: The Orchard, p2020. 3CD (ca114:00), Faixa 3, CD 1 (3min47seg)

RESGATE. Florzinha. Domínio Público. In: **Novos Rumos**: Gospel Records, p1993. 1 CD (ca52:42), Faixa 5 (1min40s)

RESGATE. Jack, Joe and Nancy in the mall. Zé Bruno [Compositor]. In: **Ainda não é o último**: Gospel Records, p2010. 1 CD (ca40:53), Faixa 6 (3min09s)

RESGATE. Lágrimas. Zé Bruno [compositor] In: **No seu quintal**: Sony Music Brasil, p2017. 1 CD (ca37:41), Faixa 7 (4min52s)

RESGATE. No One. Zé Bruno [Compositor] In: **Resgate**: Gospel Records, p1997. 1 CD (ca30:32) Faixa 7 (3min18s)

RESGATE. Te Vejo. Zé Bruno [compositor] In: **Praise**. Gospel Records, p2000. 1 CD (ca39:40). Faixa (4min57s)

ROSA DE SARON. Faça Valer. B. Faglioni [Compositor] In: **Lunação**: Independente, p2020 1 CD (ca40:02), Faixa 1 (4min0s)

SEIXAS, Raul. Rock do Diabo. R. Seixas, P. Coelho. [Compositores]. In: **Novo Aeon**.: Philips/Phonogram, p1975. LP (ca. 33 min). Faixa 2 (2 min 15 s).

U2. I Still haven't found what I'm looking for. Bono Vox [Compositor] In: **The Joshua Tree**: Island Records, p1987. 1 LP (ca50:11), Faixa 2, Lado A (4min38s)

6.5

Sites da Internet Consultados

40 ANOS DA MORTE DE OTONIEL E OZIEL. Disponível em: <http://www.cpadnews.com.br/universo-cristao/32450/40-anos-da-morte-de-otoni-el-e-oziel.html>. Acesso em 16 de junho de 2021

A CASA DA ROCHA – COMUNIDADE CRISTÃ. **Quem somos**. Disponível em: <http://www.acasadarocha.com.br/#quem>. Acesso em 04 de maio de 2022.

About Keith Green. Disponível em: https://www.lastdaysministries.org/Groups/1000008700/Last_Days_Ministries/Keith_Green/Bio/Bio.aspx. Acesso em 19 de outubro de 2022.

ALEXANDRE, Ricardo. **A nova reforma Protestante**. Disponível em <https://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT161475-15228-161475-3934,00.html>. acesso em 15 de março de 2023.

ALEXANDRE, Ricardo. **Afinal, quem são “os evangélicos”?** disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/afinal-quem-sao-201cos-evangelicos201d-2053/>. Acesso em 06 de dezembro de 2022

ALMEIDA, Marcos. **Música de Raiz**. Texto na íntegra disponível em: <http://nossabrasilidade.com.br/musica-de-raiz/> acesso em 15 de setembro de 2021.

Artistas. Disponível em: <https://www.universalmusic.com.br/artistas/> acesso em 17 de setembro de 2021

Trilha Sonora. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/novelas/duas-caras/noticia/trilha-sonora.ghtml> Acesso em 05 de dezembro de 2022

Edições. Disponível em:

<https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/especiais/festival-promessas/noticia/edicoes.ghtml>. Acesso em 05 de dezembro de 2022

BANDA RESGATE - DVD Acústico 2001 – Completo. Disponível em: <https://youtu.be/a18EthWwa1g> acesso em 04 de maio de 2022.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. hippie. *Encyclopedia Britannica*, 19 Oct. 2022, disponível em: <https://www.britannica.com/topic/hippie>. Acesso em 05 de dezembro de 2022

CHAGAS. T. João Alexandre anuncia rompimento com a música gospel e afirma que o meio é baseado na “fama, grana e idolatria” Disponível em: <https://musica.gospelmais.com.br/joao-alexandre-rompimento-gospel-meio-baseado-grana-17659.html> acesso em 28 de junho de 2021.

CORTES JESUSCOPY PODCAST. Cantor PG contando a história da sua conversão - <https://www.youtube.com/watch?v=1ERKG6rVtiA> acesso em 02 de agosto de 2021.

CRU BRASIL. Quem somos. Disponível em: <https://www.cru.org/br/pt/about.html>. Acesso em 28 de maio de 2021.

Curiosidades sobre o Resgate. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20111102164200/http://www.bandaresgate.com.br/curiosidades.asp>. Acesso em 12 de abril de 2022.

DESAFIO JOVEM. História. Disponível em: <https://desafiojovemdobrasil.com.br/historia/> acesso em 19 de setembro de 2021.

É SÓ ISSO AQUI. Documentário. Disponível em: <https://vimeo.com/ondemand/resgatedoc>. Acesso em 15 de setembro de 2021.

Estevam Hernandes ordena: É para me chamar de PAI sim! disponível em: <http://vigiainet.com/artigos/estevam-hernandes-ordena-e-para-me-chamar-de-pai-sim-2>. Acesso em 12 de abril de 2022.

Evangélicos podem desbancar católicos no Brasil em pouco mais de uma década. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/evangelicos-podem-desbancar-catolicos-no-brasil-em-pouco-mais-de-uma-decada.shtml>. Acesso em 23 de abril de 2022.

FOTOS RARAS DO OFICINA G3 NO ROCK IN RIO 3. Disponível em: <https://templometal.com/2014/01/fotos-raras-do-oficina-g3-no-rock-in-rio-3/> acesso em 01 de maio de 2022.

FRUTO SAGRADO - Podridown (Video Oficial) Disponível em: <https://youtu.be/woF2wYwK2KM>. Acesso em 04 de maio de 2022

GLEASON, Ralph J.. **The Flower Children**. *Encyclopedia Britannica*, 14 Jun. 2017, disponível em: <https://www.britannica.com/topic/The-Flower-Children-2101574>. Acesso em 05 de dezembro de 2022.

GREEN, K. **Can God use Rock Music?** Disponível em: https://lastdaysministries.com/Articles/1000008514/Last_Days_Ministries/LDM/Discipleship_Teachings/Keith_Green/Can_God_Use.aspx. Acesso em 28 de maio de 2021

IGREJA APOSTÓLICA RENASCER EM CRISTO. **Igreja**. Disponível em: <https://www.renascermcristo.com.br/igreja> acesso em 29 de junho de 2021

IGREJA CRISTO SALVA – **História**. Disponível em: <https://www.igrejacristosalva.com.br/itupeva/matriz/nossa-historia> acesso em 30 de maio de 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE PROPRIEDADE INDUSTRIAL. Disponível em: <https://busca.inpi.gov.br/pePI/servlet/MarcasServletController?Action=detail&Co dPedido=1107498> acesso em 21 de setembro de 2021.

KNEIPP, João Conrado. **Pentecostais? Neopentecostais? Entenda o 'dicionário' evangélico**. Disponível em: https://br.noticias.yahoo.com/pentecostais-neopentecostais-entenda-o-dicionario-evangelico-090108298.html?guccounter=1&guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuYmluZy5jb20v&guce_referrer_sig=AQAAAJ0ojnL5OnOSONZtsMK0wPFJru72X9FhgIlK9T-mz1sD_hnt-IA_AwusZY3zHVRgKncx27ADHlvC59PJJALCIZyqSqmS20rY6_-fPnhdl1oj94PIygyRqMF9WYZCEsyUo_B8k5jCSUSNN3KxDonP-rgsIJ_-O9FJteFMxL3z7Rdp. Acesso em 15 de março de 2023.

L'ABRI INTERNATIONAL. **Life**. Disponível em: <https://labri.org/life/> acesso em 19 de março de 2022.

LEGADO DE JANIRES - live/documentário com Carlos Sider & convidados. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pNvm5ZIBtQ4>. Acesso em 16 de setembro de 2021.

Lula, Bolsonaro e Moro iniciam disputa acirrada pelo voto evangélico. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/01/4980547-lula-bolsonaro-e-moro-iniciam-disputa-acirrada-pelo-voto-evangelico.html>. Acesso em 23 de abril de 2022.

MISSÃO PORTAS ABERTAS. **Sobre nós**. <https://www.portasabertas.org.br/sobre-nos/quem-somos>. Acesso em 13 de abril de 2022

MOCIDADE PARA CRISTO. Trajetória. Disponível em: <https://mpc.org.br/trajetoria/> acesso em 29 de maio de 2021.

MONTEIRO, A. Por onde andam os irmãos do “Para Nossa Alegria”?. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/irmaos-para-nossa-alegria> acesso em 26 de setembro de 2021.

MORAES, B. Do underground até o mainstream na história da Música Indie. Disponível em: <https://artcetera.art/musica/historia-da-musica-indie/> acesso em 06 de dezembro de 2022

Morre guitarrista da banda Catedral. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/114506/morre-guitarrista-da-banda-catedral>. Acesso em 03 de agosto de 2021

Música Gospel movimenta um mercado de R\$ 2 bilhões por ano. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/economia/pernambuco/noticia/2018/01/28/musica-gospel-movimenta-um-mercado-de-r-2-bilhoes-por-ano-325747.php>. Acesso em 27 de junho de 2021.

O milionário mundo da música gospel. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/o-milionario-mundo-da-musica-gospel/> acesso em 28 de junho de 2021.

OFFICE OF CHIEF MEDICAL EXAMINER. Autopsy. Disponível em: <https://www.janisjoplin.net/life/autopsy/> acesso em 29 de maio de 2021.

OLIVEIRA, A. disponível em: <https://aroldedeoliveira.com.br/biografia/> acesso em 05 de dezembro de 2022

ORWELL, George. You and the Atomic Bomb. Disponível em: https://www.orwell.ru/library/articles/ABomb/english/e_abomb, acesso em 27 de junho de 2021.

Os direitos humanos e a Igreja Perseguida. Disponível em: <https://youtu.be/bU0jTOdVt14>. Acesso em 12 de abril de 2022.

PALAVRA DA VIDA. Quem Somos. Disponível em: <https://palavradavida.org.br/quem-somos/> Acesso em 29 de maio de 2021.

PAPA AOS CORAIS: canto e música, instrumentos de evangelização. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-11/papa-francisco-corais-musica-evangelizacao.html>. Acesso em 21 de Fevereiro de 2023.

POLÍCIA DOS EUA PRENDE BISPOS DA RENASCER EM MIAMI. Disponível em: <http://jornalnacional.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1413589-5598,00.html>. Acesso em 04 de maio de 2022.

PÚBLICO LOTOU PACAEMBU PARA OUVIR BILLY GRAHAM. Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,publico-lotou-pacaembu-para-ouvir-billy-graham-,13133,0.htm> . acesso em 29 de setembro de 2021

RADIO MELODIA. **História.** Disponível em: <https://www.melodia.com.br/historia> acesso em 29 de junho de 2021.

REIS. P. **Conferência do Coletivo Candieiro reúne artistas nordestinos em Natal, RN.** Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/conferencia-do-coletivo-candieiro-reune-artistas-nordestinos-em-natal-rn>. Acesso em 07 de abril de 2022.

Religion: Mission to Intellectuals. TIME Magazine, vol LXXV, Nº 2, 11 de janeiro de 1960, disponível em: <http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,894666,00.html>. Acesso em 19 de março de 2022.

Religion: To be or not to be. TIME Magazine, vol LXXIII, Nº 11, 16 de março de 1959, disponível em: <http://content.time.com/time/magazine/0,9263,7601590316,00.html>. Acesso em 19 de março de 2022.

BONADIO, R. disponível em <http://rickbonadio.com.br/> acesso em 06 de dezembro de 2022

SERVINDO PASTORES E LÍDERES. **História.** Disponível em: <https://sepal.org.br/historia/> acesso em 30 de maio de 2021.

Split over Scientology, '60s band 'People' reunites for one night. Disponível em: <https://www.religionnewsblog.com/19712/people>. Acesso em 16 de novembro de 2021.

SULLIVAN, Justin. **Geração 'beat' de Kerouac influenciou movimento hippie.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/geracao-beat-de-kerouac-influenciou-movimento-hippie/> acesso em 05 de dezembro de 2022.

The Alternative Jesus: Psychedelic Christ. Time, jun. 21, 1971. Disponível em: <http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,905202,00.html>. Acesso em 28 de maio de 2021.

The Martin Luther King, Jr. Research and Education Institute. Vietnam War. Disponível em: <https://kinginstitute.stanford.edu/encyclopedia/vietnam-war>. Acesso em 05 de dezembro de 2022.

TOSTES, Fabiana. **Desigrejados** – o que leva alguém a não querer se reunir em templos? Disponível em: <https://comunhao.com.br/fe-sem-templo-desigrejados/> acesso em 08 de novembro de 2020.

UNIVERSAL MUSIC. **Artistas.** Disponível em: <https://www.universalmusic.com.br/artistas/> acesso em 17 de setembro de 2021

VENCEDORES POR CRISTO. **Biografia.** Disponível em: <https://www.vencedoresporcristo.com.br/biografia/> acesso em 30 de maio de 2021.

What Einstein meant by ‘Gog does not play dice’. Disponível em: <https://aeon.co/ideas/what-einstein-meant-by-god-does-not-play-dice>. Acesso em 10 de abril de 2022.

WILENTZ, Sean. **Bob Dylan, the Beat Generation, and Allen Ginsberg’s America.** Disponível em: <https://www.newyorker.com/news/news-desk/bob-dylan-the-beat-generation-and-allen-ginsbergs-america>. acesso em 05 de dezembro de 2022.

7 Anexos

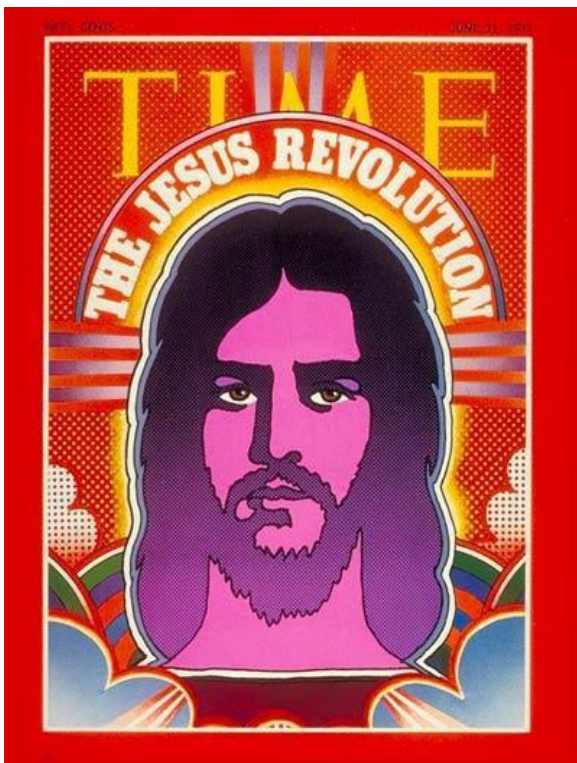


Figura 1 – Capa da Revista Time de 21 de junho de 1973 sobre o Jesus Movement
Fonte: Time Magazine. Disponível em: <http://content.time.com/time/covers/0,16641,19710621,00.html>. Acesso em 07 de maio de 2022.

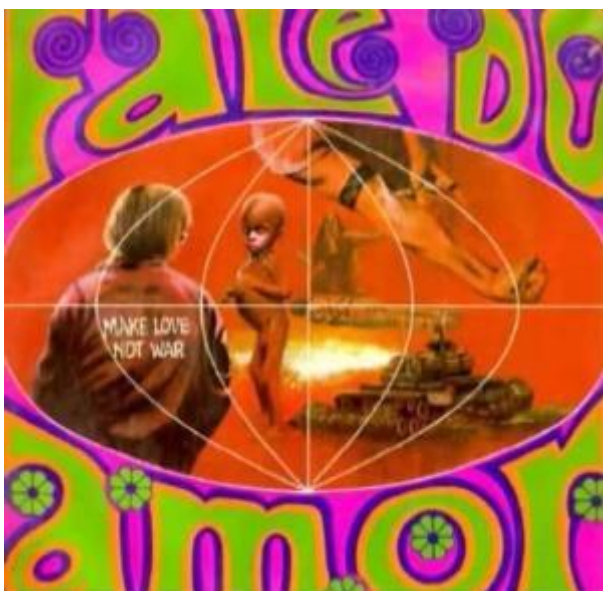


Figura 2 – Capa do álbum Fale do Amor de Vencedores por Cristo
Fonte: VPC. Disponível em: <https://vpc.com.br/wp/discografia/>. Acesso em 07 de maio de 2022.



Rock proscrito

Enquanto se pautou por algo que seus quatro integrantes classificam de "som maneiro", o conjunto Exodos apanhou sem maiores problemas os concorrentes cultos da Igreja Batista de Vila Bonilha, São Paulo, recebendo de seus frequentadores tanto incentivo moral quanto apoio financeiro. De três semanas para cá, no entanto, após evoluir para um certo "rock pauleira", o Exodos passou a enfrentar um insuspeitado dilema — voltar a executar o cândido "som maneiro" ou simplesmente cair em desgraça.

Mais exatamente, os problemas começaram quando uma vizinha de muro da Igreja Batista, dona Ana Belini, 44 anos, comunicou ao pastor Samuel de Andrade, 33 anos, que não suportava o novo e estridente som do Exodos. "Não tenho nada contra os batistas, pois não possuo sequer uma religião", ressaltou ela. Mas, na sua opinião, o Exodos converteu a Igreja Batista "num festival de amplificadores". E o incidente só não evoluiu para uma situação mais delicada porque o pastor Andrade convenceu a vizinha a não apresentar queixa à Polícia, como ela ameaçava, argumentando tratar-se de um assunto interno de seu templo e, como tal, de sua inteira competência.

Profissionalismo — Criado o problema, o único conjunto musical a executar um rock não tradicional num templo batista teve de depor seus instrumentos. "Tocávamos há três anos no templo de Vila Bonilha e sabíamos desde o

No porão, o ensaio do Exodos: o "rock pauleira" foi a perdição

início que nosso novo som provocaria reações contrárias", diz Osni, líder do Exodos. "Ainda assim, pretendemos criar algo diferente, que infelizmente não deu certo." Osni e seus três colegas — Edson, Lucas e Osvaldo — são batistas convictos, isto é, membros de uma seita que afirma seguir doutrinas e práticas do cristianismo do primeiro século, entre os quais a ministração do batismo apenas aos adultos.

Compelidos à retirada por um discreto convite, eles acabam de transferir sua aparelhagem para o porão de um amigo e agora alimentam planos de profissionalização. "Tentaremos conseguir uma gravadora no ano que vem", revela Osni. "Para isso, aceleraremos o ritmo de nossos ensaios." Com uma formação musical obtida à base de professores particulares, passagens por pequenas escolas e muita intuição, os integrantes do Exodos compararam o seu som ao de consagrados conjuntos, como o Made in Brazil, o Terço, e os Mutantes. Mas desses três conhecidos luzeiros do rock nacional dizem divergir em razão de um compromisso que transcende a preocupação com o bom som e a boa postura cênica — eles procuram levar seus fãs "a não se apegarem a emoções passageiras, como o tóxico e o amor livre".

De qualquer forma, apesar da discutível qualidade de suas letras, os integrantes do Exodos se mostram seguros de seu designio apostólico-místico. "Ao contrário de Jimmy Hendrix, nós nunca nos sentimos vazios ao tocar", diz o líder Osni.

E, apontando os supostos motivos desse otimismo, Osni afirma que nenhum dos integrantes do grupo fuma ou bebe álcool, "não porque seja proibido pela Igreja Batista, mas porque não nos convém". Para Osni, "o som é uma coisa que convém". Mesmo que seja o do "rock pauleira" e irrite os ouvidos da vizinhança.

Qualidade discutível — De certa maneira, essa preocupação parece clara nas cinquenta composições do atual repertório do Exodos, todas de autoria do grupo. Numa delas, por exemplo, eles vão da perplexidade à ansiedade mística: "As vezes eu me sinto / numa encruzilhada a me perguntar / qual caminho vou seguir / Eu preciso de uma direção / que mude meu viver / que mude o meu ser / eu preciso de um Deus". Já em outra misturam a preocupação de advertir com ameaças apocalípticas: "Já pensou / se o mundo não mais girar / se o oxigênio acabar / se você cair e não mais levantar / Já pensou / pode ser o fim da viagem / pra você".

VEJA, 17 DE NOVEMBRO, 1976

Figura 3 – Revista Veja – Rock Proscrito, 17 de novembro de 1976

Fonte: Revista Veja, 17 de novembro de 1976, p. 74. Acesso em 07 de maio de 2022.



Figura 4 – Casal Noeli e Cassio Colombo

Fonte: Igreja Cristo Salva. Disponível em: <https://igrejacristosalva.com.br/nossa-historia>. Acesso em: 07 de maio de 2022



Figura 5 – Carro usado por Alex Dias Ribeiro

Fonte: Igreja Cristo Salva. Disponível em: <https://igrejacristosalva.com.br/nossa-historia>. Acesso em: 07 de maio de 2022



Figura 6 – Janires Magalhães Manso

Fonte: Reviva Gospel Anos 80/90. Disponível em: <http://revivagospelanos8090.blogspot.com/2018/01/janires-uma-lenda-que-se-foi-ha-30-anos.html>. Acesso em: 07 de maio de 2022



Figura 7 – Duas versões da capa de Mais doce que o mel do Rebanhão

Fonte: Wikipédia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais_Doce_que_o_Mel_\(%C3%A1lbum_de_Rebanh%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais_Doce_que_o_Mel_(%C3%A1lbum_de_Rebanh%C3%A3o)). Acesso em 07 de maio de 2022



Figura 8 – Cartazes da programação do Terça Gospel no ano de 1990.

Fontes: Christ Rock Bless. Disponível em:

<http://christrockbless.blogspot.com/2020/03/especial-gospel-records-e-os-primordios.html> Acesso em 07 de maio de 2022 e Tool Eventos, disponível em:

<https://www.toolseventos.com.br/crachas>. Acesso em 07 de maio de 2022



Figura 9 – Cartaz de divulgação da gravação ao vivo do Oficina G3

Fonte: Os Maiores Discos da Música Evangélica. Disponível em:

<https://maioresgospel.blogspot.com/2007/09/oficina-g3-ao-vivo-no-dama-xoc-1990.html>. Acesso em 07 de maio de 2022.

RADIO MELODIA FM 97,3
 Direção: FRANCISCO SILVA
 AVENIDA MERITTI, 2584 RIO DE JANEIRO



A MAIS ANTIGA CASA DO RAMO
 UM SÉCULO DE TRADIÇÃO

INSTRUMENTOS DE MÚSICA E SEUS ACESSÓRIOS
 VIOLÕES FLAUTAS PIANOS ORGÃOS
 MÚSICA CLÁSSICA E POPULAR

RUA DA CARIOCA, 37 TEL. 262 2179 RIO DE JANEIRO



raptim

AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO LTDA.

A RAPTIM é uma agência dirigida por religiosos, a serviço de religiosos, pastores e todas as pessoas de fé cristã.

A RAPTIM oferece passagens aéreas nacionais e internacionais, providência reservas de hotéis e serviço de despachante.

A RAPTIM dá apoio aos clientes durante o embarque e desembarque nos aeroportos, providência fretamento de ônibus e locação de automóveis.

Rua Moraes e Vale, 111 Lapa Tel. (021) 221 3735 Rio.

A RAPTIM organiza peregrinações e excursões turísticas, individuais ou em grupo, com guias especializados.

A RAPTIM mantém no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro (Setor "A" — 1º andar) uma sala de atendimento finamente decorada, com revistas e jornais à disposição, um bar para servir um refrigerante e funcionários solícitos para resolver seus problemas de viajante, assim como visto de conexão, embarque, etc.



REBANHÃO
 IN CONCERT



NOVO DIA

CANECÃO

SETEMBRO

1988

Figura 10 – Cartaz de divulgação do show do Rebanhão no Canecão

Fonte: Reviva Gospel Anos 80/90. Disponível em:

<https://revivagospelanos8090.blogspot.com/2017/05/30-anos-de-mk-o-imperio-continua-de-pe.html>. Acesso em: 07 de maio de 2022



Figura 11 – Fotos de evangelismo na Quinta da Boa Vista (RJ) promovido pelo Rebanhão

Fonte: Reviva Gospel Anos 80/90. Disponível em:

<https://revivagospelanos8090.blogspot.com/2017/05/30-anos-de-mk-o-imperio-continua-de-pe.html>. Acesso em: 07 de maio de 2022

Fonte: Jornal Notícias populares, 19/11/1991, Segundo caderno, p. 1.

ZERO HORA, 10 Abril 1.991. (Porto Alegre)

SEGUNDO CADERNO

Os pastores do pop

Cresce a música gospel no Brasil e a Igreja quer usar o rock para aumentar seu rebanho

GILMAR EITELVEIN

Editoria 2º Caderno/ZH

"O diabo é o pai do rock", cantou Raul Seixas, gozando o espírito satânico imposto pela mídia ao gênero — em geral, completamente falso, mas usado por alguns espetalhões como marketing. O rock já não é mais o mesmo. Nem a Igreja. Enquanto um desmitifica o passado de mensagens revolucionárias e ntilistas, a outra investe na música pop para aumentar o rebanho. O marketing religioso estava ultrapassado. A mensagem de Cristo vem agora em nova embalagem: a música gospel. "Nos anos 90 não tem nada mais novo acontecendo um termo de música, o que leva a crer que haverá uma explosão natural, uma moda gospel, assim como aconteceu com a MPB nos anos 70 e a música sertaneja nos 90", arrisca o empresário e diretor da gravadora Gospel Records de São Paulo, que está lançando uma série de discos com as primeiras bandas do gênero no Brasil, Antônio Carlos Abbud. Ele esteve no último sábado em Porto Alegre realizando um seminário de comunicação e marketing para a igreja.

NO BRASIL — O gospel brasileiro não é uma música que copia a estética dos grupos vocais que costumam se apresentar nas igrejas das comunidades negras e que nasceu nos Estados Unidos no século passado, originando inclusive o blues. Ela ampliou seu leque de ação, no Brasil ganhou vida própria e personalidade independente, não faz qualquer discriminação de ritmo ou estilo, mas total mente voltada ao conteúdo. Um conteúdo que fala da vida, contra a violência e as drogas, a favor da ecologia, da paz, de novos caminhos e da fé. Não há novidades estéticas ou formas revolucionárias. O que se ouve são grupos de música pop que poderiam estar animando qualquer show em teatro, ginásio ou festa. A única diferença está na mensagem. Não é música sacra, não são mensagens doutrinares que vendem o cristianismo nem qualquer outra religião especificamente: seus integrantes

apenas têm uma concepção musical ligada à Cristo. "É um trabalho puramente musical, contemporâneo, não tem padre nem pastor pregando atrás", diz Abbud. Claro que à Igreja interessa um novo código de linguagem para falar com Deus, que fuja do fariseísmo dogmático e tradicional, para atrair mais jovens.

O movimento cresce espantosamente. Desde maio de 90, Abbud criou a "Terça Gospel" na casa noturna paulista Dama Xoc, tradicional reduto roqueiro, onde semanalmente se apresentam bandas de gospel para um público nunca inferior a 1500 pessoas. Já surgiu a Rádio Imprensa FM Gospel, com uma programação de 14 horas diárias dedicadas só ao gênero e um canal UHF, também em SP, só para rodar clips de bandas do gênero, nacionais e internacionais. Dezenas de formações pipocam em todos os Estados levando a palavra de Cristo ao ritmo de rock'n'roll, heavy metal, samba-canção, bossa nova e funk.

O PÚBLICO — Nos shows do Dama Xoc, é visível a diferença do público com o roqueiro tradicional: o público de gospel não bebe (nem chope), não fuma e as letras das músicas,



condenando o uso de drogas, são aclamadas com ardor. Também não há disputas ou guerras pessoais entre os grupos, e sim integração e participação. Ao rastrear o tipo deste público, Abbud encontrou fiéis que vão

Rebanhão: grupo mais antigo conhecido, está lançando seu quinto LP

do yuppie ao rapper da Fre. O, chegando ao metaleiro. "curiosos interessados, 30% alguma referência e outros viram e conhecem esta. Segundo o empresário, o gileiro vem sendo gerado a um trabalho de laboratório existe há 20 anos dentro evangélicas e católicas cristãs.

Atualmente, são mais de das atuantes em todo o País de olho no mercado, já se para não perder o bonde, ex-baterista da banda Caminus, que prepara um LP de reggae gospel. E quem p Porto Alegre está compl "out", engana-se. Aqui já vários intérpretes e grupos ro, embora restritos ao pu quantificador de encontros rel principal deles é Asaph Bior, que já tem dois LPs: faz uma música de conte próximo do tradicional "mual". Outro cantor, Judson, car seu primeiro LP em jul mo, numa linguagem mai banda Terra de Nod (e Neoni) prepara-se para vári pelo Brasil, com possibi gravar seu primeiro disco e

Do heavy à bossa nova

Os seis primeiros lançamentos do selo Gospel Records misturam samba-canção, funk e hard rock, para os vários gostos do fiel. O grupo mais conhecido e antigo é o carioca Rebanhão, que surgiu há nove anos e está lançando seu quinto LP, *Princípio*. A banda mistura funk, rock e baladas com conhecimento, enfocando temas ecológicos, anti-drogas, protegendo contra a violência e o materialismo. Em *Palácios*, letra que critica a hipocrisia do poder central, eles cantam: "Não se acende a luz do sol/Nos 220 volts dos palácios de Brasília/Com a chave de um carro conversível do ano com a ponta de um cigarro". Já em *Sensação*, eles são mais explícitos na mensagem cristã, que predomina nos textos de todos: "É preciso olhar o céu/E de lá que

vem todo perdão/Jesus está querendo cuidar de você/Não te deixar só...".

A banda Complexo J (que faz referência ao complexo de vitaminas B, ou seja: Jesus é uma supervitamina), formada em 86, faz um rock mais protegido misturando bossa nova, blues e até country. O primeiro disco, *Arte Final*, abre com *Isaías 40* ("Eis que o Senhor Deus virá/Com grande força e poder..."). Uma das boas bandas novas que surgem no gênero é a Livre Arbitrio, que em seu primeiro LP, *Coração do Rei*, faz um rock'n'roll mais direto e forte, lembrando Iron Maiden em alguns momentos. Em *Ser Feliz*, eles cantam: "Deixa desse papo de auto-suficiência de amor/Ponha a mão na consciência/E reconheça que sem o Senhor/Toda tentativa acabará por ser

vã". Ainda na área do rock mais direto, a banda Oficina G3, lançou um disco ao vivo. Em algumas faixas, ao som de solos que lembram Aerosmith, o refrão "Aleluia, louvai o senhor" é entoado em coro por músicos e público. A Banda Rara, formada em 85, também chega ao primeiro LP mostrando qualidades na fusão do funk com o soul, lembrando Tim Maia e Sandra de Sá. Fecha o pacote, uma dupla de samba canção e bossa nova, Edson & Tita Lôbo, que está lançando o segundo LP, *Partiu do Alto*. É um trabalho de bom gosto e profissional. Afinal, trata-se dos músicos mais conceituados que já gravaram e tocaram com Tom Jobim, Elis Regina e outros. O disco tem participação de João Donato e outros músicos.

Capas dos discos: grupos Rebanhão, Oficina Complexo Livre Arbitrio, Banda Rara, Edson & Lôbo



Figura 14 – Matéria sobre o rock gospel no Jornal Zero Hora
Fonte: Jornal Zero Hora, 10/04/1991, Segundo caderno, p. 3.



Figura 15 – Fachada do Dama Xoc, casa de show onde foi realizada a Terça Gospel em 1990

Fonte: <https://musica.uol.com.br/album/2013/05/04/de-dama-xoc-a-aeroanta-relembre-as-casas-de-espetaculo-de-sao-paulo-que-foram-fechadas.htm> Acesso 07 de maio de 2022.



Figura 16 – Interior do Dama Xoc, casa de show onde foi realizada a Terça Gospel em 1990

Fonte: <https://musica.uol.com.br/album/2013/05/04/de-dama-xoc-a-aeroanta-relembre-as-casas-de-espetaculo-de-sao-paulo-que-foram-fechadas.htm> Acesso 07 de maio de 2022.

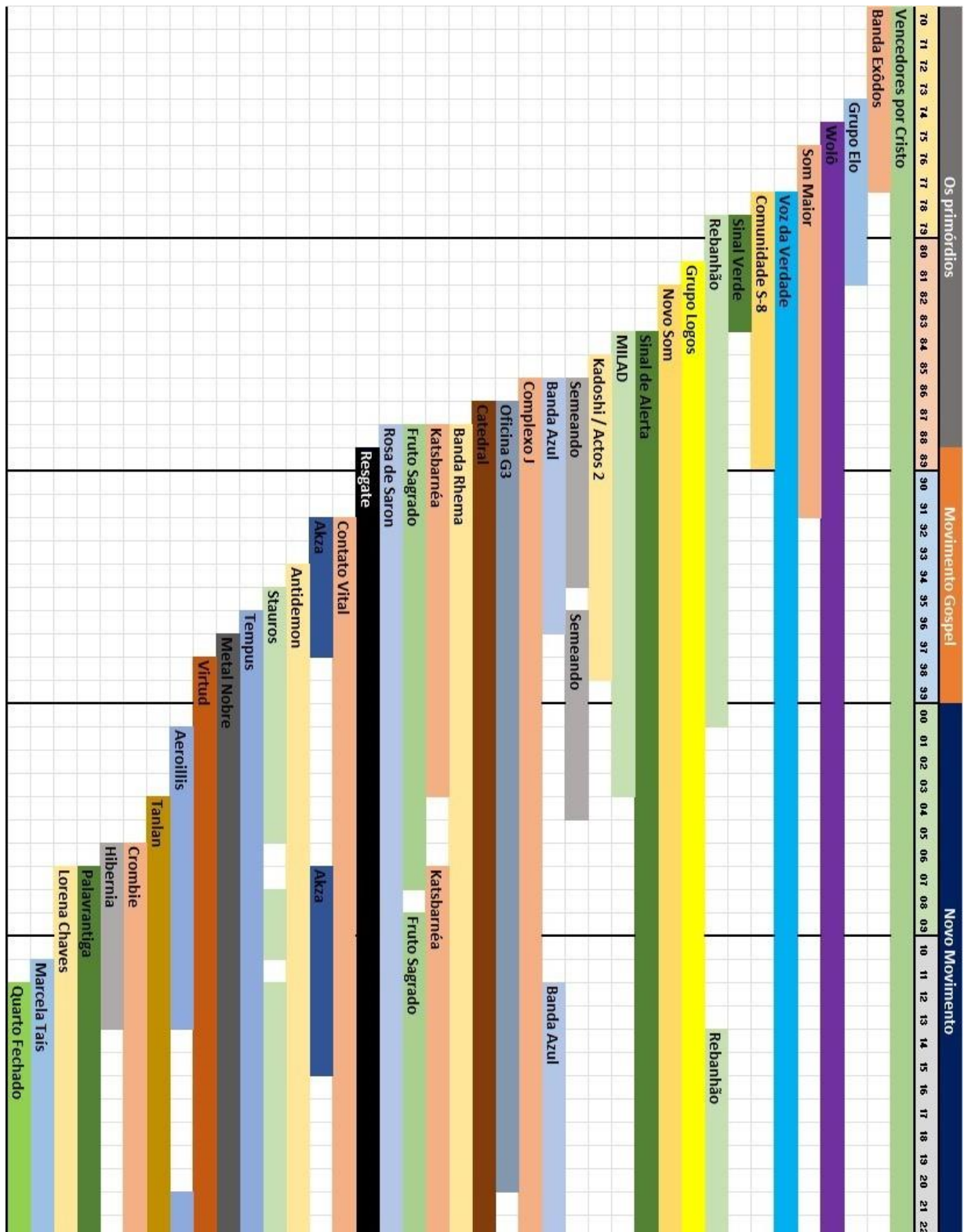


Figura 17 – Mapa demonstrativo do tempo de atividade dos principais artistas ligados ao rock evangélico brasileiro